

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

**THIAGO HENRIQUE COSTA SIMÕES ANTUNES**

**Friedrich Ratzel e os estigmas:  
a construção de um determinista geográfico**

**SÃO PAULO**

**2023**

**THIAGO HENRIQUE COSTA SIMÕES ANTUNES**

**Friedrich Ratzel e os estigmas:  
A construção de um determinista geográfico**

Dissertação apresentada à comissão julgadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como exigência parcial de avaliação para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana.  
Orientador: Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho.

**SÃO PAULO**

**2023**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A627f      Antunes, Thiago Henrique Costa Simões  
Friedrich Ratzel e os estigmas: a construção de um determinista geográfico / Thiago Henrique Costa Simões Antunes; orientador Marcos Bernardino de Carvalho - São Paulo, 2023.  
152 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. PENSAMENTO GEOGRÁFICO. 2. DETERMINISMO . 3. GEOGRAFIA HUMANA. 4. GEOGRAFIA POLÍTICA. 5. GEOGRAFIA HISTÓRICA. I. Carvalho, Marcos Bernardino de, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Dizem que a poesia ativa as margens da palavra, seus ecos e ressonâncias. Que se ativem todas então, e mesmo assim ainda me pareceria tudo tão lacônico, porque são só palavras, e isto é só um texto. Ao arrepio da dimensão e espessura da gratidão e do amor que eu sinto, vou, ao estilo Lya Luft, amarrando com fitas de vírgulas e pontos os meus pacotes de perplexidade, insinuando uma concordância súbita do ritmo do meu ser com a forma do mundo. Queria poder dizer muito mais a vocês, mas não me lamento. Abro então um sorriso incontível, aqueles de orelha a orelha — igualzinho ao que estou neste momento ao escrever — e só sinto.

Sou profundamente grato ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho, pela inspiração e confiança; aos amigos Plínio, Victor, Daniel, Bruna, Daiane, Everton, Sabrina e Raphael, por toda a força, suporte e afago durante esta trajetória; ao Prof. Dr. Luciano Ximenes Aragão, pelo incentivo e generosidade; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida, fundamental para a realização desta pesquisa; ao Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto e à Prof.<sup>a</sup> Dra. Amélia Luisa Damiani, pela sensibilidade e inteligência de suas contribuições; aos meus alunos do pré-vestibular (Re)existir, por todo o aprendizado; à afilhada Alice, por adoçar a vida desse dindo babão; aos padrinhos Marilena e Eugênio, por todo o carinho e amor; à Francielly Adão, por ser uma companheira maravilhosa; já ao pai Antônio, à mãe Denise, à irmã Tatyane e à tia Selma, a vocês eu devo tudo. Obrigado, meus amores, como é bom participar da vossa existência; a Deus, por toda a força e proteção; e, por fim, a Friedrich Ratzel (1844-1904), por sua intuição assombrosa.

*“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”*  
*Epígrafe de José de Saramago no seu “Ensaio*  
*sobre a cegueira”, citando “O livro dos*  
*Conselhos” de El-Rei D. Duarte.*

## **RESUMO**

A dissertação em tela vasculha as origens e os desdobramentos históricos da associação entre Friedrich Ratzel [1844-1904] e o “determinismo geográfico”. Os três capítulos que alicerçam esta pesquisa movem-se, de maneiras diferentes, pretensos a exprimir a arritmia entre a lembrança mais imediata que a maior parte dos geógrafos possui desse pensador e a envergadura do seu patrimônio legado às ciências humanas. Esforçamo-nos, então, por: 1) restituir a complexidade interpretativa para com a sua malha conceitual, compondo-a junto a sua trajetória pessoal, profissional e ambiências políticas e sociais, ao mesmo tempo defrontando tais elementos ao seu “complexo estigmatizante”; 2) esmiuçar os trabalhos que contribuíram para erguer esse rótulo e as circunstâncias acadêmicas da época; e 3) acompanhar a progressão dessa pecha sobre o autor até os tempos atuais, comparando seus respectivos sentidos com extratos textuais ratzelianos, provocando a pertinência filosófica e científica de tal denominação. Verificou-se que a vinculação entre o autor e a referida concepção assalta a importância atribuída à herança conceitual e metodológica de Ratzel e constitui-se como seriamente prejudicial à apreensão histórica das bases teóricas que auxiliaram a estruturar a nossa ciência.

Palavras-chave: Friedrich Ratzel. Determinismo geográfico. História do pensamento geográfico. Escola determinista.

## **ABSTRACT**

The dissertation on canvas examines the origins and historical developments of the association between Friedrich Ratzel [1844-1904] and “geographical determinism”. The three chapters that underpin this research move, in different ways, intended to express the arrhythmia between the most immediate memory that most geographers have of this thinker and the breadth of his heritage bequeathed to the human sciences. We strive, then, to: 1. Restore the interpretative complexity to its conceptual mesh, composing it together with its personal, professional trajectory and political and social ambiences. Facing these elements to their “stigmatizing complex”. 2. To scrutinize the works that contributed to raising this label and the academic circumstances of the time. 3. Follow the progression of this blame on the author up to the present time, comparing these meanings with Ratzelian textual extracts, provoking the philosophical and scientific pertinence of this denomination. It was verified that the link between the author and the referred conception, assaults the importance attributed to the conceptual and methodological heritage of Ratzel and constitutes itself as seriously harmful to the historical apprehension of the theoretical bases that helped to structure our science.

Keywords: Friedrich Ratzel. Geographic determinism. History of Geography. Deterministic school.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
I. O COMPLEXO ESTIGMATIZANTE: UMA ABORDAGEM BIOGRÁFICA.....	6
Ratzel e o universo científico: primeiras aproximações.....	9
Precursor arrojado ou organicista desatinado? O surgimento de um geógrafo humano....	16
O “esteticista da natureza”.....	23
Tramas contextuais e o Imperialismo.....	53
Ratzel e o nazismo.....	63
II. CAMINHOS TEÓRICOS.....	68
Lógica hegemônica nas ciências sociais: A segmentação científica.....	69
Um começo analítico auspicioso.....	72
O determinismo como um castigo a ousadia conceitual.....	79
III. A GEOGRAFIA, RATZEL E O DETERMINISMO: TRAJETÓRIA, CONTRAPOSIÇÃO E PARADOXO.....	101
A sombra geopolítica.....	101
Renovação da apreensão dicotômica: novos sentidos filosóficos e resgate de convergências teóricas.....	104
Amadurecimentos revisionistas.....	110
Recepção no Brasil.....	113
Ratzel contra o determinismo.....	124
A abstração do determinismo.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFÊRENCIAS.....	138



## INTRODUÇÃO

Aquele que se dispõe a empreender uma investigação sobre os domínios conceituais e metodológicos os quais, atualmente, correspondem aos campos de Teoria da Geografia e História do Pensamento Geográfico, deve estar ciente que os significados e intenções originais de atos e falas de alguém do passado são impenetráveis em face da empreitada científica. Isso porque a cognição é ela mesma recolhida a sua historicidade (GADAMER, 1998). O que conhecemos, durante um estudo das histórias teóricas de uma ciência, é a teia tecida por um conjunto de intérpretes que se traduz numa fusão de horizontes interpretativos. O sujeito, em seu processo de compreensão, media o passado e o presente por meio de uma série contínua de perspectivas desenvolvida para si. Essas perspectivas, no entanto, relacionam-se com os indivíduos, vestidas em formas de tendências mais ou menos hegemônicas, sendo estas reflexos de estados de legitimidade social de determinado tempo — o que permite captar os sentidos transversais e longitudinais associados, por exemplo, a uma catalogação estigmatizante.

Apesar de cada uso discursivo da linguagem ser sempre único e sincrônico ao seu tempo, ele resguarda em si mesmo uma diacronia que se alimenta de antigos significados (KOSELECK, 1985; VIZEU e MATITZ, 2018). A profícua e inevitável utilização de bases teóricas do passado para a construção discursiva de uma ciência, todavia, não deve ser confundida com a aceitação de um “baixar de guardas” no nível de tensão investigativa na construção/reprodução desses conhecimentos. Infelizmente, alguns conjuntos de conteúdos que compõem a história do pensamento geográfico assumiram um estatuto de “devir-estruturante”, servindo como basilares para debater outros assuntos, sendo, portanto, assentados como consolidados e indiscutíveis.

A vinculação entre Ratzel e o arquétipo teórico-metodológico do determinismo geográfico confirma que a característica de “discursividade” da geografia não é só um elemento de reflexão sobre a história da disciplina, mas um meio de estudar empiricamente a dinâmica dos lugares e das paisagens resultantes (BERDOULAY, 2003).

O determinismo geográfico refere-se à formatação de seres humanos, partícipes de uma região comum, exclusivamente, a partir das características naturais do meio em que vivem. Estas, então, iriam incidir sobre sua condição psíquica, política e moral, conduzindo ao progresso ou ao descenso de uma sociedade (FEBVRE, 1991 [1922]). Friedrich Ratzel foi e continua sendo apontado como o grande propulsor dessa doutrina, mesmo tendo manufacturado um estofo teórico avesso a essa posição.

Tornou-se parte do expediente construtivo nos manuais da história da nossa ciência o reducionismo emblemático, favorecendo o processo de circunscrição de autores conformados a grades analíticas antagônicas. O forjamento dessas sistematizações aplaca a negligência no trato desses saberes e origina perigosas noções pautadas por “escolas” e “correntes”, as quais representariam ferrenhas oposições epistemológicas (tal qual a enganosa representação do casal antinômico entre deterministas e possibilistas), quando, de fato, existiram mais semelhanças do que diferenças entre Ratzel e La Blache para com a questão humano-meio.

Esse tipo de práxis interfere seriamente no desenvolvimento dos ideários de geógrafos em formação, celebrando, assim, encontros preconceituosos deles não só com Ratzel, mas com La Blache, Humboldt, Ritter etc. Arrastando-os da possibilidade de estudar a construção do pensamento geográfico de forma multifacetada e iniciando futuros pesquisadores a caminhar sobre a feição descontextualizada, pragmática e simplista sob o ponto de vista dos estudos acadêmicos.

Quem aí se animaria em conhecer a obra de um geógrafo determinista que tinha como marca registrada comparações burlescas entre o mundo orgânico e a sociedade humana, além de ter sido um imperialista impiedoso e ter formulado as bases da política nazista? Certamente que ninguém. Refaçamos, então, o convite: que tal estudar o autor que concebeu a primeira proposta explícita obstinada a investigar o ser humano em suas relações com o meio, a conhecer o precursor na investigação do papel do Estado no amoldamento espacial dos povos, a folhear as páginas do sistematizador de conceitos como: representação espacial (*raumvorstellung*), concentração (*zusammenfassung*), fronteira (*grenzen*), poder mundial (*weltmacht*) etc. O eclipse que se interpõe à riqueza de seu legado conceitual é grave. Se ambas as caracterizações tivessem aderência em seus textos, seria perfeitamente adequada e justa a exteriorização desses dois prismas expositivos. No entanto a representação caricata resguarda delicados erros científico-analíticos e, apesar disso, continua a servir como a alegoria mais utilizada na hora de falar sobre esse autor.

Os escritos de maior circulação sobre o tema são os compilados acerca da história do pensamento geográfico, nos quais a gravura estigmatizada encontra-se majoritariamente expressa. Estes, por sua vez, continuam a servir como materiais formadores de docentes que lecionam teoria e método em geografia e disciplinas afins. Esse ciclo, muito além de motivar aproximações hostis, também enseja, conseqüentemente, o apetite de pesquisas futuras sobre esse pensador. Para piorar, o ambiente virtual está completamente impregnado dessa versão e não é difícil encontrar artigos científicos atuais nesse sentido. Os prejuízos estendem-se ainda aos trabalhos de tradução de suas obras, que são mingüadamente disponíveis em português e

precisam ser lidas a partir de intérpretes que, majoritariamente, encontram-se alinhados ao tratamento hegemônico para com este tema.

Por sorte, desde a década de 80 do século passado, o movimento revisionista se fortaleceu, com vistas a reparar essa e outras taxações apelativas que pairam sobre a figura do autor. Pesquisadores como Sanguin (1985, 1988, 1990), Mercier (1990, 1992, 1995) e Carvalho (1997a, 1997b, 2010), só para citar alguns, contribuíram sobremaneira para reposicionar essas críticas diante da herança conceitual e metodológica que Ratzel deixou à ciência geográfica.

Entretanto, mesmo diante da estimável produção revisionista que vem avançando, ainda persistem algumas incômodas lacunas teóricas nos cuidados dispensados a este assunto. A maior delas, e que constitui o objetivo central desta pesquisa, é a necessidade de uma investigação detalhada às origens, modificações e desenvolvimentos históricos desta pecha (“determinismo geográfico”) sobre Ratzel. Outro mote improrrogável a ser perseguido por esta investigação diz respeito à urgência da ampliação do conhecimento de sua trajetória biográfica no país, relacionando-a ao complexo de outros estigmas associados, que, com efeito, enrijecem e são enrijecidos pelo de determinista. Nesse sentido, faz-se também necessário sair para as varandas da malha conceitual resguardada na densidade dos seus ignorados “pequenos escritos” (*Kleine Schriften*), pois é ali onde as intenções, sentidos e sentimentos de seu traço podem ser apreciados de maneira aperfeiçoada. Além disso, não é menos importante a exposição de algumas posições de rechaços e distanciamentos do autor diante dos esquemas teóricos dessa rotulação, bem como o lançamento de um olhar crítico conceitual sobre a terminologia “determinismo geográfico”.

Os esforços em busca de caminhos elucidativos para tais questões dispõem-se ao longo de três capítulos, os quais possuem diferentes recortes metodológicos. No primeiro, realizou-se um esforço de articulação contextual que congregasse tanto a sua trajetória pessoal e acadêmica quanto a caracterização da ambiência social e política de seu tempo. Essa aglutinação conjuntural foi explorada na direção de seus escritos menos conhecidos e formais, mas que, todavia, revelam nuances conceituais, etimológicas e estilísticas fundamentais para aprofundar o entendimento de seus textos, seus métodos e sua vida. A partir dessa estruturação, tornou-se alvo de um parecer crítico o seu “complexo estigmatizante”, composto pelos estigmas de determinista, organicista, imperialista e nazista.

O segundo capítulo institui-se como uma apuração concernente aos núcleos geradores dessa associação, no qual destaca-se a centralidade desempenhada pelo litígio dos campos do conhecimento na Europa do século XIX, que deveria ser coerente com determinadas rotinas políticas. Também detalhamos o esforço teórico estafante empreendido por sociólogos,

geógrafos e historiadores, sobretudo franceses, para salvaguardar esse universo estratificado dos perigos da “ambição” ratzeliana.

No último capítulo, efetuamos uma peregrinação teórica, interessada em acompanhar como a relação entre Ratzel e o determinismo foi abordada em diferentes lugares do mundo e em distintas circunstâncias e momentos da história da nossa ciência. Delimitamos entre o período posterior às discussões nos *Annales de Géographie* e no *L'Année Sociologique*, que corresponde à década de 1920, até o presente momento, 2022. Uma seção exclusiva dedicada à recepção do autor no Brasil será encontrada. O capítulo ainda conta com um compilado de comparações de trechos e conceitos de Ratzel opondo-se diametralmente à sistemática determinista e um debruce conceitual em referência tanto ao termo “determinismo” quanto a sua feição adjetivada e que nos é familiar: “determinismo geográfico”.

O leitor que se dispor a percorrer as páginas a seguir evidentemente não deve ter a pretensão de encontrar “um legítimo Ratzel”, que houvera, até este trabalho, permanecido soterrado na poeira de interpretações equivocadas. Tampouco deve acreditar que esta pesquisa está compromissada com a extinção da crítica em relação a um autor adepto de teses expansionistas, ativo em movimentos coloniais e que concebeu classificações demográficas etnocêntricas. Estamos diante de um pensador capaz de acender em nós fogueiras de reações contraditórias. Ambíguo, prolixo — por vezes, hermético. Um homem que varou os limites científicos de seu tempo e nos legou o ardor da ousadia conceitual que caracteriza a nossa ciência. Atento aos grandes temas, inovador em seu método e antenado à necessidade de diálogo entre os saberes. Mas, acima de tudo, alguém de importância capital na história das ciências humanas e digníssimo de ser lido.

## **1. O COMPLEXO ESTIGMATIZANTE: UMA ABORDAGEM BIOGRÁFICA**

Erving Goffman foi um cientista político canadense do século XX que postulou a seguinte ideia: um estigma se constitui a partir do momento em que há uma diferença entre a identidade social real e a identidade social virtual de um indivíduo (1975) [1963]. Para ele, a identidade social real é o complexo comportamental exposto socialmente por alguém, e este é real não por representar fidedignamente o conteúdo realístico atitudinal, mas por harmonizar-se a tipologias interpretativas graduadas na possibilidade lógica do que o sujeito provou ter como atributo.

Já a identidade social virtual remete a características que uma determinada composição societária “normal” atribui ao estranho quando identifica inconformidades às exigências que o

estranho deveria atender. Esta, por sua vez, é calcada na falta de compreensão e, conseqüentemente, necessita emular uma representação anormal, que virtualiza conteúdos individuais para justamente enquadrá-los como anormais dentro da normalidade social. O estigma diz mais respeito aos símbolos do grupo social que estigmatiza do que sobre o estigmatizado.

O estigma, ao contrário do que alguns imaginam, não acontece quando o sujeito é ostensivamente lembrado por uma especificidade sua, e sim quando existe uma impropriedade entre o atributo (lógico) e o estereótipo. Essa desarmonia se converterá num atributo depreciativo, fruto de uma identidade deteriorada, que deve ser, normativamente, entendida como limitada, perigosa e dispensável.

Friedrich Ratzel e o determinismo geográfico consubstanciam uma relação pela noção de “estigma social” — para ser mais preciso, um estigma produzido dentro do campo social acadêmico (BOURDIEU, 2013 [1984]), ou seja, um recorte espaço-social menor disposto por posições hierárquicas dependentes entre si. Uma estrutura social de luta por legitimidade teórica, constituída por regras, troféus e capitais específicos, que é, a um só tempo, lugar de desigualdade, conflito, competição e concordância internalizada sobre o seu funcionamento.

Entretanto, no caso de Ratzel, não temos de lidar apenas com um, mas com uma estrutura teórico-crítica que chamaremos de “complexo estigmatizante”. Isso porque os estigmas se retroalimentam e robustecem de forma vinculada à representação caricata de um geógrafo do século XIX, emanado de um país que produziu uma das políticas externas mais agressivas da história moderna e naturalmente combinava em suas teorias o determinismo geográfico junto de um organicismo sem critério, bem como o imperialismo inveterado, além de ter sido o catalizador teórico do nazismo. Observemos exemplos de cada uma das representações aludidas, respectivamente:

No entanto, dentro das ciências empírico-analíticas como a geografia, surge a corrente do determinismo geográfico (paradigma sobre o qual este artigo enfoca), cujas ideias principais permaneceram ao longo do tempo e conseguiram permear diferentes produções geográficas na Europa e na América. Esta escola geográfica, desenvolvida pelo alemão Friedrich Ratzel, teve o seu apogeu no século XIX, tendo uma conseqüente extensão ao longo do século XX. (PÉREZ et al., 2019, p. 68, tradução nossa)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em espanhol: “No obstante, dentro de las ciencias empírico-analíticas como la geografía, aparece la corriente del determinismo geográfico (paradigma em el que se enfoca este artículo) cuyo ideas principales han permanecido a través del tiempo y han logrado permear diferentes producciones geográficas em Europa y América. Esta escuela geográfica desarrollada por alemán Friedrich Ratzel, tuvo su auge en el siglo XIX, teniendo una conseqüente prolongación a lo largo del siglo XX”. Extraído do artigo original: *Análisis del determinismo geográfico y su difusión a través de algunos textos escolares y obras geográficas en Colombia durante el siglo XX*. PÉREZ, A; MEJÍA, L; SAMUDIO, N. Revista Folhmy, n. 11, Mai, p. 67-81. 2019.

Daí Ratzel extrai a questão central de toda a sua obra, que já aparece em seu primeiro livro: como construir a política, a moral, os fundamentos do direito em correspondência com as leis da natureza? (LOPRENO E PASTEUR, 1994, p. 158, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Uma grande preocupação em fazer de Ratzel as honras da língua francesa nos dominaram e lembrando que seu trabalho passa, não sem motivo, por um manual do imperialismo, teremos indicado em que sentido ele deve ser alterado. (HÜCKEL, 1906, p. 403, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Busca-se, mediante análise dos acontecimentos históricos que permeiam a unificação alemã até a formação do III Reich, analisar se e de que forma os pensamentos do geógrafo alemão Friedrich Ratzel influenciaram a geopolítica da Alemanha Nazista [...] Contextualizando os momentos em que as ideias de Ratzel e Hitler são passadas para o papel, procura-se afirmar que a política do III Reich nada mais é do que uma releitura da política do império alemão. (RAGGI et al., 2008, p. 153).

O peso acadêmico desse complexo estigmatizante impacta, até hoje, desde o primeiro contato com o autor em bancos universitários até a disposição de pesquisas dedicadas à sua obra. Porém, na ocasião, não desejamos expor a fantasia de “um verdadeiro Ratzel”, tampouco demonstrar sua magnitude para essa ciência partindo de seus estigmas. Buscamos o distanciamento de representações como “os estigmas de Ratzel” ou “Ratzel como estigma”. O que propomos é uma abordagem de método capaz de relacionar sua trajetória de vida e profissional, seus ciclos de influência, a complexidade metodológica e subjetividade de seu traço, sua riqueza conceitual guardada em obras menos conhecidas e a contextura política e acadêmica de seu tempo. E, aí sim, a partir disso, dialogar com os desdobramentos acadêmicos, políticos e sociais que culminaram em emblemas estigmatizantes sobre a sua figura.

Podemos dizer que o “complexo estigmatizante” com o qual nos defrontamos é integrado por 4 aspectos principais que se relacionam e fazem-se presentes na composição de cada um dos estigmas: o descompasso metodológico (o mais marcante no de organicista), o litígio dos campos do conhecimento (o de maior destaque no de determinista), o anacronismo conceitual (o de superior importância no de imperialista) e o revanchismo político-acadêmico, acompanhado da miscigenação crítica para a geografia política, a geopolítica e a *Geopolitik* (o mais relevante no de nazista).

O tempo social em que viveu Ratzel, assim como o de qualquer outro, não existe e nem nunca existiu como substância passível de ser arrebatado, pois ele foi a dimensão individual da

---

<sup>2</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “De là Ratzel tire l’interrogation centrale de toute son oeuvre, qui apparaît déjà dans son premier livre: comment bâtir la politique, la morale, les fondements du droit en correspondance avec les lois de la nature?”. Extraído do artigo original: *La pensée ratzélienne et la question coloniale (avec la collaboration de Gian Paolo Torricelli)*. LOPRENO E PASTEUR. *Éruditi*, v. 38, n. 84. P. 151-164, 1994.

realidade social que alguém contemplou (BACHELARD, 1950 [1988]). Estamos de acordo com Braudel (1958) com relação à impossibilidade de existir sincronia perfeita na linguagem da história, no sentido de o pesquisador nunca chegar às tramas finais das estruturas. Por isso é sempre óbvio, mas adequado, introduzir o presente esforço de contextualização como uma reconstrução, e não como uma reconstituição.

Nem tudo está dito quando “situamos” Flaubert como um burguês, ou Tintoretto como um pequeno burguês. Estou bem de acordo com isto. Mas de cada vez, o estudo do caso concreto — Flaubert, Valéry, ou a política exterior da Gironde — traz finalmente Jean-Paul Sartre ao contexto estrutural e profundo. (Ib., p. 292).

A organização cronológica aqui oferecida não se pretende dogmática, pois em diversos momentos será preciso remeter a saltos temporais mais ou menos distantes do que vinha sendo desenvolvido. No entanto, optamos por uma “linearidade flexível”, pois, primeiro e essencialmente, foi vislumbrada a possibilidade de, na disposição progressiva da trajetória do autor, identificar arranjos contextuais mais harmonizados com a elucidação de determinado estigma. Depois, porque essa constante fluída possibilita a otimização do conforto assimilativo do leitor, diante de um contexto nada imediato para violentas idas e vindas da construção metodológica como a Europa do século XIX.

### **Ratzel e o universo científico: primeiras aproximações**

É fundamental remetermos ao ano de 1859, que, além de ser o da morte de Humboldt e Ritter, os quais também são apontados em alguns trabalhos como antecipadores do organicismo que Ratzel aprofundaria — ver Binimelis (2006)<sup>4</sup> —, é também o da publicação do livro *On the Origin of Species* (“A Origem das Espécies”), de Charles Darwin. Naquela ocasião, ao longo da década de 60 do século XIX, ocorreu um espraiamento genérico dos preceitos evolucionistas pela comunidade científica da Europa Ocidental. Esse movimento penetrou o âmbito das ciências sociais relacionado à ideia de “progresso”, hasteada principalmente por Spencer (1891), que propunha a passagem de um ser humano homogêneo para um heterogêneo, sendo estas distinções avaliadas a partir de progressos civilizacionais. Então teríamos, através do agregado uniforme (sociedade), a produção de indivíduos de diferentes potenciais civilizacionais, propiciando desprendimentos evolucionistas.

---

<sup>4</sup> A referência ao desenvolvimento de preceitos organicistas advindos de Humboldt e Ritter é realizada na página 12, em: BINIMELIS, C. “Em torno das origens da Geopolítica alemã”. Centro de estudos em geopolítica e relações internacionais, v. 1, n. 5. p. 2-19, 2006.

Agora, propomos em primeiro lugar mostrar que esta lei do progresso orgânico é a lei de todo progresso. Estando ele no desenvolvimento da Terra, no desenvolvimento da vida em sua superfície, no desenvolvimento da sociedade, de Governo, de Manufaturas, de Comércio, de Língua, Literatura, Ciência, Arte, esta mesma evolução do simples no complexo, por meio de sucessivas diferenciações, se mantém ao longo de todos os períodos. Desde as primeiras mudanças cósmicas rastreáveis até o último resultantes da civilização, vamos descobrir que a transformação do homogêneo no heterogêneo, é aquela em que o progresso consiste essencialmente. (Ib., p. 10, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Puderam ser assistidas importantes modificações em relação à crença no progresso e no desenvolvimento humano a partir da disseminação dessas ideias. Antes o progresso se via associado a valores vitorianos, próximos à abstração de “perfeição e ordenamento social”, carregado de rigidez na tradição dos costumes e fundamentalismo religioso. Com a revolução intelectual da década de 60, além do enquadramento do “bicho humano” no mesmo plano evolucionista das outras espécies, advindos de um ancestral comum, também foi desestabilizada a crença de um mundo projetado, já que o processo evolutivo seria marcado por luta pela sobrevivência e adaptação.

Isso posto, regressemos 15 anos no tempo, ao ano de 1844, na cidade de Karlsruhe (sudoeste da Alemanha), que são, respectivamente, o ano e o local de nascimento de Friedrich Ratzel. Ratzel foi o filho caçula de Karl Ratzel [1810-1881], um homem que passou a vida como empregado na corte grã-ducal de Frederico I. Esse fato possibilitou-lhe crescer protegido e despreocupado, amparado pelo suporte familiar oferecido as famílias de funcionários do tribunal. Em seus primeiros tranquilos 14 anos de vida, ele já houvera desenvolvido um precoce interesse pela natureza. Manifestações iniciais daquilo que iria imprimir marcas ao longo de toda a sua trajetória pessoal e profissional: seu apreço por caminhadas. Durante a infância e adolescência, andava por longos caminhos que o conduziam às várzeas do Reno, a região de Kraichgau e a colina Tumberg. As extensas jornadas o levaram tanto ao casamento com Marie Elisabeth Wingens [1843-1923], em 1877 — uma conhecida de viagens da Inglaterra —, quanto ao seu encantamento e conseqüente dedicação ao estudo de bases naturais e o impacto destas na vida humana (BUTTMANN, 1977).

Depois de cursar a escola primária e completar seus estudos no Instituto Lafontain, começou a se preparar para ser assistente de farmacêutico em Eichtersheim (Kraichgau), em

---

<sup>5</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em inglês: “Now, we propose in the first place to show, that this law of organic progress is the law of all progress. Whether it be in the development of the Earth, in the development of Life upon its surface, in the development of Society, of Government, of Manufactures, of Commerce, of Language, Literature, Science, Art, this same evolution of the simple into the complex, through successive differentiations, holds throughout. From the earliest traceable cosmical changes down to the latest results of civilization, we shall find that the transformation of the homogeneous into the heterogeneous, is that in which progress essentially consists”. Extraído da obra original: *Progress: its law and cause. In Essays: scientific, political, and speculative*. SPENCER, H. v. 1. Londres: Williams and Norgate, 1891.



1858. Os pais só podiam custear uma formação universitária, e esta foi destinada ao filho mais velho, que se tornou professor na Escola de Artes e Ofícios de Karlsruhe. Entretanto, seu pai enxergou na profissão de aprendiz em farmacêutica uma função interessante, frente aos avanços da indústria química, impulsionados pelas construções de ferrovias que se expandiam pelo país. Depois de passar no exame para farmacêutico em 1863, trabalhou no ramo por dois anos em Zurique até 1865, quando realizou o exame de habilitação para universidades alemãs (*abitur*) (MÜLLER, 1995).

O jovem Ratzel era frequentador da Igreja Luterana e, segundo Sanguin (1990), as suas anotações particulares ao longo da juventude dão conta de que ele percebia a diversidade humana como originária de um deus comum. No entanto, fatores que estariam por vir, como as influências de Haeckel e Darwin, teriam contribuído para esvaziar essa filiação.

Em 1866, ele se matriculou na Universidade Politécnica de Karlsruhe, mas pouco tempo depois se transferiu para Heidelberg. Lá estudou os componentes norteadores das ciências naturais à época: geologia, paleontologia e zoologia, e de forma simultânea frequentava aulas em Berlim e Jena.<sup>6</sup>

Em Jena, sob a orientação de Ernst Haeckel [1834-1919], um biólogo partidário das ideias de Darwin, que inclinou seus ensinamentos para a relação entre homem e meio e que foi o criador do termo “ecologia”, Ratzel entrou em contato com o evolucionismo dos naturalistas britânicos Charles Darwin e Alfred Russel Wallace. Essa relação foi mediada pelos trabalhos do explorador e geógrafo alemão Moritz Wagner [1813-1887], o principal introdutor da teoria evolucionista na Alemanha e tradutor da obra de Darwin. Wagner atribuía às migrações o grande mote explicativo das diferenciações nas espécies. Seu trabalho foi reconhecido até mesmo pelo precursor do evolucionismo, porém, não isento de críticas<sup>7</sup>

Nesse caminho, Ratzel escreveu sua tese para obtenção do título de doutor em Zoologia, intitulada *Beiträge zur anatomischen und systematischen Kenntnis der Oligochaeten* (“As contribuições ao estudo geral anatômico dos *oligochaetes*”) (1868), uma espécie de minhoca da família dos Tubificidae.<sup>8</sup> Até então, Ratzel era um jovem alemão de 22 anos,

---

<sup>6</sup> Id., 1990.

<sup>7</sup> “Moritz Wagner publicou ultimamente, sobre este assunto, uma memória muito interessante; demonstrou que o isolamento, impedindo os cruzamentos entre as variedades novamente formadas, tem provavelmente um efeito mais considerável que eu mesmo não supunha. Mas, pelas razões que já indiquei, não posso, de forma alguma, adotar a opinião deste naturalista, quando sustenta que a emigração e o isolamento são os elementos necessários à formação de novas espécies. O isolamento goza também um papel muito importante depois de uma alteração física das condições de existência, tal, por exemplo, como modificações de clima, agitação do solo, etc., porque impede a emigração de organismos melhor adaptados a estas novas condições de existência” (DARWIN, 2018 [1859], p. 103)

<sup>8</sup> MÜLLER, 1995.

iniciado há 3 no ambiente científico, que possuía todo o seu substrato teórico constituído a partir do bojo das ciências naturais. O darwinismo que o influenciou veio a encorpar a sua já existente simpatia pela “física social”, posteriormente designada de “sociologia” por Auguste Comte [1798-1857], que representava o desejo positivista de conseguir, através da razão humana, decifrar a realidade social por meio de um sistema de doutrinas gerais, que deveria ser alicerçada nos mesmos métodos das ciências naturais. A sociedade então só seria verdadeiramente traduzida por intermédio da atuação científica — e, já que o estado primitivo representava a fonte de toda especulação humana, as bases metodológicas deveriam remeter à natureza.

O filósofo de Montpellier, como Comte também era conhecido, publicou, como apêndice no último volume (4) de sua obra *Sistema de Política Positiva* (1851-1854), diversos ensaios, entre eles “Considerações filosóficas sobre a ciência e os cientistas”, que havia escrito em 1825, no qual podemos observar trechos como:

Limito-me aqui a dizer, para evitar qualquer confusão, que por física social entendo a ciência que tem por objeto o estudo dos fenômenos sociais, considerados no mesmo espírito dos fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos. Equivale a dizer que está sujeito a leis naturais invariáveis, cuja descoberta é o objetivo especial de sua pesquisa. Assim, se propõe a explicar diretamente, com a maior precisão possível, o grande fenômeno do desenvolvimento da espécie humana. (COMTE, 1854, p. 363 [1825], tradução nossa)<sup>9</sup>.

E enfim, em 1869, Ratzel escreveu a sua primeira obra, *Sein und Werden der Organischen Welt*, título traduzido por alguns como “Essência e Destino do Mundo Orgânico”, tais como Dantas e Medeiros (2008) e Arcassa (2017), e por outros como “Nascer e Ser do Mundo Orgânico” (SILVA, 1992 [1961]). É possível identificar a conexão estabelecida pelo etnólogo alemão entre o positivismo comtiano e as contribuições de Wagner. Sobre o segundo, especialmente no que se refere aos seus ensinamentos em *Die Darwinsche Theorie und des Migrations Gesetz der Organismen* (1868) (“A Teoria Darwiniana e a Lei da Migração dos Organismos”). Essa obra de Wagner não foi alcançada por esta pesquisa, no entanto, Laird, já em 1873, realizou uma cuidadosa tradução para o inglês, que inclusive foi recentemente (2018) republicada: *The Darwinian Theory and the Law of the Migration of Organisms*. No trabalho,

---

<sup>9</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Je me borne ici à dire, pour prévenir toute confusion, que j'entends par physique sociale la science qui a pour objet propre l'étude des phénomènes sociaux, considérés dans le même esprit que les phénomènes astronomiques, physiques, chimiques et physiologiques, c'est-à-dire comme assujettis à des lois naturelles invariables, dont la découverte est le but spécial de ses recherches. Ainsi, elle se propose directement d'expliquer, avec le plus de précision possible, le grand phénomène du développement de l'espèce humaine”. Extraído da obra original: *Système de politique positive*. COMTE, A. v. 4. Paris: Chez carilian goeury, 1854 [1825].

podemos observar trechos em que existe um esforço para destacar a harmonia e a inserção dos processos migratórios em relação à teoria do evolucionismo:

A migração de organismos e sua colonização são, segundo minha convicção, uma condição necessária da seleção natural. O primeiro confirma o último, põe de lado as mais importantes objeções que foram levantadas à teoria, e tornam o todo processo natural de formação de espécies muito mais claro do que anteriormente. (WAGNER, 1873 [1868], tradução nossa)<sup>10</sup>.

Voltando ao primeiro trabalho de Ratzel, destacamos um trecho onde é possível identificar tanto a harmonia cristalizada (não diferenciável) do mundo orgânico em relação ao inorgânico, remetendo ao movimento (migração) e ao amálgama (colonização) expressos por Wagner, quanto os preceitos de Comte no tocante ao firmamento natural que consubstancia tudo que existe, inclusive a essencialidade orgânica, tomada como matéria-prima da atividade científica.

Já que sabemos que a terra, junto com tudo o que vive nela, é composta de um certo número de materiais básicos, que são essencialmente conhecidos por nós de acordo com suas propriedades, a conclusão não está muito longe de que esta identidade é o material basilar de tudo o que é criado, mesmo que seja diferenciado em inorgânico ou orgânico, deve, no entanto, ser baseado em uma unidade mais profunda do mesmo. Também se deve acreditar que essa conclusão deve ser fácil o suficiente para cair na ciência por si mesma, como uma fruta madura. Mas esse não é o caso; O inorgânico e o orgânico, apesar desse conhecimento, permaneceram como dois conceitos nitidamente diferenciados, [...] várias gerações de pesquisadores se esforçaram principalmente para tornar o abismo entre eles muito claro e profundo. (RATZEL, 1877, p. 9 [1869], tradução nossa)<sup>11</sup>.

Ratzel ainda dialogou com as ideias de Haeckel, integrando a sua ecologia ao entendimento do evolucionismo. Este seu primeiro trabalho recebeu pouca atenção no ambiente científico da época, muito por conta da publicação, um ano antes, de *Natürliche*

---

<sup>10</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em inglês: “The migration of organisms and their colonization are, according to my conviction, a necessary condition of natural selection. The former confirm the latter, set aside the most important objections which have been raised to the theory, and render the whole natural process of the formation of species much clearer than was previously the case”. Extraído da obra original: *Wagner, Moritz. The Darwinian Theory and the Law of the Migration of*. Tradução: J. L. Laird. Londres: Edward Stanford, 1873 [1868].

<sup>11</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão gótico (não possível de ser representado aqui). Vertendo ao alemão contemporâneo teríamos algo perto: “Da wir wissen, daß die Erde sammt allem, was in und auf ihr lebt, aus einer bestimmten Zahl von Grundstoffen zusammengefeßt ist, welche im Wesentlichen uns ihren Eigenschaften nach bekannt sind, so liegt der Schluß nicht ferne, daß in dieser Identität der stofflichen Unterlage alles Geschaffenen, werde es auch als unorganisch oder organisch unterschieden, dennoch eine tiefere Einheit desselben beruhen müsse. Auch sollte man glauben, daß dieser Schluß leicht genug sich bieten müsse, um ganz von selbst, wie eine reife Frucht, der Wissenschaft zuzufallen. Allein dem ist nicht so; unorganisch und organisch sind trotz jener Erkenntniß zwei scharf geschiedene Begriffe geblieben und selbst Solche [...]und mehrere Generationen von Forschern haben sich haupt= sächlich bemüht, die Kluft zwischen denselben recht klar und tief zu machen”. Extraído da obra original: *Sein und Werden der organischen Welt*. RATZEL, F. Leipzig: Gebhardt e Reisland, 1877 [1869].

*Schöpfungsgeschichte* (1868) (“História Natural da Criação”), do próprio Haeckel (CLAVAL, 1976).

Falávamos em Montpellier e é para lá que Ratzel foi em 1870, sob a direção do famoso ilustrador Charles Lallemand, trabalhar como uma espécie de jornalista associado, objetivando financiar a continuidade de seus estudos. De lá, passou a enviar as suas *Zoologische Briefe vom Mittelmeer* (“Cartas Zoológicas em Torno do Mediterrâneo”) ao *Kölnische Zeitung* (“Gazeta de Colônia”) (BRUNHES, 2015 [1904]). Este é o começo da relação que mais adiante o vincularia ao jornalismo e ofereceria oportunidades de ingressar em viagens que transformariam radicalmente a sua forma de enxergar o espaço.

Esse período foi brevemente interrompido após ele recrutar-se como voluntário na Guerra Franco-Prussiana [1870-1871]. Ratzel nutria inclinações nacionalistas que pulsavam na rivalidade com a França de Napoleão III. Em setembro de 1870, se machucou superficialmente em Neudorf (Suíça). Dois meses depois a guerra acabou para ele após ser ferido com gravidade na cabeça, próximo de Auxonne (França).<sup>12</sup> Tal fato adquire ainda mais importância, pois resultou na perda da audição de um de seus ouvidos, ocasionando transtornos físicos e psicológicos, o que teria influenciado na renascença de sua fé luterana.<sup>13</sup>

Seus diários de viagem foram muito bem recebidos pelos leitores. Dessa forma, a “Gazeta” passou a enviá-lo agora como *Spezialberichterstatter* (correspondente especial) na Europa Oriental. Em seguida, ele foi mandado ao sul da França, Hungria, Transilvânia, depois ao Império Austro-Húngaro dos Habsburg em setembro de 1871 (BASSIN, 1987a). Em dezembro de 1871, Friedrich mudou-se para Munique para retomar seus estudos geológicos e paleontológicos a convite do conhecido geólogo Karl Zittel [1839-1904], a quem ele obteve contato graças aos trabalhos em jornalismo de viagens. Zittel foi o responsável por apresentar pessoalmente Ratzel a Wagner.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> BUTTMANN. Op. cit; SANGUIN, 1990.

<sup>13</sup> A dimensão religiosa aparece com vigor em artigos escritos já na virada do século. Sanguin (1990) cita *Évocateurs Esprit qui se meut la surface des eaux* (“Espírito evocativo que move a superfície das águas”), de 1901. Mas talvez a representação mais concreta nesse sentido seja *Freunde, im Raum wohnt das erhabene nicht!* (“Amigos, o sublime não mora no espaço”), publicado originalmente em 1903 no periódico *Glauben und Wissen* (“Fé e Saber”). Esse texto foi escopo de uma belíssima tradução para o português realizado por Martins (2001). Nele, entrevemo-nos com a antinomia minuciada por Ratzel entre o mundo das ciências naturais e a fé cristã. O autor declara abertamente a sua fé ao passo que reconhece o revestimento incompreensível do mundo. A partir da consciência do impenetrável, a geografia é refletida e reposicionada em paralelo aos entraves da atividade científica.

<sup>14</sup> Wagner e Ratzel desenvolveram uma amizade paternal que extrapolou o âmbito profissional. Além de estarem sempre juntos no *Kränzchen* (círculo) geográfico, fundado por Ratzel em 1877. O precursor da teoria da migração poderia ser visto relaxando, após semestres extenuantes, na casa de campo alugada por Ratzel às margens do rio Starnberg. No entanto, o desfrute do sossego estando na companhia de Ratzel não era uma tarefa fácil, pois quase em todas as férias ele se propunha a realizar passeios alpinos com uma questão científica específica, para posteriormente, apresentar os resultados em palestras e publicações. Isso se fortaleceu quando o respeitado

Ratzel discutiu profundamente a ideia de articular a teoria da migração aos fenômenos da vida nacional com Wagner, apoiado especialmente no que houvera observado pela Transilvânia. As notas detalhadas produzidas a partir dessas conversas [1872-1873] constituíram a base do que viria a ser sua *Antropogeografia*:<sup>15</sup>

Naquela época eu aprendi pela primeira vez a concepção da história como uma grande soma de movimentos a possibilidade de um aprofundamento frutífero do problema muito discutido, mas pouco promovido de retroatividade do cenário para antecipar a história. (RATZEL, 1872 apud LÜDECKE, 2002, p. 26, tradução nossa)<sup>16</sup>.

A necessidade de abordar de forma precisa e sistemática os problemas da fronteira histórico-geográfica teria sido o grande impulso para a obra, e tal inquietação surgiu a partir das discussões de Munique, associado ao desejo de desenvolver, num tom mais científico, as tramas entre natureza, história e humanidade, aquelas iniciadas por Ritter. Essa inspiração também se fez sentir em *Völkerkunde* (“Etnologia”) (1885), quando Ratzel associou as transformações geradas em um povo por conta da migração (de Wagner) ao seu difusionismo, que a essa altura já se armava considerando o relacionamento intercultural como fundamental ao progresso. Sanguin (1990) qualificou essa obra como a responsável pela ascensão da reputação internacional de Ratzel.

Em 1872, ele interrompeu seus estudos para ir, em prol da “Gazeta”, observar os vulcões do sul da Itália. Durante a viagem de retorno, adicionou uma perambulação alpina e uma caminhada de inverno pelo Passo de São Gotardo (Suíça) até o Ticino (cantão fronteiriço entre o sul suíço e o norte italiano). As experiências dessas viagens foram formatadas no livro *Wandertage eines Naturforschers* (“Dias de caminhada de um naturalista”) (1873).

Ratzel, até aqui, ainda conservava estreitas ligações teóricas com o darwinismo e seguia com as metáforas orgânicas atinentes à expressão científica simbolizada pelo positivismo. No entanto, seus arqueamentos investigativos eram ainda majoritariamente direcionados ao fundo analítico das ciências naturais. A exposição de suas comparações com a dinâmica social se fez em consonância com a disseminação da unicidade do método que se alastrava por toda a comunidade científica. Realizando isso incluído não na posição de geógrafo, mas na de naturalista.

---

geógrafo Albrecht Penck se mudou para Munique em 1880, e os dois passaram a travar um animado intercâmbio científico sobre os alpes e os efeitos das geleiras no subsolo (LÜDECKE, 2002).

<sup>15</sup> Id., 2002.

<sup>16</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Damals lernte ich zum ersten Mal die Erschaffung der Geschichte als eine große Evolution der Möglichkeit kennen, eine tiefgreifende Geschichte des viel diskutierten, aber wenig bekannten Problems der Szenario-Aktivität vorwegzunehmen, um die Geschichte zu antizipieren”. Extraído do artigo original: “*Ein genußreiches Zusammenleben und – arbeiten*”. *Friedrich Ratzels Zeit in München (1875-1886)*. LÜDECKE. *Berichte zur Wirtschaftsgeschichte*, v. 25. P. 24-39, 2002.

### **Precursor arrojado ou organicista desatinado? O surgimento de um geógrafo humano**

De nossa parte, consideramos o ano de 1873 um momento de virada na trajetória de nosso autor, pois é quando ele inicia a sua transição de zoólogo para geógrafo. Mais precisamente, é quando ele passa a atribuir maior gravidade ao conceito de espaço do que ao de espécie.<sup>17</sup> E essa transformação está diretamente relacionada às viagens realizadas entre 1873 e 1875, quando passou pelos Estados Unidos, México e Cuba. Essas viagens, no futuro, comporiam importantes noções que ele desenvolveria em sua *Antropogeografia*. Como por exemplo, a navegação investigativa em torno do território estadunidense, a qual teria levado Ratzel a seguir os caminhos da geografia, além de servir como fonte geradora de conceitos como *Lebensraum* (“espaço vital”), *raumvorstellung* (“percepção do espaço”), *weltmacht* (“potência mundial”), *Zusammenfassung* (“concentração”) e *Grenzen* (“fronteira”).<sup>18</sup>

Novamente interrompendo sua atividade científica em Munique, mais uma vez em nome do *Kölnische Zeitung*, Ratzel foi aos Estados Unidos. Assim que chegou se impressionou ao deparar-se com a velocidade de expansão de um país em reconstrução (após a Guerra de Secessão [1861-1865]), ficando maravilhado com a dimensão das linhas de fronteiras marítimas e com as gigantescas hordas de imigrantes (SEEMANN, 2012).

A viagem começou em Nova Iorque, depois, Ratzel seguiu para visitar o naturalista Luis Agassiz, em Harvard, e de lá foi ao norte da Flórida pela costa do país, chegando posteriormente a Nova Orleans. Subiu o rio Mississipi, percorreu St. Louis, as Cataratas do Niágara e Chicago, atravessou as planícies estadunidenses, alcançando Denver e São Francisco, e, por fim, embarcou para o México. Por lá percorreu boa parte do país em seis meses e depois disso voltou à Alemanha, fazendo uma breve escala em Cuba (SAUER, 1971).

Essa experiência motivou duas obras: *Städte- und Kulturbilder aus Nordamerika* (1876) (“Imagens urbanas e culturais da América do Norte”) e três edições de *Die Vereinigten Staaten von Nordamerika* (1880a) (“Os Estados Unidos da América”) (1878, 1880, 1893). Também foi produzido um escrito sobre o México em 1878: *Aus México. Reiseskizzen aus den jahren 1874 und 1875* (“México. Esboços de viagens dos anos 1874 e 1875”). Sobre Cuba, até onde se sabe,

<sup>17</sup> SANGUIN, 1990; BASSIN, 1987a.

<sup>18</sup> WANKLYN, op. cit.; BUTTIMER, op. cit.; MERCIER, 1995.

foram encontradas apenas algumas anotações utilizadas em suas aulas na Universidade de Leipzig.<sup>19</sup>

Nos Estados Unidos, Ratzel viajou na maior parte do tempo de trem, o que permitiu contemplar as estradas e compará-las com as condições europeias. Ele observou o país como uma “jovem nação em crescimento vigoroso”. Reverenciando o ritmo da dinâmica de ocupação estadunidense, que combinava o grande crescimento populacional com a apropriação de vastas terras pouco desbravadas, combatendo as dificuldades exploratórias especialmente com o desenvolvimento econômico.<sup>20</sup>

A partir disso foram mediadas conexões com seu povo e território. Ratzel concluiu que a população e as etnias da Europa seriam antigas e bem definidas. Por outro lado, nos Estados Unidos, o processo de formação foi mediado pela grande quantidade de imigrantes vindos de lugares diferentes. Tal fator teria produzido uma tenacidade que influenciava cada indivíduo a buscar a mobilidade, isto pois, teriam consciência do espaço amplo e da urgência por conquistá-lo e estabelecer enraizamentos.<sup>21</sup>

Os americanos são expansivos por natureza, em todas as direções, e se acostumam a ver uma condição de vida no espaço amplo. O norte-americano incorporou o espaço grande na sua mente e não almeja pela compactação aconchegante e ao mesmo tempo limitante dos nossos povos antigos, mas é expansivo por inclinação e educação política. Desta forma, desenvolve-se nele um sentido espacial político, que não apenas aspira à sua provação pela grandeza, mas também sente a relação espacial nas manifestações pequenas da vida. (RATZEL, 2019a [1893], p. 143).

O vislumbrar de uma configuração natural tão diferente e evocativa, que respondera as provocações do aparelho estatal, produziu nele uma importante modificação no que se refere ao seu engajamento de trabalho. As modificações na percepção de suas referências pregressas, bem como nas orientações teóricas que entrariam em seu radar, a partir de então começaram a se evidenciar.

O professor Ratzel me contou ele mesmo nestes termos, no último mês de janeiro, a evolução característica de sua carreira: “Fiz viagens, desenhei, descrevi. Eu era conduzido pela *Natureschilderung*. Entrementes, voltei da América e foi me dito que necessitavam de geógrafos. Eu então reuni e coordenei todos os feitos que eu mesmo havia observado e coletado sobre a imigração chinesa que foi minha tese de habilitação”. (BRUNHES, 2015 [1904], p. 272).

Ratzel escreveu, 25 anos depois de sua viagem aos Estados Unidos, o artigo *Land und Landschaft in der nordamerikanischen* (1902) (“País e paisagem na alma do povo norte-

---

<sup>19</sup> SEEMAN, 2012.

<sup>20</sup> BRUNHES, 2015 [1904].

<sup>21</sup> SEEMAN, 2012.

americano”), no qual expressou ainda todo o seu fascínio tanto com a imensidão territorial estadunidense como com a atitude dos imigrantes e colonizadores europeus daquele solo. São expressos os elogios aos imigrantes que formaram aquele país, apesar dos desafios das imensas pradarias, florestas e planícies — fatores que teriam acabado por “incitar seu espírito de expansão”.

Até o presente momento, pouco se repercutiu sobre seu livro produzido a partir de sua estada de seis meses no México. Só recentemente, em 2009, é que foi realizada uma tradução integral da obra em espanhol. Seeman e Pedrosa (2019 [1878]) apontam que a explicação para o silêncio de 130 anos pode estar no retrato da arrogância etnocêntrica, racista e colonialista europeia que simboliza a publicação. Os autores destacam que Ratzel não economizou palavras para menosprezar a população latino-americana e recomendar a colonização desse país pelos Estados Unidos: “Penso que os norte-americanos são mais adequados do que qualquer outro povo europeu para finalizar a conquista [sic!] do México pela cultura, metade com violência, metade com agilidade e inteligência” (Ib., p. 141).

Corroboramos com os autores no que concerne a crítica a tônica do expansionismo, que atravessa toda a geografia política desenvolvida por Ratzel, adiante nos aprofundaremos a esse respeito. Quanto ao seu posicionamento racista, etnocêntrico e colonialista, entendemos, junto com Carvalho (1997a), que Ratzel é um daqueles pensadores desfavoráveis à austeridade de páginas e palavras, oferecendo trabalhos riquíssimos em noções, conceitos e inovações, mas também abundante em relação à produção de ambiguidades e contradições. O mesmo Carvalho debruçou-se sobre a obra *Völkerkunde (Las Razas Humanas)* e conseguiu extrair (descontextualizar) dela tanto excertos — “capazes de fazerem as delícias de qualquer agrupamento discriminatório, por cortes de raça, cor, credo, sexo ou nacionalidade” (Ib., s.p.) — quanto afirmações “que poderiam ser adotadas como lemas de muitas das atuais entidades e organizações de defesas dos direitos das chamadas minorias” (Ib., s.p.).

Complementamos seu argumento indicando que Ratzel, por profissão, cavava palavras nas minas do silêncio da geografia humana, isto é, os traquejos disciplinares que hoje nos parecem tão óbvios eram, até então, inexistentes. A carga romântica de sua formação, em descompasso com a estilística científica atualizada à época, estampava o tom ambíguo, na medida em que ele mesclava aspectos sutis de sua poética da materialidade (em sua narração da natureza) enquanto equacionava fórmulas. A esse fator se adicionou a amplitude de seus objetos de pesquisa, sua atração por “grandes temas”, o que conseqüentemente exigiria uma compleição metodológica invasiva e desajustada ao gosto científico da Europa daquele tempo.



Regressando à situação anterior, é possível também, neste trabalho sobre o México, além de extrair passagens colonialistas e etnocêntricas, observar um movimento de admiração do autor pelo “passado de grandes características” do país, ao resumir elementos da história mexicana desde a sua independência. Visualizamos a exibição de rasgados elogios a heróis da independência, como Morelos e Benito Juárez.

O autor também enalteceu os desenvolvimentos culturais mexicanos, destacando o artesanato, a cerâmica e as pequenas obras de arte de rua. Assim como gostou dos adornos em flores postos na frente das casas, da moda desfilada pelas mulheres e das festas do país. Como evidência, destacamos este trecho de seu relato: “A própria capital, cheia de casas e com múltiplas torres, uma pintura rica e altamente gratificante, original como poucas outras, inesquecível” (RATZEL, 2009 [1878], p. 117, tradução nossa)<sup>22</sup>.

De volta a Munique, em junho de 1875, Ratzel intensificou seu contato com Moritz Wagner e desenvolveu sua segunda tese de doutorado (habilitação para ensinar), desta vez em geografia, intitulada *Die chinesische Auswanderung. Ein Beitrag zur Cultur - und Handelsgeographie* (“A imigração chinesa. Uma contribuição para a cultura e geografia do comércio”). Nela, a geografia aparece pela primeira vez como objeto central do seu estudo, inclinando-se a respeito da imigração chinesa na Califórnia.

No referido trabalho, Ratzel estabeleceu talvez a sua primeira grande metáfora entre sociedade e o mundo orgânico, de fato, posicionado já dentro da perspectiva geográfica, quando mencionou que o crescimento populacional “flui sobre” as linhas fronteiriças formais do Estado, comparando o movimento com a fermentação do mel, que flui sobre as bordas do copo.<sup>23</sup> Essa obra também é a primeira na qual o termo “geografia cultural” é empregado.<sup>24</sup>

Tal tônica de metáforas acompanhou a trajetória do autor. Alguns trabalhos mencionam que Ratzel inseriu a metodologia biogeográfica na geografia<sup>25</sup>, mas, tratando-se de geografia humana, a metodologia estava, naquele momento, sendo tramada em ato.

Podemos verificar isso em conceitos como o de *Lebensraum*<sup>26</sup> (“espaço vital”), que parte do pressuposto de que cada organismo vivo necessita de uma quantidade determinada de

---

<sup>22</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em espanhol: “la capital misma, llena de casas y con múltiples torres, es un cuadro rico y altamente gratificante, original como pocos, inolvidable”. Extraído da obra original: *Friedrich, Ratzel. Desde México: Apuntes de viaje de los años 1874-1875*. Tradução: Lucía luna, Guillermo Zermeno-Padilla e Franz Termer. Ciudad de México: Herder. México, 2009.

<sup>23</sup> BASSIN, 1987a.

<sup>24</sup> SANGUIN, 1990.

<sup>25</sup> BINIMELIS, op. cit.

<sup>26</sup> Sanguin (1990) estabelece uma relação entre o conceito de *Lebensraum* e o fato de Ratzel ter crescido dentro de uma pequena casa circunscrita no palácio do Ducado de Baden. O ambiente particular, necessário à reprodução de firmamentos socioterritoriais, resguardaria óbvia importância, diante do macroespaço vislumbrado em sua adolescência.

território de onde deverá extrair o seu sustento. Sendo essa necessidade gerenciada pelo Estado, que teria de se manter atento à dinâmica populacional. Nesse momento inicial, o autor chegou a assemelhar a máquina estatal a florestas e rebanho de animais.<sup>27</sup>

Contudo, ao longo do desenvolvimento de sua trajetória científica, imerso na geografia, Ratzel amadureceu uma série de suas considerações em relação aos componentes orgânicos como mediações explicativas. O geógrafo se distanciou do darwinismo. Para ele, os evolucionistas se limitavam a trabalhar entre os paralelos de “estado primitivo” e “evolução” e não consideravam a dimensão geográfica, de tal maneira que, se eles encontrassem duas cidades circunvizinhas, uma estando geograficamente “atrás” da outra, os darwinistas automaticamente converteriam esse “atrás” em “abaixo”, mirando sempre em degraus de inferioridade da escala pela qual a sociedade subiu do estado primitivo ao pico da civilização.<sup>28</sup>

Na construção dessa concepção, no entanto, o próprio Ratzel admite ter partido das analogias e imagens comumente empregadas, “por aqueles que não estão preocupados com justificativas profundas” (Ratzel, 1988: 11), para se referir aos movimentos dos homens na superfície da Terra, tais como: “mer de peuples”, “flux de peuplement”, “îlot politique”, “isthme politique”. (Id., 1997a, s.p.).

A acusação de organicista não é evocada de forma pontual, voltada ao âmbito de verificação da correção científica em termos geográficos. Ela se insere no bojo crítico das ciências sociais, pois intenta para o discernimento desse autor como um darwinista social:

Tentaremos demonstrar que o edifício Ratzeliano é construído tomando emprestado da filosofia hegeliana do estado e das teses do darwinismo social [...] transpondo “a origem das espécies” diretamente para o campo social, enquanto rejeitando, sem criticar, a contribuição de “os descendentes de homem”. Spencer, Haeckel e Peschel irão elaborar o darwinismo social. É sobre uma filosofia da história que deixa um ótimo lugar para o organicismo, repousando, portanto, em um princípio explicativo da essência biológica, que estará na base de toda a obra de Ratzel, apesar ou por causa de seu hegelianismo. (LOPRENO e PASTEUR, op. cit., p. 152 e 157, tradução nossa)<sup>29</sup>.

No entanto, Ratzel relativizou expressamente esse “lugar ótimo” ao criticar a incorporação do progresso no evolucionismo atado ao desenvolvimento da humanidade:

<sup>27</sup> BASSIN, 1987a.

<sup>28</sup> CARVALHO, 1997a.

<sup>29</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Transposant «L'origine des espèces» directement dans le champ social [...] tout en rejetant, sans en faire pour autant une critique, l'apport de «La descendance de l'homme», Spencer, Haeckel et Peschel vont élaborer le darwinisme social. Il s'agit d'une philosophie de l'histoire qui laisse une grande place à l'organicisme, reposant donc sur un principe explicatif d'essence biologique, qui va se trouver à la base de toute l'oeuvre de Ratzel, malgré, ou à cause de, son hégélianisme”. Extraído do artigo original: *La pensée ratzélienne et la question coloniale (avec la collaboration de Gian Paolo Torricelli)*. LOPRENO E PASTEUR. *Éruduti*, v. 38, n. 84. P. 151-164, 1994.

Diante dessa teoria [do evolucionismo], encontramos outra que parte de uma ideia tão exclusiva e extravagante quanto a que preside a primeira, a saber, que o homem veio ao mundo como um ser civilizado e que os povos selvagens foram, desde então, submetidos a uma degradação... Esta última [teoria], agora muito desacreditada (talvez até demais, a nosso ver), traz menos perigos para a pesquisa do que a totalmente oposta, e aquela, expressa com toda a nudez abstrata, chega a ser reduzida às seguintes proposições: na humanidade há apenas esforço, progresso, desenvolvimento e de forma alguma retrocessos, decadência ou morte. O exclusivismo dessa forma de estudar não emerge claramente dessas afirmações? (RATZEL, 1888, p. 5, tradução nossa)<sup>30</sup>.

Retomando a crítica de Lopreno e Pasteur, observamos uma ampliação da concepção ratzeliana em relação às comparações estabelecidas entre o mundo orgânico e o aparelho estatal: “Notemos — em relação à noção de ‘estados humanos’ — que existe, no Darwinismo social ratzeliano, a noção de ‘estado animal’” (LOPRENO e PASTEUR, op. cit., p. 154, tradução nossa)<sup>31</sup>.

Bassin (1987a), apesar de produzir um trabalho que investigou criticamente a hegemonia de planos interpretativos que se desenvolveram sobre Ratzel, resgatando de forma arguta o contexto dos Estados-Nações europeus no século XIX, também produziu um entendimento similar no que concerne ao tema organicismo:

Alguns estudos posteriores, ansiosos para desassociar Ratzel, tanto quanto possível do temperamento darwinista social, citaram essas formulações como prova de que ele não compartilha a visão do Estado como uma entidade biológica [...] o tratamento nos mesmos termos de Ratzel do estado político, em termos biológicos, tais como padrões celulares, recifes de corais, formações rochosas, ou colmeias de abelhas, desmente esta tentativa de desassociação. O que quer que sejam as distinções que ele pode ter desenhado de forma mais fina, não há dúvida de que, em sua essência o Estado era pare ele completamente um organismo biológico, e foi realmente apenas nesta base que pôde justificar a conceituação geral de sua geografia política. (Ib., p. 489, tradução nossa)<sup>32</sup>.

<sup>30</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em espanhol: “Frente á frente de esta teoria, encontramos otra que parte de una idea, tan exclusivista y extravagante como la que preside á aquella, á saber, la de que el hombre ha venido al mundo como ser civilizado y de que los pueblos salvajes se hallan, desde aquel entonces, sometidos á una degradacion... Esta última, que está actualmente muy desacretidada (quizás demasiado, á nuestro modo de ver) entraña para la investigación menos peligros que aquella otra enteramente opuesta, y que expresada con toda la desnudez abstracta, viene á quedar reducida á la siguientes proposiciones: en la humanidad sólo hay esfuerzos, progresos, desarrollo y de manera alguna retrocesos, decadencia ni muerte. ¿No se desprende claramente de estas afirmaciones el exclusivismo de esta manera de estudiar? “. Extraído do livro: *Las Razas Humanas*. RATZEL, F. Barcelona: Montaner y Simon. V. 1, 1888 [1885].

<sup>31</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Notons — par rapport à la notion d'«Etats humains» — qu'il existe, dans le darwinisme social ratzélien, la notion d'«Etat animal»”. Extraído do artigo original: *La pensée ratzélienne et la question coloniale (avec la collaboration de Gian Paolo Torricelli)*. LOPRENO E PASTEUR. *Éruditi*, v. 38, n. 84. P. 151-164, 1994.

<sup>32</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em inglês: “Some later studies, eager to disassociate Ratzel as much as possible from the social Darwinian temperament, have cited these formulations as evidence that he haben nicht shares the view of the state as a biological entity [...] in biological terms, such as cellular patterns, coral reefs, rock formations, or bee hives, belies this attempt to disassociate. Whatever distinctions he may have most finely awaited, there is no doubt that at his essence the state was for him completely a biological organism, and it was really only on this basis that he could justify the general conceptualization of his policy geography”.

Ao que parece, Bassin trabalha de forma a considerar sinônimos as pechas “darwinista social” e “organicista”, mas, a despeito das diferenças conceituais entre ambas e não entrando no mérito sufixal dos “ista”, observamos que ele estabelece uma análise razoável quando identifica a referência recorrente ao mundo orgânico nos trabalhos de Ratzel, inclusive em relação ao Estado. No entanto, a consideração de nuances para com essas referências, na tentativa de calibrar tanto quanto possível as cadeias de sentido tracejadas pelo autor (tendo em vista a limitação desse tipo de movimento), não representa uma tentativa de dissociação, no sentido de ilibar Ratzel das suas intencionalidades em seu processo de escrita. Porém, elas, para nós, mais se aproximam da busca pela aquisição do “carimbo cientificista” consagrado aos naturalistas do que de um enquadramento da sistemática do evolucionismo de forma dogmática nas sociedades humanas.

Para alcançar maior amplitude na compreensão da comparação entre o Estado e um organismo efetuada por Ratzel, deve-se acessar o conceito de matriz romântica: *Ganzheit* (unidade) (MARTINS, 2001). O “organismo político” se diferencia do organismo fisiológico porque representa a vinculação do homem e da Terra, abarcando todos os objetos perceptíveis, materiais e imateriais. Em relação à organicidade não há diferença, pois o autor considerava tão natural quanto a fisiologia de um organismo, a sinergia entre o Estado, a identidade nacional e seu solo. No entanto, não se tratava de um engendramento de um ser vivo, encerrado em si e ativo por si mesmo, o processo era essencialmente relacional. Para ele, “a vida do Estado é feita pela ação de vínculo espiritual em seu fundamento material” (RATZEL, 1988a, p. 68, tradução nossa)<sup>33</sup>.

Na tradução em francês (1988a) da sua *Politische Geographie* (1903), é possível notar que Ratzel estabeleceu uma clara diferenciação entre o organismo estatal (de natureza sofisticada e animado por função política) e os organismos do mundo natural imperfeito, limitados em necessidades e carentes de catalisadores para busca. Ele não equacionava no mesmo patamar analítico esses dois elementos, como atestam os seguintes trechos:

A comparação do Estado com organismos superiores é infértil e, se tantas tentativas de abordagem científica do Estado como organismo permaneceram sem muito sucesso, a principal causa é o seu interesse exclusivo nas analogias entre um agregado humano e a estrutura de um ser orgânico [...] Schaffle de qualquer maneira mesmo considera que ainda é o organismo que oferece a melhor imagem do Estado, no

---

Extraído do artigo original: *Imperialism and the nation state in Friedrich Ratzel's political geography*. BASSIN, M. Sage journals, v. 11, n. 4. P. 473-495, 1987.

<sup>33</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir da tradução do original em francês: “la vie de l'État est faite de l'action du lien spirituel sur son fondement matériel”. Extraído da obra original: *Géographie politique*. F. RATZEL. Tradução: Pierre Rusch e Charles Hussy. Paris: Diffusion Economica, 365p, 1988a.

entanto, não acha que esta metáfora pode oferecer um verdadeiro ponto de apoio à ciência política. Também provaremos que está certo. Ele afirma que o Estado não é uma manifestação de vida orgânica, mas uma nova forma de vida social e a palavra órgão organismo certamente não esgota toda a essência do Estado. (Ib., p. 15 e 17, tradução nossa)<sup>34</sup>.

Ratzel foi inovador em relação ao objeto de análise, principiou alguns dos conceitos que seriam basilares até hoje para a orientação da ciência geográfica, conforme supracitado, e foi precursor de campos como a geografia humana, geografia política, geografia cultural, etnografia, biogeografia, etnologia etc., empreendendo essa dinâmica em perspectiva integrada e atento aos grandes temas. Ele se aventurou na tentativa de estreitar o laço relacional com o humano, o componente relacional humano-alteridade do qual a geografia depende para acontecer. No entanto, ao dirigir, de forma pioneira, um estudo em humanidades disposto a integrar fenômenos sociais e políticos aos fatores geográficos, tateou seus objetos seguindo os estímulos e possibilidades do ferramental científico-metodológico do século XIX. Isso rendeu a ele o estigma de organicista. A incompatível combinação de um novo campo de estudo com as exigências de complexidade ainda não preparadas pela labuta científica daquele tempo valeu, para o cientista que ousou cruzar essa fronteira, o delito da falta de razoabilidade comparativa.

### **O “esteticista da natureza”**

Palavras, frases e textos conformados a sentidos etimológicos de outro tempo, associados a circunstâncias sociais e de vida. Elementos impensáveis de serem grafados num “livro comercial”. Essa seria uma boa definição dos seus trabalhos menos conhecidos. Por lá o trinômio coligado física e espiritualmente entre Estado, território e povo exhibe-se com a potência, magnitude e seriedade com que seu artífice estimava. Analisar a importância atribuída por Ratzel, por exemplo, à instituição estatal ou ao fator territorial, despojado das expressões perceptivas, conteúdos semânticos e direções sentimentais desses textos pode acabar ensejando em apreensões pragmáticas que, palavra por palavra, distanciam-se dos nexos estruturais de suas postulações.

---

<sup>34</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir da tradução do original em francês: “La comparaison de tat avec des organismes supérieurs est inféconde et si tant essais pour approcher scientifiquement tat comme organisme sont restés sans grand résultat la cause principale en est intérêt exclusif porté aux analogies entre un agrégat humain et la structure un être organique [...] Schaffle quand bien même il considère que est encore organisme qui offre la meilleure image de l'État ne pense pas toutefois que cette métaphore puisse offrir un réel point appui la science politique On lui donnera aussi raison il affirme que l'État est pas une manifestation de la vie organique mais bien celui une nouvelle forme de vie sociale et le mot orga nisme épuise certes pas toute essence de l'État”. Extraído da obra original: *Géographie politique*. F. RATZEL. Tradução: Pierre Rusch e Charles Hussy. Paris: Diffusion Economica, 365p, 1988a.

A realização desse tipo de empreitada, inspirada pela metodologia agregadora de nosso protagonista, não significa renunciar à investigação sobre o “cientista Ratzel”, mas sim de integrá-la a aspectos sensíveis de seus textos, capazes de engrandecer nossa inteligência sobre suas comoções e suscetibilidades, significados e métodos e, ainda, épocas e particularidades. Pautar uma investigação sobre Ratzel deslocada dessas preocupações resultaria na análise de sua obra a partir dos paradigmas científicos da atualidade, possuindo, como matéria-prima, o diagnóstico de tachações apelativas e, como método, uma retroalimentação da interpretação incontestada.

Seria cômodo, por exemplo, colocar Ratzel diante dos obstáculos epistemológicos de Bachelard (1996) e apontar que ele governava seus estudos ao completo arripio do “espírito científico”, afixando-se violentamente ao obstáculo epistemológico verbal ao desenvolver suas analogias e metáforas complicadoras da compreensão. Poderíamos também apontar que o alemão rezava a cartilha do obstáculo epistemológico do “animismo” ao tentar dar vida à explicação de determinada paisagem. Como seria igualmente pertinente tachá-lo como um assujeitado ao obstáculo epistemológico do “substancialismo”, porque procurava atribuir qualidades a elementos inanimados, ilustrado pelo seu conhecido “espírito material das coisas”, recurso fortíssimo que desfilava por sua narrativa.

Diante disso, para além da exposição do conturbado ambiente político, social e moral da época com suas demandas, é crucial que estejamos de posse das complexidades atinentes às particularidades metodológicas preconizadas por Ratzel.

Nesse sentido, recuperemos a publicação póstuma de seus *Kleine Schriften* (“Pequenos Escritos”) (1906), que, apesar do nome, somaram pouco mais de mil páginas, selecionadas e organizadas pelos seus alunos Hans Helmont [1865-1929] e Viktor Hantzsch [1868-1910]. Estes se constituíram a partir da reunião de reflexões arquivadas e notas de gabinete sobre temas diversos. Escritos que vão desde antes da sua entrada no universo acadêmico (1867) até o ano de sua morte (1904). Felizmente, no âmbito nacional, Luciana Martins (2001), Seeman e Pedrosa (2019) e Oliveira e Seeman (2021) realizaram valorosas análises sobre esse conteúdo, e observaram que em tais artigos é possível encontrar um Ratzel desprendido da habitual rigidez acadêmica e do cuidado vigilante de emblemar, na forma disciplinar, o pensamento geográfico.

O monumental trabalho dos alunos contempla, no detalhe, a sua vasta bibliografia: “mais do que 1200 publicações, entre 35 livros, 543 artigos, ensaios, comentários, esboços biográficos, colunas de jornal e nada menos do que 635 resenhas de livros” (SEEMAN e PEDROSA, 2019, p. 139). Além da exposição dos trabalhos mais lembrados de Ratzel, foram resgatados livros completos nunca traduzidos, como a sua tese sobre a imigração chinesa, além

de *Wandertage eines Naturforschers* (“Dias de caminhada de um naturalista”), que mencionamos, de 1873; *Taschenbuch für Fußreisende* (1880b) (“O livro de bolso do caminhante”) em suas três edições entre 1880 e 1890; e *Die Schneedecke, besonders in deutschen Gebirgen* (“A cobertura da neve, especialmente nas montanhas alemãs” (1889)).<sup>35</sup>

Martins oferece uma perspectiva afinada com relação ao feitio, estilo e variedade desses pequenos escritos:

Encontra-se ora um Ratzel reflexivo, ora inflamado, ora crítico. Despojado da rigidez acadêmica, da preocupação da sistematização do pensamento geográfico enquanto disciplina, como em suas principais obras [...] Os artigos tratam desde a anatomia do *Enchytraeus vermiculares* a considerações sobre a fisionomia da Lua, glaciologia, etnografia, história, colonialismo na África, paisagens, panoramas, fotografia, escritos biográficos, geografia política, cidades, nacionalidades e raças. (MARTINS, 2001, p. 90).

Foram levantadas também as peças criadas pelo autor, produções que, além de apontarem para visualização de diferentes ciclos de interesse e vivência de Ratzel, atestam a diversidade temática e o seu temperamento poético. Nessa linha, ele preparou empreendimentos como “História do desenvolvimento da minhoca” (1868), “O ensino público na Birmânia Britânica e Assam” (1878), “Sobre a avaliação da antropofagia” (1878), “Uma acusação contra rodas de borracha em carroças que atropelam pessoas em silêncio” (1894), “O proposto canal da Nicarágua como alternativa ao canal do Panamá na América Central” (1897), “A taberna em aldeias na Alemanha” (1898) e “Contemplação da natureza a partir de um conto de fadas sobre a cactácea dama-da-noite” (1900).<sup>36</sup>

Um escrito que mereceu atenção foi *Glücksinseln und Träume: Gesammelte Aufsätze aus den Grenzboten* (“Ilhas de felicidade e sonhos: ensaios coletados da [revista] Os Mensageiros da Fronteira”), publicado um ano depois de sua morte (1905), e que contempla de forma densa as memórias das suas trajetórias pessoal e profissional. A seleção abrange recordações de infância e fotografias, além de diversas reflexões, como por exemplo *Die Sonnenfinsternis* (“O eclipse solar”), texto que expõe acontecimentos marcantes de sua infância, imagens da Guerra-Franco Prussiana e do hospital em que ficou, depois de ser ferido. O texto também expõe notações de caminhadas pelo sudoeste da Alemanha e numerosas obras e pensadores resenhados entre 1888 e 1904.<sup>37</sup>

Com relação ao arranjo geral, tive desde o início que me submeter a um desejo que o falecido também havia expressado em 1898. Dois volumes seriam publicados; dos

<sup>35</sup> OLIVEIRA e SEEMANN, op. cit.

<sup>36</sup> OLIVEIRA e SEEMANN, op. cit.

<sup>37</sup> OLIVEIRA e SEEMANN, op. cit.

quais o primeiro deve conter “escritos sobre ciência da paisagem”, o segundo “contribuições para a antropogeografia e etnografia”. Nesse quadro fundamentalmente fixado, porém, tratava-se agora de inserir o recheio correto do material transbordante, cuja seleção o autor havia aprovado com algumas exceções [...] Mas nesses casos eu disse: é melhor não cutucar e forçar demais! O que você está procurando aqui não é sabedoria que eu teria que adicionar às investigações de Ratzel, mas você quer vê-la sem perturbações, sem pintura e sem maquiagem. (HELMONT, 1906, p. 14 e 19, tradução nossa)<sup>38</sup>.

Mesmo com a professa disciplina esquemática para com o mestre, sabemos que não é possível produzir um escrito sem imprimir nele marcas subjetivas. E em termos de retratação fidedigna a tarefa também é fracassada, ainda mais no que se refere à busca de tendências regulares em um autor repleto de ideias entrecruzadas, antinômicas e sintonizadas por uma vida andarilha que instrumentalizava a sua paixão por narrar a natureza.

Ainda assim, seus orientandos realizaram um valioso esforço de aproximação, na tentativa de informar ao leitor o feitio ratzeliano de “escrever pela sua visão”. O seu comportamento de observador que fruía com e pela narração da paisagem, de forma a engajar sua motricidade em nexos rítmicos com a estética da natureza, foi retratado. Isto é, a harmonia de seu corpo junto à alteridade, perfazendo, dessa maneira, sua intensidade para captar os fenômenos em anexo ao imediato enquadramento associativo em ordem tópica. Tal aceção é realçada pela sua perseverante luta de diferenciação entre descrição e narração.

Nesse sentido, ele define que “a descrição pode ser uma simples justaposição de impressões, na ordem em que estão na natureza; a narração, por sua vez, aspira à reprodução da imagem completa, como se gravou na alma do observador, sendo que coisas principais se destacam e o não essencial recua” (RATZEL, 1906, p. 316-317 apud OLIVEIRA e SEEMAN, 2021, p. 7).

Em um outro trabalho, *Über Naturschilderung* (1906a) [1904]<sup>39</sup>, que foi dividido em três partes e teve o seu segundo capítulo de introdução, que analisava as relações entre arte e ciência, traduzido por Carvalho (2010), também podemos encontrar um Ratzel um tanto mais flexível, que pouco faz lembrar o rigor positivista sempre ostentado em análises hegemônicas

---

<sup>38</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Hinsichtlich der Anordnung im großen hatte ich mich von vorn- herein einem ebenfalls 1898 geäußerten Wunsche des Verstorbenen zu fügen. Es sollten zwei Bände herausgegeben werden; davon sollte der erste »Schriften zur Landschaftskunde c , der zweite »Beiträge zur Anthropogeographie und Ethnographiec enthalten. In diesen grund- sätzlich festgezimmerten Rahmen galt es nun aber aus dem überreich zuströmenden Stoffe, dessen Auswahl der Verfasser ja mit wenigen Ausnahmen freigegeben hatte, die rechte Füllung einzufügen [...] gewünscht. Doch meinte ich in solchen Fällen: besser ist's, nicht zu sehr gängeln und belasten! Was man hier sucht, ist ja nicht Weisheit, die i c h Ratzeis Untersuchungen etwa hinzuzufügen hätte, sondern ihn selbst will man ungefärbt und ungeschminkt vor sich sehn und un- gestört genießen”. Extraído da obra original: *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel*. HELMONT, H. Munique: Oldenbourg, V.1. 1906.

<sup>39</sup> O título da obra foi traduzido como: “Sobre a Interpretação da Natureza” por Carvalho (2010). Já para Oliveira e Seeman (2021) seria mais adequado: “Sobre a Narração da Natureza”.



de interpretação de sua obra. Calibrado com um espírito alegre, reflexivo, irônico, realizando interlocução com poetas, filósofos, naturalistas e com um estilo de escrita mais solto e afirmativo.

O autor mostra-se preocupado com os professores, com o ensino de geografia e os materiais didáticos, e sobretudo com o que ele acreditava ser a conversão da ciência geográfica em terríveis sínteses estatísticas. Mas o escrito excede o campo disciplinar, discutindo também a importância da noção de perspectiva, a iluminação de cores da fotografia e os problemas advindos da ausência de pintura em algumas obras. Ratzel defende a ampliação da integração entre diferentes disciplinas e reposiciona contribuições de românticos e naturalistas como aportes para a construção de conteúdos geográficos. Este, mais maduro, aponta a arte como um caminho para entender a natureza (deixando claro que não se tratava de uma ruptura com os parâmetros técnicos), defendendo que a subjetividade deve ter seu limite junto à ciência. A arte aparece como um caminho para entender a natureza. Arte e ciência deveriam se apoiar uma na outra mutuamente.

Em uma recente tradução do primeiro capítulo da introdução dessa mesma obra, intitulada *Descrição e Narração*, assinada por Oliveira e Seeman (2021), os autores nos possibilitam fixar as meditações de Ratzel em relação à insuficiência da análise puramente científica, e a sua necessidade de ser composta por contornos poéticos e artísticos se quiser alcançar camadas mais profundas na compreensão da natureza.

Ratzel destaca a importância de sentir o espaço, perceber o ritmo da paisagem e como as palavras escolhidas no ato narrativo, bem como as imagens e pinturas dispostas, influenciam nesse processo. Nesse sentido, aduz o autor que: “O ritmo musical consiste em descidas e subidas [do som] e assim também existem descidas e subidas no jogo das ondas na arrebentação tanto como nas dobras geológicas da montanha ou nas ilhas de um arquipélago”<sup>40</sup>.

Atribuindo à narração uma capacidade de desenvolvimento do lado artístico da geografia, Ratzel nos ensina que a prática narrativa filia o olhar ao todo, e não em relação a tipologias descritivas. Neste instante, torna-se necessário atribuir por si uma forma que sempre irá compor junto ao sentimento estético do pesquisador, qualidades que a objetividade descritiva não comportaria. Como ele bem ilustra: “Conhecemos a montanha? Claro que não! (...) Temos uma estrutura de linhas e cem detalhes; mas não a coisa como está no mundo”<sup>41</sup>.

O sentimento pela natureza (*Naturgefühl*) e o sentido da natureza (*Natursinn*) remetem à narração em cada um de nós; em outras palavras, o processo narrativo deveria ser produzido

<sup>40</sup> OLIVEIRA e SEEMANN, op. cit., p. 5 [1906, p. 85-85].

<sup>41</sup> Ib., p. 5 [1906, p. 19].

consubstanciado às sofisticadas diferenciações de cores, tamanhos, formas e cheiros que só fazem morada na alma do pesquisador, a partir do movimento criativo e ativo do conhecimento. Tais concepções são nativas do romantismo alemão, inspiradas sobretudo em Humboldt, especialmente em *Fisionomia das Plantas, II Tomo de Quadros da Natureza* (1808). Outra inspiração foi Perchel em *A formação dos Fiordes* (1868). Ratzel aponta essas obras como os melhores exemplos de narração da natureza. Tal base teórica se soma aos diálogos com naturalistas, poetas e filósofos como Georg Foster, Adalbert Stifter, Jean Paul, Christian Hebbel, Henrich Noé e Nikolaus Lenau.<sup>42</sup>

É manifesta a preocupação de Ratzel em tentar reter o instante, melhor dizendo, transpassar tanto quanto possível a comoção de seu ato perceptivo, e esse espírito literário alude à atitude romanesca de empenhar-se em imergir seu público em códigos cotidianos. A busca, em certo sentido, é por prevenir do pavor da monotonia e insipidez de suspender ou não adensar circunstâncias possíveis ao leitor. É claro que Ratzel não pensava uma ontogênese da percepção como Merleau Ponty, porém a sua crença na aproximação do conteúdo realístico através da liberação da excitação artística, articulada à trivialidade do mundo, retrata todo o peso atribuído pelo autor à experiência perceptiva. Os românticos, ao mesmo tempo em que sentiam a natureza como consubstância de tudo que existe, acreditavam que qualquer tentativa de expressão dessa força onipresente trombaria na imprecisão de diferenciar ser humano e natureza.

Sanguin (1990) destaca o aporte em “filosofia cultural” empregado à geografia pelas mãos de Ratzel. Raffestin, no posfácio da tradução de *Geografia Política* para o francês (1988a), chega a considerar que Ratzel “verdadeiramente construiu uma reflexão geográfica ao explicitar sua ontologia de essência ecológica” (RAFFESTIN, 1988a, p. 379). O “esteticista da natureza”, que é como Müller (1998-1999) o apresenta, enredava palavras, sentidos e sentimentos devotados a escancarar o pertencimento humano junto à organicidade do mundo.

A materialidade geográfica é processada a partir da experiência perceptiva e, para aprofundar a reflexão nesses termos, é necessário compreender como se processa a experiência perceptiva no corpo. Assim sendo, Merleau-Ponty (1999 [1945]) nos aconselha dizer que não há dualidade, não é o movimento seguido da percepção ou vice-versa. A percepção e o movimento do corpo integram o mesmo sistema que vai se metamorfoseando, ditado pelo sujeito que se abre para sua capacidade de poder agir no mundo de maneira intencional. Por isso existe, para o autor, um entrelaçamento entre o sensível e o inteligível, pois também não há dicotomia entre a intenção de perceber e a realização do ato perceptivo, num sentido de

---

<sup>42</sup> Id., 2021.

perceber percebendo: ao pensar intencionalmente na percepção, a prossecução da experiência perceptiva já foi iniciada. O perceber impacta diretamente no comportamento, já que toda vez que se manifesta, sacode as relações de contato do nosso corpo com o mundo e com outros percebidos que estão por vir.

O filósofo francês foi um crítico acerbo do idealismo transcendental, pois acreditava que o principal ator da experiência perceptiva é o corpo, e não uma espécie de consciência transcendental dissociada do aspecto corpóreo. A percepção não se restringe à capacidade intelectual, como quando ouvimos que determinado pensador tem “uma ampla percepção do quadro político atual”, ou apenas como um atributo sensível, quando um jogador de futebol “teve uma magnífica percepção da jogada que deveria ser realizada”. Para Merleau-Ponty, a percepção é a ação de remeter ao mundo de forma intencional; assim sendo, o fazer científico que busca aferir à distância é colocado em xeque, pois a percepção é dependente de um corpo situado, ela se desenvolve sempre a partir de um lugar.

E se existiu um corpo que se “situou” em inúmeros lugares no século XIX foi o de Ratzel. A sua paixão por longas caminhadas exploratórias e subidas fatigantes pelos alpes desenvolveu-se ao longo de uma vida, até seu médico proibi-lo de realizar qualquer exercício físico mais forçoso, em virtude da frágil condição de seu coração.<sup>43</sup> Na obra *O Livro de Bolso do Caminhante*, ele traz orientações específicas sobre os tipos de equipamentos que se deve levar em uma expedição. O texto ainda aconselha sobre como se portar em pousadas, companhias de viagem e até planejamento do tempo, tecendo indicações vigilantes acerca de viagens em países estrangeiros e comportamento entre viajantes desconhecidos. Essa volúpia o acompanhou literalmente até o final de sua vida, quando faleceu subitamente enquanto caminhava em direção à casa de um amigo às margens do lago Starnberg, na Baviera, em 9 de agosto de 1904, semanas antes de completar 60 anos.<sup>44</sup>

O autor enfatiza a influência da harmonia entre corpo e mente para uma experiência de caminhada satisfatória:

Com apatia mental o corpo também ficará pesado; por outro lado, nada consegue mais vitalizar o cansaço e o ajuda a aguentar todas as queixas com um certo entusiasmo que um interesse mental, desde o sentido geral da beleza da paisagem ao estudo especializado do geólogo ou conhecedor de plantas. E será que algo seria capaz de dar à nossa mente um impulso maior e ao nosso sentido mais capacidade de absorção e perspicácia, que o frescor corporal que adquirimos pelas caminhadas? (RATZEL, 1888, p. 58 apud OLIVEIRA e SEEMAN, 2021, p. 7).

---

<sup>43</sup> HELMOT, 1906.

<sup>44</sup> LÜDECKE, op. cit.

De volta a Munique<sup>45</sup>, estamos em 1876, e desde a morte inesperada por cólera de Hermann Guthe, em 1874, uma cadeira permaneceu vaga no Instituto Técnico de Munique. Incentivado por Zittel, Wagner e pelo geógrafo e matemático Siegmund Günther [1848-1923], ele se candidatou à vaga. Após a notável palestra avaliativa sobre “As montanhas rochosas da América do Norte”, em dezembro de 1875, o recém-habilitado em Geografia, Ratzel, foi aceito para trabalhar no instituto. Por lá, desenvolveu intensa atividade de palestras, cativando rapidamente a juventude estudantil. Ele publicou os trabalhos sobre as viagens as quais referenciamos, além de produzir o primeiro volume da *Antropo-Geografia* em 1882, ainda com hífen e com o subtítulo *Fundamentos de aplicação da geografia à história*, diferente da segunda edição *Antropogeografia: A distribuição geográfica do homem*, de 1891, e mais divergente ainda da segunda edição modificada de 1899. Ratzel elaborou também a primeira edição de *Völkerkunde* (1885).

Um ponto interessante sobre a passagem de Ratzel por Munique foi a sua pronta disposição em oferecer palestras geográficas, quando finalmente foram criados cursos para mulheres na universidade, em 1878. Ele se mostrou favorável à ideia, sobretudo após observar a “avançada educação das mulheres estadunidenses”: “Pelo menos estou convencido de que o aumento da educação das mulheres trará vantagens inimagináveis para as mulheres alemãs em particular” (RATZEL, 1878 apud LÜDECKE, op. cit., p. 28, tradução nossa)<sup>46</sup>.

Em Munique, Ratzel esteve profundamente envolvido com a formação de professores de geografia, encantava e exigia de seus orientandos, como Franz Bayberger [1853-1815] e Michael Geistbeck [1858-1906]. Isso se modificaria com a badalação intelectual de Leipzig. Ratzel não deixou de ser um docente aplicado à sua prática e até escreveu sobre esse tema (1898), como mostraremos a seguir, mas o agigantamento de sua figura, somado à profusão de

---

<sup>45</sup> As suas anotações dão conta de que Ratzel adorava a vida em Munique. A cidade à época contava com o maior museu geológico-paleontológico, uma vasta coleção de minerais, um excelente herbário, o Museu Nacional, o Gabinete da Moeda e grandes arquivos. O fato de não existir um contraste tão gritante entre diferentes classes e profissões como em outras cidades, possibilitando o contato próximo com outros acadêmicos, poetas e artistas era apreciado por ele. Nas noites de quarta-feira, Ratzel costumava se reunir com Wagner para debater sobre socialismo e política colonial, tentando convencer seu mentor da superpopulação iminente. Ele também foi apresentado ao círculo de amigos de Rosalie Braun-Artaria, influente escritora da vida intelectual de Munique, que à época realizou um importante “chá literário-estético” em seu apartamento, evento significativo para inserção de Ratzel nos circuitos universitários da cidade. Assim que chegou em 1875, ele passou a integrar a Sociedade Geográfica de Munique e sua participação foi notável, particularmente, porque durante uma reunião em 1877, sugeriu um tom mais científico na organização, sugestão que foi prontamente aceita. Em 1883, foi eleito membro da Academia Alemã de Ciências Leopoldina e, em 1885, membro correspondente da Academia de Ciências da Baviera. Afora o aspecto profissional, Munique também o cativava pela descontração. Ele não abria mão de ir à famosíssima cervejaria Hofbräuhaus para tomar um litro de cerveja, que ele teria descrito como “curativa por causa de sua pureza” (LÜDECKE, op. cit.).

<sup>46</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Ich bin wenigsten überzeugt, daß die Hebung der Frauenbildung gerade den deutschen Frauen ungeahnte Vorteile bringen wird”. “Friedrich Ratzels Zeit in München (1875-1886)”. LÜDECKE. Berichte zur Wirtschaftsgeschichte, v. 25. P. 24-39, 2002.

eventos acadêmicos e à tensão daquele centro que clamava por publicações, o chatearam em alguma medida. Nas memórias de Wilhelm Ostwald [1853-1932], que foi colega de Ratzel em Leipzig, é possível encontrar uma passagem em que o fundador da antropogeografia teria confessado o arrependimento de ter trocado o trabalho em Munique pela posição em Leipzig<sup>47</sup>.

O fato é que, em 1886, com a morte de Oskar Peschel [1826-1875], Ferdinand von Richthofen [1833-1905] foi transferido para Berlim, deixando uma cadeira de Geografia vaga na Universidade de Leipzig, considerado o maior centro editorial e capital intelectual da Alemanha Imperial. Ratzel foi convidado para ocupar o cargo.<sup>48</sup>

Este período que segue é marcado por uma profusa produção literária. Ratzel lançou suas obras que obtiveram maior impacto nos circuitos acadêmicos: o segundo volume, e o segundo volume alterado da *Anthropogeographie*; os segundo e terceiro volumes de *Völkerkunde* (1887-1888), que foram reeditados em outros dois volumes em 1894-1895; além da *Politische Geographie* (1897) (“Geografia Política”) e dois volumes de *Die Erde und das Leben* (1901-1902) (“A Terra e a Vida”). Este último constituiu-se como um estudo de geografia comparada. Um manifesto a respeito da importância de compreender as inter-relações dos fenômenos da superfície terrestre e a impossibilidade da assimilação fragmentada. Também escreveu, em 1898, um trabalho dedicado ao ensino primeiro na Alemanha (*Deutschland, Einführung in die Heimatkunde*), inspirado pela experiência de ensinar geografia às suas jovens filhas Hedwing e Lila.

Em Leipzig, Ratzel foi um professor ativo, fez abrir cátedras universitárias, organizou e dirigiu a *Bibliothek geographischer Handbücher* (“Biblioteca de Manuais Geográficos”), uma preciosa coleção de tratados que abrigava a *Gletscherkunde* (Glaciologia) de Heim, a *Ozeanographie* (“Oceanografia”) de Bogulawski e Krümmel, a *Morphologie* (“Morfologia”) de Penck e a *Klimatologie* (“Climatologia”) de Hann.

Ele suportou tudo [deu suporte a todos], se encaminhava ao trabalho por meio de seus conselhos e por seu próprio exemplo; assim ele conduziu até doutorar uma série de professores primários. Assisti, em janeiro de 1904, a alguns de seus cursos: o número de ouvintes excedia a 300 [...] Os antigos alunos de Ratzel ocupam agora numerosas cátedras de geografia na Alemanha. (BRUNHES, 2015, p. 275 [1904].

Entre seus alunos, havia um grupo privilegiado que ele coordenava, que se reunia uma vez ao mês, para, numa cafeteria ou cervejaria, celebrar as “Noites Geográficas” (*geographischen abends*). Debatiam temas focalizados na geografia e contavam com a presença de teóricos e pesquisadores como: Alfred Hettner [1859-1941], Ellen Semple [1863-1932],

<sup>47</sup> LÜDECKE, op. cit.

<sup>48</sup> SANGUIN, 1990.

Hans Helmolt, Emmanuel de Martonne [1873-1955] e Jean Brunhes [1869-1930]. O primeiro relatório dessas reuniões data de 1901. Um outro encontro de estudos noturnos em que Ratzel esteve envolvido foram as “Sextas Filosóficas”. Neste caso, as conferências ocorriam semanalmente para discutir questões filosóficas fundamentais da natureza e do homem. Este último era composto de outros três pesquisadores: o químico Wilhelm Ostwald [1853-1932], o historiador Karl Lamprecht [1856-1915] e o filósofo e psicólogo Wilhelm Wundt [1832-1920]. Esses encontros de sexta-feira frutificaram no que viria a ser o “Círculo de Leipzig”<sup>49</sup>, grupo que cresceu e concentrou a fina flor da intelectualidade alemã da época, inserindo Ratzel em estudos das mais variadas facetas do conhecimento (história, psicologia, sociologia, teologia, química e física).

Retornando a alguns fundamentos filosóficos de seu pensamento, notamos que um aspecto que reveste de maneira regular a literatura ratzeliana compete à inquietude em descobrir a melhor forma de compreender a realidade, convencido de que o ponto de partida dessa reflexão deve ser o sujeito pensante. Rastro que denota a aceitação ao idealismo alemão hegeliano em associação às influências de Fichte [1762-1814] e Schelling [1775-1854].

“A necessidade geral da arte é a necessidade racional que leva o homem a tomar consciência do mundo interior e exterior e a fazer um objeto no qual se reconheça a si próprio” (HEGEL, 1997, p. 39 [1835]). “Por meio deste Poder [de se perceber como um esquema de um esquema], eu irei, portanto, dentro de sua esfera — o Mundo dos Sentidos — produzir e tornar manifesto aquilo que eu reconheço como meu verdadeiro Ser no Mundo Super-Sensual” (FICHTE, 2009 [1807-1808], p. 183, tradução nossa)<sup>50</sup>.

A natureza deve ser o espírito visível, o espírito a natureza invisível. Aqui, portanto, na absoluta identidade do espírito em nós e da natureza fora de nós, tem de resolver-se o problema de como é possível uma natureza fora de nós. (SCHELLING, 1856 apud SCHIMIED-KOWARZIK, 2014, p. 55).

Desse modo, o pensamento de Ratzel foi se moldando, pretendo a reunir conhecimento, arte e paixão como forma de escavar a complexidade do real. Perfazendo a índole da ciência que acessa o saber pelo plano da aparição ao qual chega o pesquisador, plano tracionado pela

<sup>49</sup> O nome “Círculo de Leipzig” foi amplamente reproduzido na literatura revisionista e pode acabar dando a falsa impressão de que foi uma denominação elaborada pelos próprios organizadores. Essa designação foi formulada por André-Louis Sanguin (1990), inspirado pelo “Círculo de Viena”. À época o “Círculo de Leipzig” seria melhor identificado entre seus membros como “Sextas Filosóficas”.

<sup>50</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir da tradução do original em inglês: “By means of this Power, I shall therefore, within its sphere, — the World of Sense, — produce and make manifest that which I recognise as my true Being in the Supersensuous World”. Extraído da obra original: *The Popular works of Johann Gottlieb Fichte*. J. FICHTE. Tradução: William Smith. Charleston: BiblioBazaar, 492p, 2009 [1807-1808].

dialética entre as crenças do sujeito e as verdades do objeto. Enxergar elos entre sujeito e objeto, fenômeno e objetividade, compreensão e sensibilidade foram preocupações que o dominaram ao longo de sua carreira.

O “Círculo de Leipzig” foi um marco significativo em sua trajetória, pois, além das bases de Leibniz, as discussões continham um forte apelo à proposta neokantiana de Rickert e Windelband. O neokantismo foi um movimento que se consolidou na Alemanha a partir de 1860 e correspondia a uma proposta frontalmente oposta ao idealismo alemão. Esta é uma corrente longe de ser homogênea, mas, no caso de Leipzig, o que predominava eram as noções da escola do sudoeste (Baden), reconhecida pela crença de que mais importante do que a ontologia e a metafísica era compreender os limites da cognição humana (LOBO, 2018).

A questão primordial do círculo era identificar formas de validar o conhecimento, numa tentativa de buscar a expressão do objeto investigado em seu significado individualizado. Entender as estruturas singulares que se harmonizam por conceitos individuais relacionados. Dito de outra forma, se é impossível descobrir o saber apriorístico das coisas e a apreensão de alguém é sempre limitada e parcial, a forma do sujeito identificar os objetos sempre será mediada por conceitos. Assim sendo, os conceitos devem respeitar diferenciações atinentes às diferenciações dos objetos analisados na realidade, como na fórmula do discípulo de Rickert, Max Weber [1864-1920]:

Aspiramos ao conhecimento de um fenômeno histórico, isto é, significativo na sua singularidade. E o que aqui existe de decisivo é o fato de só adquirir sentido lógico a idéia de um conhecimento dos fenômenos individuais mediante a premissa de que possuirá uma significação. Inclusive, com o mais amplo conhecimento de todas as “leis” do devir, ficaríamos perplexos ante o problema de como é possível em geral a explicação causal de um fato individual, posto que nem sequer se pode pensar, de modo exaustivo, a mera descrição do mais ínfimo fragmento da realidade. Pois o número e a natureza das causas que determinaram qualquer acontecimento individual são sempre infinitos, e não existe nas próprias coisas critério algum que permita escolher de entre elas uma fração que possa entrar isoladamente em linha de conta. (WEBER, 2008 [1904], p. 36).

Ante o exposto, identificamos que Ratzel experimentou um ambiente intelectual orientado pela especificidade dos tipos de saber, com a filosofia servindo como instrumento de rigor da utilidade científica. O exercício reflexivo possibilitado por tal estímulo teórico contrastante permitiu a revisão e o apuramento de algumas de suas ideias, como a inclusão das contradições entre disposições culturais e movimentos individuais em sua prática, pontuando agora a importância das palavras (conceitos) no engendramento narrativo. Esse processo deveria ser movimentado pela racionalidade e espiritualidade de um Ratzel ávido por associar

seus apetites artísticos, filosóficos, estéticos e pedagógicos. Outro efeito observado pós-Leipzig foi a diminuição da influência etnográfica de Wagner em seu pensamento.<sup>51</sup>

Doravante, nosso autor renovou sua proposta teórico-metodológica para a geografia, agrupando um conglomerado de expedientes do conhecimento de forma aberta, expondo as contradições da vida *fática* em relação ao labor científico. Ele procurou integrar a arte e a filosofia articuladas ao romantismo alemão, defendendo a abordagem ampla dos fenômenos, sendo integralmente conduzida pela batuta do pesquisador dedicado a narrar a natureza. Tal aspecto foi amplamente debitário das discussões em Leipzig, isso porque um dos pilares para o grupo era não utilizar a palavra como se referindo a uma ideia geral. Ou seja, para eles, a palavra mais se aproximava de uma expressão simples, de aspectos que faziam parte da experiência pessoal de cada pessoa, do que da generalidade social que houvera grudado nela. Esta, ao contrário, retiraria a sensibilidade do sentido. Entendendo a condição argumentativa e retórica desenvolvida por Ratzel desde então, depreendemos que o autor riscava seus termos mais associados a objetos envolvidos em sua experiência de pesquisa do que com relação a generalidades semânticas.

O projeto interdisciplinar ratzeliano, do qual deriva a geografia humana, esteve imbuído em explicar questões essenciais para o conjunto das ciências humanas, levando em conta a apreensão do objeto sob perspectivas históricas, geográficas, econômicas e até psicológicas. Uma das pibas para captar o ineditismo da sua proposta se dá quando concebemos a sua obstinação por apreender movimentos e contradições da totalidade, de forma a considerar dialeticamente a tensão em contradição de distintas “verdades científicas”, a partir do encontro entre presumidas oposições (perante a lógica formal) pertencentes às ciências naturais e humanas. A possibilidade de nexos criativos entre os domínios científicos naturais e humanos foi viabilizada, em larga medida, a partir do legado da dialética hegeliana.<sup>52</sup>

Hegel desenvolve, de modo logicamente articulado, dois campos de reflexão e construção racional de sua “filosofia da história”. Estes campos acometem, na verdade, qualquer possibilidade de uma “teoria da relação” na ciência geográfica, [...] posto que a dimensão relacional da processualidade histórica, e, sobretudo, a contradição (categoria tão cara a Hegel e a Marx, em campos opostos) se encontra largamente impregnada de processos especulativos da ontologia idealista. (FULINO e SOUZA, 2021, p. 10).

Ratzel, assim como grande parte dos intelectuais universitários alemães do século XIX, teve contato com as teorias de Hegel, no entanto, esta influência deve ser apreciada de maneira cuidadosa, pois trata-se de uma aproximação complexa, nuançada, revestida de

---

<sup>51</sup> SANGUIN, 1990.

<sup>52</sup> LEFEBVRE, 1991.



engendramentos históricos desnivelados e constituída de aproximações e distanciamentos que nos orientam a proceder leituras menos óbvias e simplistas.

Ele experimentou a formação intelectual da segunda metade do século XIX, época em que a influência de Hegel, apesar de ainda significativa, havia perdido o vigor quando comparada ao período que vai das primeiras décadas oitocentistas até 1848<sup>53</sup>, e, portanto, apreensões críticas de sua obra já circulavam com certa abrangência. O imperativo da lógica formal, traduzido em estratégias políticas e científicas voltadas ao desenvolvimento do capitalismo, produziu um apequenamento da dialética hegeliana na Europa. Já em neo-hegelianos, também conhecidos como “jovens hegelianos” ou “hegelianos de esquerda”, como David Friedrich Strauss [1808-1874], Max Stirner [1806-1856] e Ludwig Feuerbach [1804-1872], é possível identificar, a despeito de suas restrições ao pensamento de Hegel, uma considerável crítica às tendências empiristas do positivismo lógico e à moral utilitarista que se impunham sobre a dialética.<sup>54</sup>

Não é possível admitir que Ratzel se aferrou à dialética de maneira consciente e literal, todavia, também divergimos dos que acreditam que essa perspectiva não se faz presente em suas reflexões teóricas e condutas metodológicas, como no seguinte exemplo: “Se a visão ratzeliana do objeto geográfico pode ser considerada materialista, não há maneira de avaliá-la como histórica ou dialética. As suas posições metodológicas se encarregam de não deixar nenhuma dúvida quanto a esse respeito” (MORAES, 1990, p. 12). A citação se insere num contexto de crença de Ratzel como alguém dominado pelo método positivista e suas leis naturais. Essa relação, assim como a inclinação analítica que descrevemos, foi trazida ao debate nacional por Moraes (1983):

Fichte, Schelling e Hegel não são priorizados na discussão ratzeliana. Ele vai inclusive explicitar que em sua opinião estes autores tiveram um descaso para com os temas geográficos. Ratzel atribui isso à concepção de história universal, por eles assumida, muito restrita geograficamente. Ratzel diz que Fichte seria o mais explícito, restringindo seu horizonte à ‘Europa, sede da civilização’. Comenta também a ideia de Hegel de que só haveria história havendo evolução, o que deixaria de fora do cenário da evolução da humanidade os povos naturais. Conclui que tais autores acabariam por tomar uma ‘história particular’ pela ‘história universal’ (p. 321).

Tal apreensão escora-se num trecho de *Anthropogeographie* (1909 [1898]), no qual Ratzel criticou nominalmente o filósofo idealista, o que pode ter produzido uma compreensão de que existiam incontestáveis incompatibilidades entre suas propostas filosóficas e teóricas.

---

<sup>53</sup> NETTO, 2011.

<sup>54</sup> REPA, 1996. CHAGAS, CARVALHO e OLIVEIRA, 2018.

[...] a filosofia da história não apresentou luz à historiografia, a qual se tornou sinônimo de previsão histórica. Pode-se dizer que toda a direção construtiva da filosofia histórica alemã não seria viabilizada se o elemento geográfico tivesse sido levado em conta mais profundamente por aqueles cientistas. Kant, um grande amigo e especialista da geografia, deu os primeiros passos por um caminho que Fichte, Schelling e Hegel seguiram depois, chegando a conclusões geograficamente absurdas [...]. Porém, a atrofia do conceito de história se manifesta mais claramente em Hegel, para quem, de acordo com uma expressão sua frequentemente citada, é apenas história “aquela que constitui uma época essencial no desenvolvimento do espírito humano”, e que, portanto, não apenas a zona glacial e a zona tórrida devem ser excluídas do quadro da consideração histórico-filosófica, “porque o frio e o calor são forças muito poderosas para permitir que a mente construa um mundo próprio, mas igualmente a África, na medida em que não se observa por aqui nenhum movimento de desenvolvimento para mostrar”, e a América, cujos pensadores mais ágeis e modernos exclui, no entanto apenas formalmente, para depois “mostrá-los em perspectiva e absorvê-los”. Essas ideias não têm absolutamente nada de geográfico, elas não mostram absolutamente nada em termos de ampliação dos horizontes, que é sempre a consequência necessária e mais importante dos estudos da geografia, mas expressam um profundo deslumbramento diante da natureza das coisas. (RATZEL, 1909 [1898], p. 56, tradução nossa)<sup>55</sup>.

A crítica remete falta de atenção aos elementos geográficos por parte destes autores, o que ensinaria numa visão histórica limitada, guiada por uma “história universal da civilização” restrita à Europa e absorva a outros “fios civilizacionais”, os quais constituíram a própria história europeia, como a civilização chinesa e a indiana. Com relação a Hegel, o protesto se estende à limitação de horizontes intelectuais. Para Ratzel, a noção do filósofo idealista de considerar determinado elemento como “histórico” apenas se este estiver vinculado à idealidade da “evolução do espírito humano”, representaria um contrassenso sob a perspectiva dos estudos geográficos. Seria como se apenas aquelas épocas “essenciais na evolução do espírito humano” pudessem representar a história, opondo-se a este juízo fragmentado, reclamando a exclusão da

---

<sup>55</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “In dieser Beziehung hat der Geschichtschreibung die Geschichtsphilosophie nicht die Leuchte vorgetragen. Ein Grundfehler der üblichen philosophischen Betrachtung der Geschichte ist auch wieder Mangel an geographischer Einsicht, die hier gleich- bedeutend wird mit geschichtlicher Weitsicht. Man kann sogar sagen, daß die ganze konstruktive Richtung der deutschen Geschichtsphilosophie unmöglich gewesen wäre bei einer gründlicheren Berücksichtigung des geographischen Elementes in der Geschichte. Kant, dieser große Freund und Kenner der Geographie, tat die ersten Schritte auf einem Abweg, den Fichte, Schelling und Hegel bis zu einem geographisch absurden Punkt verfolgten. Am deutlichsten aber tritt die Verkümmernng des Begriffes Geschichte bei Hegel hervor, bei dem, nach einem vielzitierten Ausspruch, nur das Geschichte ist, „was eine wesentliche Epoche in der Entwicklung des Geistes ausmacht“, und wo wir demnach nicht nur die kalte und die heiße Zone aus dem Rahmen der geschichts- philosophischen Betrachtung ausgeschlossen finden, „weil Kälte und Hitze da zu mächtige Gewalten sind, als daß sie dem Geiste erlaubten, sich eine Welt aufzubauen“, sondern auch Afrika, das „keine Bewegung und Entwicklung aufzuweisen hat“, und Amerika, das indessen dieser bewegchere, modernere Geist nur formell ausschließt, um es dann doch „in der Perspektive zu zeigen und aufzunehmen“. Wie sehr sind diese Ideen ungeographisch, wie zeigen sie so gar nichts von der Erweiterung des Horizontes, welche die wichtigste Folge geographischer Studien notwendig immer sein muß, und welche bis zur Un- gerechtigkeit gehende Verblendung gegenüber der Natur der Dinge lassen sie erkennen”. Extraído do livro: *Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte*. RATZEL. Stuttgart. Verlag von j. Engelhorn. V.1. 1909 [1898].

África e Américas na condução hegeliana.<sup>56</sup> O autor criticou Comte por esta mesma conduta, aduzindo aos problemas metodológicos de sua análise, centrada em povos brancos da Europa Ocidental. Dessa maneira, para Ratzel, a “história universal” tal como entendida por essas filosofias da história estaria distante de refletir a história da humanidade [sic!], bem como a história da própria Europa, pois o movimento histórico se conecta a todo o planeta.

Todavia, a crítica a estes elementos, especialmente os concernentes a Hegel, correspondem a refinamentos metodológicos produzidos mediante uma adesão substancial de seus pressupostos filosóficos por parte de Ratzel. De *prima facie*, devemos conceber que Hegel não considerava a geografia como uma das ciências naturais, e sim como parte fundamental da história<sup>57</sup>, a apreensão desse aspecto foi uma pedra angular para a construção do projeto antropogeográfico. Também estruturante e inclinada à condução dialética está a apropriação feita por Ratzel do Estado em Hegel, talvez o autor que mais motivou sua concepção idealista de Estado, e conseqüentemente a conformação da tensão morfofuncional correlata a sua geografia política.

Sem deixar de interagir com a “totalidade orgânica” e suas leis naturais, Hegel se opõe à ideia de “direitos naturais”, aqueles concebidos como direitos do indivíduo, isto é, um “direito orgânico natural”. Para ele, as determinações objetivas da cultura engendram uma natureza universal na moralidade particular e subjetiva de um povo, extrapolando o âmbito individual e familiar para se fundir ao conjunto da sociedade. Dessa forma, Estado seria o “espírito objetivo” capaz de materializar a moralidade objetiva e a libertação superior.<sup>58</sup>

Raffestin, Lopreno e Pasteur (1995) indicam que a apreensão dos fundamentos hegelianos por parte de Ratzel foi mediada a partir da leitura de Ernst Kapp [1808-1896], filósofo e geógrafo alemão radicado nos Estados Unidos, discípulo de Ritter e Hegel. A incorporação da “identidade espiritual” de um povo na forma da maior expressão da razão humana, o “Estado hegeliano”, envolveu-se às bases naturalistas e às concepções nacionalistas de Ratzel, ingredientes teóricos bem relacionados na estrutura teórica de Kapp.

Para o cientista germano-estadunidense, um povo desenvolve-se em correspondência ao seu solo, numa síntese dialética em que o Estado se projeta no território, ao mesmo tempo em que o território se projeta nele. Esse processo reflexivo e sempre atualizado marca uma

---

<sup>56</sup> “Ce que nous comprenons en somme sous le nom d'Afrique, c'est un monde a-historique non développé, entièrement prisonnier de l'esprit naturel et dont la place se trouve encore au seuil de l'histoire universelle” (O que entendemos em resumo sobre a África é um mundo a-histórico não desenvolvido, inteiramente prisioneiro do espírito natural e cujo lugar ainda se encontra no limiar da história universal) (Hegel, 1965, p. 269, tradução nossa).

<sup>57</sup> HEGEL, 1997 [1820]. CHATELET, 1976.

<sup>58</sup> FULINO e SOUZA, 2021.

compreensão do próprio Estado e seu território, projetados entre si, inaugurando marcos referenciais complexos, ao compasso da naturalização da cultura e da culturalização da natureza.<sup>59</sup> “Ideia é a unidade da natureza e do espírito, da terra e do homem, mediada pelo trabalho do homem, aparecendo como afeição eterna” (KAPP, 1845, p. 90, tradução nossa)<sup>60</sup>. “Não se repete com frequência suficiente que a natureza só atinge a sua verdadeira essência através da sua relação com o homem. A criação de natureza só se realiza através do homem” (KAPP, 1868, p. 446, tradução nossa)<sup>61</sup>.

Em Ratzel, o progresso incontornável na direção da consolidação estatal vincularia-se a esses laços cada vez mais estreitos entre sociedade e o solo que a sustenta, denominado de “*Halt am Boden*” (suporte de solo) no segundo volume de *Antropogeographie* (1891), e de “*Halt am lande*” (suporte da terra) em *Der Lebensraum: eine biogeographische Studie* (1901) (“O Espaço Vital: um estudo biogeográfico”)<sup>62</sup>. A imagem do Estado como organismo espiritual da história que cumpre função ética, dinamizando e comunicando os simbolismos do progresso, vinda de Hegel, corrobora com a atitude metafórica do universalismo naturalista e a superação de particularidades.

O idealismo que constitui a soberania é a mesma condição que faz que, num organismo animal, suas chamadas partes sejam, não partes, mas membros, momentos orgânicos que, quando isolados e existentes para si, são a doença (cf. Enciclopédia, § 293Q). O mesmo princípio aparece no conceito abstrato da vontade (cf. §§ 279s ss.) como a negação da negação e como universalidade que se dá à individualidade (§ 7fi). Toda particularidade e determinação são nesta ultrapassadas. É o princípio fundamental definindo-se a si mesmo. Para compreender a soberania, é preciso possuir a noção do que é a substância e a verdadeira subjetividade do conceito. (HEGEL, 1997 [1820], p. 253).

Não é correto impugnar traços do positivismo, do princípio da causalidade, anexos a essa estrutura da inteireza e interação dinâmica das linhas de Ratzel. Entretanto, como pudemos brevemente acompanhar, ao longo da sua trajetória científica e pessoal, existiram flagrantes momentos de desencanto com o positivismo, assim como um esgarçamento da lógica formal à medida que a grandeza de seus temas solicitava cada vez mais cruzamentos entre os saberes e

<sup>59</sup> KAPP, 1845; 1868.

<sup>60</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Idee ist die durch die Arbeit des Menschen vermittelte Einheit von Natur und Geist, von Erde und Mensch, erscheinend als ewige Liebe.”. Extraído do livro: *Philosophische oder vergleichende allgemeine Erdkunde als wissenschaftliche Darstellung der Erdverhältnisse und des Menschenlebens nach ihrem innern Zusammenhang*. KAPP. Braunschweig. Verlag von George Westermann. V.2. 1845.

<sup>61</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Nicht oft genug kann wiederholt werden, dass die Natur erst in ihrem Verhältnis zum Menschen zu ihrer Wahrheit kommt. Die Schöpfung der Natur ist erst in Menschen vollendet, nur für ihn ist sie da”. Extraído do livro: *Vergleichende allgemeine Erdkunde in wissenschaftlicher Darstellung*. KAPP. 2ed. Braunschweig. G. Westermann. 1868.

<sup>62</sup> LOPRENO e PASTEUR, 1994.

um consequente manejo dialético dessas contradições. Seu protesto contra a linearidade e a hierarquia do desenvolvimento científico era feito abertamente:

Querer espremer o desenvolvimento da antropogeografia em um esquema da história geral das ciências revela que positivistas e outros filósofos da história não conhecem não apenas o curso do desenvolvimento dessa ciência, mas o das ciências em geral. A ciência da antropogeografia já está presente em Herder, ou pelo menos no plano de Ritter e em muitas ideias básicas, mas falta uma coisa: as tarefas individuais. Em particular, a ideia de uma sucessão necessária das ciências (hierarquia), recorrente entre os positivistas, da qual concluem que o método histórico só poderia ter surgido quando da formação de todas as ciências que antecederam a sociologia, não se mantém em concordância com eventos reais. (RATZEL, 1909 [1898], p. 19-20, tradução nossa)<sup>63</sup>.

Outro exemplo nesse sentido foi o seu afastamento do darwinismo, insatisfeito com a perspectiva escalonada do evolucionismo, que quando aplicada à dimensão geográfica não possibilitava aprofundamentos em termos de diversidade espacial.

Voltados a bases conceituais, observamos a sua crítica a Comte em seu artigo *Le sol, la société et l'État*, publicado no *L'Année Sociologique* de 1898-1899. Na ocasião, Ratzel repreendeu a exposição acerca dos prejuízos advindos do isolamento pela ideia de “força fora do meio” por parte de Comte. Para ele, o sociólogo francês, por não possuir uma concepção propriamente geográfica, não compreendeu que essa força não pode ser separada do meio, pois tanto situações de contato quanto as de isolamento acontecem essencialmente no espaço. O autor complementa dizendo que se Comte tivesse entendido isso teria aprofundado e simplificado todo o conceito. Comte, ao anexar sua noção de “meio” (entendida por ele como ambiente físico) ao “meio intelectual” (o qual abarcaria tradições e normas morais), exprimiria uma relação explicativa para o desenvolvimento dos povos. Ratzel propõe que essa “teoria do meio como agente motor” se converta em “uma teoria das influências das condições naturais sobre a formação dos povos”.<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Fazer trad: Die Entwicklung der Anthropogeographie in ein Schema der all- gemeinen Geschichte der Wissenschaften einzwängen zu wollen, verrät bei den positivistischen und anderen Geschichtsphilosophen, daß sie nicht bloß den Entwicklungsgang dieser Wissenschaft, sondern der Wissenschaften überhaupt nicht kennen. Die Wissenschaft der Anthropogeographie ist eigentlich schon bei Herder, jedenfalls aber bei Ritter im Plane und in vielen Grundgedanken da, aber es fehlt eines : die Inangriffnahme der einzelnen Aufgaben. Besonders die bei den Positivisten immer wiederkehrende Vorstellung von einer notwendigen Aufeinanderfolge der Wissenschaften (Hierarchie), woraus sie schließen, daß die historische Methode erst habe entstehen können, als die Bildung aller Wissenschaften, die vor der Soziologie liegen, beendet war, stimmt durchaus nicht mit den wirklichen Vorgängen”. Extraído do livro: *Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte*. RATZEL. Stuttgart. Verlag von j. Bngelhorn. V.1. 1909 [1898].

<sup>64</sup> MORAES, 1983.

Mais uma amostra de proximidade com a lógica dialética pode ser identificada na sua aceitação da antítese que argumenta a fragilidade das metáforas orgânicas para estruturar análises sociais, históricas, geográficas e políticas, mesmo tendo ele, Ratzel, se valido dessas analogias. Além de ter classificado como “inférteis” e úteis aqueles que não estivessem preocupados com justificativas profundas, atribuiu ao interesse exclusivo nessas analogias o fracasso de muitos empreendimentos científicos sobre o Estado, concordando com Schäffle sobre o fato de elas não representarem um sério ponto de apoio à ciência política.<sup>65</sup> Como expomos algumas linhas acima, muitas dessas comparações utilizadas por Ratzel foram produzidas mediante a tensão entre novos horizontes de pesquisa e a tradição metodológica das ciências naturais. A força da criação desses nexos sintéticos resiste até hoje quando falamos em termos como “ilha política” (*politische insel*) ou “fluxo de pessoas” (*Strom von volk*). Situação magistralmente teorizada nas palavras de Lefebvre:

Enquanto rege os “complexos discursivos”, o(a) lógico(a) se opõe também às metáforas. Ele os interdita: sem rigor, sem alcance. Contudo, não haveria linguagem sem metáforas. Constituída metamorfose das sensações e do percebido (ao qual regressa), a linguagem – isto é, o complexo discursivo – mistura o lógico e o tautológico com as metáforas e as ideologias. Quando se torna poesia ou ação criadora, passa da metáfora à metamorfose (incluindo isso e supondo aquilo). (2017 [1986], p. 10).

Não fixaríamos de forma tão despojada a conexão entre Ratzel e a dialética tal como Plekhanov (1908) identifica ligações entre Ratzel e Marx, reconhecendo um “incontestável materialismo histórico” nas teses do geógrafo de Leipzig (mesmo tendo ele bons motivos para associá-los em certos aspectos<sup>66</sup>). Entretanto, é preciso considerar a complexidade tanto das possibilidades de acesso às ideias como das afinidades e críticas potenciais despertadas ou inibidas em relação à trajetória pessoal de quem lê e, ainda, da contextura dos circuitos científicos e a representação social simbólica expressa por determinado autor ou obra, isso tratando apenas da historicidade das influências teóricas. Estampa-se como necessário refletir para além do processo evolutivo do desenvolvimento científico e suas determinações, como por

<sup>65</sup> RATZEL, 1988a.

<sup>66</sup> “Lembrem com que ardor Lamprecht defendia-se da acusação de materialismo. Vejam também como se defende Ratzel (*Die Erde und das Leben*, p. 631). E no entanto o mesmo Ratzel escreve: ‘O total das aquisições culturais de cada povo, em cada época de seu desenvolvimento, compõe-se de elementos materiais e espirituais... Eles não são adquiridos através de meios idênticos nem com a mesma facilidade e ao mesmo tempo para todos... Na base das aquisições intelectuais estão as aquisições materiais. As criações do espírito surgem, como um luxo, somente após terem sido satisfeitas as necessidades físicas. Conseqüentemente, toda questão colocada sobre o aparecimento da cultura leva àquela sobre os fatores que favorecem o desenvolvimento das bases materiais da cultura’ (*Völkerkunde*, t. I, 1.ª edição, p. 17). Isso é o mais incontestável materialismo histórico, se bem que uma concepção muito menos profunda e portanto de qualidade inferior ao materialismo de Marx e Engels” (1978 [1908], p. 40).

exemplo, identificar um materialismo ou uma dialética “menos ou mais profunda”, ou ainda, acreditar que Ratzel tenha sido um “materialista-dialético inconsciente”.

Nesta hora, a expansão das possibilidades analíticas alavancadas pelos estudos de morfologia e morfogênese permite pensar desníveis, rupturas internas e descontinuidades de uma dada morfologia. Com base na teoria das catástrofes do matemático francês René Thom [1923-2002], Lefebvre (2009 [1978]) expõe a noção de morfologia hierárquica estratificada, produzida mediante os debates marxistas em torno do termo “crise”. Para Lefebvre, o pensamento marxista ao examinar as crises flutuou entre o economicismo (crise econômica) e o voluntarismo político (crise política), desconsiderando a análise do Estado e sua capacidade de intervenção e gestão estimulada e não perturbada por crises e guerras e, conseqüentemente, a dotação de sentidos e intenções das reproduções morfológicas. “Essa análise desde há muito não compreendeu a generalização e a normalização da crise no mundo atual: o estado crítico com suas implicações não explicitadas” (LEFEBVRE, 2009 [1978], p. 141).

A morfologia hierárquica estratificada remete à acumulação histórica de morfologias, isto é, à complexificação da morfologia de acordo com os ritmos de acumulação de camadas, as quais se acumulam na medida em que respondem a processos sociais da totalidade, seguindo uma sócio-lógica de estratificação. Essa lógica não aduz a perspectiva de um sistema estruturado deslocado de contradições e temporalidades, e sim considera os movimentos e tensões internas, marcados por continuidades e descontinuidades na sua reprodução, aceitando a estratificação como um processo identificado como dinâmico porque é histórico, ou seja, manifesto das relações sociais enquanto formações sociais. Isso nos permite avançar em relação às “continuidades” bem estudadas em termos teórico-analíticos, de forma a valorizar também os desníveis, aqueles reduzidos a representações de crises em sua áurea clássica, o que contribui para ocultar o estado crítico.<sup>67</sup>

Oliveira e Vitte (2013) consideram ter havido uma mudança na postura teórico-metodológica de Ratzel no “*fin de siècle*”<sup>68</sup>, identificada pelas modificações de características de sua proposta geográfica em obras como *Anthropogeographie* (1882/1891) e *Politische Geographie* (1897) em relação a trabalhos escritos após a virada de século, no auge de sua maturidade intelectual como *Über Naturschilderung* (“Sobre a interpretação da natureza”)

<sup>67</sup> LEFEBVRE, 2009 [1978]. ARAÚJO, 2020.

<sup>68</sup> “Termo em francês (associado aos círculos artísticos de Paris e Bruxelas, e em poetas como Mallarmé, Claude Debussy e Oscar Wilde). Teorizado para contextualizar o período da passagem do século XIX ao século XX, indicando um período de degeneração política, e aparecimento de certas características culturais, como tédio, pessimismo e crença na decadência da civilização. Na Alemanha, remete ao mal-estar político da virada do século, e também caracteriza um momento de intensas contradições sociais, culturais e intelectuais, expressadas principalmente na filosofia, ciência e arte.” (OLIVEIRA e VITTE, 2013, p. 2).

(1904) e *Raum und Zeit in Geographie und Geologie* (“Espaço e tempo na geografia e na geologia”) (1907). Os autores relembram manifestações culturais e científicas que direta ou indiretamente influenciavam o desenvolvimento científico na transição do século.<sup>69</sup> O contexto explorado é o da afirmação das instituições disciplinares e da especialização e profissionalização científica da Alemanha do século XIX, em meio ao mal-estar de intelectuais que enxergavam, nos circuitos universitários do país, uma decadência do idealismo e do humanismo em detrimento da lógica positivista, guiada por um ensino mecânico e repetitivo.

Nesse sentido, Oliveira e Vitte (2013) acreditam que essa mudança em Ratzel está ligada, num primeiro momento, a sua inserção no centro intelectual de Leipzig e, posteriormente, a sua presença em ambiências intelectuais como o “Círculo de Leipzig” e as “noites geográficas”. As novas necessidades político-científicas teriam estimulado o desenvolvimento de um diálogo interno à geografia, provocando-o a refletir sobre os aspectos que conduzem um texto a ter um ou outro significado. O desfiar dos processos intelectivos que levaram Ratzel a anunciar a insuficiência da ciência e suas impressões teria se dado nessas bases, frente ao observar da geografia institucionalizada e dicotomizada entre física e humana e suas práticas de ensino pausterizadas. Isso o teria impulsionado a promover um resgate da tradição romântica alemã, dedicado, sobretudo, às sensibilidades estéticas da descrição e da narração da natureza, procurando integrar à ciência, arte, filosofia e religião.

Para os autores, se antes suas obras estavam vinculadas mais ao Estado e à institucionalização científica na Alemanha, especialmente depois das primeiras décadas da unificação, posteriormente, o Ratzel do século XX, despojado da rigidez acadêmica e formalismos institucionais, dedica-se a retomar e integrar saberes e posturas teórico-metodológicas esquecidos pela ciência positivista e utilitária. Ampliar as possibilidades da apreensão geográfica, resgatando a cosmovisão romântica, como forma de expressar a necessidade de agrupar arte e ciência, reunidas também a história e a filosofia, foi um de seus principais anseios. Dedicou-se a discutir a importância dos processos narrativos e descritivos da natureza, sendo sensível às percepções de intérpretes da natureza (artistas e pesquisadores), livros didáticos de geografia, relevância das imagens, fotografias, iluminação etc.

A consideração desses desníveis permite vislumbrar mais de um nível de interpretação, capaz de ativar possibilidades de análise de um autor pela não coincidência com a sua imersão

---

<sup>69</sup> Dentre as quais, tornam-se relevantes à nossa discussão: a crítica de Nietzsche à moral burguesa, o historicismo de Dilthey, a primeira onda de agitação com a psicanálise de Freud, os trabalhos de Heidegger, a tensão entre o crescimento da social-democracia alemã e o Estado centralizador, a politização do marxismo, o imperialismo, o antissemitismo, movimentos artísticos como o naturalismo, simbolismo e o impressionismo etc.



e produção científica. Dessa forma, o movimento de remeter à nítida dedicação teórica utilitária de Ratzel pelo progresso nacional, em trabalhos como *Politische Geographie* (1897), não deve significar um silenciamento em relação ao seu desencantamento com o mundo, expresso pelo olhar prosaico do romantismo.<sup>70</sup> Ele preocupava-se com o desaparecimento, no mundo capitalista, do encantamento e da mágica da vida social, cultural, artística e religiosa.

É preciso salientar, uma vez mais, que Ratzel experimentou (no final do século) o contexto do neoimperialista simbolizado pela Conferência de Berlim (1884/1885) e seus desdobramentos em termos de espoliação do continente africano. Havia também uma crise econômica que abateu o país, em 1873, ocasionada, fundamentalmente, por ambições após a vitória na Guerra Franco-Prussiana e pela insolvência da aristocracia feudal frente à dinâmica capitalista.<sup>71</sup> Soma-se a isso o fato de que a Alemanha se via achatada em suas fronteiras, observando, de um lado, as guerras nacionalistas pela soberania em nações eslavas, e, de outro, o enorme desenvolvimento dos países do ocidente europeu.<sup>72</sup> Substanciando o cenário, a Segunda Revolução Industrial em curso associava-se a um exponencial crescimento populacional no país. No período que segue, a Alemanha tem um *baby boom*, com sua população saltando de 41 milhões (1871) para 68 milhões de pessoas (1914).<sup>73</sup>

Para aprofundar o entendimento da perspectiva romântica em Ratzel, é preciso ter em conta sua íntima ligação com a filosofia da natureza de Schelling (*Naturphilosophie*). O filósofo alemão, defensor da fundamentação da epistemologia como ontologia, opunha-se à fragmentação do conhecimento. Para ele, a filosofia da natureza não conformava uma disciplina específica, mas consistia em um saber apto a congregar todas as formas de compreensão da existência enquanto uma unidade ontológica. Dessa forma, a ciência não inicia seu desenvolvimento a partir do subjetivismo puro e em seguida se aproxima da materialidade como objeto estranho a ela, ao contrário, a natureza apresenta-se sempre presente como uma unidade em nossa natureza singular, assim como está em tudo que alcançou uma individualidade e uma determinação.<sup>74</sup>

---

<sup>70</sup> “Podemos dizer que o romantismo alemão ultrapassou os limites de um simples movimento artístico – diferente do que se passou com o romantismo francês –, de modo que seus representantes podem ser encontrados não apenas no domínio da literatura e das artes em geral, mas também na filosofia, na ciência e na religião. Assim, uma destacável característica do romantismo alemão foi ter alcançado expressão nos principais campos da cultura germânica e, de modo geral, ele se tornou o foco irradiador da crítica, no século XIX, à visão racionalista do cosmos e do homem que animava os filósofos, os cientistas e, até mesmo, os artistas das Luzes.” (DE SOUZA, 2010, p. 32).

<sup>71</sup> MORAES, 2007.

<sup>72</sup> DEFARGES, 2003.

<sup>73</sup> MORAES, 2007.

<sup>74</sup> DE SOUZA, 2010.

Schelling (1980) estampa os limites da racionalidade científica na apreensão do absoluto, traçando um caminho romântico do conhecimento relacionado à arte, resgatando a presença do homem no mundo e o seu pertencimento à unidade perfeita que compõe os seres naturais, sendo esta a força criadora do mundo e do saber do mundo. Essa inclinação também se faz presente em Ratzel:

A ciência não é suficiente para entender a linguagem da natureza. Para muitas pessoas, a poesia e a arte são intérpretes mais compreensíveis da natureza do que a ciência. E o professor que apela para o sentimento, pode aproximar seus alunos às grandezas da natureza proporcionando-lhes relacionamentos mais vibrantes, mais dinâmicos com elas. (RATZEL, 2010 (1906) [1904]<sup>75</sup>, p. 157-158).

Para os *Naturphilosophen*, o estudo da natureza traduz-se em um estudo da vida, entendendo por vida tudo que é dotado de animação: animais, plantas, minerais, mares, rios, astros. Estes pensadores acreditavam que os princípios originais de formação e regulação do todo orgânico fazia-se inacessível ao domínio experimental, isto é, ao modo de abordagem limitado da empiria dos “fatos puros” da ciência positiva.<sup>76</sup> Nesse sentido, Herder, outro adepto da *Naturphilosophia*, acredita que cada ser resguarda em si um microcosmo das forças fundamentais e universais: “É uma única e mesma força que criou o brilhante sol e que mantém meu grão de poeira; (...) A força que pensa e age em mim é por natureza tão eterna quanto aquela que mantém reunidas os sóis e as estrelas” (HERDER, (1962) [1826-1827] apud DE SOUZA, p. 35).

Dessa forma, o conhecimento da totalidade das forças que constituem o macrocosmo pode ser percebido na síntese ontológica dos indivíduos, sendo o humano o de maior “riqueza”. Esses dois elementos, a valorização do espírito humano e sentidos que partem do particular ao geral penetram a tessitura do romantismo ratzeliano:

Adalbert Stifter fundamentou, numa passagem de seus *Vermischten Schriften* [“Escritos coletâneos”], a concretude do mundo com estas palavras: “Não é Deus em seu mundo o mais real? Quando a arte imita partes do mundo, ela precisa fazê-las tão parecidas com as coisas reais quanto for possível, ou seja, ela precisa possuir o mais alto realismo.” Mas ela não seria arte, se não tivesse nada além disso, acrescenta. Entretanto, o que é este “além disso” senão outro do que o artista estar perante toda riqueza da natureza com toda riqueza do espírito humano, sendo representante do mais alto desenvolvimento espiritual? Todavia, esta riqueza também se originou na natureza. (RATZEL, 2010 (1906) [1904], p. 161).

O desenvolvimento da poesia da natureza e da pintura da paisagem apresenta similaridades com a pesquisa sobre a natureza, que aparece da mesma forma em

<sup>75</sup> 2010 refere-se ao ano em que foi publicada a tradução do texto; 1906 é o ano de publicação póstuma do texto original, alvo da tradução; 1904 é o ano em que de fato o texto foi escrito por Ratzel.

<sup>76</sup> SCHIEMANN, 1997.

milhares de casos individuais. Sempre, os caminhos vão do particular em direção ao todo. Os pintores pintam árvores antes de descobrirem a floresta, flores do campo antes de aventurar-se pelo prado, pequenas nuvens antes de apresentarem o céu nublado, e o córrego antes do mar. (Ibid., p. 167).

Ratzel acreditava que a arte “precisaria ter a mesma liberdade que a ciência para retratar a natureza em todas as suas aparências como ela realmente é [...] a realidade é a matéria prima da qual o artista extrai a verdade” (Ibid., p. 160). Todavia, considerava que o artista deveria estar ciente da imprevisibilidade do real, no sentido de entender que “não é em todo lugar que a natureza oferece sua perfeição” (Ibid., p. 161), e, portanto, o artista precisa transpassar a realidade que lhe agrada e ir em busca do essencial — isso significa que sua obra de arte deve representar a natureza em sua verdade ideal. “Por isso, a arte pode ser mais verdadeira que a realidade e de validade mais abrangente que a experiência” (Ibid., p. 161).

Esse movimento partilhado entre arte e ciência, de se questionar sobre a verdade, adquire formas distintas em relação à busca de respostas. O geógrafo alemão utiliza trechos literais de grandes artistas como Albrecht Dürer, Leonardo da Vinci e Goethe para argumentar, que no âmbito artístico, esse estímulo se exprime na fidelidade em retratar a natureza com exatidão. A potência criativa do artista, em Ratzel, advém da influência de poetas como Gotthold Lessing [1729-1781] e sua defesa do artista como “o criador mortal”, e Friedrich Schille [1759-1805] com sua noção de que a natureza esculpe escolhendo, já o artista “multiplica a natureza na natureza”. A tarefa artística de se manter fiel à natureza deve ser empreendida de modo que “aja como um todo harmônico ao nosso sentimento estético” (Ibid., p. 5). Inspirado por Gottfried Keller<sup>77</sup> [1819-1890], reconhecido poeta romântico suíço, ele anuía que o artista não deve ser um escravo da realidade, de modo que a liberdade do espírito humano deve saltar para apresentar a verdade com sua força e plenitude:

[...] não preciso copiar qualquer exemplar deformado e não estou atado a retratar cada pormenor sem importância; posiciono o exemplar de tal forma e elejo a iluminação que muda constantemente de tal maneira que acho o mais bonito e atraente [...]. Essa é a liberdade, da qual um sopro precisa pairar em cima de qualquer reprodução da natureza. (RATZEL, 2010 (1906) [1904], p. 162).

Neste nexos, ciência e arte partem da observação da natureza, as duas buscam a verdade e movimentam-se a partir de domínios físicos e espirituais em relação à natureza. Não obstante,

---

<sup>77</sup> Ratzel foi um leitor atento do conhecido romance autobiográfico de Keller, *Der grüne Heinrich* (1855), citando passagens como “o amor dedicado a tudo que é feito e que existe, que honra o direito e o significado de qualquer coisa e sente a relação e a profundidade do mundo, mais elevado do que o destaque do singular” (KELLER, 1885 apud RATZEL, 2021 (1906) [1904], p. 8).

onde a verdade artística permanece uma contemplação, a científica se torna uma abstração, sendo esta última um mecanismo de apartamento em relação ao objeto:

O conceito que essa abstração forma distancia-se dos objetos; em contrapartida, a imagem, que é a obra da contemplação, conduz nossos pensamentos sempre de volta aos objetos, e isso nos oferece a vantagem inestimável de que nós, com essa contemplação, permanecemos perto deles através da lembrança. (Ibid., p. 162).

Ao pensar diferentes reflexões sobre a paisagem, no que concerne a tempos, lugares e culturas, existentes nas almas de poetas, artistas e pensadores, Ratzel enxerga um sentimento pela natureza (*Naturgefühl*) e da arte da narração e um sentido da natureza (*Natursinn*) e para a arte da narração. Esses sentimentos e sentidos derivam das relações e são produzidos mediante experimentações e observações na natureza, ensejando nas narrações. Estas não devem ser conduzidas de maneira seca e fragmentada, tampouco devem se orientar por uma atividade genérica, tragada por uma “natureza arrebatadora”. O intérprete não deve se estimular por aquelas características fisiográficas hegemonicamente chamativas e sim retratar uma impressão completa e universal que se acha especificamente naquela imagem daquele lugar, voltado às sutilezas da paisagem e atento a sua harmonia em panoramas maiores:

O geógrafo não procura “cenas fascinantes” para a narração; talvez ele possa passar pelas cataratas mais famosas e pelas rochas mais audaciosas sem qualquer sentimento profundo, mas em vez disso ele nota coisas – e mesmo deve observá-las – que deixariam um admirador comum da natureza insensível ou até lhe causariam repulsa. Os morros e cumes de uma montanha secundária que sobem e descem monotonamente, um atrás do outro, podem impressioná-lo muito mais do que as paisagens mais audaciosas dos Alpes [...]. Talvez o que corresponda muito mais ao seu interesse seja formar uma impressão completa a partir de uma centena de casos individuais do que se expor apenas a um grande fenômeno por vez. Pois quando ele descreve uma vista, ele quer proporcionar uma expressão local de uma impressão recorrente. Em uma pintura de uma paisagem, ele talvez procure menos o fascinante de um objeto estranho que é representado, [o cativante] do desenho ou da cor, e mais aquele de valor universal que está em cada imagem de um lugar específico. Por isso, para ele, aquela narração poética lhe parece a mais bem-feita na qual a fantasia poética – que colabora com cada narração da natureza – sabe expressar o caráter mais íntimo de uma imagem maior da natureza nas palavras mais curtas e claras possíveis. (RATZEL, 2021 (1906) [1904], p. 8).

O apelo à ampliação da abrangência das observações, sempre presente nas instruções de Ratzel, não deve ser entendido como um esforço meramente técnico por alargar os painéis da análise, mas indica uma disposição para a importância de existir íntima familiaridade do intérprete com a natureza. Inspirado por Hermann von Helmholtz [1821-1894], filósofo e médico alemão, que dizia que apenas o trabalho não pode forçar ideias luminosas, sendo necessário ao pesquisador ter em si traços do olhar do poeta:

A não ser com uma aproximação amiga da natureza, tudo isso pode ser alcançado; essa aproximação é uma característica comum de grandes artistas e daqueles grandes naturalistas, cuja ingenuidade e imaginação lhes proporcionam esse talento artístico. Grandes descobertas foram feitas no contato com a natureza. Darwin e Moritz Wagner construíram suas grandes teorias de especiação na tranquilidade campestre, literalmente no verde. (RATZEL, 2010 (1906) [1904], p. 163).

Crerioso em relação aos “erros de observação”, ele foi um crítico ferino de descrições (*Beschreibungen*) científicas e interpretações (*Schilderungen*) artísticas que, frequentemente, incorriam em verticalismos. Desagradava-o a tendência, em representações de naturalistas (*Naturforscher*) e intérpretes da natureza (*Naturschilderer*), como Hacquet e Humboldt, de superlativar, sob uma ótica íngreme, montanhas, árvores e quedas d’água, deformando seus detalhes e “contradizendo a própria natureza”:

É particularmente notável a incompreensão da natureza das montanhas vulcânicas por parte dos paisagistas, intérpretes da natureza e geólogos. O Vesúvio e o Etna mostram tão nitidamente o formato natural característico da estrutura larga e plana dos vulcões, e mesmo assim eles foram desenhados durante centenas de anos como pães de açúcar [Zuckerhüte] íngremes. Um engano dos artistas no real sentido da palavra! Também quando Goethe em sua “Viagem à Itália” tão belamente destacou o “estilo” dos vulcões, os desenhistas continuaram a desenhar cones escarpados que na natureza não só não existem, mas que contradizem até a própria natureza dos vulcões. (Ibid., p. 164).

As múltiplas referências a escritores românticos de diferentes escolas europeias como Goethe<sup>78</sup> [1749-1832], William Wordsworth [1770-1850], Samuel Coleridge [1772-1834] e Adalbert Stifter [1805-1888], que se exibem nos textos de Ratzel, são mobilizadas a fim de convidar o leitor a perceber o potencial analítico dos movimentos da natureza, despertados a partir da integração de valores artísticos e científicos. A “simplificação da contemplação”, expressa em particularizações, classificações e sínteses da lógica científica, ignora a importância de desenvolver um senso estético capaz de oferecer a quem lê a possibilidade de acessar profundezas da harmonia poético-material de como a coisa está no mundo:

A natureza, de fato, nem sempre revelou a essência de um fenômeno na superfície, mas os verdadeiros artistas a pressentiram e isso, frequentemente, muito antes dos pesquisadores e pensadores. Não foram poucos os casos em que a arte antecipou a ciência na compreensão correta de um fenômeno da natureza. (Ibid., p. 167).

---

<sup>78</sup> Ratzel classificou as descobertas morfológicas de Goethe como os mais belos exemplos da ação artística do pesquisador, enfatizando sua contribuição para o crescimento do interesse em História Natural [sic!], sobretudo em botânica: “A observação de uma palmeira em florescência no Jardim Botânico de Pádua consolidou nele [Goethe] a convicção, já há muito tempo amadurecida, de que as formas das plantas não são determinadas e comprovadas de origem mas, sim, que lhes é concedida uma feliz flexibilidade e mobilidade [...] compreensão que se reuniu em Goethe para ‘a forma sensível de uma planta transcendental arquetípica’ [der sinnlichen Form einer übersinnlichen Urpflanze]”. Decerto, isso também é característico de um pensador-poeta, que se detém ao pressentir um novo princípio, o qual aparecia como uma contemplação artística; este princípio fica para ele “uma lei secreta, um enigma sagrado” (Ibid., p. 170).

Neste aspecto, as concepções da natureza de Goethe, Jean Paul e Stifter estavam muito à frente da maioria dos naturalistas que lhes eram contemporâneos. Por exemplo, no olhar de Stifter sobre o movimento da natureza se encontra uma profunda verdade, um olhar do qual os que continuaram os ensinamentos acerca dos limites altitudinais da vegetação de Wahlenberg e Humboldt, poderiam ter se beneficiado imediatamente. (Ibid., p. 164).

“O insípido está sempre incorreto” é uma célebre frase de Ratzel, em *Über Naturschilderung* (“Sobre a interpretação da natureza”), que virou subtítulo de um excelente artigo escrito por Carvalho (2010)<sup>79</sup>. A escolha dessa epígrafe por parte do autor brasileiro insinua para a relevância atribuída pelo geógrafo alemão em relação ao “gosto” — o termo, nesse caso, consagra a paixão criativa aberta em seus estilos, tons e predileções como qualidade integrante da atividade científica e de criações artísticas.

[...] como é errado acreditar que a ciência não tenha nada a ver com o gosto. O insípido também está sempre incorreto. Onde descrições se fazem necessárias, precisa-se de imagens, e na escolha destas mostra-se imediatamente se o gosto está presente; onde o gosto falha, a descrição tampouco é exitosa. (RATZEL, 2010 (1906) [1904], p. 169).

Os processos constitutivos de uma descrição são atravessados, irremediavelmente, pelo gosto do intérprete em sua alegria criativa<sup>80</sup>, e se dão a partir de sua intuição (*Anschauung*). A obra deve ser acessível à compreensão de todos sem tornar-se rasa, provocando nas pessoas imaginações de sua mais “sensual vivacidade”, apontando para o mundo delas-mesmas. “Pois as pessoas são, segundo as palavras de Goethe, mais inclinadas ao crescimento da arte do que ao da ciência, porque a maior parte delas mesmas pertence àquele mundo” (Ibid., p. 172).

Ratzel lembra de Franz Grillparzer [1791-1872], escritor e dramaturgo austríaco, que insistia no estímulo infinito disposto e repostado em cada correção do conhecimento, para reforçar a necessidade de refinar as possibilidades de nitidez do essencial na análise de um fenômeno e espreitar criticamente suas lacunas. Ele menciona a “satisfação estética” obtida pelo pesquisador ao produzir uma “síntese científica sem lacunas”:

E não só quando este realiza obras como “Naturgeschichte des Himmels” [“A história natural do céu”] ou “Kosmos”, mas também em cada aula e, mais ainda, em cada palestra individual que concentra o conteúdo de todo um campo da ciência. Desde aí, alcança-se todos os seus ouvintes e leitores. Em diferentes momentos da minha vida apresentei as correntes do Oceano Atlântico de forma sintética, talvez umas dez vezes

<sup>79</sup> CARVALHO, M. Friedrich Ratzel (1844-1904): “O insípido está sempre incorreto”. *GEOgraphia*, v. 12, n. 23, p. 140-156, 2010.

<sup>80</sup> “A cartografia mostra essa alegria de criação de forma ainda mais elevada. Como a arte em geral se antecipa à ciência, assim a cartografia está à frente da descrição geográfica em palavras. Os cartógrafos aceitaram e reproduziram com mais ímpeto e fidelidade, com uma visível alegria de criação, as notícias dos viajantes sobre o interior da África e da Ásia, compilando-as mecanicamente, mas processando-as também através do trabalho artístico e mental [...]. As lacunas de um quadro são mais perceptíveis que a inexactidão de um texto, e a alegria do preenchimento dessas lacunas é maior e mais calorosa que a satisfação daquelas retificações dos textos, que deixam nossos sentidos frios.” (Ibid., p. 169-170).

em quase trinta anos de docência. E em cada vez senti uma maior alegria, especialmente na apresentação da Corrente do Golfo e do drift da Corrente do Golfo [Der Golfstrom und die Golfstromdrift], quando o progresso das pesquisas individuais se compunha em um quadro cada vez mais definido e arredondado, a tal ponto que hoje apenas poucas lacunas permanecem. (Ibid., p. 169).

Ratzel, ao mesmo tempo que defende a compreensão integrada, pondera com relação à análise de elementos “tão grandes e complexos”, os quais se impõem como impossíveis de cumprir requisitos de fidelidade e totalidade, porque as linhas dos esboços gerais dependem dos grandes contornos e dos menores detalhes. Por isso, é natural que se identifiquem, por exemplo, erros em descrições nos grandes tratados geográficos e geológicos. O incômodo para ele não está nessas lacunas e sim na falta de adequação dos materiais a situações, como a utilização de sínteses estatísticas para compor materiais didáticos.

Portanto, podemos ver que países, mares, rios, serras, vegetações e Estados também podem ser descritos da mesma maneira, como pedras, plantas ou espécies de animais, anotando suas características principais em palavras e números uns ao lado dos outros. Geografias mais antigas, almanaques de Estados mais recentes e descrições oficiais de costas ou rios dão provas suficientes. Porém, essas descrições são somente permitidas onde se pretende mostrar apenas uma síntese estatística “seca” ou um direcionamento exato. Essas [descrições] devem ser abolidas dos guias e livros didáticos de geografia por serem inadequadas ou até repugnantes. (RATZEL, 2021 (1906) [1904], p. 4).

Ao se engajar na produção de uma obra, tanto um cientista como um pintor, ao longo de sua imersão reflexiva, sentem a necessidade de recuar da separação dos fenômenos ao ponto em que consigam visualizar o todo. Observar o quadro com distância possibilita que se renove a impressão geral, dando a chance de harmonizar detalhes à sintonia do conjunto.

E quem é mais capaz de desenhar tal imagem senão o próprio pesquisador que, na sua imersão no trabalho singular, deve ter visto tantas vezes o todo e, ainda por cima, com o olhar do construtor que conhece cada pedra que põe por cima de outra? Não seria uma perda para a sua própria ciência se ele não nos desenhasse a imagem que se encontra na sua frente? (Ibid., p. 3).

Até o final da vida, Ratzel foi um defensor da ilustração nos trabalhos geográficos, nutria grande admiração por Johann Stock [1800-1866], pintor e desenhista de Berlim que trabalhava para Humboldt e Christian Geissler [1770-1844], pintor e gravurista de Leipzig que acompanhou o zoólogo e botânico prussiano Peter Pallas [1741-1811] em viagens por províncias ao sul da Rússia e Crimeia. Acreditava que a litografia e a xilogravura, por seu tamanho e menor qualidade, não serviam bem à causa científica e criticava mesmo obras que julgava excelentes, como “princípios de Geologia” (1830) de Lyell, por entender suas ilustrações como “tão malfeitas que arruinam a compreensão dos fatos” (Ibid., p. 10).

Ratzel lamentou a larga reprodução dessas imagens, possibilitada graças à pouca atenção dada à ilustração em obras científicas na primeira metade do século XVIII. Ele comemorou os avanços ocasionados pela maior precisão e baixo custo das fotografias e a fidelidade objetiva da foto em comparação ao desenho, no entanto, ponderou em relação aos perigos da “sobrecarga” no uso dessa ferramenta: “A fotografia é somente reprodução, a arte torna-se explicadora da natureza” (Ibid., p. 11).

A narração da natureza, naquele momento, era observada como um ramo da arte que não possuía nada em comum com a ciência, de modo que, majoritariamente, a compreendiam como correlata à poesia lírica e à pintura de paisagem. Todavia, Ratzel estava convencido de que a narração é um instrumento que nos permite observar todas as forças criadoras e modificadoras da paisagem em seus efeitos. Ao observarmos, por exemplo, a montanha, em suas dependências e impactos, é sempre preciso retratar o conjunto da paisagem como um todo orgânico, resgatando, no caso da montanha, sua base, suas encostas, seus vales e picos. Destarte, a necessidade científica da narração da natureza existe porque a imagem não fala por si, o leitor espera instruções que as imagens não podem oferecer. A narração deve ser entendida como o complemento e ponto culminante que emerge da própria representação:

A narração se junta ao mapa e à imagem como terceiro meio peculiar de apresentação da geografia e a completa. Cada meio rende seus serviços especiais, nenhum pode ser substituído pelo outro. A narração não atinge a exatidão do mapa e a abundância de detalhes da imagem: ela vai para os traços grandes, o característico, provavelmente também ao que é belo, e também aspira reproduzir a sensação que paira sobre as imagens da natureza e sobre as obras do homem na natureza. (Ibid., p. 8).

Nesse sentido, todas as ciências que possuem necessidade de representar fenômenos no espaço compartilham com a geografia a necessidade de narração. Para ele, o estudo da paisagem (*Landschaftskunde*) precisa se desenvolver considerando as relações de tamanho, forma, cores, tonalidades e cheiros. Outrossim, é preciso relacionar a capacidade de reprodução poética das impressões da natureza e da pintura de paisagem com a habilidade de compactar fenômenos geográficos de um fragmento de terra ou de uma área maior em uma imagem fechada. Mas a narração, independente do campo científico ao qual se aplica, sempre assume “algo geográfico”:

[...] quando o geólogo descreve uma montanha inteira, o botânico a floresta ou a estepe, o mineralogista uma rocha-mãe de quartzo, ele descreve um pedaço da superfície da terra; mesmo que ele destaque certas características geológicas, botânicas ou mineralógicas, a sua imagem como um todo é geográfica. (Ibid., p. 6).



Para o geógrafo de Leipzig, os “espíritos fortes” que contribuíram para os estudos aprofundados da natureza escaparam da concordância tenra com a “multidão comum” e do “medo do absurdo”. A ousadia expressa pela vontade de criar desses intérpretes mostra-se tanto na ciência como na arte, e em seus estímulos recíprocos. Ratzel alude à reconhecida influência de Goethe no desenvolvimento da complexidade da visão da natureza de Humboldt. Para ele, o geógrafo naturalista, a partir da influência goethiana, não conseguia desvencilhar sua observação artística da natureza de sua pesquisa sobre a natureza, de modo que a relação entre a fruição e o conhecimento da natureza imperava como fundamento dos processos de descrição:

Galileu, Kepler, são tanto pontos altos desse desenvolvimento como Rafael ou Michelangelo; nas duas áreas: primeiro a multiplicação da soma das impressões da natureza, depois o domínio intelectual [...]. Michelangelo, que criou em mármore figuras de uma força e de um tamanho nunca vistas antes, e Copérnico, que rompe com aquilo que era transmitido há milênios, são parentes de espírito e vontade, não apenas contemporâneos. (RATZEL, 2010 (1906) [1904], p. 173-174).

A atenção de Ratzel em relação à vivência estética pertine a sua inquietação em revelar a experiência nativa da relação humano-alteridade. Nesta quadra da discussão, a concepção “estética” de Eric Dardel (2019) [1952] como a ligação imediata do homem com o mundo, seu modo inicial de se situar e compreendê-lo, tem poder de auxiliar-nos. Para o geógrafo francês, a estética é a “correlação de seres do mundo por intermédio das formas [...] a primeira coerência que o homem introduz em seu mundo, a primeira coesão dos seres entre eles” (DARDEL, 1965, p. 352). Esta ligação primordial é experimentada e sentida antes de poder ser expressa de modo reflexivo, antes do discurso.<sup>81</sup> A estética é antes de tudo uma sensibilidade às formas do mundo e o sentimento de interação enraizada que interliga o homem a essas formas, ou seja, o mundo das emoções, sensações, sentimentos e crenças vem à tona na vida das formas.<sup>82</sup>

É possível identificar em Ratzel uma pertinácia em recobrar a ligação sensível e prática entre homem e Terra, substanciando uma consciência estética da geografia que reclama a consideração de seu sentido visual. A sensibilidade do geógrafo de Leipzig toca aspectos sensíveis que possibilitam uma reconciliação do homem com o movimento do mundo, percebendo a aparência não como ilusão e sim como o choque sensível e imediato resultante da disposição relacional, a fisionomia do fenômeno entrega, sob tonalidades afetivas, um engajamento primordial que não se reduz a um mecanismo científico. Semelhante a isso é a aplicação de Dardel em reconhecer o sensível como “uma das regiões da verdade”, ao conferir às formas a propriedade de unir o ser humano ao movimento invisível do real, o que se anuncia

---

<sup>81</sup> BESSE, 2019

<sup>82</sup> DARDEL, 2019 [1952]. BESSE, 2019.

em sua preocupação com imagens no discurso geográfico e em suas interlocuções com poetas.<sup>83</sup> Besse (2019), esmiuçando a geografia fenomenológica de Dardel, declara:

Imagem não é o excesso de subjetivo e arbitrário que vem confundir a descrição e a explicação geográficas. Ela possui esse poder de juntar o ser e a linguagem. A imagem é a impregnação recíproca do real e do sentido, ela se refere diretamente à forma, é o próprio sentido do ser. Sob esse aspecto ela é a garantia de uma verdade. A imagem é a turbulência de onde a linguagem nasce para se elevar nas formas do mundo sensível. Transferindo a forma visível, por seu poder de expansão e por seus ritmos, à expressão humana, ela ordena o sentido a seu estado nascente (p. 138).

Se fosse tarefa fácil depreender das heranças filosóficas de Ratzel, Paul Claval não diria que “es probable que las opciones filosóficas de Ratzel fuesen más claras em sus clases que em sus escritos” (1974, p. 56). A inegável influência do romantismo alemão em seus textos exige cautela e não deve ser confundida com uma anuência completa ao movimento cultural, artístico e filosófico do romantismo europeu, até porque o professor de Munique e Leipzig não se furtava a utilizar a terminologia “romântico” para criticar diversos pensadores. Ao considerarmos os matizes do romantismo propostos por Löwy (2012), observamos que Ratzel está mais próximo ao romantismo revolucionário, aquele que não deseja um retorno e sim uma reflexão em relação ao passado, com vistas a pensar uma dinâmica utópica e revolucionária para o futuro. Esta vertente diverge do romantismo reacionário, polo regressivo que opera sob uma lógica passadista e restauradora das estruturas passadas. Löwy considera, ao contrário de muitos, que Rousseau pertence ao primeiro grupo:

Mas Rousseau não quer voltar ao “estado de natureza”, obviamente ele sabia que isso era impossível, então o que ele propõe é pensar numa sociedade futura, democrática na qual esses valores do passado: a liberdade e a igualdade, serão restaurados de uma forma diferente. Este raciocínio é o que eu chamo o Romantismo Revolucionário. (LÖWY, 2012, p. 78).

Ratzel, talvez munido das interpretações hegemônicas em relação a Rousseau, talvez pela influência de pensadores críticos ao Iluminismo como Kant, denominou o filósofo francês como “romântico” por acreditar que até hoje ninguém teria encontrado “aquele estado de felicidade selvagem”, expressando sua discordância com relação à “ideia de evolução histórica” do filósofo francês.<sup>84</sup> Este aliás é um aspecto que o distingue de Humboldt e Ritter: a menor aceitabilidade de matrizes teóricas iluministas.<sup>85</sup> O grupo de poetas românticos ingleses,

<sup>83</sup> BESSE, 2019.

<sup>84</sup> MORAES, 1983.

<sup>85</sup> “É uma bela ideia que o inverno de um iluminismo meramente racionalizante da ciência natural poderia ser expulso por uma primavera ensolarada de uma alegria da natureza e de uma aproximação amical com ela. Nesta primavera, a coroa floral de um viver corporal e sentimental, e de um pensar, poderia ser trançada. Denominamos esta primavera a fruição da natureza, e ela poderia ser trançada por cada vez mais pessoas em todos os países e em

denominados por Ratzel de “*seeschule*” (escola do lago), porém mais conhecidos como “*Lake Poets*” também foi escopo de suas críticas. Mesmo tendo entre suas principais figuras poetas elogiados pelo geógrafo alemão como William Wordsworth e Samuel Coleridge, a escola de poetas do lago teria ignorado os aportes de pesquisadores da natureza, capazes de aprofundar os sentidos e estimular a apreensão artística.

[...] os românticos e a inglesa *Seeschule* desqualificaram as atividades dos geólogos e de outros pesquisadores da natureza, sem nenhuma noção como as “batidas” deles “nas rochas” poderiam aprofundar e ampliar o sentido da natureza, e como os conceitos geologicamente refinados poderiam fecundar a percepção artística. Será que o termo cone de acumulação me preveniria do desenho pouco natural dos vulcões, que ia de mãos dadas com o conceito de cratera de elevações? E não está em um termo científico, tal como o dos dobramentos das montanhas, uma chave para a compreensão da paisagem e uma representação das paisagens? (RATZEL, 2010 (1906) [1904], p. 166).

### **Tramas contextuais e o Imperialismo**

Voltemos à Alemanha de 1834. Após o estabelecimento da Confederação Germânica a partir do Congresso de Viena (1815), a hegemonia pela centralidade confederativa se estreita na disputa entre a Prússia e a Áustria. Um fato expressivo que contribuiu para a unificação foi a repressão às manifestações populares de confederações periféricas, que se sentiram excluídas do processo de unificação (1864-1871), entre elas Viena, Berlim e Frankfurt, que posteriormente realizaram alianças políticas e militares e se juntaram ou ao lado prussiano ou ao austríaco (MORAES, 2007). Todo esse movimento de tensão resultou na Batalha de Königgrätz (1866), em que a Prússia de Otto von Bismarck derrotou a Áustria de Francisco José, consagrando assim a prussianização da Alemanha. Todavia, o último capítulo da unificação ocorreu de fato na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), na qual a Prússia (já praticamente consolidada) obteve uma vitória empolgante sobre a França, anexando a região de Alsácia-Lorena (rica em carvão e ferro) através do Tratado de Frankfurt. Já para a França, o confronto representou a derrocada de seu Segundo Império.

O Estado Prussiano, então, começou a imprimir o tom das ações políticas. A principal característica dessa nova ordem era simbolizada pela frase “*Peitsche und Zuckenbrot*” (“chicote e pão-doce”), uma referência à mobilidade da política externa do país: beligerante ou diplomática, conforme a estratégia da situação exigisse. Bismarck buscou recuperar o

---

todos os dias, ampliando sempre os conhecimentos; e para isso, o ensino da geografia deveria contribuir, apesar de sua má fama de ser árido!” (RATZEL, 2010 (1906) [1904], p. 158).

entusiasmo do espírito de unidade que vinha desacreditado desde a Assembleia Nacional de Frankfurt em 1849. Ainda em 1862, em uma reunião da comissão de orçamento do parlamento prussiano, ele fez seu discurso que ficou conhecido como “*Eisen und Blut*” (“sangue e ferro”), no qual defendeu um “pequeno-Estado-Nação” alemão comandado pela Prússia e rejeitou propostas de reformas liberais clássicas (LERMAN, 1997).

A Prússia tem que se aglutinar e concentrar suas forças para o momento oportuno, que já foi perdido várias vezes. As fronteiras da Prússia, de acordo com os Tratados de Viena (de 1814-15), não são favoráveis a um Estado saudável e vital; não é com discursos e resoluções majoritárias que se resolvem as grandes questões da época — esse foi o grande erro de 1848 e 1849 —, mas com ferro e sangue. (BISMARCK apud PETERSDORFF, 1924, p. 139, tradução nossa) [Discurso de 30 de setembro de 1862]<sup>86</sup>.

O corpo institucional prussiano integrava uma coalizão com a aristocracia Juncker<sup>87</sup> conformado a um Estado caracterizado por arcaísmos políticos. Diferentemente do que ocorreu na França, em que, com o advento da Revolução Francesa (1789-1799), o empreendimento da classe burguesa dissipou de maneira intensa e sólida o feudalismo, na Alemanha o capitalismo penetrou a economia de maneira gradual, conservando elementos da estrutura feudal, como o servilismo e os grandes latifúndios.

Ainda sobre os matizes institucionais, além da já referida influência da aristocracia fundiária, que impactava na disposição de instrumentos para deliberação interna do governo (como escalão ministerial e/ou gabinetes e pastas), sua organização política abrigava contornos parlamentaristas e democráticos inacabados. Essa estrutura se fez como uma monarquia burocrática que exercia severa repressão interna, sob o comando do “chanceler de ferro” (como era conhecido Bismarck).<sup>88</sup>

Tal sistema de comando só foi possível mediante o incitamento de uma atmosfera cultural nacionalista coordenado por políticas de Estado. Como exemplo dessas ações, podemos citar a *Kulturkampf*<sup>89</sup> (“batalha cultural”), que foi a perseguição estatal a católicos e socialistas.

---

<sup>86</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em Alemão: ” Preußen muss sich zusammenschließen und seine Kräfte für den richtigen Moment konzentrieren, der schon mehrfach versäumt wurde; Die Grenzen Preußens nach den Wiener Verträgen [von 1814-15] sind für einen gesunden und vitalen Staat nicht günstig; Nicht mit Mehrheitsreden und Resolutionen werden sie als große Themen der Zeit gelöst – das war der große Fehler von 1848 und 1849 – sondern mit Eisen und Blut”. Extraído da obra original: *Otto von Bismarck [Speeches [1847-1869]: Bismarck: Die gesammelten Werke [Bismarck: Collected Works]*. PETERSDORFF, H. Berlim: Wilhelm Schöbeler, 139p. 1924.

<sup>87</sup> Grandes proprietários de terra, símbolos da velha ordem feudal alemã.

<sup>88</sup> MORAES, 2007.

<sup>89</sup> O termo “*Kultur*” é restrito a sociedade alemã, visto que não é possível operar uma tradução literal em outras línguas, devido a complexidade de seus deslindares socioterminológicos. A noção que mais se aproximaria do termo, segundo Nibert Elias (1990), remete, moderadamente, ao que denominamos de “folclore”. “O conceito de *Kultur* reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: “Qual é, realmente,

Estas fizeram-se manifestas em leis: a antijesuíta, de 1872, que proibia a Ordem dos Jesuítas de permanecer no país, e a antissocialista, de 1878, que impedia associações e encontros de caráter social-democrata. A busca do chanceler era por coesão interna e não por unanimidade política, isto é, ele objetivava estimular o sentimento de pertencimento do povo alemão, promovendo uma identificação sociocultural através da educação, da língua e cultura. Para isso, era publicitada a figura do aparelho estatal como grande incorporador, com vistas à superação de diferenças, focado em promover a mobilização da população em favor do projeto nacional (ZAHREDDINE e STARLING, 2020).

A “germanização” promovida por Bismarck mirou, em especial, regiões onde minorias nacionais (poloneses, franceses e dinamarqueses) se concentravam. Ele implementou decretos obrigando o alemão a ser a única língua utilizada em escolas (1873), em repartições públicas administrativas (1876) e nas cortes judiciárias (1877). Junto disso, instituiu um programa político de redistribuição fundiária que visava distribuir a alemães terrenos pertencentes a poloneses (BERGHAHN, 2005). O apoio ideológico das camadas mais pobres era essencial, por isso, foi implantado no país um sistema de “potência bem-estar” (um antepassado do *Welfare State*), que propiciou aumento no poder de consumo ao trabalhador. Em 1883, Bismarck aprovou leis que garantiam compensações ao trabalhador que ficasse adoentado; estabeleceu regras para seguro em caso de acidente de trabalho em 1884; e, em 1889, promulgou o pagamento de pensões para trabalhadores acima de 70 anos.<sup>90</sup>

Buscou-se inculcar um consciente coletivo da Alemanha como sendo uma nação que teria uma missão a cumprir, e que, injustamente, era pouco reconhecida e celebrada por seus feitos a nível mundial. Era patente, na visão do Estado e da sociedade civil, um sentimento de nação atrasada, pois em comparação com outras nações europeias que já tinham Estados consolidados e centralizados há anos, como Inglaterra, Rússia e França, à Alemanha não havia restado nada, diante de um mundo acertadamente repartido em territórios, comércio e fontes de matéria-prima. França e Inglaterra detinham amplos domínios coloniais. Rússia e Estados Unidos possuíam gigantescos territórios disponíveis para o desenvolvimento de grandes nações. Portugal e Espanha, apesar da debilidade mercantilista, ainda conservavam grande acervo de riquezas.

Esse contexto de insatisfação fabricou uma desenfreada toada científica na busca por ser o país das certezas comprovadas. A imagem de uma grande nação que desfrutava de

---

nossa identidade?”. A orientação do conceito alemão de cultura, com sua tendência à demarcação e ênfase em diferenças, e no seu detalhamento, entre grupos, corresponde a este processo histórico” (ELIAS, 1990, p.25).

<sup>90</sup> LERMAN, op. cit.

professores e pesquisadores acima da média, grandes universidades e rigidez acadêmica estruturou a aspiração do vértice político-institucional do país. Bem como almejou cumprir sua primazia social por intermédio de um sistema educacional direcionado às fórmulas do progresso.<sup>91</sup>

No terceiro quarto do século XIX, a geografia alemã, guiada pela *Wissenschaftspolitik* (política da ciência, de caráter estatal), já se apresentava em extensivo desenvolvimento científico e institucionalização disciplinar, dotada de vigorosa base acadêmica, sistema disciplinar e aprofundamento teórico-metodológico, posicionando-se como exemplo para outros centros acadêmicos como Europa e Estados Unidos. O *Staat der Wissenschaft* (“Estatuto da Ciência”) estabelecia uma conformidade de pensamento entre acadêmicos, industriais e ministros dos estados alemães. Era ponto pacífico de que a dianteira na produção do conhecimento científico era vital para a dinâmica política e econômica do país (OLIVEIRA e VITTE, 2010).

A geografia política de Ratzel foi produzida mediante as crescentes tensões da Europa do século XIX: entre o imperialismo colonial em escalas nunca antes observadas e os ideais de organização da vida social e política do Estado-Nação. O neocolonialismo desafiava o controle de unidade territorial limitada e socialmente homogênea dos Estados-Nações. Agora seria preciso estar em constante exposição política e territorial em troca de uma possível dilatação física e difusão de valores culturais da nação. Como já expomos, Ratzel não era um intelectual de gabinete, com efeito ele buscava suscitar, em suas análises geográficas, paralelos com a vida social e política, atento e preocupado às disposições internas e no cenário mundial que seriam mais vantajosas à Alemanha.

Bassin (1987a) recupera alguns acontecimentos simbólicos que nos auxiliam a obter indicativos das tendências científicas e políticas da época. Como o fato de o influente membro do partido liberal britânico, Charles Dilke, em seu livro *Greater Britain. A record of travel in the English-speaking countries during 1866-1867* (“Grande Grã-Bretanha: um registro de viagens em países de língua inglesa durante 1866 e 1867”), de 1870, afirmar que a importância da Índia para a Grã-Bretanha era a de conferir a vastidão territorial necessária para garantir a largura de pensamento e nobreza de propósitos. Observamos assim, que, além de a expansão ser enquadrada como fator indubitável à existência, o progresso físico do território também foi figurado como indispensável para a preservação de valores culturais da nação de forma direta.

---

<sup>91</sup> MORAES, 2007.

Estava entabulada a díade do desconforto: de um lado, valores assentados na particularidade de um povo em relação a um território ajustado por uma estrutura política rente à esfera nacional e, do outro, os ditames expansionistas de incorporação de terras estrangeiras, representados como sinônimo de bem-aventurança. Essa antipatia foi anestesiada por dois aspectos principais, antagônicos entre si, mas complementares no contexto: os ideais da Revolução Francesa e a disseminação do olhar incontornável à selva geopolítica para a qual marchava a civilização.

Por toda a Europa, a visão da arena internacional como cenário de luta contínua tornou-se cada vez mais popular: uma luta em que os interesses nacionais estavam necessariamente em conflito e onde o ganho de uma nação não poderia significar nada mais do que a perda e possível declínio de outra. (Ib., p. 476, tradução nossa)<sup>92</sup>.

Essa luta por existência continuada em meio a uma selva de concorrentes foi colocada em *approach* científico a partir de preceitos do darwinismo social, nos quais os fundamentos de evolução, crescimento e sobrevivência são aderidos à lógica do Estado político. Tal Estado é como um organismo: enquanto reúne condições de se reproduzir (expandir), não será extinto. Ao lado disso, sendo o Estado esse grande regulador do progresso ou derrocada nacional em relação ao compasso bélico do mundo, era preciso que houvesse um resgate de pilares como a igualdade no direito formar um Estado unitário e soberano, a fraternidade entre as nações a respeito do reconhecimento territorial umas das outras e a liberdade para implementar medidas que julgassem indispensáveis para sua continuidade.

Voltando à Alemanha, a política externa de Bismarck, após 1871, foi plenamente diferente da que ele implementava na Prússia confederada. A sua disposição em relação à força e extensão carregada no discurso “força e ferro” deu lugar a uma política externa conservadora e de busca por preservar o equilíbrio de poder na Europa. Um fator que contribuiu para essa posição foi a aventada coligação entre França, Rússia e Grã-Bretanha, o que teria aterrorizado o chanceler de ferro, que achou por bem passar a propagandear a Alemanha como uma “nação satisfeita”, que chegou a seus objetivos e procurará conservar a paz com seus vizinhos. O detalhista Eric Hobsbawm elucidou a situação: “O chanceler alemão Bismarck, que foi o campeão do jogo de xadrez diplomático multilateral por quase trinta anos após 1871, dedicou-

---

<sup>92</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em inglês: “Throughout Europe, the vision of the international arena as the scene of an ongoing struggle grew increasingly popular: a struggle in which national interests were necessarily in conflict and where one nation’s gain could mean nothing other than another’s loss and possible decline”. Extraído da obra original: *Imperialism and the nation state in Friedrich Ratzel’s political geography*. BASSIN, M. Sage Journals. v. 11, n.04. p. 473-495, 1987.

se com exclusividade e sucesso à manutenção da paz entre as nações” (HOBSBAWM, 2012, p. 312).

Ratzel foi um acadêmico francamente envolvido na vida política de seu país, o próprio trabalho que citamos, *Deutschland, Einführung in die Heimatkunde* (1898), dedicado ao ensino de geografia, era ao ensino de uma geografia da pátria. Ele sempre se orgulhou de ter recebido condecorações como a medalha da “Cruz de Ferro” e a “Ordem do Mérito Militar Karl-Friedrich”, relativas ao seu curto período como voluntário na guerra.<sup>93</sup> O investimento marítimo também era uma questão cara a Ratzel, destacado em *Flottenfrage und Weltlage*<sup>94</sup> (1898) (“Questão naval e situação mundial”) e em sua famosa obra *Das Meer als Quelle der Völkergröße* (1891) (“O mar como fonte de grandeza”). Adepto do Partido Liberal Nacional e trabalhando por um bom período num jornal também liberal-nacional, o *Kölnische Zeitung*<sup>95</sup>, ele apoiou as reformas bismarckianas. Ratzel integrou a *kolonialverein* (1882) (“associação colonial”) e, mais tarde, sua sucessora, *kolonialgesellschaft* (“sociedade colonial”) em 1887.<sup>96</sup> Chegando até a fazer parte da *Alldeutscher Verband* (“Associação Pangermânica”), mas logo se distanciou do chauvinismo do grupo.<sup>97</sup>

Podemos dizer que Ratzel foi influenciado tanto pelo espírito expansionista europeu quanto pelo conservadorismo bismarckiano. Ele acompanhou o imaginário da época, que pensava a expansão como condição *sine qua non* para a existência continuada: para ele, um Estado que não se expande tende a se apequenar, até desaparecer, reiterando a equivalência entre busca por espaço e manutenção da vida. Com a expansão viria o aumento populacional como via de ocupação do território e, junto dele, propagar-se-ia o crescimento dos “espaços-necessidades”. Nesse sentido, o pensador alemão aduz que: “Um povo declina quando sofre perdas territoriais. É possível que ele decresça em número e ainda assim consiga se manter no território no qual se concentram seus recursos; mas, se começa a perder uma parte do território, esse é, certamente, o início de sua decadência” (RATZEL, 1909 [1898-1899], p. 43, tradução nossa)<sup>98</sup>.

<sup>93</sup> SANGUIN, 1990.

<sup>94</sup> In: Kleine Schriften II, Munique e Berlin: Oldenbourg, p. 375-381.

<sup>95</sup> Nos anos de 1890, Ratzel também contribuiu ativamente com textos para a revista nacional-liberal *Die Grenzboten* (“Os mensageiros da fronteira”) (WANKLYN, op. cit.).

<sup>96</sup> SANGUIN, 1990.

<sup>97</sup> BASSIN, 1987a.

<sup>98</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Ein Volk geht zurück, indem es Boden verheret. Es kann an Zahl abnehmen, aber den Boden zunächst noch festhalten, in dem seine Hilfsquellen liegen. Beginnt es aber von seinem Boden zu verlieren, so ist das sicherlich der Anfang seiner weiteren Zurückdrängung”. Extraído do livro: *Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte*. RATZEL. V. 1. Stuttgart. Verlag von J. Engelhorn. 1909 [1898-1899].



Todavia, esse entusiasmo expansionista era ajustado pela preponderância da manutenção da coesão interna. A proteção é o elemento de primeira ordem. A forma com que Ratzel manejava o conceito de Estado sinaliza o tom cauteloso.

A tarefa do Estado em relação ao território permanece essencialmente a mesma: proteção. O Estado protege o território contra intervenções externas que querem reduzi-lo. No estágio mais alto de seu desenvolvimento, essa tarefa é atendida não apenas pela delimitação e proteção das fronteiras, mas pelo comércio e pelo desenvolvimento dos recursos da terra, em suma, todos os meios que aumentam o poder do Estado; o objetivo final é e continua sendo a proteção. A necessidade de proteção também está na base do desenvolvimento mais notável que as relações Estado-território estão passando: o crescimento espacial do Estado. (Ib., p. 45, tradução nossa)<sup>99</sup>.

A perspectiva expansionista é inegavelmente presente nos trabalhos de Ratzel, entretanto ela aparece enviesada pela negatividade. Estado, território e povo compõem um trinômio de reprodução vinculada, de forma que a supressão física do território representaria a perda desse elo vital. As forças de uma nação deveriam ser direcionadas à construção de um Estado forte para garantir condições de segurança reprodutiva frente à nocividade competitiva europeia.

O intercâmbio pacífico pode preparar o caminho para esse crescimento, mas no final visa principalmente fortalecer o Estado e empurrar para trás os Estados vizinhos. Tomemos uma grande ou pequena sociedade: ela quer antes de tudo se apegar ao território em que vive e do qual vive. Se a sociedade se organiza para essa tarefa, ela se torna Estado (Ib., p. 45, tradução nossa)<sup>100</sup>.

Tendemos a acreditar que o expansionista Ratzel esteve mais preocupado com a preservação de um Estado nacional forte por meio de seu desenvolvimento cultural, que estava intimamente ligado ao crescimento espacial, do que com a formação imperial sustentada pelo aspecto econômico. Prova disso foi a sua insistência para que não se limitasse a busca por novos territórios a terras que possuíssem adequadas condições para agricultura, defendendo que até

---

<sup>99</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Die Aufgabe des Staates gegenüber dem Boden bleibt im Kern immer dieselbe: der Schutz. Der Staat wahrt den Boden gegen Eingriffe von außen, die ihn verkleinern wollen. Auf der höchsten Stufe seiner Entwicklung dienen dieser Aufgabe nicht bloß die Abgrenzung und der Grenzschutz, sondern der Verkehr und die Entwicklung der Hilfsquellen des Bodens, kurz alle Mittel, die die Macht des Staates steigern; der Endzweck ist und bleibt dabei der Schutz. Das Schutzbedürfnis liegt auch der merkwürdigsten Entwicklung zugrunde, die die Beziehungen zwischen Staat und Boden erfahren: dem räumlichen Wachstum des Staates”. Extraído do livro: *Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte*. RATZEL. Stuttgart. Verlag von J. Neumann. V. 1. 1909 [1898-1899].

<sup>100</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Der friedliche Verkehr mag dieses Wachstum vorbereiten, es bezweckt endlich doch hauptsächlich die Stärkung des Staates und die räumliche Zurückdrängung der Nachbarstaaten. Nehmen wir eine große oder kleine Gesellschaft: sie will in erster Linie den Boden festhalten, auf dem sie lebt und von dem sie lebt. Organisiert sich die Gesellschaft für diese Aufgabe, so wird sie zum Staat”. Extraído do livro: *Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte*. RATZEL. Stuttgart. Verlag von J. Neumann. V. 1. 1909 [1898-1899].

trechos inabitáveis e em situações desérticas deveriam ser alcançados, a fim de desenvolver seu valor político potencial. Portanto, a expansão ganha mais contornos de robustecimento político-estatal do que de drenagem econômica. Esse aspecto se desenha em sua definição de *Volk* (“povo”): “um corpo politicamente unido, formado por grupos e indivíduos, que não precisam estar relacionados etnicamente nem linguisticamente, mas que, através de seu território comum, são espacialmente ligados entre si” (RATZEL, 1923 apud BASSIN, 1987a, p. 480, tradução nossa)<sup>101</sup>.

Apesar de atribuir grande peso ao território compartilhado, Ratzel acreditava que a afinidade étnica também desempenhava um papel considerável na formação do Estado, por isso, enxergava a Europa do seu tempo como um continente exaurido em ramificações de vínculos culturais e que não deveria ser objeto de aquisição territorial. Ele julgava que a conquista de territórios no exterior seria a saída adequada, inspirado pela noção de noção de *Grossraum* (“grandes áreas”), que, como demonstrado pela nação estadunidense, poderia dar conta de suprir confortavelmente os rebentos de progresso.

Ele acreditava que a expansão dos Estados avançados poderia ser racional e planejada, realizada através do seletivo envio de grupos de excesso de população [...] embora ele adotou o ponto de vista das relações entre os Estados como uma luta por espaço, o que significava existência, ele pode muito bem argumentar que não necessariamente sentia que o resultado final disso seria uma conflagração armada geral. (Ib., p. 483, tradução nossa)<sup>102</sup>.

Essa marca distintiva de Ratzel era motivada pelo seu esforço em estabelecer a importância da análise do território, especialmente em relação aos sociólogos. Na visão dele, esses profissionais teriam desprezado tal elemento universal de constância. Uma concretude em meio à variação dos acontecimentos humanos:

A necessidade do território para o Estado vai além de qualquer dúvida. Porque o Estado é impensável sem território e fronteiras [...] Quer o homem seja visto como indivíduo ou como grupo: família, tribo, Estado, há sempre um pedaço de solo a ser considerado com ele e com este grupo [...] houve muitos estudos sociais que não se preocuparam com o território, e o território possui uma consideração tão pequena por parte da sociologia moderna, que os trabalhos que o tratam mais de perto nos parecem

<sup>101</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em inglês: “a politically united body, formed by groups and individuals, who do not need to be related ethnically or linguistically, but who through their common territory are spatially linked to each other”. Extraído do artigo original: *Imperialism and the nation state in Friedrich Ratzel's political geography*. BASSIN, M. Sage journals, v. 11, n. 4. P. 473-495, 1987.

<sup>102</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em inglês: “He believed that the expansion of the advanced states could be a rational and planned one, accomplished through the selective dispatch of overpopulated groups [...] although he adopted the view of relations between states as a struggle for space, the which meant existence, he may well argue that he did not necessarily feel that the end result of this would be a general armed conflagration.”. Extraído do artigo original: *Imperialism and the nation state in Friedrich Ratzel's political geography*. BASSIN, M. Sage journals, v. 11, n. 4. P. 473-495, 1987.

excepcionais. A maioria dos sistemas e teorias sociológicas consideram o homem separado do solo. (Ib., p. 42, tradução nossa)<sup>103</sup>.

A caçada pelo progresso à moda ratzeliana não foi conduzida por um espírito aventureiro de conquista econômica, mas se inclinava ao enraizamento, em direção às profundezas de condições que propiciariam o desenvolvimento e progresso nacional: “Quem não compreende como seria mesquinha ou estéril uma luta travada apenas pelo espírito hegemônico, e após a qual, a qualquer das partes que coubesse a vitória, cada coisa se mantivesse substancialmente a mesma?” (RATZEL, 1914 apud MORAES, 1990, p. 81). Nesse sentido, cremos que o desenvolvimento de seu “manual do imperialismo”, como afirmam Sion (1904), Huckel (1906) e Febvre (1922), atualmente poderia ser entendido como um “folheto territorialista”, pois efetivamente Ratzel acreditava ser incerto traçar estratégias para o progresso que não passassem pelo entendimento do homem unificado a sua terra. Para ele, a sociedade só poderia atingir suas cristas de progresso em anexo ao território que lhe pertence e a estrutura estatal que ali construiu.

Sem território não se poderia compreender o incremento da potência e da solidez do Estado [...] Ora, diante de tanta incerteza não é muito melhor ficar no estudo de um elemento real, que é o território, que está sob os nossos pés? Sobre este território vemos claramente repetir-se o desenvolvimento das formas sociais e políticas, que tendem a ocupar espaços cada vez maiores. (Ib., p. 74 e 80 [1914]).

Entretanto, é preciso fazer uma ressalva com relação a essa identificação teórica produzida pelos autores, pois ela foi concebida na abertura do século XX. Na época, o entendimento sobre o imperialismo ainda era restrito, sobretudo, a clássica concepção reformista do economista inglês Jhon Hobson [1858-1940]. Pelo menos Sion<sup>104</sup> e Hückel não tiveram como ter acesso a obras posteriores como a *Acumulação do Capital* (1913), de Rosa Luxemburgo, ou ao *O Imperialismo e a Economia Mundial* (1915), de Nikolai Bukharin, tampouco ao *O Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo* (1916), de Vladimir Lênin. Nesses

---

<sup>103</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Der Boden und die Gesellschaft. Die Notwendigkeit des Bodens für den Staat ist über allen Zweifel erhaben. Weil der Staat ohne Boden und Grenzen nicht zu denken ist [...] Ob der Mensch als einzelner oder als Gruppe betrachtet wird: Familie, Stamm, Staat, immer ist ein Stück des Bodens mit ihm und mit dieser Gruppe zu betrachten[...]Dagegen hat es manche Gesellschaftslehre gegeben, die sich um den Boden nicht gekümmert hat, und in der ganzen modernen Soziologie spielt der Boden eine so geringe Rolle, daß die Werke, die ihn eingehender berücksichtigen, uns als Ausnahmen erscheinen. Die meisten soziologischen Systeme und Theorien betrachten den Menschen wie von der Erde losgelöst”. Extraído do livro: *Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte*. RATZEL. Stuttgart. Verlag von J. Neumann, Neudamm. V. 1. 1909 [1898-1899].

<sup>104</sup> Existe um artigo caprichosamente detalhado de nome *Jules Sion, Alan Grant Ogilvie and the College des Ecosais in Montpellier: a Network of Geographers* (2004) (Jules Sion, Alan Grant Ogilvie e o College des Ecosais em Montpellier: uma rede de geógrafos), em que são exploradas as ligações entre geógrafos ingleses e franceses nos primeiros anos do século XX. O foco se volta para Jules Sion e Alan Grant, evidenciando intercâmbios científicos e redes de contatos a partir da chegada dos britânicos ao Collège des Ecosais. Sion não referenciou a classificação de “imperialista” que ele inaugurou sobre Ratzel, porém talvez esse contato anos antes da escrita de seu artigo de 1904 possa nos fornecer algum indício.

trabalhos, a conformação do exercício imperial ao metabolismo capitalista foi apurada com maior rigor e a expressão passou a ser identificada como o saqueamento de recursos naturais, acompanhado de extermínio de povos e culturas com o objetivo de abastecer economias industriais europeias.

Sem embargo, essa rotulação não é exclusivamente herdeira do anacronismo conceitual. Os autores “vidalinos” não reportaram da mesma maneira a teórica expansionista francesa que estampava as linhas de La Blache, sobretudo quando na defesa do seu conceito de “*Genre de vie*” (“gênero de vida”). O termo representava, para o autor, o conjunto de técnicas, costumes e conhecimentos de um povo, passados de geração em geração (LA BLACHE, 1954 [1922]). A interação entre diferentes gêneros de vida ensejaria no aperfeiçoamento de técnicas e hábitos entre os povos. Para tanto, seria necessário alargar a variedade dos meios ocupados para produzir diversidades de gêneros de vida, assim, as áreas de contato/convergência entre gêneros seriam convertidas no que ele denominou como “domínios de civilização”. Assim aduzindo: “Cada região representa um domínio, onde se reuniram artificialmente seres díspares, que aí se adaptaram a uma vida em comum” (Ib., p. 34).

O desenvolvimento retórico do autor foi configurado de forma a não consagrar vocábulos identificados com a política expansionista ou domínio territorial, no lugar disso consagrou-se a defesa do processo “comunitário de construção civilizacional”. Porém algumas expressões escaparam a esse cuidado e não deixaram de se identificar com a atividade colonial francesa. As cidades europeias foram retratadas como a expressão civilizacional num estágio mais avançado, “que certas regiões não atingiram, e que, possivelmente, não atingirão nunca por si mesmas” (Ib., p. 280). África e Ásia estariam em situação de “equilíbrio primitivo”, portanto imersas em localismos e “vegetando de lado a lado”, de modo que seria necessário, para essas nações, a interação civilizadora com o europeu.

Estamos em sintonia com as apreciações que condenam a posição expansionista de Ratzel, do mesmo modo, de “braço dado” como os que execram sua simpatia ao colonialismo. No entanto, é preciso que ampliemos as frentes investigativas para além das críticas generalistas e pragmáticas de associação imediata, que podem acabar conduzindo-nos, por exemplo, à crença de que: “É fácil observar a íntima vinculação entre as formulações de Ratzel, sua época e o projeto imperial alemão” (MORAES, 2007, p. 70).

## Ratzel e o nazismo

Investigar a relação das ideias de Ratzel com o regime nazista é uma tarefa complexa que exigiria, ao menos para ser introduzida ao adequado nível de detalhamento de sua espessura analítica e contextual, a circunstância de uma investigação exclusiva. Contudo, ainda que de maneira breve, é possível apresentar alguns elementos significativos que possibilitem refletir criticamente acerca da associação entre o regime nazista e Friedrich Ratzel.

Mesmo renunciando a grandes preâmbulos, a demarcação teórico-metodológica das diferenças entre geografia política e geopolítica faz-se fundamental para a compreensão de alguns equívocos acerca da temática. A fusão de bases conceituais, procedimentos científicos e aspirações de autores desses diferentes estatutos conformou a percepção de um processo de influência sem desvios do fundador da geografia política em teóricos da geopolítica.

A geopolítica, tal como foi exposta pelos principais teóricos, é antes de tudo um subproduto e um reducionismo técnico e pragmático da geografia política, na medida em que se apropria de parte de seus postulados gerais, para aplicá-los na análise de situações concretas interessando ao jogo de forças estatais projetado no espaço [...] a geopolítica representa um inquestionável empobrecimento teórico em relação à análise geográfico-política de Ratzel, Vallaux, Bowman, Gottmann, Hasrtshorne, Whittlesey, Weigert, e tantos outros. (COSTA, 1992, p. 55).

Entre os principais teóricos da geopolítica, comecemos pelo que cunhou o termo “geopolítica” e é reconhecido como um de seus pioneiros: Rudolf Kjellén [1864-1922]. O cientista político sueco utilizou-se abertamente da noção do organismo estatal de Ratzel, todavia, ele acreditava que, enquanto paradigma da geografia política, essa noção não passava de uma espécie de marasmo teórico inoperante. Então o autor deslocou a investigação do Estado mais para o campo da ciência política do que para o da geografia. Apregoando os conhecimentos geográficos como recursos funcionais para as estratégias dos “homens de Estado” (HOLDAR, 1992). O Estado para Kjellen possuía poder, mas este não seria avigorado junto à complexidade do engajamento cultural, mirando a coesão interna, nem pelos desafios de associação do pertencimento territorial em anuência com o projeto estratégico do Estado, como pensava Ratzel, e sim a partir da comparação pragmática com outros Estados no contexto do tabuleiro geopolítico mundial.<sup>105</sup>

Outro nome importante nesse sentido é o do geógrafo inglês Halford Mackinder [1861-1947]. Mackinder se inspirou em Ratzel, na crítica tecida contra seus pares que atribuíam pouca atenção ao componente político em suas análises. Entretanto, ele instituiu suas próprias

---

<sup>105</sup> COSTA, op. cit.

apreciações quanto ao nível de objetividade da ação política, discordando da perspectiva abstrata do pensador alemão. Ratzel entendia as projeções político-geográficas da nação mais associadas à articulação das relações internas entre Estado, povo e território; já Mackinder operou pela lógica da “visão estratégica global”. O inglês defendia a implementação dos conhecimentos da geografia política, voltados para as estratégias mundiais, erguendo duras críticas à dualidade entre quadro nacional e internacional. Para ele, qualquer perturbação em qualquer ponto no espaço geopolítico mundial afetaria o equilíbrio de forças e exigiria uma reação estatal.<sup>106</sup>

Mackinder julgava que as sociedades deveriam incorporar um “senso estratégico”, de forma a varrer idealismos democráticos românticos da mentalidade dos cidadãos. Propondo, dessa forma, uma espécie de imperialismo democrático inglês que se equilibraria entre democracia e realismo político. O geógrafo inglês apontava de forma evidente para o concretismo, marchando na direção de elementos empíricos que não se encontravam de forma prática na planificação teórica da geografia política de Ratzel (MACKINDER, 1904 [1942]).

É nesse cenário que surge a figura do general-geógrafo K. Haushofer, que [...] constituirá a mais famosa e controvertida escola de geopolítica de todos os tempos. Partindo das ideias gerais de Ratzel, mas inspirando-se principalmente em Kjéllen, a *geopolitik*, que se desenvolve basicamente em Munique nos anos interguerras, acaba por repercutir fortemente não apenas na Alemanha, mas em amplos círculos acadêmicos, militares e diplomáticos para além desse país. Será também inspiradora de inúmeros estudos e “estratégias” antes e após a Segunda Guerra Mundial, particularmente nos ambientes dos “estados-maiores” de países do Terceiro Mundo, dentre eles o Brasil, a Argentina e o Chile, mas também ganhará adeptos em setores militares norte-americanos [...] Foi também a escola que provocou as maiores reações críticas da comunidade geográfica, provavelmente em toda a história dessa ciência. (COSTA, op. cit., p. 119).

O general-geógrafo Karl Haushofer<sup>107</sup> [1869-1946] conduziu, em suas análises, noções desenvolvidas por Kjéllen, junto das conceituações teóricas de Ratzel, tentando fundi-las, e alçar o produto dessa fusão à condição de geografia “político-militar”. O intento era uma proposta geopolítica centrada na problemática do sentimento de nação atrasada que permeava o imaginário civil e militar da nação alemã.

<sup>106</sup> COSTA, op. cit.

<sup>107</sup> Ratzel foi colega do pai de Haushofer, Max Haushofer Jr. [1840-1907], que era professor de estatística e economia na Universidade de Munique. O texto de Lüdecke (2002) revela que os dois poderiam ser encontrados caminhando em torno das fontes do câmpus em animadas conversas sobre questões globais. A autora completa dizendo que, por conta de seu carisma especial, Ratzel teria exercido grande influência em seu filho, o jovem Haushofer, que, à época da saída de Ratzel para Leipzig, possuía 17 anos. Karl, anos depois, o teria descrito como uma pessoa “da qual uma fâsca crepitante saltava de seu fluido para nós, jovens: o desejo de ser como ele: um soldado e uma personalidade científica ao mesmo tempo” [von dem auf uns Junge damals ein knisternder Funke aus seinem Fluidum übersprang: der Wunsch zu werden wie er: soldatische und wissenschaftliche Persönlichkeit zugleich] (HAUSHOFER, 1944 apud LÜDECKE, p. 29, 2002).

Haushofer trajou a crítica produzida por Ratzel aos povos de baixo nível de “desassossego humano”, ou seja, conformados e estáticos na busca por “melhores espaços”. Porém, a ideia foi empregada em associação à teoria malthusiana, relacionando-a com a excisão territorial sofrida pela Alemanha no pós-guerra, exprimindo como tal situação poderia influenciar na capacidade de suprimento alimentar para a população.<sup>108</sup> Informemos uma diferença cardinal entre os dois: enquanto Malthus pensava que a população de um país não deveria ser permitida crescer além da capacidade nutricional de si mesma, Ratzel supunha que o aumento populacional era um indicativo de saúde e vitalidade da nação.<sup>109</sup>

Haushofer realizou um movimento de apoio teórico pervertido, remendado por uma severa despreocupação em relação ao rigor metodológico. Tal aspecto não se tratava de um deslize ou esquecimento. Era concebido de maneira deliberada pela maior parte desses autores, que costumavam associar seu bojo de teorias à esfera da “técnica” de estratégia política, renunciando propositalmente às convenções científicas (MELLO, 1999).

Essa postura político-estratégica foi produzida em aproximação com o expansionismo ratzeliano, impelido pela pregação de que uma nação que não se expande contrai como tendência sua redução progressiva em direção ao desaparecimento. No entanto, foram adicionados elementos beligerantes, mirando, por exemplo, o estudo minucioso da ação climática sobre seus soldados e os adversários em situação de guerra, bem como uma tríade de “pan-ideias” expansionistas, costuradas por um nacionalismo conservador. Preterindo posição em detrimento de espaço e coesão em relação à conquista (DOSTAL, 2019), tendo esse último aspecto recebido pouca atenção por parte do *führer*. Aliás, existiam importantes discordâncias entre Haushofer e o pano ideológico nazista.

A associação entre Haushofer e o nazismo não era afinada. Havia uma distinção fundamental entre ambos: enquanto o primeiro defendeu a concepção pangermânica de longo prazo, a aspiração hitleriana era pela atualização dos planos de conquistas e fundamentos táticos guiados pelas possibilidades políticas da hora.<sup>110</sup> Uma segunda divergência marcante entre os dois era sobre a aliança com a Itália, fato que culminou até na censura de um dos livros de Haushofer.<sup>111</sup>

A geografia política fundada por Ratzel, que, pela sua forma de elaboração poderia ser concebida como uma “Geografia do Estado” (RAFFESTIN, 1993), tinha como característica

---

<sup>108</sup> COSTA, op. cit.

<sup>109</sup> BASSIN, 1987a.

<sup>110</sup> MELLO, op. cit.

<sup>111</sup> COSTA, op. cit.

tomar o Estado como um todo orgânico. Esse todo, composto de uma nação (*Volk*), deveria constituir-se como um corpo politicamente unido, adensado por grupos e indivíduos que não necessitariam estar relacionados etnicamente nem linguisticamente, mas precisavam compartilhar motivos comuns para o processo coesivo.

Friedrich Ratzel morreu trinta anos antes da ascensão do nazismo ao poder. A geografia política proposta pelo pensador alemão foi desenvolvida sobre bases e objetivos consideravelmente diferentes da *geopolitik*, a qual foi projetada na Alemanha sobretudo a partir de 1918. Hitler entendia que o território ideal para expansão, inicialmente, seriam as terras agrícolas eslavas ao leste da Alemanha e, posteriormente, o domínio de todo o continente a partir da evacuação e reassentamento de raças biologicamente inferiores. Para Ratzel, como já pontuamos, o território europeu era inacessível, ocupado e exaurido em possibilidades. Ele enxergava na aquisição de posses via colonização exterior o único modo de expansão territorial viável.<sup>112</sup>

Ratzel pensava que o projeto político nacional deveria abarcar todos os povos etnicamente alemães, viventes no território ou não.<sup>113</sup> Somado a isso, a incorporação de sociedades estrangeiras também contribuiria para o processo de obstinação pela expansão física da nação. Quando suas teorias foram pervertidas pelo nacional-socialismo alemão, a tônica de expansão passou a ter como requisitos elementos racistas e chauvinistas, concebendo, assim, o que Hitler denominou de *bodenpolitik* (“política do solo”).<sup>114</sup> Essa espécie de *Lebensraum* (“espaço vital”) ampliado não se limitava à garantia da conservação do Estado-Nação por meio do processo coesivo e expansionista — este agora era disciplinado a fim de garantir a sobrevivência racial, postulando a idealização da raça ariana como condutora dos processos civilizacionais, e a maior responsável por guiar a humanidade ao progresso (RYBACK, 2009).

Em contrapartida, Ratzel anuía sobre a unidade biológica da raça humana<sup>115</sup>, crendo na igualdade fundamental entre seus membros, criticando de forma severa em *Nacionalidades e Raças* (1904), dois dos enunciadores mais importantes do fanatismo racial do século XIX e precursores da ideologia nazista: Houston Stewart Chamberlain e Artur de Gobineu.<sup>116</sup>

---

<sup>112</sup> BASSIN, 1987a.

<sup>113</sup> Sanguin (1990) apresenta uma passagem do *Die Beurteilung der Völker* (“Julgando as nações”), de 1878, em que Ratzel aponta as minorias ativas preservadas fora da Alemanha como motivo de orgulho. Estas, para ele, seriam pessoas politicamente distantes, mas “espiritualmente nossas”.

<sup>114</sup> BASSIN, 1987a.

<sup>115</sup> “wir haben daher noch keine neue Rasse entstehen sehen. Wir kennen nur Völkervarietäten”. Trecho extraído de: *Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte*. Stuttgart. Verlag von j. Bngelhorn. 1909 [1898], p. 4. Em tradução livre: “ainda não vimos surgir uma nova raça. Só conhecemos variedades étnicas”.

<sup>116</sup> BASSIN, 1987a.



As diferenças entre os pensamentos de Ratzel e Haushofer são nítidas, entre Hitler e Haushofer são marcantes, e, no que diz respeito a Hitler e Ratzel, são fundamentais. Neste momento, cabe reiterar que a geografia política em sua concepção inicial tinha como função investigar o modo pelo qual a política era influenciada pela geografia e vice-versa, além de estudar a distribuição e exercício do poder estatal no espaço.

Concordamos com Costa (1992) no que concerne ao estabelecimento da distinção entre geografia política e geopolítica: ela é, parcialmente, improfícua, visto que o enquadramento em rótulos se vincula a expedientes de dissimulação e camuflagem estratégica que mais ocultam do que revelam as intenções da proposta em questão. Tanto é assim que a obra seminal da geografia política, *Politische Geographie* (1897), de Ratzel, que, mesmo sendo traduzida justamente como “Geografia Política”, é também citada pelos principais geopolíticos como seu livro de formação. Desse modo, “talvez o melhor caminho a seguir, caso se pretenda estabelecer distinções entre ambas, seja o de tentar utilizar o critério de ‘nível de engajamento’ do estudo aos objetivos estratégicos nacionais-estatais”.<sup>117</sup>

As generalizações críticas não estão tão distantes. Como já anotamos, Sanguin produziu uma das mais diligentes releituras sobre o valor de Ratzel para a ciência geográfica (1990). Acreditamos, junto com Carvalho (1997a), que a acuidade e a sensibilidade de seus textos podem, também, ter sido motivadas por equívocos pretéritos. Em seu *Dicionário de Geografia Política*, publicado em 1981, o autor define *Lebensraum* como: “*Término desarrollado por la Geopolitik nazi que implica una noción de espacio vital. Este concepto engendra una lucha por el espacio, es decir, una propaganda disfrazada al servicio de las aspiraciones imperialistas con vistas a una extensión y dominación ilimitadas*” (SANGUIN, 1981, p. 74).

Esse tipo de miscelânea crítica, apenas representada pelo trecho destacado, irá ditar, isto é, dar o tom, de equívocos analíticos e preconceituosos no que concerne à relação entre Ratzel e o nazismo, aferida pela sua atribuição como intelectual que formulou os substratos conceituais que compunham a geopolítica e a *geopolitik*. A miscigenação de alvos críticos não é algo novo nesse ramo, como nos conta Troll (1949) ao apontar que importantes geógrafos franceses como Demangeon [1872-1940] e Ancel [1879-1943] já não diferenciaram, em sua crítica, o que se produzia em geografia política na Alemanha do que era construído em termos de geopolítica no país.

Como pudemos acompanhar, ainda que sumariamente, a dimensão da complexidade envolvida nessas guinadas contextuais não se deixa traduzir por simplórios encadeamentos.

---

<sup>117</sup> COSTA, op. cit.

Nesse sentido, a tradição da hegemonia teórica emperra a mudança no imaginário dogmático desse campo.

## 2. CAMINHOS TEÓRICOS

Ratzel e o determinismo geográfico compõem um par exemplar fracamente explorado por pesquisadores, tanto no sentido de asseverar a associação entre um e outro, visando engendrar uma retórica que desdenhe da determinação social a partir do solo, como, por outro lado, em estudos revisionistas destinados a precisar o equívoco expresso por tal relação. Apesar desses dois movimentos zarparem em sentidos completamente opostos no que tange à referida associação, ambos resguardam, na maior parte das vezes, um ponto de convergência: a insuficiência com relação à progressão histórica desta rotulagem.<sup>118</sup> Se pelo lado dos “pró-estigma” a traiçoeira dualidade entre possibilitas e deterministas representaria um confiável apoio conceitual para a denominação, pelo prisma “revisionista” a eleição de Lucien Febvre [1858-1956] como singular responsável pelo “quiprocó” daria conta de registrar a dimensão desse acontecimento para a história das ciências humanas.

Sendo assim, uma investigação que se anime a destinar atenção ao desenvolvimento histórico de tal estigmatização, empenhando-se em congregar episódios fundamentais que extrapolaram as fronteiras da história do pensamento geográfico, faz-se relevante. É hora de elevar o grau de compreensão dos caminhos e consequências que percorreram e ensejaram tal vinculação.

Logo de saída, expliquemos que, para nós, esse desacerto não começa nem na geografia e nem na Alemanha, e sim é fruto da estratificação científica de uma época. Mas, se tivéssemos que sucumbir ao vício de geógrafo de saber “onde”, diríamos que o início disso mais se aproxima da França e da sociologia. Enunciaríamos esse detalhe para longo em seguida corrigir, indicando que o pilar crítico da morfologia social francesa se baseava em postulados da sociologia (física social) francesa, que, por sua vez, era influenciada pela filosofia alemã. E assim, acabar por concluir que, na realidade, uma maior precisão sobre as origens é possibilitada a partir do contraste entre a hegemonia organizacional do pensamento científico social e o método da recém-chegada geografia humana. Sendo este, portanto, o elemento decisivo para a construção do estigma de Friedrich Ratzel como um determinista geográfico. Despertemos para uma breve introdução acerca destas origens.

---

<sup>118</sup> Para exceções consultar: Carvalho (1997b), (2010); Robic (2014).

### **Lógica hegemônica nas ciências sociais: a segmentação científica**

Embrenhemo-nos no período Pós-Revolução Francesa (1789-1799) e pós-primeira fase da Revolução Industrial (1760-1850). A França de Augusto Comte é um ambiente de ebulição política associada à crise dos valores tradicionais imposta pelo temário iluminista, em especial por sua ala fisiocrata. Esse grupo, que daria origem ao liberalismo clássico, defendia a liberdade de ação particular no mercado e a existência do sistema econômico como uma estrutura regulada por diretrizes naturais, em que a terra representava a fonte de onde provinha toda a riqueza (NUNES, 2007).

Essa tendência produziu críticas ferrenhas ao mercantilismo, especialmente por meio de seu principal expoente teórico, François Quesnay [1694-1774]. Entretanto, o movimento fisiocrata, que poderia ser emblemado a partir da frase atribuída ao economista Vicent de Gournay [1712-1759], “*Laissez faire, laissez passer, le monde va de lui même*” (“Deixe fazer, deixe passar, o mundo vai por si mesmo”), era contrariado por uma resistência feudal de crenças teológicas, a qual abrangia montante considerável do tecido social francês. Esse foi o cenário para a instabilidade (CORAZZA, 1986).

Desse quadro emergiu o positivismo comtiano, disposto a reestabelecer a ordem social através do progresso vinculado à institucionalidade científica, frente ao atual panorama que ele classificava como “profunda anarquia moral e política”. Em sua obra *Appel aux Conservateurs* (“Apelo aos conservadores”), de 1855, foram determinadas sete características para o conhecimento positivo: ser real, útil, certo, preciso, relativo, orgânico e simpático. Comte fundou sua “física social”, a qual ele denominou também de “sociologia”, como a ciência que teria por objetivo estudar os fenômenos sociais com o mesmo espírito com que se analisavam os domínios científicos da natureza. Portanto, estes também deveriam estar submetidos a leis naturais invariáveis, destinadas a planificar com a maior precisão possível o desenvolvimento da espécie humana. A finalidade era extrair uma linha evolutiva do passado, de forma a identificar os encadeamentos que foram necessários para o progresso até aqui e, assim, delinear os que virão a ser para o aperfeiçoamento futuro (COMTE, 2009 [1855]).

O filósofo francês buscou varrer valores metafísicos, teológicos, românticos e idealistas, postulando apenas o conhecimento científico como verdadeiro. O saber científico aplicar-se-ia de maneira prática como suporte de fundamentação para políticas de Estado, com vistas a possibilitar a manutenção da harmonia social: aspecto que ele considerava primário para a consecução do progresso.

Estes resultados gerais [o conhecimento científico produzido pela física social] tornam-se, por sua vez, o ponto de partida positivo dos trabalhos do homem de Estado, que só têm, por assim dizer, como objetivo real, descobrir e instituir as formas práticas correspondentes a esses dados fundamentais, a fim de evitar ou pelo menos mitigar, quanto possível, as crises mais ou menos graves que um movimento espontâneo determina, quando não foi previsto. Numa palavra, nesta, como em qualquer outra ordem de fenômenos, a ciência conduz à previdência, e a previdência permite regular a ação. (COMTE, 1825 apud MORAES FILHO, 1983, p. 54).

As leis de sucessão da física social existiam pela força dos antecedentes. Essas forças deveriam ser observadas sem juízo de valor, sendo apenas tomadas como constantes atinentes ao estado de determinada sociedade. O papel do cientista deveria ser colocar em evidência, através da observação objetiva, as tendências naturais da época em questão. O pesquisador deveria, ainda, circunscrever para cada uma o caráter da política de ação a ser praticada, tratando de entender a mutualidade de suas relações e o grau de influência que cada aspecto exerceu para o desenvolvimento humano. A física social nasceu como parte complementar da filosofia natural.

A Física Social, isto é, o estudo do desenvolvimento coletivo da espécie humana, é, sem dúvida, um ramo da Fisiologia, isto é, o estudo do homem, concebido em toda a sua extensão. Em outros termos a história da civilização nada mais é do que a continuação e o complemento indispensável da história natural do homem. (Ib., p. 67 [1822]).

Ante o exposto de alguns rudimentos fundantes das ciências sociais, avancemos em direção ao que viria a ser a sua feição sistematizada. Um empreendimento possibilitado pelas mãos do sociólogo francês Émile Durkheim [1858-1917] em sua obra *Les règles de la méthode sociologique* (“As regras do método sociológico”) (1895). A proposta de metodização da ciência que estuda a sociedade partiu da crítica efetuada a Comte com relação ao seu tom metafísico e abstrato, o que culminava, para Durkheim, em práticas metodológicas genéricas e pouco rigorosas cientificamente. A generalização do termo “sociologia” por Comte, tanto para o objeto de estudo quanto para o instrumental analítico, foi tomada como contraproducente. No lugar disso, a observação dos “fatos sociais”, na hora de aferir cientificamente sobre o campo *sociologia*, seria metodologicamente mais adequado.

Um outro incômodo se deveu ao fato de Comte posicionar diferentes sociedades como ocupando posições distintas de um mesmo processo evolutivo, equiparando fatos sociais em diferentes lugares. Tal aspecto suscitou a proposta durkheimiana de “espécies sociais”. Durkheim conservou a índole do organismo, porém abordando diferentes sociedades como espécies sociais distintas. Essas observações e comparações, seguidas do posterior estabelecimento de leis gerais para determinado tipo de sociedade, nos conduziram à

compreensão de cada parte essencial necessária para o melhor funcionamento do grande organismo social humano. Nesse sentido, destacamos a seguinte passagem do sociólogo francês: “Foi por ter desconhecido a existência de espécies sociais que Comte julgou poder representar o progresso das sociedades humanas como idêntico ao de um povo único” (DURKHEIM, 2007 [1895], p. 81).

Para Durkheim, os elementos da natureza e suas combinações patrocinarão a dependência da vida social. Considerando que os referidos elementos se dispõem em ordem morfológica, essa relação mereceria uma especificidade. E, assim, foram lançadas as fundamentações do que ele viria a chamar de “morfologia social”. Esse novo campo deveria operar por meio de método comparativo, mais atento ao cuidado na seleção dos dados do que em captar seu volume. Teríamos, então, a morfologia social como o ramo da sociologia encarregado de descrever e classificar os tipos sociais. O artífice da sociologia científica considera que “a constituição das espécies é antes de tudo um meio de agrupar os fatos para facilitar sua interpretação; a morfologia social é um encaminhamento para a parte realmente explicativa da ciência” (Ib., p. 69).

O regime procedimental adotado para o manejo da morfologia social era pautado por análises de tempos sociais que evoluiriam do simples ao complexo, no que se refere à própria espécie social do estudo em questão. Convencido de que uma sociedade é formada por partes constitutivas que representam sociedades mais simples do que o conjunto social inteiro, Durkheim tateou diferentes composições regido pelo estudo de agregados de complexidade. Tomou a cidade como agregado de tribos, que, por sua vez, seriam agregados de cúrias, e estas, agregados de gentes ou clãs, seguindo o que ele definiria como sociedade simples. Esse patamar, que para ele não encontrava nenhum exemplo concreto no mundo social, competiria à sociedade que não possui nenhum tipo de agregado e se decomporia imediatamente em indivíduos.

Sabe-se, com efeito, que as partes constitutivas de que é formada toda sociedade são sociedades mais simples do que ela é. Um povo é formado pela reunião de dois ou vários povos que o precederam. Portanto, se conhecêssemos a sociedade mais simples que até hoje existiu, precisaríamos apenas, para fazer nossa classificação, seguir a maneira como essa sociedade se compõe consigo mesma e como seus compostos se compõem entre si. (Ib., p. 63).

Ordenamento social, fragmentação científica bem demarcada. Comte estabeleceu os limites e o rigor das humanidades que Durkheim estruturaria e aprofundaria em campos e subcampos. Com base nessa minúscula topografia social e mental das diretivas predominantes no âmbito das ciências humanas, entendemos que Ratzel, assim como qualquer cientista

européu do século XIX, caso aspirasse obter validação em termos de parâmetros técnico-científicos em ciências sociais, deveria se conformar à especificidade dos campos do conhecimento e suas fatias exploratórias.

### **Um começo analítico auspicioso**

Guarnecidos por essas noções, retomemos nosso foco em direção à gênese e tonificação do estigma de determinista geográfico sobre a figura de Ratzel. Pode-se afirmar que dois periódicos científicos serviram como palanques teóricos essenciais para a formação desse processo. Estes foram: o *L'Année Sociologique*, fundado por Durkheim em 1897, e os *Annales de Géographie*, inaugurado por Paul Vidal de La Blache [1845-1918] em 1891. Apesar das diferenças brutais de enfoque entre os autores, acrescidas das distinções de áreas de atuação e escolas formativas, tentamos limitar nossa análise com relação ao que há de posicionamento aproximativo entre Ratzel e o determinismo.

É exatamente no volume inaugural dos *Annales de Géographie* (1891-1892) onde se encontra a primeira referência expressiva ao autor. Nesse contato, percebemos a adoção de um tom elogioso, revestido pela observância das ideias de Ratzel como símbolos dos parâmetros científicos. Louis Raveneau foi o responsável por esse estudo, por meio de uma resenha dos dois volumes da *Anthropogeographie*, em seu artigo *L'Élément Humain Dans La Géographie* (“O elemento humano na geografia”). Nesse escrito é onde aparece pela primeira vez o termo “geografia humana”<sup>119</sup>: “a antropogeografia estuda a extensão e a repartição do homem sobre a terra: ela é, propriamente, a geografia humana” (RAVENEAU, 1891-1892, p. 333, tradução nossa)<sup>120</sup>.

As críticas produzidas por Raveneau a Ratzel no referido trabalho direcionam-se à disposição organizacional, lacunas técnicas e estilística da obra:<sup>121</sup>

<sup>119</sup> Raveneau insistiu nessa expressão em outros artigos entre 1896 e 1897. Ela ganhou força quando De Martonne também a utilizou em 1896, seguido de Vidal de la Blache, na ocasião em que se debruçou sobre a geografia política de Ratzel, em 1898. A consolidação da palavra se fez no decênio seguinte, quando Brunhes a utilizou em um curso sobre método geográfico. O autor também a tomou como subtítulo de sua tese dedicada a La Blache em 1902 (Robic, op. cit.).

<sup>120</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “l’anthropogéographie étudie l’extension et la distribution de l’homme sur terre: c’est, à proprement parler, la géographie humaine”. Extraído do artigo original: *L'Élément Humain Dans La Géographie*. RAVENEAU. *Annales de Géographie*, v. 1. P. 331-347, 1891.

<sup>121</sup> Raveneau investiu contra o caráter repetitivo de antropogeografia. Criticou também a falta de rigor, em alguns momentos, com relação ao manejo de dados, destacando um lapso de Ratzel ao não referenciar uma informação a respeito da Austrália. O tom literário de sua escrita, assentado numa “alma orgulhosa” que insistia em utilizar milhas ao invés de quilômetros para descrever grandes áreas, seria, na visão de Raveneau, mais um complidador da compreensão em seus textos.

Acostumamo-nos a considerar o primeiro volume apenas como um apêndice do primeiro; acabamos não nos assustando mais com as repetições e repetições, mas achamos difícil buscar as referências ao final de cada capítulo e não podemos nos conformar com a falta de registro, o que torna a leitura muito trabalhosa [...] Nem ele nos diz que pegou emprestado suas informações sobre a Austrália do livro de Jung, e ele certamente está errado [...] M. Ratzel respondeu que não lhe desagradava desafiar os julgamentos dos Congressos de Estatística (esta é uma alma orgulhosa) e que, se estivesse só, continuará a usar os mil, porque os considera mais adequados à representação de Grandes áreas [...] mas não podemos deixar de notar nele frases com brio que vêm de sua admiração literária e às vezes um vocabulário precioso que cheira a ser publicitário [...] Ratzel nem sempre verifica voluptuosamente o suficiente os números que ele usa. (Ib., p. 343-343, tradução nossa)<sup>122</sup>.

As críticas são meros detalhes quando comparadas ao destaque atribuído à riqueza de sua contribuição à ciência geográfica. O artigo começa com um breve apanhado da trajetória acadêmica de Ratzel, que é apontado como um “professor zeloso”, esforçado na busca por conciliar tendências e dotado de espírito livre e aberto na constituição dessa novidade científica. Raveneau entende a proposta de geografia humana de Ratzel como uma contribuição que possibilitaria à geografia um equilibrado elemento agregador, diante da supressão do elemento humano na geografia física e a carência de consideração sobre aspectos geográficos nas ciências humanas:

O seu principal mérito é ter reintegrado na geografia o elemento humano. Desse modo deu a esta ciência um novo rumo e um novo impulso [...] Entre a geografia física, por vezes invasiva ou exclusiva, e as ciências humanas que tão facilmente negligenciam o quadro em que o homem se move e o espaço em que ele vive, M. Ratzel tomou uma posição. (RAVENEAU, 1891-1892 apud CARVALHO, 1997B, s.p., tradução nossa)<sup>123</sup>.

Percebe-se que Ratzel, num primeiro momento, foi observado como ocupando a risca medial com relação a supostos desequilíbrios analíticos (determinismos), firmados pelas

---

<sup>122</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Nous sommes habitués à ne considérer le premier volume que comme une annexe au premier; nous avons fini par ne plus avoir peur des répétitions et des répétitions, mais nous avons eu du mal à chercher des références à la fin de chaque chapitre et nous ne pouvons pas nous contenter du manque d'inscription, qui rend la lecture très difficile [...] Ni est-il venu nous chercher. il a emprunté ses informations sur l'Australie au livre de Jung, et il a certainement tort [...] M. Ratzel a répondu qu'il ne détestait pas défier les jugements des congrès de statistique (c'est une âme fière) et qu'il continuera simplement à utiliser les mille, car il les considère plus adaptés à la représentation de grandes surfaces [...] mais on ne peut s'empêcher de remarquer en lui des phrases avec panache qui achètent son admiration littéraire et parfois un précieux vocabulaire qui sent bon la publicité [...] Ratzel ne vérifie pas toujours avec volupté les chiffres qu'il utilise”. Extraído do artigo original: *L'Élément Humain Dans La Géographie*. RAVENEAU. *Annales de Géographie*, v. 1. P. 331-347, 1891.

<sup>123</sup> O artigo de Carvalho foi escrito em português, no entanto, o autor optou por reproduzir literalmente as citações, portanto, estas encontram-se nos respectivos idiomas de cada pensador. Neste caso a citação original corresponde ao francês: “Son principal mérite est d'avoir réintégré dans la géographie l'élément humain. Par là il a donné à cette science une orientation et une impulsion nouvelles [...] Entre la géographie physique, parfois envahissante ou exclusive et les sciences de l'homme qui négligent si aisément le cadre où l'homme se meut et l'espace sur lequel il vit, M. Ratzel a pris position”. CARVALHO. *Biblio 3w. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, nº 34, 1997.

seguintes polaridades: determinismos geográficos impostos pelos “intransigentes da geografia física”, como denominava Raveneau, e determinismos sociais, fabricados por cientistas sociais absortos com relação aos fatores geográficos.

Outro ponto que merece atenção é a posição desta primeira análise acerca da problemática das identidades científicas, já que a justeza da delimitação de atuação por área viria a ser um grande objeto de disputa no universo das humanidades. O autor corrobora com a emancipação científica da antropogeografia, chegando a erguê-la a um papel de protagonista em relação a outras searas do conhecimento. Afirmando que “a estatística e a etnografia, longe de nutrir a antropogeografia, também se desenvolveram à sua custa; ao perder a noção de espaço, elas perderam seu caráter geográfico. M. Ratzel reduzirá essas ciências ao seu papel adequado, ao de auxiliares” (RAVENEAU, 1891-1892 apud CARVALHO, 1997B, s.p., tradução nossa)<sup>124</sup>.

Raveneau completa o raciocínio, fixando o método de Ratzel como algo que superaria a abordagem psicológica para a etnografia de Adolf Bastian<sup>125</sup>: “O autor da *Antropogeografia* nos parece estar inteiramente certo e contra M. Bastian [...] M. Ratzel nunca se esquece de preceder a descrição etnográfica da descrição geográfica que o ilumina e o torna inteligível” (RAVENEAU, op. cit., p. 345, tradução nossa)<sup>126</sup>.

Nos *Annales de Géographie*, de 1893-1894, há apenas uma citação importante sobre Ratzel, num capítulo sobre a América, disposto na seção “Estados Unidos”. O trecho foi assinado por Lucien Gallois [1857-1941], um relevante geógrafo da fase seminal dos *Annales* que chegou a ser professor da École Normale Supérieure e da Sorbone, ele à época era aluno de La Blache. Gallois elogiou tanto a investigação presidida por Ratzel nos Estados Unidos quanto a sua prescrição metodológica no manejo da geografia política, com relação à congregação de dados estatísticos junto à dinâmica populacional:

Desde que M. Ratzel publicou a primeira edição de seu estudo sobre os Estados Unidos em 1878, nosso conhecimento da geografia física deste país tornou-se singularmente preciso, mas é especialmente no domínio da geografia política, dando

---

<sup>124</sup> O artigo de Carvalho foi escrito em português, no entanto, o autor optou por reproduzir literalmente as citações, portanto, estas encontram-se nos respectivos idiomas de cada pensador. Neste caso a citação original corresponde ao francês: “la statistique et l'ethnographie, loin de nourrir l'anthropogéographie, se sont développées elles aussi à ses dépens; en perdant la notion d'espace, elles ont perdu le caractère géographique. M. Ratzel réduira ces sciences à leur rôle propre, celui d'auxiliaires”. CARVALHO. Biblio 3w. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, n° 34, 1997.

<sup>125</sup> Adolf Bastian foi o responsável por introduzir o termo “psicologia política”, germinando o que viria a ser o ramo da psicologia social que se debruça sobre o comportamento político a partir de uma perspectiva psicológica.

<sup>126</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “L'auteur de l'Anthropogéographie nous semble avoir entièrement raison et contre M. Bastian [...] M. Ratzel n'oublie jamais de précéder la description ethnographique de la description géographique qui l'éclaire et le rend intelligible”. Extraído do artigo original: *L'Élément Humain Dans La Géographie*. RAVENEAU. *Annales de Géographie*, v. 1. P. 331-347, 1891-1892.



a essa palavra o seu significado mais elevado, que as mudanças foram consideráveis [...] não será uma surpresa, vinda do autor de *Antropogeografia*, ele ter escrito na primeira página de seu livro. “A geografia política não deve se contentar com a repetição de números estatísticos”, mas deve, por meio da estatística, procurar captar a vida de um povo, considerado como vivente, e acompanhar seus movimentos no solo que lhe pertence. (GALLOIS, 1893-1894, p. 183, tradução nossa)<sup>127</sup>.

Na edição subsequente (1895-1896), Ratzel foi apontado vagamente como referência metodológica por alguns autores como Bertrand Auerbach, e pelo próprio Vidal de La Blache, em seu conhecido artigo *Le Principe de La Géographie Générale*. O escrito resguarda uma defesa da relevância de considerar o relacionamento de influências entre as partes que compõem o todo terrestre, devendo partir desse princípio a sistematização de leis gerais. Ratzel não é citado diretamente, mas a sua antropogeografia aparece<sup>128</sup> como exemplo de análise que também não considera as partes da Terra como uma justaposição inanimada.

Apesar dos opulentos elogios, La Blache, no escaninho inicial do periódico, destinado a analisar brevemente outros escritos, deixa escapar uma certa preocupação quanto à verificação do princípio de extensão das influências geográficas em estudos como os de Ratzel. Debruçando-se sobre o texto *Studien über politische Räume* (1895) (“Estudos de espaços políticos”), ele situa a complexidade colocada pelo componente humano como uma complicação importante que permeia esse tipo de consideração extensiva sobre cargas de influência:

Em seu trabalho sobre os Estados Unidos, M. Ratzel expressou com grande força a influência que a extensão ali exerce sobre todas as manifestações da vida política e econômica. É o desenvolvimento dessa ideia que encontramos nesses estudos, mas de forma generalizada, quase aforística. É uma prova delicada que consiste em extrair princípios gerais daquela parte da geografia em que a intervenção da atividade humana introduz um elemento essencialmente móvel e mutante. O autor superou todas as dificuldades? Em sua preocupação de dar aos fatos dessa ordem toda a generalidade que eles contêm, ele ponderou suficientemente as diferenças? (VIDAL DE LA BLACHE, 1895-1896, p. 60, tradução nossa)<sup>129</sup>.

<sup>127</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Depuis qu'en 1878 M. Ratzel a publié la première édition de son étude sur les Etats-Unis, notre connaissance de la géographie physique de ce pays s'est singulièrement précisée mais c'est dans le domaine de la géographie politique surtout, en donnant à ce mot son sens le plus élevé, que les changements ont été considérables. qui n'étonnera point, venant de l'auteur de *V Anthropogéographie*, et qu'il eût pu inscrire sur la première page de son livre *La géographie politique* ne doit pas se contenter de répéter les chiffres des statistiques, mais elle doit au moyen de la statistique s'attacher à saisir la vie d'un peuple, considéré comme un être vivant, et suivre ses mouvements sur le sol qui lui appartient”. Extraído do artigo original: *ÉTATS-UNIS*. GALLOIS. *Annales de Géographie*, v. 1. P. 183-184, 1893-1894.

<sup>128</sup> Página 138.

<sup>129</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Dans son ouvrage sur les États-Unis, M. Ratzel a exprimé avec une grande force l'influence que l'extension y exerce sur toutes les manifestations de la vie politique et économique. C'est le développement de cette idée que l'on retrouve dans ces études, mais de manière généralisée, presque aphoristique. C'est une épreuve délicate qui consiste à tirer des principes généraux de cette partie de la géographie où l'intervention de l'activité humaine introduit un élément essentiellement mobile et changeant. L'auteur a-t-il surmonté toutes les difficultés? Dans son souci de donner aux faits de cet ordre toute la généralité qu'ils contiennent, a-t-il suffisamment pesé les différences?”. Extraído do artigo original: *RATZEL (FR.)*. *Studien über politische Räume*. VIDAL DE LA BLACHE. *Annales de Géographie*, v. 5. P. 128-142, 1895-1896.

Em 1897 foi lançada a primeira edição do *L'Année Sociologique*. Quase ao final da publicação, podemos visualizar a *Sixième Section* (“Sexta Seção”). Nela, especificamente dentro da subseção *La Sociogeographie*, é onde Durkheim<sup>130</sup> comenta um pequeno livro de Ratzel, *Der Staat und sein Boden geographisch beobachtet* (“O Estado e seu solo estudados geograficamente”). Apesar de produzir algumas ressalvas quanto ao uso da perspectiva orgânica para com o trato social, o autor enaltece os empreendimentos de Ratzel em relação ao aprimoramento científico da ciência geográfica:

Conhecemos os esforços de M. Ratzel, em particular em sua antropogeografia, para elevar a geografia ao posto de ciência realmente explicativa que teria por objetivo não simplesmente descrever o aspecto superficial da Terra, mas determinar a maneira como a configuração do solo afeta a vida humana em geral. (DURKHEIM, 1897, p. 533, tradução nossa)<sup>131</sup>.

Podemos afirmar que o primeiro incômodo do fundador do *L'Année* foi motivado pelas noções de solo e território. O autor até coaduna com a concepção do território como um elemento não inanimado e primordial para o aparelho estatal de Ratzel: “O território, portanto, não é simplesmente o lugar dos fenômenos sociais, é um fator poderosamente ativo. Uma sociedade não é pensável sem uma parte da terra que está lá. Não basta dizer que o solo é do Estado, faz parte dele, é condição essencial dele” (Ib., loc. cit., tradução nossa). Apesar disso, ele entendia que o território se amolda ao consciente coletivo de uma sociedade, e esse consciente não é doutrinado por enraizamentos institucionais limitados pelo território:

Mas o solo não é apenas uma base sólida sobre a qual os estados repousam apesar de sua imobilidade, é um dos motores de progresso; o autor [Ratzel] não está longe de pensar que é o motor principal. Na verdade, o território, dissemos, contribui para formar a consciência de cada povo. Mas esta consciência, uma vez formada, reage no território onde tem suas raízes, ele se esforça para assimilá-lo, para organizá-lo da melhor maneira possível que ela persegue. (Ib., p. 535, 1897, tradução nossa)<sup>132</sup>.

<sup>130</sup> Durkheim, em sua busca por conhecer o papel que a “densidade social” exerceria nos rumos da divisão do trabalho, tema caro à morfologia social, encontrou primeiro o trabalho de demógrafos e historiadores, depois o de geógrafos. Foi a partir da leitura de antropogeógrafos franceses que se interessou pela obra de Ratzel. Ele recrutou colaboradores como o arqueólogo e sociólogo Henri Hubert [1872-1927]. Hubert foi o responsável, por exemplo, por intermediar um encontro entre Durkheim e De Martonne no início de 1898. O primeiro teria saído decepcionado, ao observar De Martonne muito distante da sociologia durante a conversa (ROBIC, op. cit.).

<sup>131</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Le territoire n'est donc pas simplement le lieu de phénomènes sociaux, c'est un facteur puissamment actif. Une société n'est pas pensable sans une partie de la terre qui s'y trouve. Il ne suffit pas de dire que le sol appartient à l'Etat, il en fait partie, il en est une condition essentielle”. Extraído do artigo original: *La Sociogeographie*. DURKHEIM. *L'Année Sociologique*, v. 1. P. 533-539, 1897.

<sup>132</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Mais le sol n'est pas seulement une base solide sur laquelle reposent les États malgré leur immobilité, c'est l'un des moteurs du progrès; l'auteur (Ratzel) n'est pas loin de penser qu'il est le premier moteur. En effet, le territoire, disions-nous, contribue à former la conscience de chaque peuple. Mais cette conscience, une fois formée, réagit dans le territoire où elle a ses racines, elle s'efforce de l'assimiler, de l'organiser au mieux qu'elle poursuit”. Extraído do artigo original: *La Sociogeographie*. DURKHEIM. *L'Année Sociologique*, v. 1. P. 533-539, 1897.

Volvendo à geografia, em um artigo publicado nos *Annales de Géographie*, em março de 1898, *La Géographie Politique: A propôs des écrits de M. Frédéric Ratzel*, La Blache começa chamando atenção para a “importância e originalidade” da segunda parte de *Antropogeografia*. Esses reconhecimentos se somariam agora aos méritos do “erudito geógrafo de Leipzig” em sua “nova e enriquecida” versão de *Geografia Política*.

A *Geografia Política* de Ratzel é apresentada como um trabalho de rara tendência na vida universitária alemã. Um reconhecido esforço por integrar fundamentos da geografia física aos da abandonada, no último quarto de século, geografia política, após um impulso inicial possibilitado por Carl Ritter [1779-1856]. A conformação da geografia política inspirada aos eixos objetivos da ciência geográfica resumiria a tentativa de Ratzel para Vidal:

M. Ratzel: os fatos da geografia política ainda estão muito dispersos, sem adaptação aos da geografia física. É este trabalho de agrupamento e coordenação que M. Ratzel tentou nos vários escritos que citamos: porque ele não é um homem que se contenta em formular críticas e esboçar programas. Essa preocupação comum torna a unidade de seus escritos. Ele busca agrupar fatos e identificar leis, a fim de colocar à disposição da geografia política uma base de ideias sobre a qual ela possa viver. (LA BLACHE, 1898, p. 98, tradução nossa)<sup>133</sup>.

Com relação à questão das influências geográficas, o autor adverte seus colegas historiadores:

Os historiadores que se preocuparam em evidenciar as influências geográficas obedeceram acima de tudo ao pensamento de que essas influências, muito fortes ou mesmo preponderantes no início, estão enfraquecidas, a ponto de se tornar, para muitos deles, desprezível. Esse ponto de vista não poderia ser o do geógrafo. (Ib., p. 99, tradução nossa)<sup>134</sup>.

La Blache aponta para o “papel geográfico” do homem, representando-o como um “agente biológico incomparável” com relação a outras espécies. Este seria capaz de triunfar sobre a natureza através dos próprios elementos fornecidos por ela. O autor apresenta a sua proposta de “geografia geral”, conectando a diretriz metodológica ratzeliana, no que diz

---

<sup>133</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “M. Ratzel: Les faits de géographie politique sont encore très dispersés, sans adaptation à ceux de géographie physique. C'est ce travail de regroupement et de coordination que M. Ratzel a tenté dans les divers écrits que nous avons cités: parce que ce n'est pas un homme qui se contente de formuler des critiques et d'esquisser des programmes. Ce souci fait l'unité de ses écrits. Elle cherche à regrouper les faits et à identifier les lois, afin de mettre à la disposition de la géographie politique une base d'idées sur laquelle elle puisse vivre”. Extraído do artigo original: *La Géographie Politique: A propôs des écrits de M. Frédéric Ratzel*. VIDAL DE LA BLACHE. *Annales de Géographie*, v. 7. P. 97-111, 1898.

<sup>134</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Les historiens soucieux de mettre en évidence les influences géographiques, obéissaient surtout à l'idée que ces influences, très fortes voire prépondérantes au départ, s'affaiblissent, au point de devenir, pour beaucoup d'entre eux, négligeables. Ce point de vue ne saurait être celui du géographe”. Extraído do artigo original: *La Géographie Politique: A propôs des écrits de M. Frédéric Ratzel*. VIDAL DE LA BLACHE. *Annales de Géographie*, v. 7. P. 97-111, 1898.

respeito à importância da consideração das influências geográficas, à capacidade criativa humana, que se movimentaria em conjunto.

A “geografia da vida” lablachiana estabelece um paralelo de entendimento conciliador e abrangente. A parte da geografia que se dedicaria a estudar o humano deve ser entendida como item de um conjunto. Esmiuçando metodologicamente essa concepção, teríamos algo perto disto: as modificações produzidas pelo ser humano afetam e são afetadas pela dinâmica natural da situação, melhor dizendo, para entendimentos de contornos políticos de uma nação é necessário estar ciente do potencial desenvolvimento do ser humano, dos rudimentos naturais desse território e das suas influências recíprocas ao longo de seu processo civilizacional.

O homem não se move sem produzir um despertar na criação viva. Suas migrações trazem revoluções na fisionomia dos países. Esta é toda a gama de mudança da vida [...]. Portanto, acima dos aspectos especiais da geografia: botânicos, zoológicos, políticos ou humanos, existem, abrangendo-os, o que pode ser chamado de geografia da vida. As transformações que o homem realiza na superfície da Terra estão sujeitas às leis gerais que presidem às várias manifestações da vida. Elas causam mudanças que afetam todo o equilíbrio da natureza viva. Eles finalmente combinam de uma forma íntima com formas de terra e condições climáticas. Geografia humana ou política deve, portanto, ser concebida como parte de um conjunto. Não é um simples anexo de adição de capítulo; tem todas as suas raízes na geografia geral. (Ib., p. 103, tradução nossa)<sup>135</sup>.

A validade da geografia política como subcampo da geografia é defendida abertamente por Vidal, que inclusive alude às dificuldades de ela ter surgido antes do alicerçamento de outros domínios científicos, os quais possibilitariam um maior suporte para sua ampla teia relacional compreendida por seu objeto:

Não foi isento de desvantagens para a geografia política desenvolver-se antes de outros ramos da geografia. Ela sente as tentativas pelas quais ela passou. Privada do apoio que teria encontrado ao seu redor, na maioria das vezes ela caminhava ao acaso, sem outro guia além do desejo de satisfazer essa curiosidade legítima, mas geral, que sentimos por países e povos. É assim que noções estranhas à geografia a sobrecarregaram. (Ib., p. 104, tradução nossa)<sup>136</sup>.

---

<sup>135</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “L’homme ne bouge pas sans produire un éveil dans la création vivante. Leurs migrations apportent des révolutions dans la physionomie des pays. C’est tout l’éventail des changements de vie [...]. Ainsi, au-dessus des aspects particuliers de la géographie: botanique, zoologique, politique ou humain, il y a, en les englobant, ce qu’on peut appeler la géographie de la vie. Les transformations que l’homme opère à la surface de la Terre sont soumises aux lois générales qui président aux diverses manifestations de la vie. Ils provoquent des changements qui affectent tout l’équilibre de la nature vivante. Ils se combinent enfin de manière intime avec les reliefs et les conditions météorologiques. La géographie humaine ou politique doit donc être conçue comme faisant partie d’un ensemble. Il ne s’agit pas d’un simple ajout de chapitre; a toutes ses racines dans la géographie générale”. Extraído do artigo original: *La Géographie Politique: A propos des écrits de M. Frédéric Ratzel*. VIDAL DE LA BLACHE. *Annales de Géographie*, v. 7. P. 97-111, 1898.

<sup>136</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Ce n’était pas sans inconvénients pour la géographie politique de se développer avant les autres branches de la géographie. Elle ressent les tentatives qu’elle a subies. Privée du soutien qu’elle aurait trouvé autour d’elle, elle marchait la plupart du temps au hasard, sans autre guide que le désir de satisfaire cette curiosité légitime mais générale que nous éprouvons pour les pays et les peuples. C’est ainsi que d’étranges notions de géographie l’ont envahi”. Extraído do artigo original: *La Géographie*

O autor ainda lamenta a introdução de conceitos de noções advindas da administração e da estatística no bojo desse campo, sem que houvesse o estabelecimento relacional com o próprio objeto da geografia, o que transpareceria um ar de inconsistência. A envergadura da proposta de Ratzel não poderia, para La Blache, ser diluída por interpretações que a considerassem imprecisa com relação ao objeto, já que ela se destinava justamente a alinhar as “ondas de imprecisão” de análises dedicadas ao restrito estudo dos Estados. Na geografia política, além da investigação dos espaços ocupados pelas sociedades “de avançada civilização”, também seriam estudados pontos de inflexão a partir do substrato físico da ocupação, sendo este aspecto dirigido pela análise de disposições políticas das “formas rudimentares de sociedade” em variados graus.

O autor, antes de recomendar a leitura dos trabalhos de Ratzel, ainda estabelece mais alguns pontos de complementariedade entre a geografia política e a sua geografia geral, corroborando com a utilização (sem que houvesse “abusos”) de metáforas orgânicas no que se refere às formas estatais.

### **O determinismo como um castigo à ousadia conceitual**

Se na primeira publicação do *L'Année*, Durkheim até enaltece a conduta científica de Ratzel em relação à geografia, oferecendo uma diminuta amostra de suas insatisfações, e que até então não haviam descambado para o terreno da disputa por campo de conhecimento, isso mudou na segunda edição, em junho de 1898.<sup>137</sup> No referido escrito ele desenvolve uma apreciação mais ampla do trabalho de Ratzel, com enfoque na obra *Politische Geographie*.

Carvalho (1997b) nos indica que o título já compõe um indicativo da argumentação que viria a seguir, já que a antiga *Sixième Section* foi rebatizada e passou a se intitular *Morphologie Sociale*. Dessa vez, além da análise, foi produzido um texto introdutório em que o autor aponta os objetivos desse novo horizonte do conhecimento, um subcampo da sociologia, denominado de morfologia social.

Ressaltemos novamente que o termo “geografia humana” foi inicialmente proposto por geógrafos franceses em referência à aspiração antropogeográfica de Ratzel. Com efeito, o

---

*Politique: A propôs des écrits de M. Frédéric Ratzel.* VIDAL DE LA BLACHE. *Annales de Géographie*, v. 7. P. 97-111, 1898.

<sup>137</sup> Que a propósito já referenciava a leitura do artigo de La Blache que acabamos de analisar.

componente humano que adensou suas predileções metodológicas para a geografia foi manifesto na maior parte de seus trabalhos, sobretudo em *Antropogeografia* e *Geografia Política*, porém, quando Durkheim, nesse momento, debruçando-se sobre a *Politische Geographie* refere-se a essa ampla propositura metodológica, ele a chama de “geografia política”. Logo na abertura podemos observar linhas mais contundentes da tessitura ilustrativa de um determinista:

Veremos mais tarde como uma escola de geografia está tentando uma síntese bastante semelhante sob o nome de geografia política. Mas tememos que essa expressão exponha confusões. Trata-se, de fato, de estudar não as formas do solo, mas as formas que as sociedades afetam ao se estabelecerem no solo; o que é bem diferente. Sem dúvida, rios, montanhas etc. entram como elementos na constituição do substrato social; mas não são os únicos, nem os mais essenciais. Agora, esta palavra geografia induz quase inevitavelmente uma importância que eles não têm; teremos a oportunidade de perceber isso. (Ib., p. 521, tradução nossa)<sup>138</sup>.

A partir deste momento nos vemos diante de dois ingredientes importantes, impostos pela atualização Durkheimiana de 1898: a competição por demarcação de campos do conhecimento nas ciências humanas e a busca pela legitimidade da correção analítica mais adequada a posicionar cada campo aos seus objetos. Assegurando a quem de direito competiria determinado domínio e constringendo os ambiciosos que extrapolassem os limites de sua esfera.

O autor classifica a proposta de Ratzel como “uma sociologia simplista”, na qual o solo seria o vínculo social por excelência, um fator de fixação soberano dos indivíduos ao terreno em que vivem. Na contramão dessa posição, para ele, as consciências particulares estão diretamente ligadas umas às outras por elos que não têm necessariamente origem territorial. Além do aspecto teórico-científico, também foi arrolada na crítica a estruturação metodológica e as pretensões objetivas dessa ciência:

[...] para que a geografia política se torne uma ciência, não é de forma alguma necessário que o território desempenhe um papel tão crucial na gênese dos fatos sociais. O que importaria muito mais seria determinar: o objeto desta ciência? E com que métodos isso se torna possível? É lamentável que o Sr. R. [Ratzel] não tenha tratado expressamente esta questão. Ele diz, é verdade, que a tarefa da geografia política é estudar o Estado em sua relação com o solo; mas a expressão é muito vaga

---

<sup>138</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “On verra plus loin comment une école de géographie tente une synthèse très similaire sous le nom de géographie politique. Mais nous craignons que cette expression ne prête à confusion. Il s'agit, en effet, d'étudier non les formes du sol, mais les formes que les sociétés affectent lorsqu'elles s'implantent dans le sol; ce qui est assez différent. Sans aucun doute, les rivières, les montagnes, etc., entrent comme éléments dans la constitution du substrat social; mais ce ne sont pas les seuls, ni les plus essentiels. Or ce mot de géographie induit presque inévitablement une importance qu'ils n'ont pas; nous aurons l'occasion de nous en rendre compte”. Extraído do artigo original: *Morphologie Sociale*. DURKHEIM. L'Année Sociologique, v. 2. P. 520-532, 1898.

e delimita mal um campo de pesquisa. Em que consistem essas relações? Quais são os sinais para reconhecê-los? (Ib., p. 523, tradução nossa)<sup>139</sup>.

Na perspectiva de Durkheim, a leitura de Ratzel predisporia um recuo de horizonte do consciente coletivo à medida que o território se expande, já que a intimidade e coincidência do povo com o seu território governaria os rumos de margem criativa. Em outras palavras, se um povo reproduz seu desenvolvimento vinculado a uma determinada porção territorial da qual se reconhece, quando há expansão, ocorreria uma diluição dos códigos socioterritoriais anteriormente limitados. Ele também não poupa os recursos textuais da obra, nomeando as comparações sociais de Ratzel como “ilustrações pouco metódicas” e distante de fatos, o que produziria confusão no leitor.

Em seguida, Durkheim define o que deveria ser o objetivo da geografia política. Este, de forma geral, necessitaria consistir em buscas por leis de evolução das formas territoriais dos Estados ao longo da história. A geografia política deveria apontar as funções e condições de dependência dos Estados, para que estas fossem analisadas por outras ciências, que proporiam alterações ou manutenções nas estruturas sociais. Aliás, ele estabelece também as funções da história e da demografia, que, junto da geografia, poderiam contribuir com a morfologia social, com a condição de discernirem suas particularidades de abordagem.

A proposta ratzeliana é posicionada como inadequada e insuficiente. Inadequada pois a geografia política faria parte do que ele denominou de grupo de “ciências especiais”, que nasceram do mesmo berço de generalidades da sociologia e, portanto, deveriam ser reconduzidas a uma aproximação sociológica, não necessitando amplificar suas feições metodológicas mal sistematizadas. Destarte, a atribuição exagerada aos elementos geográficos na hora de determinar aspectos do desenvolvimento social, sobretudo no que diz respeito ao solo, já ostentaria a qualidade da inaptidão científica dessa ciência inconveniente: “M. R. [Ratzel], um distinto geógrafo, sem dúvida não recusaria a qualificação de sociólogo. Assim entendida, a geografia política aparece como um ramo e quase como outro nome do que chamamos a morfologia social, uma vez que trata das formas territoriais das sociedades” (Ib., p. 531, tradução nossa)<sup>140</sup>. E insuficiente porque, apesar de propor um objeto semelhante ao da

<sup>139</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “pour que la géographie politique devienne une science, il n'est nullement nécessaire que le territoire joue un rôle aussi crucial dans la genèse des faits sociaux. Ce qui importerait beaucoup plus serait de déterminer: l'objet de cette science? Et avec quelles méthodes est-ce possible? Il est regrettable que SR. R. n'ait pas expressément abordé cette question. Il dit, il est vrai, que la tâche de la géographie politique est d'étudier l'État dans son rapport au sol; mais l'expression est trop vague et délimite mal un champ de recherche. En quoi consistent ces relations? Quels sont les signes pour les reconnaître?”. Extraído do artigo original: *Morphologie Sociale*. DURKHEIM. L'Année Sociologique, v. 2. P. 520-532, 1898.

<sup>140</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “M. R. géographe distingué, ne refuserait sans doute pas le titre de sociologue. Ainsi comprise, la géographie politique apparaît, comme une branche et presque

morfologia social, ela não contaria com a síntese de conteúdos e o adequado enquadramento sociológico da segunda: “a noção do Sr. R. ainda é muito vaga e indefinida. O autor flutua entre duas concepções muito diferentes. Tanto que ele parece propor como um objeto da geografia política as formas que as sociedades se dão ao se estabelecerem no solo; e essa é a morfologia social adequada” (Ib., p. 532, tradução nossa)<sup>141</sup>.

No *L'Année* subsequente, de 1898-1899, temos um artigo de Ratzel, o único no período analisado, a ser publicado na revista. O texto, traduzido por Durkheim para o francês, recebeu a denominação de *Le Sol, la société et l'état* (“O solo, a sociedade e o Estado”).

Ratzel inicia o escrito criticando teorias que colocam o Estado como algo que prescinde do solo, referindo-se a “teorias da sociedade” que permaneceram alheias às considerações geográficas: “A maioria dos sociólogos estuda o homem como se ele tivesse sido formado no ar, sem relação com a terra” (RATZEL, 1898-1899, p. 1, tradução nossa)<sup>142</sup>. O geógrafo de Leipzig classifica essa forma metodológica como sendo “de extrema simplicidade”, pois até os tipos mais simples de Estados seriam irrepresentáveis sem expor a terra que lhes pertence. O autor afirma que uma possível explicação para a falta de atenção pode residir no fato de que o solo aparece de forma mais evidente na história dos Estados do que na história de instituições sociais. Nesse sentido, o desenvolvimento familiar, por exemplo, seria mais profundamente enraizado no solo e sofreria modificações menos abruptas. Já na prática política, as oscilações tornariam tudo mais manifesto: “assumindo que, entre um povo em crescimento, a importância do solo não é tão óbvia, como se observa na hora da decadência e da dissolução [de um Estado]” (Id., 1898-1899, p. 2, tradução nossa)<sup>143</sup>.

Não é possível saber se de forma intencional, mas Ratzel responde a um aspecto crítico apontado por Durkheim o qual mencionamos há pouco: a restrição da margem criativa de um povo em sua teoria. Além de indicar a interação cultural entre povos, advinda da expansão

---

un autre nom de ce que nous appelons la morphologie sociale, puisqu'elle traite des formes territoriales des sociétés”. Extraído do artigo original: *Morphologie Sociale*. DURKHEIM. *L'Année Sociologique*, v. 2. P. 520-532, 1898.

<sup>141</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “La notion de M.R. est encore très vague et indéfinie. L'auteur oscille entre deux conceptions très différentes. A tel point qu'il semble proposer comme objet de géographie politique les formes que prennent les sociétés en s'implantant sur le terrain; et c'est la bonne morphologie sociale.”. Extraído do artigo original: *Morphologie Sociale*. DURKHEIM. *L'Année Sociologique*, v. 2. P. 520-532, 1898.

<sup>142</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “La plupart des sociologues étudient l'homme comme s'il s'était formé en l'air, sans liens avec la terre”. Extraído do artigo original: *Le sol, la société et l'Etat*. RATZEL. *L'Année Sociologique*, v. 3. P. 1-14, 1898-1899.

<sup>143</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Et à supposer que, chez un peuple en voie de croissance, l'importance du sol ne soit pas aussi évidente, qu'on l'observe au moment de la décadence et de la dissolution”. Extraído do artigo original: *Le sol, la société et l'Etat*. RATZEL. *L'Année Sociologique*, v. 3. P. 1-14, 1898-1899.



dominial, como fonte de excitação mútua para o progresso, o geógrafo alemão posiciona a sociologia comtiana como rasa e árida por não compor essas explicações junto às circunstâncias geográficas:

O progresso da humanidade, que só é possível através do contato com povos e sua concorrência, é necessariamente dificultado no máximo ponto por práticas desse tipo [de isolamento]. É essa mesma ideia que Comte expressou quando disse que, fora do meio, havia uma força capaz de acelerar ou retardar o progresso, no aumento da densidade populacional, na crescente necessidade de alimento que aparecia ao mesmo tempo e na divisão do trabalho e cooperação resultante. Se Comte tivesse chegado a uma concepção propriamente geográfica, se tivesse entendido que essa força, como esse ambiente, tem como base e não pode ser separado dele porque o espaço também é essencial para eles, teria aprofundado e simplificado todo o conceito (Ib., p. 12, tradução nossa)<sup>144</sup>.

A relação sociedade-território é outro elemento que tem a sua importância reforçada em seu texto, ajustando-se em oposição a um expansionismo irrefletido. Este, proposto de maneira embrutecida, encerraria a investigação do progresso numa orientação de maior abrangência de atributos geográficos: Assim o autor pondera: “Então não é só de acordo com a extensão de seu território que é necessário apreciar a força de um Estado; temos uma melhor medida na relação que a sociedade mantém com o território” (Ib., loc. cit., tradução nossa)<sup>145</sup>. A coesão interna sobrepujaria a mecânica expansionista como critério de avaliação do poder de um Estado.

Ratzel estava convencido de que a vida política tinha como ponto de partida a geografia, e de que teorias que desconsiderassem o solo tomariam os sintomas como causas. O papel desempenhado pelo elemento humano, em sua prática política, não poderia ser apreciado com exatidão se não se conhecessem as condições a que estariam sujeitadas essas ações. O reconhecimento das riquezas e intempéries do território seriam talhas da história política e social de um país. Ratzel, ao final do artigo, não deixa de devolver a provocação à sociologia (sem fazer quaisquer menções a autores ou teorias), quando a compara com a filosofia da história e destaca a parcimônia de sociólogos e historiadores no que diz respeito ao solo e à consideração de sua essencialidade:

---

<sup>144</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Le progrès de l'humanité, qui n'est possible qu'au contact des peuples et de leur compétition, est nécessairement entravé tout au plus par des pratiques de ce type [d'isolement]. C'est cette même idée qu'exprimait Comte lorsqu'il disait qu'en dehors du milieu il y avait une force capable d'accélérer ou de retarder le progrès, dans l'augmentation de la densité de population, dans le besoin croissant de nourriture qui apparaît en même temps, et dans la division du travail et de la coopération qui en résulte. Si Comte était parvenu à une conception proprement géographique, s'il avait compris que cette force, comme ce milieu, se fonde sur elle et ne peut s'en séparer car l'espace lui est aussi essentiel, il aurait approfondi et simplifié l'ensemble du concept.”. Extraído do artigo original: *Le sol, la société et l'Etat*. RATZEL. L'Année Sociologique, v. 3. P. 1-14, 1898-1899.

<sup>145</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Ce n'est donc pas seulement en fonction de l'étendue de son territoire qu'il faut apprécier la force d'un État; on mesure mieux la relation que la société entretient avec le territoire”. Extraído do artigo original: *Le sol, la société et l'Etat*. RATZEL. L'Année Sociologique, v. 3. P. 1-14, 1898-1899.

A filosofia da história é superior à sociologia no que ela procedeu por comparações históricas e que ela mesma veio a compreender a importância do solo. Porque oferece um ponto de referência fixa em meio às incessantes mudanças de manifestações vitais, o solo já tem algo de geral em si e por si mesmo. Foi assim que os filósofos chegaram muito cedo a reconhecer, melhor do que os historiadores propriamente ditos, o papel do solo na história. (Ib., p. 16, tradução nossa)<sup>146</sup>.

Cerca de quinhentas páginas adiante, mas ainda nesta edição do *L'Année*, visualizaremos o artigo de Durkheim intitulado *Les Migrations Humaines*, no qual o sociólogo francês esmera-se em analisar o primeiro volume da segunda edição de *Anthropogeographie* (1899). Embora o autor tenha tomado essa nova edição como algo que fora retrabalhado sob um “espírito mais sociológico”, a desmensura, a falta de prudência metodológica e a usurpação de outros campos do conhecimento foram os temas sublinhados.

Para o sociólogo francês, estudar o solo em si mesmo é colocar-se na impossibilidade de entendê-lo. Isso porque alguns dos efeitos do solo afetam o homem apenas de forma isolada e, portanto, não competiria a domínios como a antropologia e sim a ciências como a fisiologia humana e a psicologia. Na sua visão, a *Antropogeografia* ratzeliana colocou três tarefas básicas: 1) estabelecer a maneira pela qual os homens são distribuídos e agrupados na terra; 2) explicar essa distribuição; 3) estudar os diversos efeitos que o ambiente físico pode produzir nos indivíduos, no meio e na sociedade como um todo. Durkheim tomou a terceira tarefa como ponto central de discordância.

O objetivo do livro é descobrir quais são e como agem [as forças inerentes do solo]. É, portanto, essencialmente uma teoria geral das migrações humanas que é oferecida nesta primeira parte da antropogeografia [...] portanto, é o estudo desses movimentos quem sozinhos podem explicar esta distribuição. Assim entendida, a geografia assume um aspecto muito diferente do que geralmente apresenta. (DURKHEIM, 1898-1899, p. 552, tradução nossa)<sup>147</sup>.

O foco da análise é direcionado para as influências dos elementos geográficos nos rumos migratórios. O autor demonstrou convicção com relação à aproximação estanque empreendida por Ratzel, que, para ele, atribuía importância imanente à natureza e não estabelecia distinção

<sup>146</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “La philosophie de l'histoire est supérieure à la sociologie en ce qu'elle a procédé par comparaisons historiques et qu'elle a elle-même compris l'importance du sol. Parce qu'il offre un point de référence fixe au milieu des changements incessants des manifestations vitales, le sol a déjà quelque chose de général en soi. C'est ainsi que les philosophes ont très tôt reconnu, mieux que les historiens eux-mêmes, le rôle du sol dans l'histoire.”. Extraído do artigo original: *Le sol, la société et l'Etat*. RATZEL. *L'Année Sociologique*, v. 3. P. 1-14, 1898-1899.

<sup>147</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “L'objet du livre est de rechercher quelles elles sont et la manière dont elles agissent. C'est donc essentiellement une théorie générale des migrations humaines qui est proposée dans cette première partie d'anthropogéographie [...] c'est donc l'étude de ces mouvements qui seule peut expliquer cette répartition. Ainsi comprise, la géographie prend un tout autre aspect que ce qu'elle présente habituellement.”. Extraído do artigo original: *Les Migrations Humaines*. DURKHEIM. *L'Année Sociologique*, v. 3. P. 550-558, 1898-1899.

entre “depende” e “contribuir” no que se refere às características naturais na dinâmica migratória.

O autor mostra o quanto todos os outros critérios utilizados expõem erros, assim como os pontos de partida, as direções seguidas pelas migrações não são predeterminadas pela natureza. Sozinhos, os grandes corpos d’água, os campos de gelo, os desertos, são completamente inabitáveis, exercem sobre esses movimentos uma espécie de ação negativa. Mas, fora esses casos extremos, não há nada na natureza do solo que os esforços humanos não possam triunfar com o tempo [...] se dependem disso, ou se contribuem para determiná-los. Porque as duas questões não são suficientemente distinguidas por M. R.; o que representa danos à clareza da exposição. (Ib., loc. cit., tradução nossa)<sup>148</sup>.

Durkheim não deixou, mais uma vez, de enaltecer a importância dos trabalhos de Ratzel, que não seriam apenas ricos “em pontos de vista interessantes e engenhosos”, mas conseguiram atingir uma trinca meritória: “três grandes méritos de tirar a geografia do isolamento em que definhava, de aproximá-la da sociologia, de torná-la uma verdadeira ciência social e, assim, abriu caminho para estudos que prometem ser frutíferos” (Ib., p. 556, tradução nossa)<sup>149</sup>.

Entretanto, logo na sequência, ele retoma a rejeição concernente aos seus procedimentos e a sua pretensão de agregar uma multiplicidade de fatos, tendo como único objetivo investigar que papel as influências geográficas desempenham na sua aparição. O incômodo com a intromissão a outros terrenos do conhecimento é repetidamente comunicado:

[...] a ciência que M. Ratzel empreende método permanece muito indeterminada. Pudemos ver acima que não era fácil dizer exatamente do que se tratava. Sem dúvida, a teoria dos movimentos migratórios é a parte central dela, mas trata de muitos outros assuntos. Em suma, trata-se de estudar todas as influências que o solo pode ter na vida social em geral. No entanto, os vários problemas que surgem desse ponto de vista são muito heterogêneos para serem abrangidos por uma única e mesma ciência [...] A natureza do solo, do clima etc., certamente influencia nas representações coletivas, nos mitos, lendas, artefatos etc.; mas cabe à sociologia religiosa estudá-los sob esse aspecto. As mesmas causas agem sobre o caráter das nações: assim surgem problemas de etologia coletiva. Certas peculiaridades da vida econômica dependem da fauna e da flora; é o economista que deve saber sobre isso” (Ib., p. 552, tradução nossa)<sup>150</sup>.

<sup>148</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “L’auteur montre comment tous les autres critères utilisés présentent des erreurs de départ, en plus de ne pas être exécutés comme suivis par les migrations prédéterminées par nature. Seuls, les grands plans d’eau, les déserts de glace, les actions, parce qu’elles sont totalement inhabitables, exercent une sorte de négatif sur ces mouvements. Mais, en dehors de ces natures, il n’y a rien dans la nature du sol que les exercices humains ne puissent [...] lui être nécessaire, ou contribuer à déterminer. ce qui représente une atteinte à la clarté de l’exposition”. Extraído do artigo original: *Les Migrations Humaines*. DURKHEIM. L’Année Sociologique, v. 3. P. 550-558, 1898-1899.

<sup>149</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “il a eu le trois grand mérite de tirer la géographie de l’isolement ou elle languissait, de la rapprocher de la sociologie, d’en faire une science vraiment sociale, et il a ainsi ouvert la voie à des études qui promettent d’être fécondes”. Extraído do artigo original: *Les Migrations Humaines*. DURKHEIM. L’Année Sociologique, v. 3. P. 550-558, 1898-1899.

<sup>150</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “la méthode scientifique que M. Ratzel entreprend reste très indéterminée. On a vu plus haut qu’il n’était pas facile de dire exactement de quoi il s’agissait. Certes, la théorie des mouvements migratoires en est la partie centrale, mais elle traite de bien d’autres sujets. Bref, il s’agit d’étudier toutes les influences que le sol peut avoir sur la vie sociale en général. Cependant, les différents problèmes qui se posent de ce point de vue sont trop hétérogènes pour être couverts par une seule et même science [...] La

Durkheim conclui o artigo com o que parece ser uma tréplica (sem fazer qualquer menção direta) à crítica produzida por Ratzel no início da edição, com relação ao desprezo de sociólogos pelo aspecto territorial e como a integração a esses termos auxiliá-los-ia em suas teses. O autor afirma não ter encontrado no livro de Ratzel qualquer traço constitutivo dos diferentes tipos sociais na restrita oferta das condições geográficas, afirmando que, atualmente, as verdades científicas independem da situação local. Para ele, a humanidade estaria, à época, longe de ser modelada pelo solo. O humano é quem marcaria o solo. Nesta linha, a própria prática científica se instauraria até na perspectiva de assimilação do humano com relação às condições geográficas. Em resumo, as apreensões dessas condições seriam possibilitadas apenas pelas lunetas da ciência: “não é mais a terra que explica o homem, mas o homem que explica a terra, e se o fator geográfico continua a ser importante saber para a sociologia, não é que lance uma nova luz sobre a sociologia. É que ele só pode ser compreendido por ela” (Ib., p. 558, tradução nossa)<sup>151</sup>.

Para o autor, os fatores geográficos seriam elementos pertencentes ao substrato social que impacta os fenômenos sociais, portanto, aspectos membros de uma mesma ciência, a sociologia. E esta já teria um subcampo especializado para esta especificidade analítica, a morfologia social. É, dessa forma, inaugurado o programa crítico que seria seguido por sociólogos durkheiminianos: o de reduzir o vínculo territorial a um fenômeno social.

No ano de 1900, foi publicado nos *Annales* apenas um resumo da monografia sobre a ilha da Córsega, produzida por Ratzel: *La Corse étude anthropogéographique* (“Estudo antropogeográfico da Córsega”), traduzido para o francês por Maurice Zimmermann [1869-1950]. Em 1901, o autor não foi citado em nenhum dos dois periódicos. Já na edição de 1902 dos *Annales*, temos o artigo *Les Conditions Géographiques Des Faits Sociaux* (“As condições geográficas dos fatos sociais”), uma reprodução da conferência proferida na *École des Hautes Études Sociales*, por Vidal de La Blache.

Nesse texto, o que podemos observar é um aperfeiçoamento da sua posição com relação à consubstancialidade entre fatos geográficos e fatos sociais, entendimento que ele houvera

---

nature du sol, climat, etc., influencent certainement les représentations collectives, les mythes, les légendes, les artefacts, etc.; mais c'est à la sociologie religieuse de les étudier sous cet aspect. Les mêmes causes agissent sur le caractère des nations: ainsi se posent des problèmes d'éthologie collective. Certaines particularités de la vie économique dépendent de la faune et de la flore; est l'économiste qui devrait savoir à ce sujet”. Extraído do artigo original: *Les Migrations Humaines*. DURKHEIM. L'Année Sociologique, v. 3. P. 550-558, 1898-1899.

<sup>151</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “ce n'est plus la terre qui explique l'homme, mais l'homme qui explique la terre, et si le facteur géographique reste important à connaître pour la sociologie, ce n'est pas qu'il éclaire d'un jour nouveau la sociologie. Est-ce qu'il ne peut être compris que par elle”. Extraído do artigo original: *Les Migrations Humaines*. DURKHEIM. L'Année Sociologique, v. 3. P. 550-558, 1898-1899.

introduzido em 1898. O “andaime de relações baseadas em necessidades recíprocas” é perfilado de maneira concisa e aberta, quando, por exemplo, estabelece a contiguidade entre formas de relevo e modos de trabalho. Vidal ofereceu exemplos práticos de como a existência localizada de um produto básico pode ter consequências sociais e políticas.<sup>152</sup> Seu objetivo foi demonstrar como os fatos geográficos se imprimem na vida social e vice-versa.

Há na comida, no vestuário; os móveis, as construções, a arte médica de que os chineses fazem uso, um fundo comum emprestado da natureza inorgânica ou viva — no qual sua engenhosidade foi exercida e que permanece como sua assinatura das pessoas [...] Há um esforço de invenção e aperfeiçoamento em relação a um determinado ambiente [...] É fácil julgar o precioso reforço que essas várias expressões da indústria humana trazem ao estudo geográfico dos fatos sociais [...] as instituições e costumes não têm figura material; mas essas são coisas intimamente ligadas aos objetos que o homem moldou sob a influência do sistema social ao qual sua vida está adaptada. Esses objetos refletem hábitos que derivam do estado social ou que o inspiram. (LA BLACHE, 1902, p. 14, tradução nossa)<sup>153</sup>.

La Blache afirmou que a causa que produz as maiores diferenças entre as sociedades é a posição. Esse aspecto ditaria o ritmo das relações entre os homens. Tais relações dariam-se de maneira substancialmente diferente caso permanecessem abertas às correntes da vida em geral ou se mantivessem em isolamento. Junto à posição, as características físicas de um país fariam-se relevantes em sua condição social, de forma que as práticas agrícolas e pastoris seriam mediadas pelas condições climáticas e de relevo, e estas, por sua vez, ressonariam em sentidos políticos e econômicos. A plausibilidade da geografia humana foi ratificada:

O estudo, do qual acabo de esboçar alguns traços, poderia ser formulado da seguinte forma: tradução da vida geográfica do globo na vida social dos homens. Encontramos nestas formas de civilização a expressão de causas gerais que atuam em toda a superfície da terra: posição, extensão, clima etc. Eles geram condições sociais que, sem dúvida, apresentam diversidades locais, mas que são comparáveis em áreas

---

<sup>152</sup> Dentre os inúmeros exemplos neste sentido, La Blache dedicou um considerável espaço para comentar sobre a cidade de São Paulo, que à época havia se tornado um dos principais mercados de café. O geógrafo e historiador francês identificou que todas as condições sociais estariam subordinadas à necessidade de produzir e desenvolver de forma lucrativa a semente exigida pelo consumo. O ciclo comercial de café brasileiro, para Vidal, seria um exemplo formidável de “paradoxo geográfico explicado pela utilidade comercial”. Por uma questão logística o produto deveria ser preparado para o transporte no Porto de Santos, um local o qual normalmente se evitaria tanto por suas praias insalubres quanto porque era um recanto da febre amarela. No entanto, a sua posição geográfica e consequente vantagem econômica se sobrepujariam a esses infortúnios.

<sup>153</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Il y a dans la nourriture, dans les vêtements; le mobilier, les bâtiments, l'art médical utilisé par les Chinois, un fonds commun emprunté à la nature inorganique ou vivante, - in viva, -. quelle ingéniosité est votre foi, et quelle: permanence comme la vôtre; signature des gens [...] il y a un effort d'invention et de perfectionnement par rapport à un certain environnement [...] ils n'ont pas de figure matérielle; mais ce sont là des choses intimement liées aux objets que l'homme est sous l'influence du système auquel sa vie est adaptée. Ces objets sociaux ou habitudes qui dérivent de l'état social qui l'inspire”. Extraído do artigo original: *Les Conditions Géographiques Des Faits Sociaux*. VIDAL DE LA BLACHE. *Annales de Géographie*, v. 11. P. 13-23, 1902.

semelhantes. É, portanto, uma questão de geografia; geografia humana, ou geografia das civilizações (Ib., p. 22, tradução nossa)<sup>154</sup>.

Em 1903, Ratzel foi apenas mencionado em um artigo dos *Annales de Géographie: Localisation des industries particulièrement aux Etats-Unis* (“Localização de indústrias especialmente nos Estados Unidos”), assinado pelo historiador inglês radicado na França, Henri Hauser [1866-1946]. Uma citação consoante e referencial em meio a dados. Linhas que não forneciam nenhum indicativo do que aconteceria no ano seguinte.

O ano de 1904 representou um ponto de inflexão importante para a nossa análise, já que as críticas nos *L'Année*, antes limitadas a serem produzidas por Durkheim, ganharam reforços de violenta notoriedade no universo teórico das ciências sociais. Junto a isso, o tratamento sempre enaltecido e traduzido em deferência nos *Annales* se converteu em variadas manifestações críticas a múltiplos elementos de sua obra. Curiosamente, 1904 também é o ano da morte de nosso protagonista. Não há como afirmar que esse fato tenha influenciado nos rumos do descambar repreensivo, mas é ponto pacífico que a investida teórica garantida no silêncio do revide torna-se mais corajosa.

Começemos, então, com uma pequena nota produzida por Jules Sion [1879-1940] nos *Annales*. Nessa oportunidade, o autor realizou uma apreciação a respeito da segunda edição do *Politische Geographie*. Deneux (2006) nos informa que Sion foi um pensador obstinado a estabelecer o lugar da geografia entre as outras ciências do mundo social. Fortemente influenciado por La Blache, Demangeon e Lucien Febvre, sendo amigo pessoal deste último. A nota de Sion inaugurou a catalogação imperialista sobre os trabalhos de Ratzel: “*des théories de ce livre vrai manuel impérialisme*” (“teorias deste livro verdadeiro manual do imperialismo”) (SION, 1904, p. 171). Segundo ele, a geografia política do alemão seria dirigida por uma “geografia da guerra” assentada na “geografia comercial”. Isso porque Ratzel houvera tomado os comerciantes como a vanguarda da expansão política, pois, após o estabelecimento do vínculo entre terra e camponês, este seria mais difícil de ser quebrado.

Sion ainda repreende o caráter prolixo, frívolo e pouco aderido a exemplos concretos que suas noções resguardariam “As teorias que ele expõe longamente são demasiado gerais para o pequeno número de fatos invocados, por vezes até provêm inteiramente de uma simples

---

<sup>154</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “L'étude, dont je viens d'esquisser quelques traits, pourrait se formuler ainsi: traduction de la vie géographique du globe dans la vie sociale des hommes. On retrouve dans ces formes de civilisation l'expression de causes générales qui opèrent sur toute la surface de la terre: position, étendue, climat, etc. Ils génèrent des conditions sociales qui présentent sans doute des diversités locales, mais qui sont comparables dans des domaines similaires. C'est donc une question de géographie; géographie humaine ou géographie des civilisations”. Extraído do artigo original: *Les Conditions Géographiques Des Faits Sociaux*. VIDAL DE LA BLACHE. *Annales de Géographie*, v. 11. P. 13-23, 1902.

análise de conceitos” (Ib., p. 172, tradução nossa)<sup>155</sup>. O texto é arrematado com um alvitre às teorias de Ratzel, as quais deveriam servir como suporte para análises sociológicas, especialmente como aporte de dados econômicos, contanto que se desconsiderassem seus aspectos históricos e etnográficos, portanto, desnudada de elementos essenciais para sua apreensão como expediente da geografia:

Admiramos então a variedade de sua cultura e a extensão de suas informações econômicas pouco históricas ou etnográficas. E os sociólogos que não pouparam críticas às suas concepções poderiam ter usado seus estudos sobre a constituição de Estados africanos ou asiáticos. Sua concepção da pátria, da propriedade, sugere uma ideia de interpretação mais concreta e mais econômica de certos fatos sociais. (Ib., p. 172-173, tradução nossa)<sup>156</sup>.

Um fato que chamou atenção, já notificado por Carvalho (2010), é que, ao final dessa mesma edição, foi produzido um necrológio<sup>157</sup> de Ratzel pelas mãos de La Blache. O texto, muito respeitoso, expôs Ratzel como responsável por “reabilitar o elemento humano na geografia”. La Blache lembrou tanto de suas “considerações penetrantes e originais” acerca da civilização estadunidense como de sua “maestria habitual” que fez a ciência reemergir no naturalismo contemporâneo e ampliar seus pontos de vista filosóficos.

Voltando nossa dedicação ao *L'Année*, temos a edição de 1904-1905, na qual realçaremos o artigo *Essai Sur Les Variations Saisonnières Des Sociétés Eskimos/ Étude de Morphologie Sociale* (“Ensaio sobre variações sazonais em sociedades de esquimós / Estudo de morfologia social”) sob autoria do celebrado sociólogo, e sobrinho de Durkheim, Marcel Mauss [1872-1950] com a colaboração de Henri Beuchat [1878-1914]. O texto se exprime num esforço de aplicação metodológica dos ditames da morfologia social, inclinados a uma investigação detalhista sobre as sociedades esquimós. Este, portanto, não representa mais uma produção que se debruçou sobre algum texto de Ratzel. Todavia, o trabalho assume relevância porque se trata de uma publicação que anunciou com entusiasmo sua distância com relação a Ratzel. Uma carapaça distintiva de tratamento metodológico e interpretativo para com as análises do geógrafo alemão é evidenciada sobretudo em sua introdução.

---

<sup>155</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Les théories il expose le plus lon guement sont trop générales pour le petit nombre de faits invoqués parfois même elles sont issues tout entières une simple analyse de concepts”. Extraído do artigo original: *La seconde édition de la politique géographique*. SION. Annales de Géographie, v. 13. P. 171-173, 1904.

<sup>156</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “On admire alors la variété de sa culture et étendue de son information moins historique ou écono mique ethnographique Et les sociologues qui ont pas ménagé leurs critiques ses conceptions auraient pu signaler et utiliser ses études sur les primitifs ses indications sur la constitution des tats africains ou asia tiques sur leur conception de la patrie de la propriété suggèrent idée une interprétation plus concrète plus économique de certains faits sociaux”. Extraído do artigo original: *La seconde édition de la politique géographique*. SION. Annales de Géographie, v. 13. P. 171-173, 1904.

<sup>157</sup> Discurso ou peça textual, geralmente elogiosa, a respeito de pessoas falecidas.

Mauss justifica a escolha dos esquimós como campo de pesquisa privilegiado, por conta de sua morfologia não ser a mesma em diferentes épocas do ano, ou seja, as constantes mudanças em suas formas de agrupamento, extensão de assentamento e tipos de abrigo permitiriam observar como a natureza afetaria os diferentes modos de sua atividade coletiva. Antes de centrar-se em seu foco investigativo, o autor argumenta que é essencial especificar sua posição quanto aos métodos da antropogeografia, já que os fatos tratados por ela são os mesmos os quais ele iria se ocupar. Mauss não se furta a reconhecer os resultados importantes e descobertas frutíferas dessa “plêiade de trabalhadores brilhantes” da geografia humana, mas logo em seguida posiciona-os como pensadores induzidos a atribuir importância excessiva ao solo:

[...] é claro que a configuração do solo, sua riqueza mineral, sua fauna e flora afetam sua organização. Mas porque os estudiosos desta escola são especialistas em geografia, eles foram naturalmente induzidos a ver as coisas com as quais estão preocupados de um ângulo muito particular; em virtude de os estudos a que se dedicam, atribuírem ao fator telúrico uma preponderância quase exclusiva. Em vez de estudar o substrato material das sociedades em todos os seus elementos e em todos os seus aspectos. (MAUSS, 1904, p. 42, tradução nossa)<sup>158</sup>.

Para Mauss, toda a diferença que existe entre os geógrafos humanos e os “geógrafos comuns” reside no fato de os primeiros considerarem o solo mais especialmente em suas relações com a sociedade. Estes teriam conferido ao solo uma “eficiência perfeita”, capaz de produzir os efeitos que implicam a sua própria força, sem precisar concorrer com outros e nem ser reforçado ou neutralizado no todo ou em partes. O autor acreditou ter flagrado uma contradição entre as orientações teóricas e o labor científico desses profissionais:

Basta abrir as obras dos mais famosos antropogeógrafos para ver essa concepção refletida no título dos capítulos: trata-se sucessivamente do solo em suas relações com a habitação, do solo em suas relações com a família, do solo em suas relações com o Estado etc., etc. Agora, de fato, o solo só age mesclando sua ação com a de mil outros fatores dos quais é inseparável. Para que tal riqueza mineral determine os homens a se agruparem em tal e tal ponto do território, não basta que ela exista; é também necessário que o estado da técnica industrial permita a sua exploração. (Ib., p. 43, tradução nossa)<sup>159</sup>.

<sup>158</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “il est clair que la configuration du sol, sa richesse minérale, sa faune et sa flore affectent leur organisation. Mais parce que les savants de cette école sont des spécialistes de la géographie, ils ont été tout naturellement induits à voir les choses dont ils s'occupent sous un angle très particulier; en raison même des études auxquelles ils se consacrent, ils ont attribué au facteur tellurique une prépondérance presque exclusive. Au lieu d'étudier le substrat matériel des sociétés dans tous ses éléments et sous tous ses aspects“. Extraído do artigo original: *Essai Sur Les Variations Saisonnières Des Sociétés Eskimos/ Étude de Morphologie Sociale*. MAUSS e BEUCHART. L'Année Sociologique, v. 9. P. 38-124, 1904.

<sup>159</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “On n'a pour ainsi dire qu'à ouvrir les ouvrages des anthropogéographes les plus réputés pour voir cette conception se traduire dans l'intitulé même des chapitres: il y est successivement traité du sol dans ses rapports avec l'habitation, du sol dans ses rapports avec la famille, du sol dans ses rapports avec l'État, etc., etc. Or, en fait, le sol n'agit qu'en mêlant son action à celle de mille autres facteurs dont il est inséparable. Pour que telle richesse minérale détermine les hommes à se grouper sur tel point



De forma semelhante a seu tio, a crítica à postura exclusivista é o mote para desafiar a geografia humana enquanto campo do conhecimento. Compendiando de modo acessível: o que fora dito é que essa ciência intransigente em relação ao elemento solo e destituída de uma estrutura costurada por fatores conjunturais, caso intente em incorporar mais elementos em sua teia analítica de relações, esbarraria no fato de que estas não seriam questões geográficas e sim sociológicas:

Longe de a situação propriamente geográfica ser o fato essencial sobre o qual devemos ter os olhos quase exclusivamente fixos, ela constitui apenas uma das condições de que depende a forma material dos grupos humanos; e na maioria das vezes até ela só produz seus efeitos por intermédio de múltiplos estados sociais que começa por afetar e que, por si só, explicam o resultado final. Em suma, o fator telúrico deve estar relacionado ao meio social em sua totalidade e em sua complexidade. Não pode ser isolado [...]. Todas essas questões, portanto, não são questões geográficas, mas estritamente sociológicas; e é com espírito sociológico que abordaremos aqueles que são objeto deste trabalho. (Ib., p. 43-44, tradução nossa)<sup>160</sup>.

A partir de 1906, o *L'Année* alterou-se em duas modificações importantes: ele passou a ser publicado de três em três anos, e a seção *Mémoires originaux* (na qual Ratzel figurava como objeto analítico regular) foi extinta. Durkheim justificou as mudanças com o intuito de que sobrasse mais tempo para os trabalhos pessoais dos colaboradores. Ele alegou, também, que os artigos em sociologia estão, cada vez mais, se convertendo em livros, tamanho o suporte fornecido nos últimos anos para possibilitar investigações originais na área. Também é prometido um maior rigor na eleição dos trabalhos contemplados pelas análises. Durkheim demonstrou certa satisfação, depois desses dez anos de trabalho ininterruptos, e pareceu realizado com o espaço conquistado pela sociologia, principalmente, frente a outras ciências:

Se a sociologia deixou de ser uma forma de literatura puramente dialética, se historiadores, estatísticos, economistas aprenderam a valorizá-la, se começam a perceber que estamos cooperando no mesmo trabalho que eles, acreditamos poder dizer que a *L'Année* tem algo a ver com este resultado. (DURKHEIM, 1906-1909, p. 10, tradução nossa)<sup>161</sup>.

---

du territoire, il ne suffit pas qu'elle existe; il faut encore que l'état de la technique industrielle en permette l'exploitation". Extraído do artigo original: *Essai Sur Les Variations Saisonnières Des Sociétés Eskimos/ Étude de Morphologie Sociale*. MAUSS e BEUCHART. *L'Année Sociologique*, v. 9. P. 38-124, 1904.

<sup>160</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: "Bien loin que la situation proprement géographique soit le fait essentiel sur lequel il faille avoir les yeux presque exclusivement fixés, elle ne constitue qu'une des conditions dont dépend la forme matérielle des groupements humains; et le plus souvent même elle ne produit ses effets que par l'intermédiaire de multiples états sociaux qu'elle commence par affecter et qui seuls expliquent la résultante finale. En un mot, le facteur tellurique doit être mis en rapport avec le milieu social dans sa totalité et sa complexité. Il n'en peut être isolé [...] Toutes ces questions ne sont donc pas des questions géographiques, mais proprement sociologiques; et c'est dans un esprit sociologique que nous allons aborder celles qui font l'objet de ce travail". Extraído do artigo original: *Essai Sur Les Variations Saisonnières Des Sociétés Eskimos/ Étude de Morphologie Sociale*. MAUSS e BEUCHART. *L'Année Sociologique*, v. 9. P. 38-124, 1904.

<sup>161</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: "Si la sociologie a cessé d'être une forme de la littérature purement dialectique, si historiens, statisticiens, économistes ont appris à l'estimer, s'ils commencent à

Nesta primeira edição tris anual, verificamos o artigo *Bases Géographiques de La Vie Sociale* (“Bases geográficas da vida social”), escrito por Maurice Halbwachs [1877-1945] junto de François Simiand [1873-1935]. Os autores partiram da análise do texto de Ratzel intitulado *Raum und Zeit in Geographie und Geologie. Naturphilosophische Betrachtungen* (1907) (“Espaço e tempo em Geografia e Geologia. Considerações filosóficas naturais”). A referida pesquisa traduziu-se numa aprazível reflexão filosófica sobre o espaço e seus manejos científicos, derivando das bases colocadas por Ratzel.

Os progressos abstrativos de Ratzel no tocante à noção espacial são elogiados quando comparados a pensadores da modernidade como Kant. Entretanto, estes deveriam ser absorvidos com ressalvas, pois resguardariam limitações, sobretudo quando indexadas ao progresso social em forma de “leis”:

Há leis que expressam a influência das condições espaciais no progresso histórico dos povos. Nós duvidamos. Porque a evolução também obedece a tendências internas, que não podem ser determinadas com tanta precisão quanto a extensão do solo ocupado, e cuja ação se mistura com as das circunstâncias externas. Mais precisamente, se a vida está em movimento, a terra está imóvel; desempenha o papel do mostrador sobre o qual os ponteiros correm, permite que a medição seja aplicada ao desenvolvimento histórico. (HALBWACHS e SIMIAND, 1906-1909, p. 720, tradução nossa)<sup>162</sup>.

A geografia humana é considerada como “uma disciplina com grandes ambições”, mas que, paradoxalmente, teria problemas em compor junto ao método científico, pois não movimentar-se-ia para enquadrar seus trabalhos nas medidas mais amplas possíveis. Apesar disso, é preciso que se ressalte um reconhecimento importante até então inédito por sociólogos do *L’Année* para com Ratzel, ainda mais por se tratar de um combustível de sua metodologia hologeica: a preocupação em incorporar em seus estudos as nuances geográficas e históricas das respectivas trajetórias sociais:

O interessante aqui, como em seus outros trabalhos, é o esforço de R. [Ratzel] tanto para ampliar quanto para definir os marcos da geografia. A expressão de “leis espaciais da história” deve, sem dúvida, ser criticada; mas R. tem a sensação de que, na continuação dos fatos estudados pelos historiadores, convém reter para relacioná-los à geografia aqueles que testemunham uma ação do solo sobre os grupos, em se

---

se rendre compte que nous coopérons à la même oeuvre que eux, nous croyons pouvoir dire que l’Année a quelque chose à voir avec ça résultat”. Extraído do prefácio da edição. DURKHEIM. *L’Année Sociologique*, v. 11. P. 10-13, 1906-1909.

<sup>162</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Il y a des lois qui expriment l’influence des conditions spatiales sur le progrès historique des peuples. On en a douté. parce que l’évolution obéit aussi à des tendances internes, qu’on ne peut déterminer avec autant de précision que l’étendue du sol occupé, et dont l’action se mélange avec celles des circonstances extérieures. Mais justement, si la vie est en mouvement, la terre est immobile; elle joue le rôle du cadran sur lequel courent les aiguilles, elle permet d’appliquer la mesure à l’évolution historique”. Extraído do artigo original: *Bases Géographiques de La Vie Sociale*. HALBWACHS e SIMIAND. *L’Année Sociologique*, v. 11. P. 720-723, 1906-1909.

tratando da extensão de seu território, significado, importância, duração de suas migrações e das formas de seus assentamentos. (Ib., p. 721, tradução nossa)<sup>163</sup>.

Ainda em 1906, agora nos *Annales*, temos o trabalho de G. A. Hückel (1880-1919), *La géographie de la circulation selon Friedrich Ratzel* (“A geografia da circulação segundo Friedrich Ratzel”), um texto dedicado a analisar os fundamentos de uma geografia da circulação com base na segunda edição do *Politische Geographie*.

O trabalho não deixou de ressaltar o entendimento ratzeliano de que não existe povo desprovido de circulação, pois todos resguardariam caracteres geográficos e históricos que se (re)formam ao longo do tempo. O autor interpretou a conquista do espaço como via de multiplicação dos pontos de acesso comercial, conferindo a Ratzel um ar subversivo com relação aos regimentos naturais. Conforme a técnica avança, se eleva também a velocidade e a qualidade das comunicações, enfraquecendo cada vez mais a importância dos entraves naturais na transmissibilidade de produtos, técnicas e valores.

Os primeiros traços da argumentação vão na direção da importância atribuída por Ratzel ao espaço no desenvolvimento dos Estados. É salientada a sua simpatia pela expansão geográfica dos homens na superfície da Terra e seus efeitos, especialmente os políticos. A busca pelo alargamento físico do território seria a condição essencial para tornar funcional a circulação da estratégia e organização política dos Estados em outros lugares.

Hückel criticou a coesão textual da obra e reproduziu a rotulagem de imperialista emblemada de Sion (1904):

[...] não acreditamos que o sabor de sua substância fosse perturbado por uma preocupação com a ordem. Uma forte preocupação em dar às ideias de Ratzel as honras da língua francesa nos domina e, lembrando que sua obra passa, não sem razão, por um manual do imperialismo, teremos indicado em que sentido ela deve ser alterada. (HÜCKEL, 1906, p. 403, tradução nossa)<sup>164</sup>.

No entanto, logo em seguida, essa perspectiva imperialista tromba na explicação das características essenciais da circulação para Ratzel. O autor aduz que o geógrafo de Leipzig

<sup>163</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Ce qui est intéressant ici, comme dans ses autres ouvrages, c'est l'effort tenté par R. à la fois pour élargir et définir les cadres de la géographie. L'expression de <lois spatiales de l'histoire> est sans doute à critiquer; mais R. a bien le sentiment que, dans la suite des faits étudiés par les historiens il y a lieu de retenir pour les rattacher à la géographie ceux qui témoignent d'une action du sol sur les groupes, qu'il s'agisse de l'étendue de leur territoire, du sens, de l'importance et de la durée de leurs migrations, des formes de leurs établissements”. Extraído do artigo original: *Bases Géographiques de La Vie Sociale*. HALBWACHS e SIMIAND. L'Année Sociologique, v. 11. P. 720-723, 1906-1909.

<sup>164</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “non plus que par un souci ordre et de mise au point la saveur de leur substance Une forte préoccupation de faire aux idées de Ratzel les honneurs de la langue française nous domine et en rappelant que son ouvrage passe non sans raison pour un manuel d'impérialisme nous aurons indiqué dans quel sens elles doivent être amendées”. Extraído do artigo original: *La géographie de la circulation selon Friedrich Ratzel*. HÜCKEL. Annales de Géographie, v. 15. P. 401-418, 1906.

comparava o movimento de pessoas e objetos ocupando diversas regiões à circulação do sangue no corpo humano, e que tal ação seria de natureza geográfica e promoveria o equilíbrio orgânico dos recursos terrestres entre as sociedades:

[...] um movimento, um lugar outro de pessoas e objetos de valor comparável à circulação do sangue no corpo humano é o movimento no espaço de pessoas e objetos de posse em vista de regiões ou pontos determinados com o objetivo de equilibrar por troca os recursos naturais e dons da terra e dos homens. (Ib., loc. cit., tradução nossa)<sup>165</sup>.

Passando a 1909, Hückel voltou a citar Ratzel numa pesquisa sobre as origens e migrações de povos indo-germânicos. Frisando que qualquer estudo dessa natureza deveria se apoiar no profundo senso das leis do movimento e da circulação propostas pelo alemão, assim como guiar-se por sua inquietação de buscar elos de coerência em sociedades pré-históricas. Mas não é esse o texto daquele ano que gostaríamos de destacar e sim um dos que foram publicados na edição de 1909-1912 do *L'Année*, na seção *Bases Géographie de La Vie Sociale*. A referida porção ostentou quatro artigos que analisaram obras de outros autores, sob a lavra do geógrafo dos *Annales*, Albert Demangeon, do filósofo e historiador Henri Jeanmaire [1884-1960] e do inesgotável Durkheim. Recomendamos fortemente a leitura das quatro resenhas<sup>166</sup>, todavia, pincemos apenas o que mais pertence a nossa discussão: o primeiro, que concerne à crítica da obra *Influences of Geographic Environment, on the Basis of Ratzel's System of Anthropogeography* (“Influências do ambiente geográfico nas bases do Sistema Antropogeográfico de Ratzel”), de Ellen Semple<sup>167</sup> [1863-1932].

Os autores depreenderam, do livro de Semple, uma perspectiva de natureza imperial sobre as possibilidades humanas, as quais só se desenvolveriam a partir do quadro armado pelas injunções geográficas.

<sup>165</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “un mouvement un lieu un autre de personnes et objets de valeur comparable la circulation du sang dans le corps humain est le mouvement dans espace de personnes et objets de possession en vue de régions ou de points déterminés dans le but équilibrer par échange les res sources et dons naturels de la terre et des hommes”. Extraído do artigo original: *La géographie de la circulation selon Friedrich Ratzel*. HÜCKEL. *Annales de Géographie*, v. 15. P. 401-418, 1906.

<sup>166</sup> Com a excessão do texto analisado, referimo-nos às meditações produzidas a respeito de *Géographie sociale. Le Sol et l'État* (1911), de Camille Vallaux; *La Géographie humaine. Essai de classification positive. Principes et exemples* (1912), de Jean Brunhes; e *Palestine and its transformation* (1911), de Ellsworth Hutington.

<sup>167</sup> Ellen Semple possuía mestrado em História (1891), quando em uma visita a Londres entrou em contato com as obras de Ratzel. Ela decidiu ir à Alemanha para estudar com ele na Universidade de Leipzig, no entanto, nunca conseguiu se matricular em suas aulas, isto pois, na Alemanha conservadora e patriarcal do século XIX, as mulheres não estavam autorizadas a frequentar seminários nas universidades, deste modo, ela assistia Ratzel em uma pequena sala ao lado do auditório, com a porta semiaberta (WANKLYN, op. cit.). Entretanto, fora dali, ela teve amplo contato com Ratzel, participando das “Noites Geográficas” e desenvolvendo estudos em parceria. Semple foi presidente da associação de geógrafos americanos (1921-1922), professora nas universidades de Chicago (1906-1922), Oxford (1912-1922) e Clark (1922) e uma das maiores divulgadoras das ideias ratzelianas em países anglo-saxões.

[...] ela mostra qual impressão original que este ambiente natural deixa na vida dos homens e quantas exigências esta natureza dominante impõe à existência cotidiana [...] os rios e os lagos determinam um ambiente original que modela a vida dos homens: a partir daí, os modos de transporte e tipos de barcos, habitações. (DEMANGEON, JEANMAIRE e DURKHEIM, 1909-1912, p. 810-811, tradução nossa)<sup>168</sup>.

O trio segue enfatizando a “tendência infeliz do espírito de generalizações” pelo qual ela teria presidido seu trabalho, negligenciando aspectos como densidade e estado de civilização, isto pois, baseava-se em pressupostos também mal ajambrados como os de Ratzel. O papel atribuído à extensão territorial representaria o que há de mais estreito em termos analíticos, do ponto de vista geográfico.

Para Miss Semple como para Ratzel, o espaço, a extensão de um território, preserva-se como virtude mágica [...] Essa teoria do espaço, completamente impregnada de espírito alemão e fortemente ao gosto do espírito americano, leva a autora a considerar que os pequenos Estados não têm chance de resistência; para ela, a história do fim. (Ib., p. 812-813, tradução nossa)<sup>169</sup>.

Esse trabalho, para nós, adquire especial importância, porque foi o primeiro a inaugurar a crítica ao que viria a ser chamado por outros autores de “escola determinista”, isto é, o estabelecimento da tacha de “determinista” que extrapolou a figura de Ratzel e se estendeu a autores que nele se inspiraram, como é o caso de Ellen Semple, Ellsworth Huntington, Karl Haushofer e Rudolf Kjéllen. Em alguns casos, esses pensadores cumprem a função retórica de terceirização do estigma, ou seja, são eles os acusados de terem pervertido as noções de Ratzel em determinismos grosseiros, como é o caso do trabalho de Moraes (2007). Já em outros, como o que acabamos de acompanhar, e de maneira mais emblemática em Febvre (1922), eles são colocados como membros de uma confraria de propagadores do determinismo, que teria tomado Ratzel, de forma pertinente, como seu grande líder intelectual.

Alcançando os *Annales* de 1913, havemos a conhecida reprodução da palestra de La Blache a um grupo de professores de história em formação, nomeada de *Des caractères distinctifs de la géographie* (“Características distintivas da geografia”). A fala de La Blache é

<sup>168</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “il montre quelle empreinte originale ce milieu naturel laisse sur la vie humaine et combien d'exigences cette nature dominante impose à l'existence quotidienne [...] fleuves et lacs déterminent un milieu original qui façonne la vie humaine: à partir de là, les modes de transport et les types de bateaux, logement”. Extraído do artigo original: *Influences of Geographic Environment, on the Basis of Ratzel's System of Anthropogeography by Ellen Churchill SEMPLE*. DEMANGEON; JEANMAIRE; DURKHEIM. L'Année Sociologique, v. 12. P. 809-814, 1909-1912.

<sup>169</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Pour Miss Semple comme pour Ratzel, l'espace, l'étendue d'un territoire, conserve comme une vertu magique [...] Cette théorie de l'espace, tout imprégnée de l'esprit allemand et fortement dans le goût de l'esprit américain, conduit l'auteur à considérer que les petits États n'ont aucune chance de résistance; pour elle, l'histoire de la fin”. Extraído do artigo original: *Influences of Geographic Environment, on the Basis of Ratzel's System of Anthropogeography by Ellen Churchill SEMPLE*. DEMANGEON; JEANMAIRE; DURKHEIM. L'Année Sociologique, v. 12. P. 809-814, 1909-1912.

proferida em tom afirmativo, na tentativa de asseverar o “lugar científico” da geografia diante das denúncias de ultraje fronteiriço, impelido pela sua rebenta “geografia humana”, acusada abertamente de atravessar esferas competentes a outros ramos do conhecimento.

O fundador dos *Annales* se mostra impressionado com os mal-entendidos que reinavam sobre a ideia de geografia:

A geografia é obrigada a extrair das mesmas fontes de fatos e objetos de estudo que a geologia física, as ciências naturais e, em certos aspectos, as ciências sociológicas. Daí vem, para dizer de passagem, a reprovação que às vezes lhe é dirigida. (LA BLACHE, 1913, p. 289, tradução nossa)<sup>170</sup>.

Ele enverga mais uma vez o seu discurso da complexidade dos fenômenos que se cruzam na natureza e contribuem para fixar a “fisionomia da Terra”. Desta vez defendendo que não deveria existir uma maneira única de abordar os fatos, ainda mais porque estes se mostrariam úteis se considerados de diferentes ângulos, em perspectiva relacional e sob distintas combinações. Portanto, a geografia teria por função especificar esses relacionamentos. O autor ainda assevera que “a geografia inclui por definição a totalidade da Terra” (Ib., p. 290, tradução nossa)<sup>171</sup>.

La Blache exhibe um esforço plácido, no sentido de acalmar os ânimos em tempos em que os cientistas sociais deblateravam pelo máximo rigor das demarcações corporativas, já que a universal partilha do elemento “humano”, em seus respectivos terrenos analíticos, acompanhava-se da vulnerabilidade da sua identidade científica. Sendo assim, ele trata de posicionar a geografia como uma ciência dos lugares e descritiva, ou seja, não se tratava de estabelecer e determinar ordens de fatos e sim oferecer, sob o rico “teclado de formas” que a natureza oferece, as suas inter-relações de maneira inteiriça: Nesse sentido, ele define que: “O campo de estudo por excelência da geografia é a superfície [...] A geografia se distingue como uma ciência essencialmente descritiva [...] A geografia é a ciência dos lugares e não a dos homens” (Ib., p. 297 e 299, tradução nossa)<sup>172</sup>.

---

<sup>170</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “La géographie est obligée d'extraire des mêmes sources de faits que la géologie physique, les sciences naturelles et, à certains égards, les sciences sociologiques, les objets d'approfondissement des sciences connexes. D'où, pour le dire en passant, le reproche qu'on lui adresse parfois”. Extraído do artigo original: *Des caractères distinctifs de la géographie*. LA BLACHE. *Annales de Géographie*, v. 22. P. 289-299, 1913.

<sup>171</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “La géographie par définition comprend l'intégralité de la Terre”. Extraído do artigo original: *Des caractères distinctifs de la géographie*. LA BLACHE. *Annales de Géographie*, v. 22. P. 289-299, 1913.

<sup>172</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Le domaine d'étude par excellence de la géographie est la surface [...] La géographie se distingue comme une science essentiellement descriptive [...] La géographie est la science des lieux et non celle des hommes”. Extraído do artigo original: *Des caractères distinctifs de la géographie*. LA BLACHE. *Annales de Géographie*, v. 22. P. 289-299, 1913.

O que a geografia em troca da ajuda que recebe das outras ciências pode trazer ao tesouro comum é a capacidade de não fragmentar o que a natureza reúne para compreender a correspondência e a correlação dos fatos no meio terrestre que envolve a todos. (Ib., loc. cit., tradução nossa)<sup>173</sup>.

Dessa maneira, chegamos, enfim, à obra que aparou o matagal da acusação do determinismo latente sobre Ratzel e esculpiu de maneira inequívoca a pecha de “determinista”. Nessa investigação, o autor desceu as nuances do litígio científico ao qual a *Antropogeografia* estava metida, cuidando de constrangê-la em toda a sua presumida ambição, diante da “moderada morfologia social”. Introduzimos aqui *La Terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'histoire* (1922) (“A Terra e a Evolução Humana: introdução geográfica à história”), do historiador e cofundador da Escola dos Annales, Lucien Febvre.

*A Terra e a Evolução Humana* é um livro de espantoso fôlego acadêmico investigativo, que representa, principalmente em seus primeiros capítulos, a obstinação por preceituar cientificamente e pôr fim à contenda a que estavam envolvidos antropólogos, historiadores e principalmente geógrafos e sociólogos. Lucien Febvre desenvolveu uma argumentação envolvente e taxativa que, num primeiro momento, opera pela via de descrédito às teses ratzelianas em comparação com a morfologia social. Posteriormente, empenha-se em distanciar as noções geográficas de seu professor, Vidal de La Blache, das de Ratzel, para, assim, celebrar uma “modesta geografia humana” à guisa de La Blache, ou melhor, à guisa de sua interpretação de La Blache, ciente de suas restrições metodológicas e cientificamente conformadas de seu escopo.

Logo no capítulo de abertura, “Morfologia Social ou Geografia Humana”, o autor trata de expor as principais queixas dos sociólogos para com os geógrafos humanos: o método estreito e exclusivista para com o fator solo e a avidez em imiscuir-se em territórios científicos alheios. A estratégia retórica utilizada por Febvre para expor a superioridade da morfologia social é caprichosamente cambiante: num primeiro momento ele parece opor a geografia humana à “modesta, mais bem regulada e menos imprudente” morfologia social:

Os sociólogos não se limitam ao ataque, constroem o seu próprio terreno. Propõem substituir a antropogeografia de Ratzel por uma ciência que eles afirmam estar mais bem definida e rigorosamente delimitada, uma ciência sociológica cujo objeto eles definem e cujo nome eles estabelecem de antemão: é a morfologia social. Essa atitude dita a nossa: é preciso escolher. (FEBVRE, 1991 [1922], p. 49).

---

<sup>173</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em francês: “Ce que la géographie, en échange de l'aide qu'elle reçoit des autres sciences, peut apporter au trésor commun, c'est la capacité de ne pas fragmenter ce que la nature rassemble pour comprendre la correspondance et la corrélation des faits, que ce soit dans le milieu terrestre qui les entoure tous”. Extraído do artigo original: *Des caractères distinctifs de la géographie*. LA BLACHE. *Annales de Géographie*, v. 22. P. 289-299, 1913.

Nada obstante, esse juízo se modifica no momento em que a geografia humana de Ratzel é descreditada da arena científica. Dito de outra maneira, a morfologia social e a antropogeografia não poderiam sequer rivalizar, porque teriam metodologias, limites investigativos e problemas de campos bem diferentes. Enquanto a primeira colocaria em seu plano inicial a sociedade e se deteria a estudar as configurações dos fatores que afetam as relações coletivas — decompondo o volume, a densidade de um povo e suas formas de estabelecimento no solo —, a geografia humana disporia apenas do elemento “solo” em seu *front* analítico e procederia na explicação dos mais variados destinos de nações de forma hermética e comprometida com e por este fator. Como já demonstramos, esse é um recurso retórico parecido com o que houvera sido utilizado por Mauss (1904):

Construções como as de um Ratzel, fortemente influenciado, aliás, por ideias e considerações não estritamente científica. [...] A morfologia social seria muito diferente. Certamente que trataria também do substrato das sociedades, mas enquanto um só dos elementos que ajudam a compreender a vida e os destinos dessas sociedades. Não começaria por divinizar, por assim dizer, esse elemento privilegiado, por lhe atribuir uma espécie de poder criador, por fazer dele o produtor e animador das formas sociais [...] a morfologia social não pode pretender suprimir, em seu benefício, a geografia humana, porque as duas disciplinas não têm nem o mesmo método, nem a mesma tendência, nem o mesmo objeto. (Ib., p. 39, 52 e 89).

Febvre recorreu por vezes as páginas do *L'Année* e dos *Annales*, trazendo à baila as ideias de sociólogos como Durkheim, Mauss e antropólogos como Baldwin Spencer [1860-1929] e Francis James Gillen [1855-1912]. A tentativa era a de demonstrar que o que esses cientistas já haviam percebido há tempos seriam aspectos os quais os geógrafos não haviam se dado conta, como por exemplo, o fato de que havia muitos grupos e sociedades em que a influência do substrato geográfico pouco se fez sentir.

Ratzel, dominado, ao mesmo tempo, pelo seu preconceito de antropogeógrafo e por preocupações de ordem mais política que científica, que, por momentos, nos fazem comparar a mais recente e menos fecunda das suas grandes obras, a *Politische Geographie*, a uma espécie de manual do imperialismo alemão, escreve: Se os mais simples tipos de Estado são irrepresentáveis sem um solo que lhes pertença, o mesmo deve ocorrer com os mais simples tipos de sociedade. (Ib., p. 57).

Apesar de anuir com a maior parte das concepções de La Blache, Febvre não se absteve de criticá-lo com relação ao seu “abuso e ambição” transmitido em sua palestra na *École des Hautes Études Sociales*, a qual já citamos. A orientação do cultivo do arroz no Extremo Oriente, inspirando a constituição de aldeias e famílias proposta por Vidal, desagradou o autor, que recorreu a Durkheim para se opor a essa concepção, indicando que havia diversas sociedades em que é a organização familiar quem dita a tipicidade do trabalho a ser exercido. A reprovação foi produzida, todavia, sem deixar de dispensar um tratamento benevolente para com seu



preceptor, o qual teria sido “arrastado, sem dúvida, pelo meio, pelo auditório e pelo próprio título da sua conferência” (Ib., p. 61).

A tática febvreviana deveria ser cuidadosa para, a um só tempo, derogar as noções “ramalhudas e contraditórias” de Ratzel, sem, no entanto, nulificar a geografia humana. Essa dura tarefa foi urdida com habilidade pelo historiador francês. Primeiro era preciso firmar que existiam agrupamentos não territoriais e que, portanto, escapariam à influência da geografia, e que mesmo os que estariam incontestavelmente arraigados ao solo, e assim relacionados aos seus métodos, não poderiam ser explicados só pela geografia. A consagrada fórmula de ganância e limitação é repetida, mas, desta vez, decantada num tom de ironia e aspereza capazes de sobressaltar o leitor:

Seria certamente demasiado fácil alinhar aqui uma série de citações que revelariam em alguns geógrafos uma preocupação medíocre com tudo o que lhes não diz respeito, uma espécie de desprezo jovem, cândido e um tanto irritante de vizinho [...] Munidos de duas ou três grandes chaves para todo o serviço, quantos não vão estouvadamente pelo mundo, experimentando-as sucessivamente em todas as portas que encontram. Ficam felicíssimos quando se lhes depara uma que o instrumento abre o melhor que pode [...] não terão os sociólogos razão em censurar aos geógrafos estes defeitos tão conhecidos? Defeitos de uma ciência jovem, exuberante e que não sabe, ao limitar o seu próprio domínio, respeitar por via indireta o domínio do vizinho [...] Abusos manifestos, que, por seu turno, serão ignorados por uma ciência sociológica de perspectivas modestas e marcha prudente — porque essa tem objetivos limitados e antecipadamente definidos. (Ib., p. 63 e 65).

Em seguida fez-se forçoso desvincular o geógrafo de Leipzig da geografia humana, apesar de no princípio do livro chamá-lo de “representante típico e qualificado dos geógrafos humanos” (Ib., p. 46):

[...] não se deve considerar a geografia humana sinônima de Ratzel e seus discípulos [...] seria bastante inexato fazer depender de RATZEL todo o esforço, tão vivo, tão curioso, tão interessante, dos geógrafos franceses. Muitos estranhariam semelhante influência e talvez confessassem conhecê-lo muito vagamente [...] é preciso ainda acrescentar que em Inglaterra, nos Estados Unidos, na Itália, ou ainda noutros pontos, há “geógrafos humanos” cuja obra ou tendências nada têm de ratzeliano. Na França o ratzelianismo foi talvez um estado de prestígio — mas não uma realidade” (Ib., p. 68-69).

Lançando mão da diretiva de Durkheim, a ambição ratzeliana<sup>174</sup> é assinalada como responsável pela inscrição crítica de toda a geografia humana. A preocupação de Ratzel em

---

<sup>174</sup> A defesa pela delimitação dos campos científicos por parte de Febvre não resistiu ao tempo. Ironicamente, 30 anos depois da obra em questão, num livro que reunia alguns de seus escritos avulsos e palestras, *Combates pela História* (1953), o autor dedicou um capítulo inteiro (“Contra o espírito de especialidade”) a combater tal assertiva. “Façamos uns e outros, quando houver ocasião, tratados e manuais de nossas respectivas ciências: é uma necessidade prática. Mas estes só terão valor humano quando forem animados pelo amplo espírito de unidade científica (FEBVRE, 1953;1970 apud CARVALHO, 2010, p. 144). Em outro capítulo, num texto de transcrição de uma palestra que proferiu a historiadores, recomendou aos iniciantes neste ramo que: “Voltem suas costas

definir a influência das condições geográficas sobre os destinos deveria ser substituída pela tenacidade francesa em apontar o homem como um dos mais poderosos fatores da geografia. A geografia humana, então, deveria estudar essas expressões mutáveis, isto é, os revestimentos e contornos fisionômicos dos lugares aos quais o homem é um agente geográfico. A ação do homem sobre o meio teria de ser rigorosamente o que de humano competiria à geografia, em outras palavras, deve-se estudar o lugar de maneira estrita, o elemento humano só deve ser abarcado pelos “vestígios” que deixar na superfície do globo:

“A geografia”, continua Vidal de La Blache, «interessa-se pelos acontecimentos da história na medida em que estes põem em ação e revelam, nas regiões em que se produzem, propriedades, virtualidades que, sem eles, teriam ficado latentes. Definição nítida, estrita e egoistamente — geográfica, como se vê. E desta vez o ponto de vista é perfeitamente claro. «A geografia é a ciência dos lugares, não a dos homens»». Eis aqui, na verdade, a tábua de salvação [...] O solo, não o Estado: eis o que deve preocupar o geógrafo. (Ib., p. 86 e 88).

A comparação entre os dois autores é produzida de maneira aberta e resoluta no que se refere à ascendência científica lablachiana:

Nenhum grande tratado dogmático como Antropogeografia e Geografia Política. Uma série de artigos positivos e críticos ao mesmo tempo, de um estilo um tanto restrito, com súbitos lampejos de adivinhação e compreensão, e um grande poder de sugestão em todas as ocasiões muitas vezes de evocação. Um único livro, inteiramente pessoal, uma obra-prima, mas desprovida de qualquer dogmatismo e inimitável [...] um espírito de busca livre, de pesquisa ágil e vívida, de um despertador de vocações e não de um repetidor de catequismos. (Ib., p. 27).

Esses contornos narrativos nos conduzem à célebre catalogação: “não nos perguntemos se no bloco das ideias geográficas não existem realmente fendas e se é possível acompanhar ao mesmo tempo, com a mesma segurança serena, os ‘deterministas’ com Ratzel e os ‘possibilistas’ com Vidal” (Ib., p. 30). Algumas páginas a frente, Febvre qualificou a sua abstração do determinismo:

O homem é ser maleável, submetido as influências do meio natural. E se considera que esse meio, a Terra, em expressão ampla opere sobre ele e o transforme por meio de potências, de esforços soberanos: o solo e o clima exercendo seu poder sobre os indivíduos e sobre as coletividades, não são somente agentes eficazes de transformação somática, sendo igualmente determinadores de resoluções e realizações políticas e morais: a base da história” (Ib., p. 121).

A partir dos anos 1920, o nome de Ratzel desapareceu das páginas dos *Annales de Géographie* e do *L'Année Sociologique*<sup>175</sup>, legítimos terrenos de correção científica da época e

---

convictamente ao passado, vivam primeiro. Mesclem-se com a vida. Com a vida intelectual, indubitavelmente em toda a sua variedade. Sejam geógrafos, historiadores. E também juristas, e sociólogos, e psicólogos” (Ib., p. 144).

<sup>175</sup> E só voltou a ser tópico de uma análise exclusiva setenta anos depois, com o artigo de Sanguin (1990) nos *Annales*.

que desde as suas primeiras edições reuniram análises dedicadas sobre o autor, consignadas por cientistas sociais das mais variadas estirpes. Apesar do trabalho de Febvre ter sido bem recebido entre geógrafos, historiadores e sociólogos, especialmente das escolas francesas, não se deve apontá-lo como singular responsável por esse esfriamento. Eventos como o recrudescimento do revanchismo franco-germânico<sup>176</sup> às vésperas da Primeira Guerra Mundial também impactaram esse quadro, além das mortes de Durkheim, em 1917, e de La Blache no ano seguinte — fatores que tiveram significativa importância na modificação de rumos analíticos que os periódicos, doravante, perseguiriam.

No período que se segue, podemos observar diversas transformações dos debates em torno da figura de Ratzel. Notadamente, estes se afastaram das controvérsias sobre o proponente audacioso de um novo campo do conhecimento e marcharão no sentido de discussões sobre um intelectual que teria influenciado políticos a conduzirem ações de extermínio.

### **3. A GEOGRAFIA, RATZEL E O DETERMINISMO: TRAJETÓRIA, CONTRAPOSIÇÃO E PARADOXO**

Conhecer as origens sociopolíticas e acadêmico-institucionais que configuraram este letreiro sobre Ratzel é, sem dúvida, significativo, mas, há exatos 100 anos da primeira publicação da obra de Lucien Febvre, é preciso que averiguemos como processou-se o itinerário dessa relação ao longo da história. As interpretações de suas noções atadas a ideias geopolíticas, as renovações hermenêuticas do debate e o fortalecimento do campo revisionista serão considerados nesta incursão. Um outro aspecto a ser perseguido será a exposição de alguns enxertos de Ratzel, em que o autor se ocupou frontalmente da influência ambiental sobre a vida humana. Ao final, posicionaremos o determinismo diante de uma análise crítica conceitual, pois entendemos que a convergência essencial que estrutura toda a crítica aderida a esse termo opera através de dispositivos opoentes aos requisitos básicos da lógica científica, tornando-se irrealizável na produção do pensamento geográfico.

#### **A sombra geopolítica**

---

<sup>176</sup> A rivalidade franco-germânica que derramaria seus estilhaços no universo científico teve, a partir do confronto de 1870, um grande estímulo. O primeiro-ministro francês à época, Adolphe Thiers [1797-1877] chegou a dizer que “a França perdera a guerra para os teóricos da geografia alemã”, declaração que provocou o Estado burguês do país a investir na abertura de cátedras, criação de institutos e formação universitária em geografia (MORAES, 2007).

Com relação à década de 1920, tivemos em 1921, o lançamento do primeiro grande tratado francês em geografia política após a Primeira Guerra: *La Géographie de l'Histoire: Géographie de la Paix Et de la Guerre Sur Terre Et Sur Mer* (“A Geografia da História: Geografia da Paz e da Guerra na Terra e no Mar”), sob os cuidados de Camille Vallaux e Jean Brunhes. A preocupação dos autores foi a de compreender a geografia política através dos “movimentos sociais”, batizando essa aproximação de “sociologia geográfica”. A crítica direcionada a uma pensada “noção geral” de Estado em Ratzel conduziu a rejeição ao seu “determinismo territorial”, isto pois, seria a sociedade quem determina o papel do Estado e não o contrário. Com relação à pauta disciplinar, sobre essa década, Carvalho (1997a) encontrou em meio aos oitenta volumes da conceituada *Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo-Americana*, de 1923, o verbete “Ratzel”, que, segundo a publicação, teria sido o introdutor da “Geografia Social”, sendo esta “um ramo muito interessante da Sociologia”.

Na década seguinte existiram alguns trabalhos pontuando suas contribuições geográficas. A começar por uma pequena notação no *Human geography encyclopaedia of social Science*, escrita por Vallaux em 1931, na qual o autor valorizou alguns acréscimos fornecidos por Ratzel inicialmente, contudo, salientou que a geografia humana deve estudar os ajustes humanos no ambiente e não os elementos desse ambiente. Mas foi no âmbito estadunidense, em escritos como os de Sauer (1931) e Isaiah Bowman (1934), que as prestações do alemão foram analisadas mais minuciosamente. O primeiro chegou a afirmar que as más interpretações o fizeram parecer o “pai do ambientalismo”. O período também ficou marcado por um manual de etnografia clássica de Robert Löwi (1991) [1937]. Neste, o antropólogo apontou que Ratzel enfatizava “o efeito incalculável da vontade humana”, ao mesmo tempo em que alertou os geógrafos quanto aos “perigos de se abster em exagerar a potência do ambiente físico” (LÖWI, 1991 [1937], p. 122 e 123).

Contudo, o que houve de mais expressivo nos idos de 1930 foi o ganho de notoriedade dos materiais geopolíticos. Tanto a obra *Staten som lifsform* (“O Estado como forma de vida”) (1916), de Kjéllen, como os artigos publicados na revista *Zeitschrift für Geopolitik* [1924-1944] (“Revista de Geopolítica”) se difundiram, associando a respeitabilidade do conceito de *Lebensraum* de Ratzel (majoritariamente o que fora disposto no livro *Der Lebensraum: eine biogeographische Studie* (1901) (“O Espaço Vital: um estudo biogeográfico”) a programas políticos chauvinistas.

Como já pudemos citar, Haushofer nunca fez parte do partido nazista e seu irmanamento com a política do país já fora amplamente contrariado.<sup>177</sup> Ainda assim, é válido expor a densidade da rede de comunicação entre esses teóricos. Alguns dos principais geopolíticos alemães foram Arthur Dix [1875-1935], Otto Maull [1887-1957] e Rudolf Hess [1894-1987], este último foi aluno e amigo pessoal de Haushofer e, segundo Dorpallen [1911-1982]<sup>178</sup>, também era “o canal político” entre as suas ideias e Hitler: “No curso dessa visita [a de Hess a Hitler na prisão de Landsberg], Hitler foi iniciado nos mistérios da Geopolitik. Ali Haushofer pontificou sobre a necessidade do espaço vital e deu a Hitler um de seus mais efetivos argumentos para suas subseqüentes loucuras” (COSTA, op. cit. [1942], p. 123).

Dix e Maull também lançaram mão de ideias de Ratzel (embebidas na interpretação de Kjéllen) para articular noções germanófilas. Esse foi o principal motivo de autores franceses como Ancel (1936) e Demangeon (1932), terem tecido críticas estendidas a Ratzel pela identificação entre a sua geografia política com a geopolítica e a *geopolitik*. Para Ancel, Ratzel e seus admiradores, ao relacionarem diretamente o futuro dos Estados a elementos como espaço e posição, teriam eliminado o ser humano como principal agente da história, além de fixarem um aspecto de determinação naturalista. O autor completou dizendo que a geopolítica de Haushofer teria sido um “coroamento ameaçador dessa concepção”. Demangeon enxergou a “visão organicista e territorialista” do Estado em Ratzel como encetamento para a radicalização proposta pela geopolítica alemã, uma vez que passaram a identificar “consciência e vontade própria” no Estado.

Durante o curso da Segunda Guerra Mundial e até meados da década de 50, as discussões foram aquecidas na Alemanha, França e Estados Unidos pelo desenvolvimento e consequências do conflito. Falando deste último país, o ano de 1942 marcou a publicação dos livros *German Strategy of World Conquest* (“Estratégia Alemã de Conquista do Mundo”), do prestigiado professor de Harvard, Derwent Whittlesey [1890-1956], e *The world of General Haushofer: Geopolitics in action* (“O mundo do General Haushofer: Geopolítica em ação”), do já citado historiador alemão radicado nos Estados Unidos, Andreas Dorpallen.

Ambas as pesquisas resguardaram o mérito de, pela primeira vez, produzir uma ampla tradução de trabalhos da geopolítica alemã. Para isso, contaram com o apoio do Departamento do Estado, que colocou à disposição dos pesquisadores documentos e artigos publicados

---

<sup>177</sup> A decisão de Hitler de romper o acordo *Molotov-Ribbentrop* [Pacto de não agressão Germano-Soviético, assinado em 1939], invadindo a URSS em 1941, teria produzido grande surpresa e decepção em Haushofer e seu grupo: “com isso, caía por terra a tese de que Hitler era um ‘prisioneiro de um grupo de notáveis geopolíticos’, como alardeava a imprensa norte-americana durante a guerra” (COSTA, op. cit., p. 218).

<sup>178</sup> Id., 1992.

sobretudo pela *Revista de Geopolítica*. A maior parte dos comentários que seguem as transcrições dos textos nas obras tem por objetivo dirigir o leitor a enxergar uma explícita ligação entre os escritos geopolíticos e a política nazista. Nessa toada, nomes como o de Ratzel e Hegel são apontados como “pais espirituais” daquela geopolítica. O trabalho de Whittlesey salienta até sobre a existência de um grandioso “Instituto de Geopolítica de Munique”, sendo este constituído por mais de oitenta geógrafos que trabalhavam em parceria com uma rede de centenas de colaboradores na Alemanha e no exterior — narrativa que foi contradita ao longo da história.<sup>179</sup>

Entretanto, na época, também se forjaram trabalhos de natureza distinta e que merecem nosso realce, como os de Carl Sauer (1941), que despertou para a seriedade em extrapolar os trabalhos mais conhecidos de Ratzel; Malinowski (1944), explorando suas ideias difusionistas; e Troll (1949), alertando para críticas desproporcionais sobre o autor.

### **Renovação da apreensão dicotômica: novos sentidos filosóficos e resgate de convergências teóricas**

Nos anos 50 e 60, munida da vantagem da não afetação de seu território ao final da guerra e patrocinada por recursos financeiros oficiais, a geografia estadunidense reuniu clima intelectual favorável que permitiu fundar a sua própria “escola de geografia política”. Fomentada por geógrafos como Whittlesey, Bowman e Hartshorne [1899-1992], essa tendência teórico-metodológica, grosso modo, ficou conhecida pela sua rigorosa sistematização e preocupação em retrabalhar temas tradicionais da geografia política. Esses geógrafos ajustaram o debate a questões territoriais internas, desenvolvendo sobre o Estado liberal-democrático, acionando, para isso, bandeiras interdisciplinares com a ciência política.<sup>180</sup>

Numerosos centros de pesquisa, movimentados encontros sobre a temática e publicações espalhadas pelas universidades do país reuniram forças para renovar os alicerces metodológicos dessa disciplina. A dedicação à teorização e método iniciado por Ratzel rendeu a essa tradição a qualidade hegemônica do debate até a década de 70.<sup>181</sup>

Sem embargo, o que mais nos pertence neste fragmento da trajetória da geografia política é a retomada das discussões sobre o fantasioso binarismo criado por Febvre, entretanto, agora, regidas por outros interesses. O debruce de pesquisadores aos clássicos da geografia

---

<sup>179</sup> COSTA, op. cit.

<sup>180</sup> COSTA, op. cit.

<sup>181</sup> COSTA, op. cit.

humana, compassados pelo ímpeto geral das pesquisas em geografia política, culminou numa enxurrada de trabalhos de geógrafos anglo-saxões. Estes consagraram não exatamente a velha contenda possibilismo *versus* determinismo, mas a análise dos fundamentos filosóficos e geográficos dessas duas diretrizes. Contudo, tal disposição foi intermediada por uma personagem importante:

Os geógrafos anglo-saxões, por contarem com o trabalho de Miss Semple, não se dispuseram a folhear os originais alemães da obra ratzeliana. A discípula traduziu também para o inglês apenas o primeiro volume da *Anthropogeographie* de Ratzel. Ao homenagear o mestre, empolgada com o potencial pragmático de sua obra, Miss Semple foi uma das responsáveis, provavelmente sem o querer, das distorções dos conceitos ratzelianos na geografia americana. (MARTINS, 1992, p. 109).

Obviamente que a leitura de Ratzel, restrita à tradução de Semple, fez diferença no que se produziu em termos de compreensão de seus conceitos por parte dos geógrafos anglo-saxões. Todavia, não compactuamos com a posição de “terceirização determinista”, visto que esta se traduz numa reabilitação com o pacto pragmático estigmatizante, isto é, a continuidade na busca por culpados, “cientistas do absurdo”, nem que para isso seja preciso descontextualizar e distorcer suas passagens.

A exposição em detalhes do trabalho de Semple comprometeria a estabilidade objetiva desta pesquisa, por isso, indiquemos apenas dois exemplos para ilustrar o que argumentamos. “O homem é um produto da superfície da Terra” é a frase de abertura do prefácio de sua obra e também a mais utilizada para execrar a condução teórica da geógrafa norte-americana. Ao primeiro impacto, tendemos a concordar com a classificação de determinista, mas, ao continuarmos a leitura, temos:

O homem é um produto da superfície da Terra. Isso significa não apenas que ele é um filho da terra, pó de seu pó, mas que a Terra tem de alimentá-lo, colocá-lo tarefas, dirigir seus pensamentos, o confronto com a dificuldade que fortaleceram seu corpo e afiam sua inteligência, dando a ele os seus problemas de navegação ou irrigação, e ao mesmo tempo dicas para sussurrar sua solução. (SEMPLE, 1911, p. 1, tradução nossa)<sup>182</sup>.

A despeito da floridão poética com que ela carregava suas linhas, a noção de sinergia entre Terra e ser humano nos parece uma avaliação mais equilibrada para o juízo de suas

---

<sup>182</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em inglês: “Man is a product of the earth’s surface. This means not merely that he is a child of the earth, dust of her dust; but that the earth has mothered him, fed him, set him tasks, directed his thoughts, confronted him with difficulties that have strengthened his body and sharpened his wits, given him his problems of navigation or irrigation, and at the same time whispered hints for their solution”. Extraído do livro: *Influences of Geographic Environment on the Basis of Ratzel’s System of Anthropo-Geography*. SEMPLE. Nova Iorque: Henry Holt and Company, 1911.

concepções. A superfície terrestre atuaria como grande indicativo-transformador para as ações preparadas pela potencialidade humana:

As relações do homem com seu meio ambiente são infinitamente mais numerosas e complexas do que aquelas das plantas ou animais mais altamente organizados [...] O homem tem sido tão barulhento sobre a maneira como ele tem “conquistado a natureza”, e a natureza foi tão silenciosa em sua persistente influência sobre o homem, que o fator geográfico na equação do desenvolvimento humano tem sido negligenciado. [...] Antigamente estas montanhas barravam o fraco e o tímido, hoje em dia barram os pobres, e proibi o trânsito para todas as mercadorias de grande volume e valor pequeno que não podem pagar os custos de transporte pesado (Ib., p. 2 e 4, tradução nossa)<sup>183</sup>.

Aqui, Miss Semple assenta a capacidade relacional humano-ambiente em termos de complexidade bem diferente dos outros animais. O aspecto econômico é erguido como triunfante diante de rotinas ambientais desfavoráveis ao comércio, demarcando a constrição geográfica como fator relevante, mas que, porém, acanhar-se-ia como dificuldade à medida que as possibilidades humanas progredissem. Sendo assim, a rotulação da autora como determinista inveterada que corrompera as noções do mestre deve ser substituída pela apreciação de uma geógrafa que se agarrou à retórica poética e metafórica, tentando facilitar o entendimento de uma obra tempestuosa até para fluentes em alemão. A justificação de um erro de rotulagem não deve projetar outro. A atitude de “varrer para debaixo do tapete” sempleriano testemunha também o machismo acadêmico institucional, já que outros autores da “escola determinista” como Huntington e Kjéllen são muito menos lembrados como “degeneradores” das noções de Ratzel.

Volvendo ao nosso escopo, Sprout (1950) criticou os limites estreitos do possibilismo, argumentando que os geógrafos tinham a necessidade de prever certos comportamentos do meio. Thatam (1951), no ano seguinte, apontou Ratzel como responsável por transmitir à geografia “uma tonalidade determinista”; Spate (1952), num artigo em que contradita o “determinismo” em Hutington, fundou o que viria a ser conhecido como “probabilismo”<sup>184</sup>,

---

<sup>183</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em inglês: “Man’s relations to his environment are infinitely more numerous and complex than those of the most highly organized plant or animal [...] Man has been so noisy about the way he has “conquered Nature,” and Nature has been so silent in her persistent influence over man, that the geographic factor in the equation of human development has been overlooked [...] Formerly these mountains barred the weak and timid; to-day they bar the poor, and forbid transit to all merchandise of large bulk and small value which can not pay the heavy transportation charges”. Extraído do livro: *Influences of Geographic Environment on the Basis of Ratzel’s System of Anthro-Geography*. SEMPLE. Nova Iorque: Henry Holt and Company, 1911.

<sup>184</sup> “Na história do pensamento geográfico o possibilismo esvaziou-se de sentido e o determinismo foi declarado morto, entrando em cena o probabilismo, formulado na Geografia por Spate. Segundo essa ‘nova-velha’ teoria, em última instância, a natureza torna algumas escolhas humanas mais viáveis do que outras, de modo que alguns padrões se fazem mais prováveis do que outros. O probabilismo parece ter sido a última ‘teoria’ ou proposta a lidar com o problema das influências ambientais, e depois dele, nada mais foi proposto na feira geográfica das teorias e especulações, em torno da ideia das influências ambientais. Em não havendo mais discussões sérias acerca



defendendo que o fenômeno humano atua sobre diferentes possibilidades assertivas com relação ao meio. O autor fez questão de apontar determinismo e possibilismo como “duas faces da mesma moeda” que compactuam da falácia de que pode haver algo como “o ambiente tomado por si”.

Martin (1955) elaborou um texto articulando “a busca pela verdade filosófica em relação ao determinismo” e o papel desempenhado pelos geógrafos nesta problemática. O autor tentou estabelecer uma diferenciação entre o determinismo antigo que “simplificou demais o mundo físico” (figurado por personagens como Montesquieu, Ratzel e Semple) e o sistema de determinações (ao qual ele também chama de determinismo) — este seria necessário, em certa medida, para aferição do exercício de influência das causas geográficas. Por outro lado, Plewe (1957) apontou que as obras de Ratzel traziam “exposições claras do papel da tradição cultural”, identificadas pelo assentamento gradativo dos processos de difusão cultural. Hartshorne (1959), apesar de posicionar Ratzel e Semple como deterministas, destacou que eles tiveram o mérito de colocar no radar da geografia a busca por uma meta científica. Isso teria se devido ao fato de ambos mensurarem sistematicamente a influência interativa entre ser humano e meio.

Na virada da década foi publicada uma curta, porém cuidadosa biografia de Ratzel, assinada pelo geógrafo britânico Harriet Wanklyn (1961). Lewthwaite (1966) produziu talvez o mais acurado dos estudos com relação à falsa dualidade entre possibilismo e determinismo. O esforço foi para expor a precariedade da crítica assentada em suas complementariedades limitantes, que encaixotavam em modelos metafísicos, simplificações concernentes à complexidade e relacionamento das dinâmicas cultural e ambiental. O autor destrinchou conceitualmente uma trinca de nuances entre a teorização determinista em sentido amplo (que jamais teria existido nos autores rotulados como tais), a sua feição criticada na geografia e a fragilidade dessas aproximações com relação aos alvos como Ratzel, Huntington e Semple.

Em 1971, Anna Buttimer desenvolveu um trabalho de comparação entre a discrepância da acusação febvreviana e as noções de Ratzel, evidenciando as semelhanças conceituais entre Ratzel e Vidal, essencialmente com relação aos conceitos de “progresso” e “circulação”. No mesmo ano, Carl Sauer publicou um artigo em que buscou recuperar observações e *insights* esquecidos da passagem de Ratzel pelos Estados Unidos e México. Sauer identificou paralelos entre suas crenças sobre a energia e expansividade da vida estadunidense e as abstrações românticas como “alma do Estado”, contingenciada ao “laço espiritual” de seu povo. Quaini

---

de um tema tão fundamental da Geografia e da ciência, mitos, fantasias, dúvidas e inseguranças foram fermentando no coração da história do pensamento geográfico.” (CARVALHO JUNIOR e MORAES SOBRINHO, 2017, p. 194).

(1975), num trabalho abrangente sobre geografia humana, pontuou o determinismo em Ratzel. Por outro lado, Claval (1976), também numa obra generalista, refutou essa posição.

Broc (1977) focalizou a importância da geografia de Ratzel para os estudos da disciplina na França, frisando a similaridade entre Ratzel e La Blache com relação à “harmonia do mundo dos fenômenos”, remontando a filiação ritteriana compartilhada por ambos. No mesmo ano, Buttman elaborou uma das mais encorpadas biografias que se tem notícias sobre Ratzel, trazendo documentos de arquivo pessoal e uma valiosa lista de produção bibliográfica.

Em 1978, Speth nos convidou a perceber a afinidade no discernimento ambiental entre autores considerados “deterministas e “possibilistas”. As viradas sociais no campo acadêmico de tempos em tempos nos indicam como as rotulações são devedoras dos estatutos científicos e políticos de cada época. O autor expôs um trabalho do antropólogo Franz Boas [1858-1942], que, na década de 20, considerou portadores da “bandeira ambientalista” geógrafos como Ratzel, Ritter, La Blache, Brunhes, Guyot etc.

Raffestin, em sua afamada *Por uma Geografia do Poder*, de 1980, enalteceu as diversas contribuições empreendidas por Ratzel à ciência geográfica, sem deixar de pontuar que a geografia política inaugurada pelo professor de Leipzig mais se assemelhava a uma “geografia do Estado”. Com relação ao determinismo em Ratzel, o autor afirmou que a ocasião não era apropriada para retomar essa velha discussão. Smith (1980) esforçou-se em demonstrar a discrepância entre a conceituação ratzeliana de *Lebensraum* e seus usos pela geopolítica alemã. Em 1981, Capel concebeu um estudo minucioso de alguns clássicos do pensamento geográfico. Ao retratar Ratzel, expondo algumas de suas citações, o autor aduziu que “os parágrafos anteriores evidenciam que Ratzel não é um determinista” (CAPEL, 1981, p. 285). Apontando que é notória, em suas análises, a potencialidade humana de desenvolvimento, organização e modificação. Ainda na Espanha, Mendoza, Jiménez e Cantero (1982) publicaram um manual sobre a história do pensamento geográfico no qual os trabalhos de Ratzel foram analisados como formas mal-acabadas de um sistema grosseiro de causalidades, em oposição à sofisticação crítica de Reclus.

No decurso dos anos 70, podemos observar na Europa, a partir do contexto da Guerra Fria e dependência estratégica aos Estados Unidos e à URSS, a necessidade do desenvolvimento de relações multilaterais dentro do continente. A integração da “Comunidade Europeia” ganhou densidade a partir de empreendimentos industriais, implementação de mecanismos fiscais e trocas comerciais, além do investimento em pesquisa científica e inovações tecnológicas. A França, acompanhada da Alemanha, foi o país que mais se esforçou politicamente para construir essas bases de “autonomia” e “integração continental”. E, principalmente na França, a ciência

geográfica se modificou radicalmente com relação à profundidade crítica para com temas políticos e sociais. Geógrafos preocupados com a “crise na geografia”, provocada pela despolitização e pragmatismo aos quais essa ciência se via às voltas, estavam dispostos a incorporar ao debate temas políticos e ideológicos.

É neste cenário que destacamos a criação da revista *Heródoto* (1976), um marco para a história da geografia crítica. Em diversas publicações desse periódico as teorias de Ratzel foram engajadas de forma diversa: ora como fundações inconvenientes e perigosas, ora como noções que poderiam e deveriam ser alvo de críticas — porém restritas — às disposições dos parâmetros científicos de uma análise.

Não é possível, nesta feita, revisar os escritos da revista um a um, por isso, fiquemos apenas com um exemplo desses contrastes críticos. Na edição n.º 28, de 1983, já na seção editorial, o fundador da revista, Yves Lacoste [1929-], afirmou que a geopolítica, ao contrário do que muitos pensavam, não era um “conceito hitleriano”, nem apenas os “raciocínios de Ratzel e seus seguidores nazistas” (HERÓDOTO, 1983, p. 4), mas seria também uma preocupação de “geógrafos libertários que tanto admiramos como Elisée Reclus” (Ib., loc. cit.). Algumas páginas à frente, num artigo destinado a interpretar a geografia política de Ratzel, Michel Korinman fez questão de sublinhar a distorção de Haushofer a respeito da relação entre espaço e ação política.

Enquanto que para Ratzel as configurações geográficas — mediadas por uma complexidade de aspectos comunicativos como tráfego comercial, evolução demográfica, organização social e política — deveriam orientar a política estatal, para Haushofer, o espaço, que deveria ser representado em manuais geopolíticos do ensino médio, seria como um agente “trans-histórico”, assim sendo, as massas germânicas deveriam se conformar ao “instinto espacial” que lhes seria próprio, celebrando uma relação frontal e sedativa entre espaço e política.

Ainda em 1983, Hunter publicou um volumoso livro sobre as perspectivas de geografia política em Ratzel. Importantes bases filosóficas do autor foram recuperadas no trabalho. Claval (1984) escreveu sobre as semelhanças entre os pensamentos de Ratzel e La Blache. Já Bassin (1984), num estudo sobre a viagem de Ratzel aos EUA e as raízes da antropogeografia ratzeliana, contribuiu amplamente para a divulgação de seus caminhos metodológicos. Em contrapartida, Peet (1985) enquadrou Ratzel em todas as faixas estigmatizantes que investigamos no primeiro capítulo. Sanguin (1985), por sua vez, expressou bem a fragilidade da díade possibilismo *versus* determinismo, demonstrando que ambos os autores passaram ao largo desses rótulos, informando que Febvre não rejeitou o determinismo ratzeliano e sim o

“determinismo ultra-razeliano”. Bassin divulgou dois magníficos trabalhos (1987a, 1987b) que auxiliaram na compreensão de detalhes do contexto dos Estados-Nações europeus vivenciado por Ratzel, exibindo aspectos importantes do seu entendimento acerca do “organismo estatal”.

### **Amadurecimentos revisionistas**

A segunda metade dos anos 80 ficou marcada por notáveis avanços no que diz respeito à ampliação das possibilidades de aprimoramento e conseqüentes correções para com o legado ratzeliano. Isto pois, em 1987, a obra *Politische Geographie*, no ano em que completou o centenário de sua primeira publicação, foi traduzida para o francês, em fragmentos selecionados pelo filósofo François Ewald. Em 1988, o trabalho recebeu nova versão em francês, contemplando outros trechos, traduzidos por Pierre Rusch, sob a direção científica do geógrafo suíço Charles Hussy. A respeito desta segunda versão em francês, o prefácio, assinado por Hussy, ofereceu boas noções sobre a consideração econômica na conceituação do Estado em Ratzel. Raffestin, que é quem assina o posfácio, nos dá conta da complexidade da proposta do difusionismo cultural para o autor, que para ele, representou “um momento pesado para epistemologia em geografia” (p. 378). Nesse mesmo ano, o texto *Städte und Kulturbilder aus Nordamerika* (1988b) [1876] foi traduzido para o inglês por Stewart Stehlin.

Nicolas (1988) escreveu sobre a reconhecida gratidão de La Blache em relação à *Politische Geographie*. Em um artigo, Vallega (1989) preocupou-se em desvendar a confluência das atitudes científicas de Ratzel e La Blache, ressaltando a semelhança na representação do ambiente como “uma máquina trivial” para ambos, na qual seria possível metodizar estímulos na relação humano natureza. Bergevin (1989) nos concedeu um equilibrado comentário sobre a tradução francesa (1988), sobre a qual há pouco fizemos referência, esclarecendo pontos do pacote relacional entre Estado, povo e solo fabricado por Ratzel.

Em 1990, Ratzel voltou a ser tema de uma análise específica nos *Annales de Géographie*. André-Louis Sanguin abordou as descontextualizações e censuras impostas aos seus escritos, articulando o entendimento de conceitos e contribuições do autor a detalhes de sua vida pessoal, junto das influências do círculo de Leipzig. Com relação ao determinismo, o autor apontou Ellen Semple como a principal responsável por, mesmo que “sem malícia”, oferecer distorções e má interpretações dos conceitos ratzelianos. Korinman (1990), num livro em que analisou as condições de surgimento e desenvolvimento da geopolítica alemã, não

deixou de destacar as ambiguidades e contradições esquemáticas de Ratzel. No entanto, argumentou que não houve continuidade e sim uma ruptura epistemológica entre Ratzel (“acadêmico e pouco operacional”) e o projeto teórico e praxeológico de agentes geopolíticos, que não pretenderam a teorização de “leis” disciplinares de uma ciência, e sim propagandear justificativas para uma brutal reação contra supostas injustiças cometidas em Versalhes. Mercier (1990), num texto em que desenvolveu sobre o conceito de propriedade em Ratzel, afirmou que uma simples leitura de sua obra é capaz de detectar que a crítica de “determinista” de Febvre foi injustificada. Para ele o pensamento de Ratzel foi muito mais rico e matizado do que o historiador francês retratou.

Pouco depois, Mercier (1992) criticou as definições de “propriedade” e “Estado” na geografia política de Ratzel, asseverando que esses conceitos foram forjados colocando as necessidades do indivíduo como base para a construção da vida política. Müller (1992-1993) averiguou o empenho de Ratzel para enviar uma expedição de pesquisa ao Polo Sul. Bassin (1992) nos mostrou que Ratzel também foi objeto interessante para marxistas como Georgi Plekhanov. O russo teria lançado mão de seus estatutos teóricos para esboçar conexões que explicariam atrasos e deformações sociais da Rússia de sua época, entusiasmando-se por uma espécie de “materialismo geográfico”. Bassin classificou Ratzel como “determinista” em diversas passagens do trabalho, porém a catalogação parece mais estar a serviço de emblemar o conjunto de autores “ambientalistas” empregados por Plekhanov do que alinhada ao constructo do estigma do determinismo, que é objeto desta análise. Fliedner (1992) associou o “espaço” disposto na antropogeografia à noção de “espaço absoluto” advinda do renascimento, concebendo, assim, a proposta do alemão como uma explicação “determinista” e “causal”.

Hussy voltou a escrever sobre Ratzel (1993), atentando para o processo de “reinvenção” das suas formas interpretativas, que deveriam estar cientes de distâncias linguísticas, ideológicas e temporais. As “diferentes faces” de Ratzel constituem a linha mestra de sua argumentação, entendendo que o autor deve ser lido tanto em sua feição geopolítica, associada a idealismos estatais, quanto no que diz respeito à representação de um geógrafo formulador de conceitos disciplinares. Lopreno e Pasteur (1994), como já comentamos, representaram de maneira desproporcional a perspectiva orgânica em Ratzel. Brumat (1994) criticou a posição febvriana, a qual teria produzido o “efeito negativo” de inviabilizar, por um bom tempo, conexões teóricas entre a geografia e a sociologia. Mercier (1995) publicou um estupendo artigo em que dissecou o reducionismo febvriano, expondo a simetria utilitarista entre Vidal e Ratzel para com a problemática humano-natureza. O trabalho contemplou vasta bibliografia e se

manteve vigilante às conjunções contextuais e estilísticas da época. Diversos trechos em que Ratzel caminha na contramão do determinismo foram expostos.

No âmbito oriental, Tezuka (1995) escreveu um artigo (publicado em inglês) em que investigou a influência ratzeliana no período pré-guerra japonês. No país, a geografia acadêmica estabeleceu-se tardiamente, e seu processo de institucionalização disciplinar se escorou de forma ampla nos escritos do alemão, de modo que Goro Ishibashi, primeiro professor universitário de geografia humana, preparava suas aulas essencialmente baseado na *Antropogeografia*. Tamanho consumo, somado às más traduções, reduções e/ou superlativações de determinados aspectos, teriam viabilizado aceitações distorcidas. Enquanto isso, na Alemanha, Gerhard Müller (1995) nos legou uma nova biografia sobre Ratzel. O autor, decidido a esmiuçar o conceito de “biogeografia geral”, investigou mais de mil folhas de manuscritos de palestras, além de correspondências<sup>185</sup>, que não teriam sido levadas em consideração por pesquisas anteriores. O “conceito/sistema” estaria sendo preparado por Ratzel com objetivo de sistematizar seus estudos sobre a distribuição dos seres vivos no espaço. Müller (1998-1999) voltou a centrar-se sob o tema num artigo dedicado a evidenciar faces negligenciadas em pesquisas sobre o autor. As feições do Ratzel artista, filósofo da descrição naturalista, “esteticista da natureza” foram lembradas. O professor de Leipzig figurou como alguém convencido de que a ciência não seria suficiente para entender a linguagem da natureza.

Cornelia Lüdecke (2002) formulou um aprofundado artigo sobre o período de Ratzel em Munique (1875-1886). Valendo-se do acesso a manuscritos e documentos particulares, a autora cientificou detalhes da sua inserção profissional na cidade, atividades de palestra e sociedades acadêmicas das quais Ratzel foi membro. Seus círculos pessoais e privados, com destaque para a amizade com Wagner, foram abordados de forma minuciosa. Robic (2014) tentou escanear a recepção dos escritos de Ratzel na França e seu impacto na instalação da geografia universitária do país, retratando as críticas de Durkheim e Mauss como fruto de reducionismos analíticos. A autora posicionou Ratzel como figura interposta no jogo de tensão entre sociólogos franceses durkheimianos e geógrafos vidalinos. A disciplinarização da geografia na França teria derivado do encontro que subsume a hostilidade na disputa por searas acadêmicas e as ressalvas por atualizações semânticas que refreassem essas acusações.

Halas (2014) produziu um interessante artigo em que um premiado drama israelense foi utilizado para ilustrar uma metáfora narrativa em relação ao conceito de “espaço vital”. Ratzel teria recebido o prestígio (de vilão) mesmo sem ter sido o artífice das bases dessa polêmica.

---

<sup>185</sup> Expostos literalmente no capítulo 4.

Através de grandes esforços de pesquisa, o autor demonstrou que o conceito de espaço vital, na verdade, fora primeiramente pensado (para ser usado de forma autoexplicativa) mais de vinte anos antes da menção ratzeliana, por Oscar Perschel. Alguns anos depois, o conceito desenvolveu-se (de maneira diferente do que proporia Ratzel) em um estudo sobre povos judaicos, pelas mãos do cartógrafo Richard Andree. Halas nos oferece indícios contundentes sobre o conhecimento de Ratzel em relação a esses trabalhos, mesmo sem nunca terem sido citados por ele. O traçado semântico do termo teria sido colhido desses dois textos por Ratzel e conformado à teoria da migração de Wagner.

Apesar do expresso empenho investigativo para com a temática central, o autor demonstrou-se paradoxal com relação aos rótulos de organicista, determinista e nazista. Se por um lado Halas assevera entender os desvios e deformações na apreensão dos escritos de Ratzel, por outro, não o isenta da responsabilidade de tais juízos, na medida em que foi possibilitado algum tipo de margem para a inspiração destes.

Eberhard (2015), num artigo disposto a ressaltar as realizações criativas de Ratzel nos campos da antropogeografia e da geografia política, acabou reforçando os estigmas de determinista e organicista, porém ilibando-o do de nazista. Stogiannos (2019) publicou um livro acerca das origens teóricas que constituíram a geografia política ratzeliana, utilizando-se desse mote para “desfazer o mito do geodeterminismo” sobre o autor.

## **Recepção no Brasil**

Esperamos ter provocado os leitores ao realizar uma exposição bibliográfica da trajetória histórica da “relação” entre Ratzel e o determinismo geográfico sem empreender qualquer alusão a autores brasileiros. Todavia, ao contrário da busca pela chateação de nossa audiência, tal movimento foi pensado com o intuito de impeli-la a uma seção exclusiva, mais bem organizada em seus limites e disposta a entrosar a intrincada cronologia interpretativa desse autor em nosso país.

Inicialmente, faz-se importante enfatizar que quatro momentos nos parecem fundamentais para compreender como a geografia brasileira recebeu, relacionou-se e permanece interagindo com os textos do geógrafo alemão: o período de pré-institucionalização universitária, o de pós-institucionalização, o da apropriação colateral promovida por geopolíticos brasileiros e o período de ascendência da geografia crítica — época na qual os estigmas se consolidaram, sobretudo, a partir da produção de antologias pedagógicas sobre a história do pensamento geográfico.

João Capistrano de Abreu<sup>186</sup> [1853-1927], em um curtíssimo artigo de duas páginas (1904), até onde se sabe, foi o primeiro brasileiro a fazer referência a Ratzel, apontando-o como o geógrafo que incluiu o homem nos estudos em ciências naturais.<sup>187</sup> Ratzel aparece como a figura científica que teria valorizado as análises relacionais, integrando elementos naturais e humanos. “Martius apprehendeu a divisão geographica natural, fundada sobre a Flora, a Fauna, o homem, e tem paginas de que só podemos medir todo o alcance depois que Ratzel ha uns vinte annos lançou as bases da anthropogeographia” (Ib., p.211). Os debates da época giravam em torno de fatores que teriam modelado a organização social e territorial brasileira, na tentativa de identificar motivos para os “atrasos” do país.

Machado, L. (1995) acredita que o autor era possivelmente leitor de Ranke [1795-1886], um historiador alemão que impactou o curso dos estudos históricos em meados do século XIX, ao preconizar o método de ida às “fontes”. A autora enxerga sérias semelhanças entre essa orientação ideográfica e a postura científica que norteou os trabalhos de Abreu. No período pré-institucional, como veremos também em grandes expoentes do movimento pelo estabelecimento de uma geografia moderna no Brasil, como Carlos Delgado de Carvalho<sup>188</sup> [1884-1980] e Everardo Adolpho Backheuser [1879-1951], era comum a prática de citação de autores sem fazer referência à obra de onde foi extraída. No entanto, o domínio do idioma alemão por parte dos principais autores que aludiram a Ratzel, antes da institucionalização universitária<sup>189</sup>, Abreu e Backheuser, faz-nos crer que eles o liam sem intermediários.

Backheuser foi um dos geopolíticos brasileiros mais influentes e atuantes politicamente, o qual estruturou boa parte de suas idéias a partir das teorias de Ratzel. Preocupado com os “perigos do regionalismo” da “fragmentação territorial” e dos “bolsões demográficos”, no contexto de dominância paulista e mineira da Primeira República, ele se dedicou a difundir os

---

<sup>186</sup> Abreu é considerado um dos principais historiadores da história moderna brasileira. O também linguista e etnógrafo era um crítico mordaz dos estudos geográficos que predominavam no Brasil, caracterizados por, segundo ele, “simples estudo de memória, simples enfiada de nomes, sem ligação podendo ser recitados em qualquer ordem, contanto que fossem numerosos” (1904, p. 212). Ele era professor de história e corografia, além de pesquisador da biblioteca nacional e dedicado tradutor de cientistas alemães como Wappäus (1884) [1871] e Kirchoff (1902) [1901]. Foi, talvez, o primeiro, e certamente um dos principais divulgadores da *Antropogeographie* no Brasil, e o único, até onde se sabe, a citá-lo no país enquanto Ratzel ainda estava vivo (MACHADO, L. 1995).

<sup>187</sup> MACHADO, L., 1995.

<sup>188</sup> Entusiasta do otimismo pedagógico, Carvalho realizou uma crítica profunda ao ensino de geografia no Brasil. Propôs um novo currículo e a ampliação da disciplina, que era antes restrita aos dois primeiros anos do ensino secundário, atacando o fato de a geografia se restringir a um aprendizado mnemotécnico. “Aqui, quem não sabe nomenclatura não sabe geographia, e deste modo a poesia e a geographia sao productos directos da imaginação [...] geographia é tida como mais ou menos completa, segundo o numero de paginas que conta a extensão das listas que a imaginação confia á memoria das victimas” (CARVALHO, 1925, p.4). A Antropogeografia de Ratzel aparece em posição de destaque nos currículos da geografia moderna propostas por Carvalho, que postulava o homem como o verdadeiro objeto do estudo geográfico (ROCHA, 2000).

<sup>189</sup> Entre outros autores que obtiveram notoriedade e faziam referência aos textos de Ratzel nesse período, cabe destacar Moura (1910) e Roquette-Pinto (1912) (MACHADO, L. 1995, 2000).



benefícios da integração nacional, de povoar o interior do país e de centralizar o poder com a mudança geográfica da capital federal (ANSELMO, 2006. ANDRADE, 1999. CRESTANI, 2020). Backheuser lançou mão de conceitos de Ratzel como “graus de cultura” e da sua noção de posição (*lage*) para defender que “em boa teoria o melhor lugar para a capital é o centro do país” (BACKHEUSER, 1933, p. 109). Um ponto interessante destacado por Machado, L. (1995) é que o autor já tinha noção da grave crítica realizada por Lucien Febvre a Ratzel (1922), mas, ao contrário de intérpretes posteriores, admitiu a “famosa teoria das possibilidades” como nada mais do que a própria teoria de Ratzel “inteligente e largamente interpretada”.

A institucionalização dos cursos de geografia no país em nível universitário se deu com a criação da primeira faculdade de Geografia, em 1934, na ocasião da fundação da Universidade de São Paulo. Rio de Janeiro e São Paulo possuíam projetos políticos e universitários diferentes: enquanto na capital federal se almejavam os ideais de centralização e construção da identidade nacional, em São Paulo predominava uma proposta regional/paulista de cunho liberal, com objetivo de formar uma elite dirigente pelo valor técnico e moral.<sup>190</sup> Paulo Duarte e Júlio de Mesquita Filho, dois articuladores da instituição, optaram pelo modelo universitário francês, mantendo-se vigilantes com a escolha dos docentes.<sup>191</sup>

Ora, éramos irredutivelmente liberais, tão convictamente liberais, que nos julgávamos na obrigação de tudo fazer para que o espírito que respirasse a organização da Universidade se mantivesse exacerbadamente liberal (...). Conservávamos para a França, líder da liberal-democracia, aquelas de que dependia diretamente a formação espiritual dos futuros alunos: filosofia, sociologia, economia política, política, geografia humana, letras clássicas e literatura francesa. As demais – química e história natural – seriam preenchidas por alemães expulsos, ou em vésperas de o ser, de sua pátria pelo hitlerismo. Assim, evitava-se a quebra do sentido liberal da evolução brasileira (...). As futuras ‘elites’ não seriam vítimas da deformação intelectual resultante da prédica, nas cátedras, de teorias esdrúxulas, que repugnavam à índole e às tendências inatas da nossa gente. (MESQUITA FILHO apud SCHWARTZMANN, 1979, p.200).

Com a chegada de um corpo de intelectuais franceses a São Paulo, em especial Pierre Deffontaines, em 1934, e Pierre Monbeig, em 1935, e o agigantamento da influência da USP para a geografia científica do país, a antropogeografia ratzeliana perdeu espaço. Os geógrafos franceses que encabeçaram esse projeto possuíam a base teórica de La Blache<sup>192</sup>, junto das modernizações metodológicas de Albert Demangeon, como principais matrizes referenciais.

<sup>190</sup> MACHADO, M., 2000.

<sup>191</sup> ANSELMO e BRAY, 2002.

<sup>192</sup> “Como prática de pesquisa, a herança de Vidal de la Blache ainda ficou presente nas práticas de investigação” (SPOSITO, 2004, p. 166).

Essas tendências coexistiram com a influência dos escritos de Jean Brunhes<sup>193</sup>, que já eram consolidados como seguras ferramentas de trabalho por parte dos geógrafos brasileiros.<sup>194</sup>

Outro aspecto a ser considerado é que esses geógrafos já teriam tido acesso às críticas a Ratzel publicadas nos *L'Année Sociologique*, por sociólogos como Durkheim (1898) e Mauss (1904), às produzidas nos *Annales de Géographie*, por geógrafos como Sion (1904) e Hückel (1906), bem como, obviamente, à análise febvrieriana (1922). Nesse primeiro momento existiu um processo de introdução da representação reducionista e consequente demarcação de diferenças. Já havia uma indicação interpretativa concernente a caminhos metodológicos, porém não ainda uma sistematização didática estigmatizante em relação aos clássicos da geografia.

Pierre Monbeig (1945), em investigações sobre a produção de cacau no sul da Bahia, criticava “o determinismo ratzeliano” para demarcar seu ponto de concordância com o método regional a partir do entendimento integrativo entre aspectos humanos e naturais. O autor historiciza que: “No estado atual de nossos conhecimentos, o trabalho do geógrafo baseia-se essencialmente no estudo regional: só o desenvolvimento de semelhantes estudos permitiu que abrandassem os velhos princípios do determinismo ratzeliano” (MONBEIG, 1945, p.1878).

Se na vanguarda da geografia científica que insurgiu no país as noções de Ratzel foram repelidas, inclusive por alemães que por aqui trabalharam e exerceram significativa influência, como Leo Waibel<sup>195</sup>, por parte de geopolíticos militares como Travassos (1938), Rodrigues (1947) e Golbery do Couto e Silva (1967), o professor de Leipzig ainda era observado como um intelectual de base. Em seus trabalhos, o perfil “fisiográfico” brasileiro é colocado como principal fator a ser considerado para o desenho da logística política e estratégica do país, e o nome de Ratzel é citado para lastrear tais conexões. Contudo, não recorriam diretamente aos textos originais — as interpretações se processavam num fluxo relacional diversificado,

---

<sup>193</sup> Apesar da célebre diferença de tratativa entre Brunhes e Demangeon em relação ao impacto da modernização econômica para a estrutura agrária (LIRA, 2019).

<sup>194</sup> Brunhes exerceu influência sobre os geógrafos brasileiros desde o início do século, atribuindo ênfase ao valor do esforço e da indústria na adaptação humana ao ambiente físico. Um dos alunos de La Blache tornou-se mais conhecido que seu mestre, que só passou a ser largamente referenciado a partir de 1910 (MACHADO, L., 2000). Em *La Géographie de l'Histoire: Géographie de la Paix Et de la Guerre Sur Terre Et Sur Mer* (1921), assinada por Camille Vallaux e Jean Brunhes, os autores criticaram a organização de um Estado “espontaneamente a partir do solo” e o “determinismo territorial” em Ratzel. “Ratzel néglige de distinguer dans Le Staatsgebiet les parties de la terre ou L'organisation de L'Etat parait sortir spontanément du sol et celles où elle est importée du dehors” (p. 274).

<sup>195</sup> “Entendemos por determinismo geográfico o conceito de que os elementos da geografia humana sejam determinados principalmente pelos fatores naturais, ou melhor, físicos. Este conceito foi introduzido na geografia por Frederich Ratzel. Em contraste com esta filosofia materialista, Vidal de la Blache, na França, e Alfred Hettner, na Alemanha, afirmaram que os fatores físicos não exercem influência determinativa e que a consideração de tais fatores pode chegar somente a ‘possibilidade’.” (WAIBEL, 1961, p.613).

correlato a cinco autores: Semple, Kjéllen, Mackinder, Spykman e Haushofer. Verifica-se, entre os geopolíticos brasileiros, a busca compartilhada por medidas preventivas em relação ao separatismo e combate a ameaças externas, visando o progresso da nação.

Limitamo-nos, neste momento, ao exemplo de Travassos (1938). O autor, desejoso por esboçar uma teoria que representasse a defesa da hegemonia brasileira, ajustada à contenção da expansão de influência argentina e estadunidense no continente, elaborou uma projeção de infraestrutura de transportes pautada pelos “acontecimentos geogênicos”. Segundo consta na bibliografia, o único trabalho de Ratzel consultado foi *El mar como fuente de la grandesa de las naciones*.<sup>196</sup> A *Antropogeografia* de Ratzel, mobilizada como estruturante teórico da proposta, aparece apenas na forma da releitura realizada por Semple (1911). Outro ponto curioso é que o trabalho de Febvre consta como consultado no original, talvez por isso o autor tenha ponderado ao progredir na apresentação de suas propostas, pontuando que isso não “implica a satisfação a quaisquer determinismos” (TRAVASSOS, 1938, p. 163).

O momento analítico que se segue é o qual identificamos como o mais relevante para a construção do “Ratzel estigmatizado”, que é como a maior parte dos geógrafos brasileiros aprendeu a observá-lo. A auspiciosa e necessária virada crítica da disciplina, que se fez sentir no Brasil, especialmente a partir da década de 1970, denunciou o comprometimento estratégico estatal da geografia e nos alertou para as contradições sociais e econômicas de nosso território, entretanto, também foi nesse período que se constituiu uma estruturação didática que impingiu estigmas a autores clássicos da geografia.

O contexto de ruptura em relação ao compromisso ideológico velado entre o capitalismo e a geografia quantitativa, o contexto da Guerra Fria, as lutas por democracia e contra a ditadura no país, além da influência intelectual europeia, sobretudo por parte de geógrafos franceses, nos conduziram a uma renovação produtiva de manuais de geografia humana e história do pensamento geográfico. Estes, redigidos à luz do marxismo, por estimáveis pesquisadores que muito contribuíram para o progresso científico da geografia brasileira, também acabaram tendo como marca registrada a apreciação de figuras associadas ao capitalismo imperialista como autores a serem combatidos e evitados. No caso de Ratzel, a situação se acentuou, pois já existia uma frondosa malha interpretativa de segunda mão advinda do exterior que o canonizava também como determinista, positivista rigoroso, organicista e catalisador teórico do nazismo. Esses problemas se somaram à miscelânea.

---

<sup>196</sup> Tradução em espanhol de “*Das Meer als Quelle der Völkergröße*” (1891).

Tais fatores favoreceram o surgimento da primeira grande crítica brasileira, nesse sentido, realizada por Sodré (1976). O autor, num manual geral sobre geografia humana, intitulado *Introdução à Geografia*, resguardou uma seção exclusiva para “O Determinismo Geográfico”, apontando Ratzel como a “ponta inicial do longo fio do determinismo” (SODRÉ, 1976, p. 48). Foi atribuída ao pensador alemão a responsabilidade de ter lançado as bases ideológicas que instrumentalizaram pavorosas cartilhas geopolíticas. Ainda que Milton Santos (1978) tenha advertido que a rotulação de Ratzel como determinista era “simplista” e “reducionista” — consequência das apreensões de seus discípulos, que teriam radicalizado suas fundações teóricas —, a representação caricata desse autor se fortaleceria no país nos anos 80.

Miyamoto, antes numa dissertação (1980), depois num famoso artigo (1981), afirmou a teoria de Ratzel como grande motivadora dos geopolíticos brasileiros. O autor mesclou os rótulos de organicista e determinista para escrever que: “Esta postura que considera o Estado como organismo dotado de características orgânicas ficou conhecida como escola determinista (a geografia é que determina os destinos de uma nação)” (MIYAMOTO, 1980, p.77). Também são tecidas relações diretas entre a influência de Ratzel sobre Haushofer e de Haushofer sobre Hitler.

Em obras de grande consagração referencial, para a formação de geógrafos brasileiros, em história do pensamento geográfico<sup>197</sup>, a estigmatização é constatável. Moraes (1981) apontou que, para Ratzel, a capacidade de atuação do ambiente natural dar-se-ia numa escala de influência entre fisiologia (somatismo) e psicologia (caráter), primeiro nos indivíduos para então repercutir na sociedade. Num livro português que teve boa circulação no Brasil, dedicado à evolução do pensamento geográfico, Ferreira e Simões (1986) consideraram Ratzel como desenvolvedor da corrente determinista. Corrêa (1986, p. 5), após expor as “principais correntes de pensamento geográfico” (determinismo ambiental, possibilismo, método regional, a nova geografia e a geografia crítica), afirmou que: “Na geografia, no entanto, as idéias deterministas tiveram no geógrafo alemão Friedrich Ratzel seu grande organizador e divulgador”. Andrade (1987, p. 84), por sua vez, estabeleceu que Ratzel:

[...] encarou o homem como uma espécie animal e não como um elemento social, tentando explicar a evolução da humanidade dentro dos postulados de Darwin. [...] Esta concepção levou geógrafos ingleses e americanos, sobretudo, ao determinismo declarado, de vez que para eles o homem era um produto do meio.

---

<sup>197</sup>Referimo-nos aqui a trabalhos como: *Geografia: Pequena História Crítica* (1981); *Região e Organização Espacial* (1986); *Geografia, Ciência da Sociedade: Uma introdução à análise do pensamento geográfico* (1987); e *O que é Geografia?* (1989).

Ruy Moreira (1989, p. 32) tachou-o de forma semelhante: “Assim, dirá Ratzel, o homem, em todos os seus planos de existência, tanto mental como civilizatória, é o que determina seu meio natural (teoria do determinismo geográfico)”.

No Brasil, no que concerne aos textos de Ratzel, as traduções foram precedidas pelas “retraduções”.<sup>198</sup> A primeira retradução se deu ainda no período da ditadura militar, em 1983, através do ânimo do então estudante de mestrado Mário Antônio Eufrásio (USP). Eufrásio verteu para o português o artigo *Le Sol, la société et l'état*, uma tradução francesa do alemão, produzida por Durkheim nos *L'Année Sociologique* (1898-1899.). O texto, que foi publicado pela Revista do Departamento de Geografia da USP, é até hoje pouco lembrado, e uma possível explicação para isso pode estar no fato de alguns anos depois ter sido lançado o livro *Ratzel* (1990)<sup>199</sup>.

Esta obra representou uma contribuição inestimável à aproximação dos geógrafos brasileiros em relação a conceitos, métodos e interesses de Ratzel, entretanto, na ocasião, apesar de aumentarem substancialmente o número de títulos, novamente se realizou uma retradução.<sup>200</sup> Apesar disso, o fato de a investigação ter se restringido às obras mais conhecidas e comerciais, acarretou problemas como a representação de Ratzel como um pensador completamente dominado pelo método positivista, de modo que: “Não transita em sua argumentação nenhum elemento de metafísica ou de subjetivismo” (MORAES, 1990, p. 12). Noção que abafa gravemente a potência contida na subjetividade do seu traço, aspecto fundamental para aprofundar o entendimento de intenções e sentidos propostos pelo autor.<sup>201</sup>

Com relação ao determinismo, observamos uma posição dúbia. Apesar de sugerir a descaracterização dos fenômenos humanos por Ratzel, assegurando que, na visão do alemão, “a sociedade passa a ser vista como elemento passivo, que apenas reage a uma causalidade que lhe é exterior. O homem torna-se, assim, efeito do ambiente” (Ib., p. 13). Moraes também diz

---

<sup>198</sup> Ribeiro (2021) escreveu um formidável artigo no qual as traduções são enquadradas como objetos geográficos. O autor atenta para a importância de desnaturalizá-las e entendê-las como uma ação. Uma ação geopolítica que orienta a produção do conhecimento. A atuação dos “geotradutores” brasileiros (agentes fundamentais na circulação científica) é mapeada em anexo ao processo formativo da história da geografia em países periféricos.

<sup>199</sup> MORAES, A. C. R. *Ratzel*. 199p. São Paulo: Ática, 1990.

<sup>200</sup> Os trabalhos analisados foram: os cinco primeiros capítulos do primeiro volume de *Antropogeografia* (traduzido do italiano), os quatro primeiros capítulos do primeiro volume de *As Raças Humanas* (traduzido do italiano), o estudo de Ratzel sobre a Córsega (traduzido do francês) e o artigo *As Leis do Crescimento Espacial* (traduzido do inglês).

<sup>201</sup> Aludimos ao seu feitiço estilístico e metodológico de tentar “escrever pela visão”, diferenciando o sentimento pela natureza (*Naturgefühl*) do sentido da natureza (*Natursinn*), intentando esboçar um esquema explicativo que superasse a descrição e se esforçasse em explicar a impressão da natureza no “espírito do observador”, em seu momento contemplativo (HELMOT, 1906).

que ele, Ratzel, foi “um crítico do determinismo simplista” e que não poderia ser posicionado no mesmo rol de autores verdadeiramente deterministas como Ellen Semple.

Ainda sobre as traduções e retraduções, cabe ressaltar as dificuldades colocadas pelas diferenças idiomáticas. O idioma alemão possui diversos vocábulos altamente precisos, que, quando traduzidos de maneira despreocupada para línguas de grande flexibilidade semântica, como o português, pode ensejar em severas distorções. Vocábulos inexistentes no nosso léxico são capazes de ser representados com sentidos bem diferentes, caso se fragmente o termo e opte pela aproximação de sinônimos.

Outros pontos a serem pensados são: a volição semântica entre temporalidades contextuais e biográficas e a ambivalência de tendências contraditórias em Ratzel. Um outro elemento problemático é que ele escreveu seus trabalhos com a grafia gótica<sup>202</sup>, um estilo caligráfico e tipográfico que possuía alguns caracteres diferentes da língua alemã moderna, portanto, qualquer apreensão nos originais desse pensador precisa primeiro ser conformada ao alemão atual, para aí sim ser traduzida.

E os entraves já começam nesta fase inicial: como traduzir o espírito romântico para uma planificação linguística seriamente racionalista? Especialmente em seu sotaque científico, como é o alemão contemporâneo. Duplicidade de frases e palavras encontram um leitor do português brasileiro acostumado com a linearidade e objetividade de um texto científico-pragmático. A despoetização do texto é inevitável tanto pela impossibilidade de traçar raízes etimológicas com a precisão de um leitor alemão do século XIX quanto pela necessidade de digeri-lo aos costumes científicos atuais. Nessas interpretações, os sentidos lógicos horizontais que estruturam uma frase precisam estar conectados com seus fundos verticais, seus enraizamentos ontológicos.<sup>203</sup>

O texto de Carvalho (2010), com revisão técnica de Wolf-Dietrich Sahr, expõe um interessante exemplo nesse sentido. A palavra natureza na literatura ratzeliana possui seu código científico designatório (imagem científica) vinculada a uma ligação emotiva de apreensão. Então, quando Ratzel escrevia sobre “a impressão da natureza” (*Natureindruck*), muito além de um recurso de escrita superficial que serviria a sinonimar “marca” ou “timbra” da natureza, do que se falava era de uma impressão da natureza no espírito do observador naquele momento, algo como uma poética da materialização.

---

<sup>202</sup> Tipo de letra angulosas e com linhas quebradas. Teve origem no século XII e permaneceu muito usada na segunda metade da Idade Média. Na Alemanha o estilo perdurou até o início do século XX.

<sup>203</sup> CARVALHO, 2010.

Intentando contra essas dificuldades, em 1992 (com um artigo) e em 1993 (com sua dissertação), Luciana Martins, à época uma estudante de pós-graduação em Geografia na UFRJ, presenteou a comunidade geográfica brasileira com a primeira tradução de Ratzel a partir dos originais.<sup>204</sup> Ela afinçou a necessidade do entendimento da situação historiográfica ao manusear a obra de Ratzel. Preocupada com a alteridade temporal, a lucidez da inatingibilidade do passado e os riscos de sufocar o documento histórico através da busca pela problemática em questão, a autora enquadró os impasses metodológicos da época, as metáforas orgânicas e o espaço vital diante do imperialismo alemão. Seus “pequenos escritos” foram trazidos à baila, descortinando a aparência de um pensador preocupado com temas metafísicos, artísticos e religiosos. A caracterização determinista sobre Ratzel é desfeita, todavia, não deixou de ser mais uma vez retratada como algo tangibilizado pela figura de Semple.

Esse primeiro passo revisionista não inibiu a continuidade da narrativa do “Ratzel determinista” em livros reconhecidos como “leituras obrigatórias” para formação em Geografia no país. O célebre *Geografia e Modernidade* (GOMES, 1996) continuou atribuindo a Ratzel o determinismo associado ao aspecto mesológico: “[...] estes fatos explicam a razão pela qual o determinismo de Ratzel constitui um momento mítico da geografia” (Ib., p. 188).

Todavia, o ano seguinte, 1997, ficou marcado pela publicação de dois artigos de Marcos Bernardino de Carvalho. No primeiro (1997a), ele ressaltou a importância da superação de reducionismos e simplificações com relação ao pensamento ratzeliano. Os distintos estigmas teóricos são colocados e em seguida comparados às obras de Ratzel junto à literatura revisionista atualizada à época. Detalhes sobre a produção de suas analogias com o mundo orgânico são deslocados com relação aos apelos científicos e políticos de seu tempo. O autor chegou até a emular a dramatização de “Ratzels” completamente diferentes com base na facilidade em descontextualizar ideias abundantes e ambíguas de uma mesma obra.

No segundo escrito (1997b), Carvalho entabulou uma incursão bibliográfica, metodizando os fatores que fizeram com que Ratzel se tornasse um alvo crítico contumaz dentro das humanidades. O interesse de Ratzel pelos grandes temas e sua ousadia conceitual, ao mesmo tempo em que são enaltecidos como legados integrativos e transdisciplinares que devem ser recuperados, representariam também o motivo das censuras impostas por um universo científico hegemônico, guiado pela separação dos campos do conhecimento. Em ambos os

---

<sup>204</sup> Pereira (2021) comentou a seriedade do trabalho realizado por Martins, que teria se capacitado ao longo de anos de estudo do idioma alemão. Afora o referido empenho, vale destacar a atitude da autora de se embrenhar pela estilística do alemão gótico do século 19, na tentativa de reposicionar os sentidos conceituais das palavras de Ratzel.

escritos a importância atribuída por Ratzel à complexidade dos processos sociais e culturais, os quais o afastariam do determinismo, é exposta.

Com a expansão dos arquivos digitais, dinamização das trocas internacionais e a possibilidade de viagens de pesquisas no exterior, a situação se modificou consideravelmente no que diz respeito à produção científica de artigos, locada nos subcampos de história do pensamento geográfico e teoria e método em geografia.

Em 2001, Martins realizou a primeira tradução específica completa de um trabalho de Ratzel para o português. Trata-se do pequeno texto *Freunde, im Raum wohnt das Erhabene nicht!* (1903)<sup>205</sup> (“Amigos, o sublime não mora no espaço!”). Mas foi a partir da década de 2010 que, felizmente, o número de textos de Ratzel vertidos para o português se intensificaram: Carvalho (2010), como já observamos, traduziu o segundo capítulo da introdução de *Über Naturschilderung* (1906a) [1904]<sup>206</sup> e também do prefácio da obra<sup>207</sup>; Souza e Reichenheim (2016) traduziram os prefácios da primeira (1897) e da segunda (1903) edição de *Politische Geographie*; Arantes traduziu em três partes (2019b; 2019c; 2019d) *Der Lebensraum. Eine biogeographische Studie* (1901) (“Espaço da vida: um estudo biogeográfico”); Seeman e Pedrosa (2019a) verteram o texto *Land und Landschaft in der nordamerikanischen*<sup>208</sup> (1902) (“País e paisagem na alma do povo norte-americano”); e Oliveira e Seeman (2021) traduziram o primeiro capítulo da introdução de *Über Naturschilderung* (1906a) [1904].

É justo que não deixemos de sublinhar a diligência dos autores supracitados em seus comentários e textos complementares às traduções. Corroboramos com Ribeiro (2021) com relação ao mérito da “insatisfação dos geotradutores”. Uma nova geração que emergiu na virada do século disposta a expressar suas posições anticanônicas, que, ao arrepio da simplicidade técnica da tradução, interpretam, mostram-se combativos e questionam a orientação histórica da geografia em seu país ser conduzida por hologramas interpretativos de outros lugares e tempos.

Entretanto, engana-se quem pensa que a cilada relacional entre Ratzel e o determinismo no Brasil foi encerrada. No compasso de nossa argumentação, o uso de tecnologias desempenha

---

<sup>205</sup> Este texto foi publicado em 1903 no periódico *Glauben und Wissen* (“Fé e Saber”) e também se encontra disposto no primeiro volume da obra póstuma *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel* (“Pequenos escritos de Friedrich Ratzel”) (1906), a qual já mencionamos.

<sup>206</sup> 1906 é a data da publicação em seus *Pequenos Escritos* e 1904 é o ano em que o material foi escrito.

<sup>207</sup> Carvalho (2010) nos revela que este prefácio talvez tenha sido o último texto escrito pelo geógrafo alemão, já que foi datado a apenas vinte dias antes de seu falecimento. O breve escrito enalteceu os professores de geografia, que, por meio da arte, alegam e valorizam as trajetórias de seus alunos.

<sup>208</sup> Publicado originalmente na *Deutsche Monatschrift für das gesamte Leben der Gegenwart*, v. 10, p. 523-538, 1902.



papel central nesta discussão, e existiu (e ainda existe) uma frondosa tradição arraigada à produção de textos gerais da geografia desatenta a este tema, para não falar da persistência no uso dos antigos manuais que listamos. Então, a despeito dos sítios de pesquisas acadêmicas (e não é raro por lá, atualmente, ainda encontrarmos “o Ratzel determinista”), a maior parte dos conteúdos sobre o autor na internet, em gigantes como o Google e o YouTube<sup>209</sup>, é abastecida por pessoas que não estão familiarizadas com a problemática e, assim, continuam a escrever notas, artigos e publicar aulas, retratando a velha dualidade.

A precedência teórica dessa rotulação, como vimos, é massiva, muito porque oferece, num simples vocábulo, uma denominação que, enquanto se destaca da complexidade científica, serve bem a um sistema de raciocínio cartesiano para situar autores tradicionais como um encaixe: “trata-se de Ratzel, aquele do determinismo”. Mesmo em momentos de valorização é como se a âncora dessa etiqueta sempre estivesse lá. Vemos isso numa recente e conhecida obra, *História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia* (GODOY, 2010). Apesar de o autor esclarecer que o objetivo do trabalho não é suprir lacunas ou deficiências da história do pensamento geográfico, a construção de frases como “Contudo, a ligação entre tempo e espaço foi uma característica marcante na escola de cunho determinista originada em Ratzel” (PICCOLI NETO, 2010, p. 98), num momento de enaltecimento de uma contribuição do autor, acaba por ofuscar brilhos de entendimento, ao remeter a uma corrente de pensamento repugnada pelo universo acadêmico.

Os esforços de tradução, revisão, exposição de distorções em periódicos científicos têm mérito resumido. Porém, estes devem ser operados em articulação com outras medidas pedagógicas, para a promoção de mudanças mais significativas. Tanto é assim que, segundo Ribeiro (2021), ao lado de La Blache, Ratzel é o autor mais traduzido da renomada seção “Nossos Clássicos” da revista *Geographia*. A insatisfação para com as narrativas estigmatizantes é auspiciosa à nossa ciência, mas essa atitude precisa romper a bolha acadêmica do temário e passar a emblemar as ementas de docentes que lecionam nas universidades. Esses professores, que são na maioria das vezes o vetor explicativo terminal, continuam tendo em seu repertório o “*background* impeditivo” dessas leituras, e acabam celebrando encontros desanimadores entre Friedrich Ratzel e geógrafos em formação, que passam a nutrir exasperação, preconceito e desejar distância desse pensador.

Obviamente não é razoável cobrar dos docentes um “mergulho” revisionista concernente a cada pensador que for trazido para discussão em sala de aula. Sem embargo, é

---

<sup>209</sup> Uma simples busca revela que apenas os quatro primeiros vídeos da plataforma, que expõe o conteúdo vergado ao determinismo em Ratzel, já possuem mais de cem mil acessos.

possível demandar um maior aprimoramento na feitura dos livros que inspiram suas aulas. Junto a isso, a atenção nas reedições de antologias pedagógicas da história do pensamento geográfico também se perfaz como ferramenta importante.<sup>210</sup>

Para além dessas ações, é capital fomentar encontros da comunidade geográfica dedicados a debater não só este tema, mas as estruturas hegemônicas da tradição teórica de nossa ciência. Extravasando os simpósios de teoria e método em geografia e história do pensamento geográfico e chegando aos grandes congressos, para serem objeto de reflexão de geógrafos dos mais variados campos.

o que está em jogo vai além de capacitar os estudantes de geografia acerca da herança intelectual do passado: remete à possibilidade de produção de conhecimento crítico sobre como os avanços da disciplina vêm sendo apreciados e o futuro planejado. A formatação de tendências antagônicas de simples encaixe, distante da historicidade dos fenômenos espaciais e calcadas no presentismo, cumpre o papel de sociabilizar futuros pesquisadores a uma ambiência pragmática de entendimento monolítico de como a geografia contemporânea coaduna ou reage para com tendências anteriores, ocultando a desordem heterogênea da disciplina e sua diversificação interna, além de sua característica de ser multivocal e contestável.<sup>211</sup>

### **Ratzel contra o determinismo**

Até aqui, nossa preocupação se curvou a evidenciar o “nascimento histórico” da corrosiva relação entre Ratzel e o determinismo geográfico, diagramando as intencionalidades teórico-políticas e esmiuçando os engendramentos históricos em torno do rótulo e do autor. Naturalmente, essa articulação fez-se acompanhada da exposição de problemas científico-analíticos que já comentamos, travados ainda no limiar interpretativo, como descontextualizações, anacronismos e desconhecimento das ideias ratzelianas. Todavia, o estabelecimento de tal associação se ampara, além disso, em um outro pilar: a omissão de trechos inconvenientes à conformação narrativa estigmatizante. Classificamos essa seletividade interpretativa como omissão e não como insipiência, pois boa parte dos trechos que citaremos

---

<sup>210</sup> Já na 14ª edição de *Geografia: Pequena história crítica* (1995), Moraes assinalou-a como uma “obra datada que fornece informação histórica, mas não orienta para o presente” (MORAES, 1995, p. 9). Os trechos mais ácidos sobre o determinismo em Ratzel foram substituídos pela terceirização à “escola determinista”. Moreira, em seu livro *O que é geografia?*, que recebeu uma nova edição em 2010, também suprimiu a problemática e afirmou que a versão “difere substancialmente da anterior. A primeira metade foi inteiramente reescrita. Mantivemos seu cunho de um breve resumo histórico do pensamento geográfico” (MOREIRA, 2010, p. 7).

<sup>211</sup> RIBEIRO, 2021; LIVINGSTONE, 1992.

encontram-se dispostos em suas obras principais, a apenas algumas folhas de onde os críticos se concentraram.

Instauremos esse entendimento por um dos principais bustos propellidos pelos críticos do geógrafo alemão: sua suposta desconsideração em relação à influência cultural. Sendo esta a chave verificadora da capacidade humana solapada nas lições de Ratzel frente às determinações naturais absolutas. Entretanto, logo na abertura de sua *Völkerkunde* (1885), o autor formula:

A cultura é a emancipação da natureza, mas não no sentido de desapego completo, mas no de sua aliança mais ampla e múltipla [...] apenas nos tornaremos independentes de alguns acidentes de seu modo de ser ou de sua marcha, multiplicando os pontos de aliança. (RATZEL, 1888 [1885], p. 3, tradução nossa)<sup>212</sup>.

Para Ratzel, conforme o conhecimento humano avançaria em sua toada utilitarista para com a natureza, mais complicada seria sua dependência nessa trama relacional. Dito de outra forma, a cultura representa um elemento emancipatório que alinhava suas criações, adaptações e libertações, triunfando sobre intempéries naturais, mas não a ponto de encerrar a influência da *facticidade* que é a natureza, o tecido conjuntivo da vida. Para a natureza não existe “vencer” ou “ser vencida” pela imposição humana, mas, quanto mais a estrutura da vida social aprofunda as transgressões diante da dinâmica fisiográfica, a dependência e o desgaste humano se complexificam.

O professor de Leipzig fez questão de rejeitar abertamente ambos os imperativos: o que considerava as condições ambientais como conjunto *sui generis*<sup>213</sup> de influência sobre a vida humana, assim como a perspectiva que acreditava que esses elementos não constituiriam nenhuma influência: “A afirmação obscura e exagerada de que o homem é o produto de seu ambiente é seguida por uma contradição correspondente incondicional e míope” (RATZEL, 1909 [1898-1899], p. 26, tradução nossa)<sup>214</sup>.

---

<sup>212</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em espanhol: “La cultura es la emancipación de la naturaleza, pero no en el sentido de desprendimiento completo, sino en el de su más amplia y multiple alianza [...] No podremos considerarnos enteramente independentes de la naturaleza, mientras más minuciosamente la explotemos y estudiemos, y sólo nos haremos independentes de algunos accidentes de su modo de ser ó de su marcha, multiplicando los puntos de alianza”. Extraído do livro: *Las Razas Humanas*. RATZEL, F. Barcelona: Montaner y Simon. V. 1, 1888 [1885].

<sup>213</sup> Expressão latina que significa: único no seu gênero, sem semelhança com nenhum outro; original, peculiar, singular.

<sup>214</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Auf die unklare und übertreibende Behauptung: der Mensch ist das Produkt seiner Umgebung, erfolgt ein ent- sprechend unbedingter und kurzsichtiger Widerspruch”. Extraído do livro: *Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte*. RATZEL. Stuttgart. Verlag von j. Bngelhorn. V.1. 1909 [1898-1899].

O autor desenvolveu esse ponto em sua *Antropogeografia*: “No caso deste último, um desses dois é sempre um erro óbvio: ou remete-se diretamente à explicação natural ou se nega qualquer ligação com ela. Sempre os dois velhos extremos” (Ib., p. 35, tradução nossa)<sup>215</sup>.

Certamente é um equívoco dizer que os povos estão se distanciando cada vez mais da natureza, que forma sua base e ambiente. Basta um olhar para a crescente importância da vida econômica com o aumento da cultura e da densidade populacional para se convencer de que esse distanciamento nunca será absoluto, pois esse aspecto da atividade de um povo está mais intimamente ligado do que muitos outros à natureza do país em que está localizada a qual ela entra em ação. Toda a cultura da Grã-Bretanha, Alemanha e Bélgica depende muito mais hoje [1899] do que há 100 anos dos tesouros de carvão e ferro com que a natureza dotou esses países e, a esse respeito, está ligada por um novo vínculo que antes era escasso, estava presente ou inconsciente, amarrado ao chão. Assim, hoje [1899] a Grã-Bretanha, com quase 9 milhões de toneladas em sua frota mercante, faz uso mais completo de seu litoral e riqueza de portos do que no tempo de Cromwell. (Ib., p. 40, tradução nossa)<sup>216</sup>.

Os agregados heterogêneos de influência (natural e social) sob a vida humana se hibridizam e exercem suas potências uns pelos outros: “A maior parte das influências que a natureza exerce sobre a vida espiritual do homem manifesta-se por meio das condições econômicas e sociais, que, por sua vez, estão mais intimamente ligadas entre si” (Ib., p. 35, tradução nossa)<sup>217</sup>.

Em diversas oportunidades, podemos acompanhar críticas que se fizeram ao determinismo em Ratzel, com base em suas metáforas orgânicas, como fez Miyamoto (1981).

---

<sup>215</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Bei letzteren allen liegt dann einer jener beiden Irrtümer immer nahe: entweder unmittelbar auf die Natur zurück- zugehen oder jeden Zusammenhang mit ihr zu leugnen. Immer wieder die beiden alten Extreme”. Extraído do livro: *Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte*. RATZEL. Stuttgart. Verlag von j. Bngelhorn. V.1. 1909 [1898-1899]. Com relação a este trecho, também agradou-nos a tradução realizada no livro Ratzel (1990) por Fátima Murad, que verteu: “Mas no estudo desses efeitos encontramos-nos sempre diante de um dos dois erros conhecidos: ou se busca a explicação diretamente na natureza ou se nega a existência de quaisquer relações com esta: são sempre os dois velhos extremos que se repetem” (p. 65). Do italiano, *Geografia dell'uomo*. Turim, Fratelli Bocca, 1914.

<sup>216</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Es ist sicherlich eine irrije Auffassung, wenn man sagt, die Völker lösen sich immer mehr von der Natur los, die ihre Unterlage und Um- gebung bildet. Es genügt ein Blick auf die mit zunehmender Kultur und Bevölkerungsdichte wachsende Wichtigkeit des Wirtschaftslebens, um sich zu überzeugen, daß diese Loslösung keine absolute jemals sein wird, denn diese Seite der Tätigkeit eines Volkes ist inniger als viele andere mit der Natur des Landes verknüpft, in dem sie zur Betätigung kommt. Groß- britanniens, Deutschlands, Belgiens gesamte Kultur ist heute [1899] viel mehr als vor 100 Jahren von den Schätzen an Kohlen und Eisen abhängig, mit denen die Natur diese Länder ausgestattet hat, und insofern ist sie durch ein neues Band, das früher kaum vorhanden war oder nicht zum Bewußtsein kam, an den Boden gebunden. So nutzt heute [1899] Großbritannien mit fast 9 Millionen Tonnen Kaumgehalt seiner Handelsflotte seine Küstenlänge und seinen Hafenreichtum gründlicher als zur Zeit Cromwells”. Extraído do livro: *Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte*. RATZEL. Stuttgart. Verlag von j. Bngelhorn. V.1. 1909 [1898-1899].

<sup>217</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Die meisten Wirkungen der Natur auf das höhere geistige Leben vollziehen sich durch das Medium der wirtschaftlichen und gesellschaftlichen Verhältnisse, welche ihrerseits auf das innigste miteinander verbunden sind”. Extraído do livro: *Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte*. RATZEL. Stuttgart. Verlag von j. Bngelhorn. V.1. 1909 [1898-1899].

Por essa via, o autor teria sido determinista não tanto por atribuir aos caracteres naturais uma influência desproporcional à sociedade, mas por sistematizar o ser humano aos termos do evolucionismo, equiparando-o aos demais animais. Contudo, avançando em sua leitura, temos:

O homem é, sem dúvida, o mais organizado de todos os seres vivos. Ele tem, considerando todas as coisas, o melhor meio de perceber tudo o que acontece fora dele, e uma mente muito mais pensativa do que a de qualquer animal. [...] O homem é mais versátil do que todos eles e tem, o que significa muito mais, em seu espírito, os meios para produzir ferramentas diferentes das criadas pela natureza e usá-las para fins bem reconhecidos. Isso, sem dúvida, o tornou mais livre de seu dom natural [...] o homem está certo em se considerar livre em relação ao animal muito mais preso, ele está mais livre dos grilhões de sua organização natural em virtude de seu espírito. (Ib., p. 40, tradução nossa)<sup>218</sup>.

Ratzel estabeleceu uma etnocêntrica divisão da humanidade entre “povos naturais” (*Naturvölker*) e “povos culturais” (*Kulturvölker*).<sup>219</sup> Os povos naturais seriam os que não desenvolveram atividades notadamente independentes e desgarradas do “ofertório” da natureza, e os culturais o oposto disso. Sendo assim, os “níveis” culturais e civilizatórios conceberiam um ser humano “capaz de tomar certa liberdade dos poderes da natureza”. Daí a importância que ele atribui à atuação estatal e ao manejo político na tomada de decisões nas nações culturais, que dispõem de maiores possibilidades para dar novos direcionamentos a quadros ambientais desfavoráveis.

Antes de Aníbal, os Pirineus e os Alpes eram vistos como muros fronteiriços que dificilmente podiam ser escalados entre os povos que viviam ao sul e ao norte deles, mas, perante uma energia como a dele, essas dificuldades deixaram de ser insuperáveis. Assim, grande parte da influência que estamos inclinados a conceder às circunstâncias externas na história dos povos é medida inteiramente pela força de vontade inerente a esses povos. Quanto mais forte, quanto mais duro este for [o povo], menor será o impacto daqueles [caracteres naturais]. (RATZEL, 1906b [1880], p. 36, tradução nossa)<sup>220</sup>.

<sup>218</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Mensch ist zweifellos das höchst organisierte von allen lebenden Wesen. Er hat, alles in allem, die besten Mittel zur sinnlichen Wahrnehmung alles dessen, was außer ihm vorgeht, und einen Geist, welcher viel denkräftiger als der irgendeines Tieres ist. [...] der Mensch ist vielseitiger ausgestattet wie sie alle und hat, was viel mehr besagen will, in seinem Geiste die Mittel, sich andere Werkzeuge außer den von der Natur anerschaffenen herzustellen und für wohl erkannte Zwecke zu benutzen [...] Insofern hat der Mensch recht, sich als frei anzusehen im Vergleich zu dem viel gebundeneren Tiere, er ist freier von den Fesseln seiner natürlichen Organisation vermöge seines Geistes.”. Extraído do livro: *Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte*. RATZEL. Stuttgart. Verlag von J. Neumann, Neudamm. V.1. 1909 [1898].

<sup>219</sup> Além de etnocêntrica, esta definição estampa o eurocentrismo científico da época. Pode haver quem relativize a seriação ratzeliana, trazendo à tona crítica dele a quem representava povos “atrasados” com a expressão “sub”. No nosso entender, o autor patrocinou essa ressalva mais no sentido de desaproveitar a forma sistematizada de representação dos povos, como se o percurso para o progresso fosse pavimentado exclusivamente sobre a mesma via, do que num sentido de equivalência civilizacional.

<sup>220</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Vor Hannibal galten Pyrenäen und Alpen als kaum übersteigbare Grenzmauern zwischen südlich und nördlich von ihnen wohnenden Völkern; aber vor einer Energie wie der seinigen hörten ihre Schwierigkeiten auf, unüberwindlich zu sein. So mißt sich ein gutes Teil des Einflusses, den wir geneigt sind, den äußeren Umständen in der Geschichte der Völker einzuräumen, ganz und gar nur an der Stärke des Willens, der diesen Völkern eigen. Je stärker, je zäher dieser ist, desto geringer wird

Em relação à dinâmica populacional, Ratzel produziu dois conceitos elementares que nos ajudam a compreender a importância atribuída pelo autor à competência humana de intervenção. São eles: a “força de migração” (*Stärke des Wander*) e a “força de vontade” (*Stärke des Willens*). A força de migração refere-se à capacidade reativa de migração do ser humano frente a condições ambientais desfavoráveis, bem como na busca por ambientes com maior margem propositiva, mesmo que o atual não seja tão inóspito. É nesse ponto que o “desassossego humano”, como denominava Ratzel, se afasta de migrações instintivas realizadas por outros animais. O humano desloca-se conjugando necessidades sociais com as vitais. Dessa forma, a força de migração seria completada pela “força de vontade”.<sup>221</sup>

A força de vontade retrataria a capacidade de controlar o impacto que os elementos naturais exercem sobre determinada sociedade, isto é, uma comunidade com elevada força de vontade, diante de uma barreira geográfica que dificultasse sua produção de alimentos, conseguir se articular para assolar o problema. Tal como na presença de um rio que lhe fornecesse água para beber, plantar e higienizar-se, esse povo estruturaria formulações para aproveitar esse recurso em sua máxima plenitude.

Não podemos escapar de certas influências de nosso entorno, especialmente aquelas que afetam nosso corpo. Lembro-me das do clima e da alimentação. Que a mente também está sob a influência do caráter geral do ambiente que nos cerca é certo. Mas o grau de influência [que essas forças] exercem depende, em grande medida, da força da vontade que se opõe a elas. Podemos resistir a elas se quisermos. Um rio que se constitui como linha de fronteira para um povo indolente, pode não ser barreira para um povo disposto. (Ib., p. 36, tradução nossa)<sup>222</sup>.

---

die Wirkung jener sein”. Extraído do texto: *Über geographische Bedingungen und ethnographische Folgen der Völkerwanderungen*. In: HELMOLT, H (org.). *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel*. V. 2. Munique: Oldenbourg, 1906b [1880], p. 35-65. Os fragmentos que exporemos desta obra constituem trechos da palestra proferida por Ratzel na reunião extraordinária da Sociedade de Geografia em 6 de agosto de 1880, por ocasião da XI Assembleia Geral de Antropólogos alemães, realizada em Berlim. Negociações da Sociedade de Geografia de Berlim. Publicado em nome do conselho de administração por G. V. Boguslawski. Volume VII, Berlim 1880. Número extra, p. 295-324. [Enviado em 22 de agosto de 1880].

<sup>221</sup> Ao consultar o segundo volume dos *Kleine Schriften* (1906), nos deparamos com essas duas expressões, escritas na forma que mencionamos no corpo do texto. Porém, no ótimo trabalho de Seemann (2012), a força da migração é representada como “*Wandertrieb*” e a força da vontade como “*Willenskraft*”.

<sup>222</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Wir können uns gewissen Einflüssen unserer Umgebungen nicht entziehen, vorzüglich solchen nicht, die auf unseren [296] Körper wirken; ich erinnere an die des Klimas und der Nahrung. Daß auch der Geist unter dem Einflüsse des allgemeinen Charakters der Szenerien steht, welche uns umgeben, ist gewiß. Aber bei anderen hängt der Grad des Einflusses, welchen sie ausüben, in sehr ausgedehntem Maße von der Stärke des Willens ab, der sich ihnen entgegensetzt. Wir können uns ihrer erwehren, sofern wir es wollen. Ein Strom, der für ein träges Volk eine Grenzlinie bildet, vermag für ein entschlossenes keine Schranke zu sein”. Extraído do texto: *Über geographische Bedingungen und ethnographische Folgen der Völkerwanderungen*. In: HELMOLT, H (org.). *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel*. V. 2. Munique: Oldenbourg, 1906b [1880], p. 35-65.

Ratzel consentiu com a impossibilidade da rigidez empírica no que toca esse tópico, considerando os elementos complicadores. O autor admitiu estar trabalhando por grandes tendências, conclusões gerais, marcadas pelo verniz das probabilidades e não das certezas.

Vemos que aqui não há compulsão, nenhuma lei inflexível, mas há amplos limites dentro dos quais o homem pode afirmar sua vontade, sim, até mesmo sua arbitrariedade. E é exatamente isso que torna todos os estudos da conexão entre história e ambiente natural tão difíceis que só podemos expressar conclusões gerais condicionalmente. O único fator nesta conexão, nessas relações, que não pode ser calculado para cada caso individual porque é livre; é a vontade humana. Mas se não podemos expressar certezas, as probabilidades são acessíveis a nós. (Ib., p. 37, tradução nossa)<sup>223</sup>.

Finalizemos esta seção com um trecho em que Ratzel, que seria posteriormente apreciado como determinista e pesquisador imoderado com relação aos objetos científicos, aquilata sua pesquisa com relação à hegemonia das ciências naturais. E, de quebra, posiciona a liberdade de criação humana como a principal razão para as diferenças metodológicas:

Nossa pesquisa geográfica se baseia em tais probabilidades quando entra no domínio da história para investigar as influências geográficas nos fenômenos históricos. É um esforço modesto quando comparado com o da ciência natural, que busca e encontra leis de ferro inflexíveis, nada excepcionais. Devemos nos consolar com o fato de que o que nos impede de encontrar leis igualmente confiáveis nessa área de pesquisa nada mais é do que a flor mais alta da criação, o espírito livre do homem. (Ib., p. 36, tradução nossa)<sup>224</sup>.

### A abstração do determinismo

O termo “determinismo geográfico” é estampa recorrente em abordagens que ambicionam apresentar julgo sobre análises teóricas que supostamente preterem influências culturais-sociais-históricas no decurso de determinada sociedade, dando primazia aos chamados “fatores geográficos” no processo civilizatório, mediante a constituição do corpo e

<sup>223</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Wir sehen, es gibt hier keinen Zwang, kein unbeugsames Gesetz, sondern es sind weite Grenzen, innerhalb deren der Mensch seinen Willen, ja selbst seine Willkür zur Geltung zu bringen vermag. Und dies ist es eben, was alle Studien über den Zusammenhang zwischen Geschichte und Naturumgebung so sehr erschwert, daß wir allgemeine Schlüsse nur immer bedingungsweise aussprechen können. Der eine Faktor in diesem Zusammenhang, in diesen Beziehungen ist eben nicht berechnen[297] bar für jeden einzelnen Fall, weil er frei ist; es ist dieses der menschliche Wille. Aber wenn wir keine Gewißheiten aussprechen können, so sind uns doch Wahrscheinlichkeiten zugänglich”. Extraído do texto: *Über geographische Bedingungen und ethnographische Folgen der Völkerwanderungen*. In: HELMOLT, H (org.). *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel*. V. 2. Munique: Oldenbourg, 1906b [1880], p. 35-65.

<sup>224</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Auf solche Wahrscheinlichkeiten geht unsere geographische Forschung aus, wenn sie das Gebiet der Geschichte betritt, um nach den geographischen Einflüssen in den geschichtlichen Erscheinungen zu forschen. Es ist das ein bescheidenes Streben, wenn Sie es mit dem der Naturforschung vergleichen, welche unbeugsame, ausnahmslose, eiserne Gesetze sucht und findet. Wir müssen uns damit trösten, daß das, was uns abhält, ebenso sichere Gesetze auf diesem Forschungsgebiete zu finden, eben nichts anderes ist als die höchste Blüte der Schöpfung, der freie Geist des Menschen”. Extraído do texto: *Über geographische Bedingungen und ethnographische Folgen der Völkerwanderungen*. In: HELMOLT, H (org.). *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel*. V. 2. Munique: Oldenbourg, 1906b [1880], p. 35-65.

psique humana. Na forma de aplicação descrita, o termo já aparece nutrido de atributos de significância histórica que simbolizam o compromisso de representar um ferramental analítico que coadune com a realidade, ou melhor, que corresponda a uma realidade que se alinha à crítica teórica imposta a uma outra reflexão teórica. Nesse sentido, tomando-o como atributo crítico narrativo, faz-se necessário também perscrutar criticamente a sua fundamentação.

A filosofia resguarda denso estofo teórico no que concerne à temática do determinismo, desenvolvido a partir de motes como liberdade/restrrição, contingência/necessidade, livre-arbítrio/coerção, todos ligados inicialmente ao fatalismo expresso nas tragédias gregas. Porém o “determinismo” com essa designação só surge no final do século XVIII, no contexto da “revolução científica”, que resgata essa antiga discussão, atualizando-a, de forma a ser compatível com o ambiente da ciência moderna. Nesse sentido, a denominação “determinismo” é observada pela primeira vez na França em 1836, sendo precedida em alguns anos pelo conceito equivalente em alemão (ENCYCLOPAEDIA UNIVERSALIS, 1989 apud CORRÊA, 2000). Esse período é afiliado a uma dualidade anterior, entre antropogeografia positivista e antropogeografia historicista (BOAS, 1986 [1928]). Aqui ainda se aludia mais ao termo “ambientalistas” e não “deterministas”, para designar esses autores.

A busca por determinações é atitude normativa do trabalho científico. Nesse sentido, o determinismo é uma fabricação científica complexa, nuançada e de manuseio crítico, utilizada justamente como queixa teórica de desbalanceamento determinístico. O termo, que a princípio parece ser uma cobrança austera de quem preza pelo fino equilíbrio e o rigor metodológico, circula com franca margem contraditória, combinações antagônicas de uso e poucas explicações e referências por quem dele se utiliza.

De forma inicial, é importante demarcar limites conceituais entre dois termos: determinação e determinismo. Começamos pela determinação. Lefbvre (1991) nos ensina que quando o pensamento assimila a realidade para captá-la, ultrapassando sua forma vazia, ele, a um só tempo, provoca e conserva essa forma, atribuindo-lhe um conteúdo. Por conseguinte, admite que “o ser é sempre determinado”.<sup>225</sup> A determinação se perfaz como o traço fundamental da lógica (independente da que for escolhida) de delimitação do ser, num movimento de separação de forma que preserva a identidade. Nesse sentido é que Marx afirma: “O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade” (MARX, 2011 [1858], p. 54).

---

<sup>225</sup> (Ib., p. 135).



Para fins de entendimento, “determinação é o próprio atributo de análise e identificação dos entes no mundo. Jamais poderíamos dizer uma palavra sobre uma coisa se antes não houvésemos separado do resto que lhe envolve” (GERALDINO, 2010, p. 76). Esse esforço é realizado no sentido de conformar um ente (mediado pela lógica) no plano existencial, tomando a existência como o movimento de se colocar numa estrutura de interações com outros entes (MARTINS, 2007).

Tal processo exprime seu encadear nos recônditos da comunicação, onde a determinação subsidia a “definição”. A definição mira ser precisa e cristalina na explicação do significado de algo, remete ao enquadramento específico, socialmente legítimo, da determinação (BOURDIEU, 2001). A determinação se vê constituída a partir de duas características: deve ser universal e própria. Universal porque a determinação atribuída ao ente precisa dar conta de compreender todos os entes que reúnam as características delimitantes, portanto, a definição de “bananas” deve compreender todas as bananas. Por outro lado, ela também precisa ser particular, ou seja, não pode incluir nenhuma maçã, só as bananas. Se pelo lado universal é importante que nenhuma banana fique de fora, que a definição não fique aquém, é igualmente necessário que a definição também seja própria, não transvase para outros quadros de definição.

Passemos agora ao determinismo. Como visto, o conceito de determinação realiza-se amparado por uma lógica estruturante, porém o mesmo não ocorre em relação ao determinismo. Mas antes de analisar as bases de aplicabilidade do termo em si, é útil que compreendamos alguns eixos que integram o ato comunicativo. Gaudin (1993), ao desenvolver um estudo terminológico inclinando-se na direção de sua utilização econômica, social e comercial, não entende a linguística de comunicação como uma metalinguagem, e sim como uma socioterminologia (FAULSTICH, 2006). Os conhecimentos receberiam tratamento de manifestações de campos especializados que equacionariam seus discursos a partir da planificação linguística gestada entre a (re)construção da terminologia e a sociedade. É sob essa lógica que o sufixo “ismo” se interliga à determinação.

A raiz etimológica do sufixo “ismo” que utilizamos é hegemonicamente reconhecida como oriunda do grego *ismos* — trabalhos revisionistas apontam que *ísmos* não formava sufixo na língua grega, e sim a terminação *mós*<sup>226</sup> —, sufixo que remeteria a algo como “área demarcada”. O fato é que a introdução do termo não foi emulada pelos gramáticos para

---

<sup>226</sup> Ver Gianastacio (2009).

composição de novos vocábulos e sim por algumas ciências que apelavam ao sufixo para designar novos elementos que surgiam em suas respectivas áreas já no século XVII e XVIII.<sup>227</sup>

Nessa hora, apresenta-se diante de nós um paradoxo quando nos remetemos ao vocábulo determinismo. Porque apesar de ser composto pelo termo determinação (que como vimos organiza a lógica da abordagem científica) adjunto ao sufixo “ismo” (fundado como aporte de especificidade científica), o determinismo não apresenta estatuto científico. Isso acontece porque, no deslindar socioterminológico, o termo, que inicialmente fora pensado como um sufixo que sinonimaria o vocábulo determinação, no sentido de delimitação de algo em detrimento de outro, acabou preservando a constante determinante e sobrepondo-a, encorpando um estado de determinação superlativa, que se fecha em algum (ns) elemento (s) específico (s), descalibra o restante das valências determinantes e se traduz numa apreensão deformada do recorte identitário que se pretendia pinçar.

Ao abandonar elementos da composição determinante, operando sob a via da razão central, da prevalência, o determinismo expressa uma preponderância de uma (s) da (s) determinações de algo. Portanto, é sempre dependente do analista em questão. Quando o pesquisador 1 acredita que certo elemento exposto pelo pesquisador 2 não possui ou possui grandeza menor em relação à influência na composição determinante que o segundo julgava ter, ele classifica a posição como determinista.

Nesse sentido, o que há é a determinação, o determinismo é um punhal teórico de quem considera uma determinação equivocada. Por isso, tanto determinismo quanto determinação são termos submissos aos critérios e contextos aos quais são realizadas as análises.

Isso fica evidente quando Edgar Morin (2005), com sua teoria da complexidade, nos esclarece que os comportamentos sociais são determinados por uma pluralidade de fatores tão numerosos, complexos e encadeados que se faz muito difícil conseguir rastreá-los de fio a pavio. Mas o fato de não se conseguir resgatá-los a partir de estruturação biológica somada a uma trajetória não retira a determinação que vai se reconfigurando de forma contínua, à medida que o ser se relaciona com o mundo. Não é porque o resultado que eu observo hoje é produto de um número “x” de causas que eu jamais conseguirei identificar que ele não seja rigorosamente determinado por essas mesmas “x” causas, e, passado o instante seguinte, somam-se mais elementos à relação e o “x” é modificado, se complexifica. Assim sendo, sopesar as determinações, ao contrário do que se poderia supor, alvitra para a complexidade, enquanto que o determinismo marcha em direção ao reducionismo analítico.

---

<sup>227</sup> Id., 2009.

O relacionamento constitutivo interno dos elementos se apresenta de modo intangível. A composição de determinação se dá entre eles, num processo negativo implicado. Esse processo se observa em ato e não se deixa subdividir por conta do composto determinante que corre de parte a parte. Esse movimento é único, um elemento só se modifica transformando o outro; em outros termos, nunca há uma expressão elementar que não seja maculada pela relação (DAMIANI, 2005). A partir disso entendemos a dificuldade de analisar o objeto em movimento e como a lógica formal, que reconhece e aponta relações de causalidade, ancorada apenas na exterioridade superficial, pode ser insuficiente.

Toda gradação entre aleatoriedade e regularidade não retira a determinação, mas sim a teoria sistêmica determinada. A determinação frui a partir da forma presentificada. As aleatoriedades, incertezas, desordens e entropias que participam da construção determinada são ingredientes processuais que ainda não se deixam enquadrar em uma constante humanamente determinável. O padrão nunca se reproduz em face de uma análise inflexível, pois a conformidade é um discernimento engatado ao “grosso modo”. Nunca será possível “reproduzir” exatamente as mesmas condições no que tange aos relacionamentos definidores de algo, porque toda relação, como vimos, é única, irrepetível e indiscernível, impondo especulações e probabilidades que escapam à lógica científica.

Dessa forma, agudizando a análise, o determinismo se torna inevitável, porque nunca se conseguirá impor um dispositivo analítico que imobilize a dinâmica da realidade e abarque todos os fatores contributivos na constituição da forma observada. A partir disso, percebe-se que a apreciação do que é classificado como determinação e determinismo é produzida por pares que manifestam julgo mediados por suas trajetórias existenciais revestidas de aleatoriedade e sobrecargas circunstanciais. A classificação de determinismo geográfico por quem se queixa da ausência do peso das injunções socioculturais não resolveria em nada no que diz respeito a uma quimérica consideração equânime dos elementos determinantes, no máximo o que conseguiria seria inverter a polaridade.

Então, o que costuma valer na hora de determinar algo é um conjunto elementar inexto encorpado da racionalidade hegemônica compartilhada. De *prima facie*, compreendemos o que Bourdieu (2005) apontava quando dizia que a representação simbólica de algo, sua área perceptiva, sua assimilação abrangente, transcende a existência orgânica dos corpos, isto é, o apetite orgânico de um corpo incide na sua determinação bem menos do que se poderia supor, pois a vida social dura muito mais do que a orgânica.

O determinismo geográfico ou determinismo ambiental é a vinculação à comunidade geográfica exatamente a partir dos termos “geográfico” e “ambiental”, produzindo uma

percepção de que a origem da teoria está na geografia, tanto em termos de sua produção quanto de divulgação e resolução.<sup>228</sup>

A aplicabilidade do termo “determinismo geográfico” como atributo crítico só é possível mediante uma compreensão restrita do que é geografia, pois admite-a exclusivamente como estudo da relação sociedade/natureza, homem/meio, em consonância com a ideia do binômio desagregado. A partir disso, as escolhas processadas são tomadas como potências restritas de dois motivadores rigorosos (cultura ou natureza), de influências típicas, excludentes e ausentes no que concerne ao amálgama de complexidade de influência interativa.

Moraes (2000) ofereceu uma importante diferenciação, a fim de comunicar problemas que erigem face ao não discernimento acerca da distinção entre geografia material e discurso geográfico. A primeira seria propriamente a realidade fática-material de arranjos e ordenação dos seres e objetos no planeta. Já o discurso geográfico concerniria as representações produzidas pelas sociedades a respeito dessa realidade, assim dizendo, a geografia material seria o objeto das interpretações geográficas, essas por sua vez, retroagiriam impactando na construção/valorização simbólica dos entes no espaço.

Nessa marcha, é fundamental que compreendamos a geografia como fundamento presente na constituição da realidade a qual integramos, e sendo também uma propriedade estruturante do pensamento para a ciência geográfica. Este é o ramo do conhecimento que se serve da realidade objetiva para esquematizar subjetivamente sistematizações e procedimentos metodológicos, numa tentativa de retratar elementos fenomênicos do real. Tanto que a ciência geográfica, quando precisa se remeter não às suas próprias fabricações científicas, e sim para o “concreto em si” (o qual nunca se traduz), designa denominações como “elementos geográficos”, “fatores geográficos” e “determinações geográficas” (MARTINS, 2007).

A dificuldade se instaura porque boa parte das análises faz o movimento oposto: define o fundamento da disciplina pela prática de quem a opera — aspecto próprio do disciplinamento produzido pelas ciências. Entretanto, a geografia surge no processo mediado pela consciência do existir enquanto humano, e este se faz quando designamos a alteridade que nos cerca.

A geografia é categoria da existência, isto pois, existir é sempre a existência para a consciência, a alteridade existe como consciência para o humano. A geografia é o que surge a partir da relação entre humano e meio, que só é possível quando pontos de localização/contato são assimilados em nexos rítmicos pela consciência, ou seja, a dimensão do estar “aqui” só é praticável porque é percebido o “aí”. Sem o conhecimento geográfico (que independe de como

---

<sup>228</sup> CARVALHO JÚNIOR e MORAES SOBRINHO, op. cit.

se denomine), seria impossível ao homem conceituar, submeter e se orientar em relação ao meio. Essa é a incontornável vinculação entre “ser” e “estar”, o “porquê” dos “aondes” (MARTINS, 2007). Afinal, “ninguém sabe de si ou realmente responde à pergunta ‘quem sou eu?’, se não souber ‘onde está’” (Id., p. 5, 2016).

O conhecimento geográfico, por seu turno, está presente em todas as épocas históricas, em todas as sociedades, tanto sua manifestação discursiva (que também abarca a geografia espontânea do cotidiano) — nos processos de sociabilização hegemônicos ocidentais, denominou-se como “geografia”, mas poderia ter outro nome, ou nem ser conceituado/sistematizado, dependendo da sociedade — quanto na sua materialidade enquanto consubstância indispensável na apreensão do real. Marcelo Escolar (1996) nos oferece pistas para entender as matrizes do embaraço, lembrando-nos que os historiadores lançam mão de duas palavras diferentes face a esse impasse: utilizam “história” para nominar seu objeto de análise em si e “historiografia” para denominar o discurso a respeito desse objeto.

Já o que se constituiu como ciência geográfica, erguida junto à economia-mundo capitalista, e que foi a empresa que se colocou na dianteira do tratamento legítimo da sociedade ocidental para com essa propriedade do real, nomeou tanto um quanto o outro com um só nome: geografia. Evidente que ambos são inseparáveis e assimilados de forma composta no pensamento, e como nos ensina Armando Silva: “[...] Não existe ontologia que não se dê primeiro como epistemologia” (SILVA, p. 25, 1986). Ainda assim, tratam-se de duas coisas diferentes e que precisam ser elucidadas como tais, já que a utilização inespecífica compromete todo o entendimento do que se pretende analisar.

Franqueada essa perspectiva, voltemos ao determinismo geográfico. O determinismo geográfico se desdobra numa contradição elementar, pois se traduz como determinismo da própria geografia. Assume que a geografia enquanto categoria presente na constituição da realidade não comporta o real em sua totalidade. Sendo a geografia algo que emerge do processo de apropriação (objetiva e subjetiva) do humano em relação à alteridade, como seria possível uma ou outra propriedade geográfica se fazer como soberana? Bem como, de que modo seria realizável tomá-la como compêndio unitário físico que arrebatasse escolhas à frente dos elementos sociais? Isso não ocorre porque a sociabilização é elementaridade nascente e constituinte da geograficidade.

O determinismo geográfico, que é expresso e criticado teoricamente atado à ciência, e que poderia ser melhor entendido como determinismo do discurso geográfico, encontra justamente no ambiente científico (e somente nele) as desarmônicas representações de carga de influência na constituição da realidade que necessita para vir à tona.

Finalizamos lembrando que “só os geógrafos que optam por assumir o papel de amadores propensos a estabelecer sutis distinções de palavras caem, persistentemente, em armadilhas de sua própria criação da palavra ‘determinismo’” (WOOLBRIDGE e EST, p. 35, 1967).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maneira como Ratzel passou a figurar, de forma geral, no escopo da feição institucionalizada da geografia que ele ajudou a fundamentar exprime o quão problemática pode ser a escassez de reexames críticos. A complexidade de seu pensamento posiciona-se num lugar incomensurável com relação à esterilidade da abstração do determinismo. A ilustração se sustenta por um par contraproducente estupendo, concretizado por uma representação tão incorreta que chega a flertar com os sentidos do absurdo teórico. Esses sentidos, por sua vez, são capazes de absorver a atenção do primeiro impacto, seguido do entusiasmo exploratório em relação a esse pensador. O invólucro pasteurizado, que teve na nossa denominação “complexo estigmatizante” a sua legenda textual, manifesta, substancialmente, a categoria de um pensador intratável.

Como pudemos acompanhar ao longo da exposição, não basta apenas estarmos munidos da incompatibilidade entre Ratzel e seus rótulos. Torna-se inescusável que nos aproximemos das tessituras e vicissitudes de sua vida e seu tempo e seus desdobramentos históricos, tanto para entrever as raízes dessas associações e pô-las em crise quanto para relacioná-las aos caminhos percorridos pela ciência geográfica. Entendemos que uma pequena contribuição a esse respeito foi assinalada por esta dissertação.

Ao fazermos um apanhado dos trabalhos que desfraldaram as bandeiras problemáticas desses estigmas, identificamos sempre a ausência de algum elemento que julgávamos essencial para um entendimento mais aberto. Longe desses incômodos estarem associados à falta de competência dos referidos pesquisadores. A austeridade de páginas no formato de artigos e o limitado universo problemático a ser desbravado explicaria melhor as limitações. Mas, assim sendo, sentimos falta, em Bassin (1987a), (1987b), de detalhamento sobre os críticos e as críticas; em Sanguin (1990), de elementos contextuais políticos; em Mercier (1990, 1992), de aspectos da trajetória biográfica; etc. Empenhamo-nos, então, na tentativa de oferecer um estudo que pudesse, de alguma maneira, congrega vida, contexto, produção, acusação, contexto da acusação e exame filosófico da acusação.

Como pudemos acompanhar, especialmente no tópico sobre como a geografia brasileira vem consumindo o autor, estamos cientes que a produção de artigos, dissertações, teses e livros revisionistas sobre o tema simbolizam, sim, avanços que têm de ser comemorados. Assim como os árduos esforços de tradução de suas obras nos originais. Porém estas iniciativas, para potencializarem a capacidade de mudança deste cenário, necessitam se fazer antenadas à luta político-acadêmica que emperra essas transformações. Estilhaçar a bolha do subcampo e chegar a geógrafos dos mais variados interesses é o primeiro passo para que o desconforto ecoe por mais cabeças diante de materiais datados.

Há que se estimular a revisão crítica de manuais consagrados à história da nossa ciência, produzir textos que problematizem esses rótulos, afetar professores que farão a seleção dos materiais para a montagem de suas aulas, divulgar estas renovações científicas em eventos da comunidade geográfica e produzir conteúdo digital em aulas e artigos informais indicando essas considerações. Diversificar as frentes de tensão analítica nos parece ser uma elucidação abalizada para transformar esse paradigma de nomenclaturas reducionistas. Estas ofuscam não só não só a riqueza das contribuições de Ratzel, mas também encobrem os progressos adquiridos graças a um Vidal de La Blache, por exemplo, reduzido a um mísero “possibilista”.

A tradição está posta, as raízes encorpadas, toda uma literatura adversa, todavia, é sempre tempo de subverter. A história nos mostra que a nossa ciência já triunfou viradas teóricas muito mais graves e espinhosas. Não deve demorar muito para que a criticidade diante de um chavão apelativo aflore cada vez mais cedo, que progridamos a um tempo em que o geógrafo em formação, a partir de então, pare, pense, morda a tampa da caneta e fique olhando perplexo para as linhas de escritos manchados pelo estilo estigmatizante.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, J. A Geografia no Brasil. *Almanaque Brasileiro Garnier*, p. 210-212, 1904.
- ANCEL, J. *Géopolitique*, Paris: Delagrave, 1936.
- ANDRADE, M. A construção da geografia brasileira. *Finisterra*, v. 34, n. 67/68, 1999.
- ANDRADE, M. Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.
- ANSELMO, R. Sistematização/institucionalização da geografia e formação nacional brasileira: revendo a influência de Everardo Backheuser. *Geografia*, v. 31, n. 2, p. 241-255, 2006.
- ANSELMO, R; BRAY, S. Geografia e geopolítica na formação nacional brasileira: Everardo Adolpho Backheuser, p. 109-119. In: *Do natural, do social e de suas interações: visões geográficas*. GERARDI, L; MENDES (org). Rio Claro: AGETEO; UNESP, 2002.
- ARAÚJO, J. Aplicações de elementos da teoria das catástrofes ao estudo da (re) produção do espaço urbano: parte 1-como Henri Lefebvre trouxe René Thom para o debate. *Revista do Departamento de Geografia*, v. 39, p. 14-24, 2020.
- ARCASSA, W. Friedrich Ratzel: a importância de um clássico. *Geographia Opportuno Tempore*, v. 3, n. 1, p. 98-115, 2017.
- BACHELARD, G. *A dialética da duração*. Tradução: Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1988 [1950].
- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Tradução: Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACKHEUSER, E. *A Estructura política do Brasil*. Rio de Janeiro: M. Machado, 1926.
- BACKHEUSER, E. Problemas do Brasil: estructura geopolitica: o espaço. Rio de Janeiro: Omnia, 1933.
- BASSIN, M. Friedrich Ratzel (1844-1904). *Geographers. Biobibliographical Studies*, v. 11, p. 123-132, 1987b.
- BASSIN, M. Friedrich Ratzel's travels in the United States: a study in the genesis of his Antropogeography. *History of Geography Newsletter*, v. 4, p. 11-22, 1984.
- BASSIN, M. Geographical determinism in Fin-de-siècle Marxism: Georgii Plekhanov and the environmental basis of Russian history. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 82, n. 1, p. 3-22, 1992.
- BASSIN, M. Imperialism and the nation state in Friedrich Ratzel's political geography. *Progress in human geography*, v. 11, n. 4, p. 473-495, 1987a.
- BERDOULAY, V. A abordagem contextual. *Espaço e cultura*, n. 16, 2003.
- BERGEVIN, J. A propos de la géographie politique: la parole est à Ratzel. *Cahiers de géographie du Québec*, v. 33, n. 88, p. 59-66.



BERGHahn, V. *Imperial Germany: economy, society, culture and politics — 1871-1914*. Nova Iorque: Berghahn Books, 2005.

BESSE, M. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, E. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: perspectiva, 2019.

BINIMELIS, C. Em torno das origens da Geopolítica alemã. *Centro de estudos em geopolítica e relações internacionais*, v. 1, n. 5, p. 2-19. 2006.

BOAS, F. *Anthropology and Modern Life*. New York: Dover Publivations, 1986 [1928].

BOURDIEU, P. *A economia das Trocas Simbólicas*. Tradução: Sergio Micele, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson C. Vieira. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, P. *Homo Academicus*. Tradução: Ione R. Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013 [1984].

BOURDIEU, P. *Meditações Pascalianas*. Tradução: Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOWMAN, I. *Geography in Relation to the Social Sciences*. New York: CharlesScribner'sSons, 1934.

BRAUDEL, F. História e ciências sociais: a longa duração. Tradução: Ana Maria de Almeida Camargo. *Revista de História da USP*, v.30, n. 62, p. 261-294, 1965 [1958].

BROC, N. La Géographie française face à science allemande (1870-1914). *Annales de Géographie*, vol. 86, n. 473, p. 71-94, 1977.

BRUMAT, C. Quali interconnessioni tra sociologia e geografia? *Studi di sociologia*, v. 32, n. 2, p. 177-189, 1994.

BRUNHES, J. Friedrich Ratzel (1844-1904). Tradução: Marquessuel Dantas de Souza. *Revista de geografia (UFPE)*, v. 32, n. 3, p. 266-277, 2015 [1904].

BUKHARIN, N. *O Imperialismo e a Economia Mundial*. Tradução: Aurélia Sampaio Leite. Rio de Janeiro: Editora Laemmert S.A., 1928 [1915].

BUTTNER, A. *Society and milieu in the French geographic tradition*. Monograph series of the Association of American Geographers. Chicago: Rand McNaily, 1971.

BUTTMANN, G. *Friedrich Ratzel: Leben und Werk eines deutschen Geographen (1844 – 1904)*. Stuttgart: Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft, 1977.

CAPEL, H. *Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea. Una introducción a la geografía*. Barcelona: Barcanova, 1981.

CARVALHO JÚNIOR. I; MORAES SOBRINHO. A. A perpetuação de mitos no pensamento geográfico: a ideia das influências ambientais e a falsa dicotomia determinismo/possibilismo. *Revista da Anpege*, v. 13, n. 22, p. 164-197, 2017.

CARVALHO, D. *Methodologia do ensino geographico (introdução aos estudos de geografia moderna)*. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1925.

CARVALHO, M. Diálogos entre as Ciências Sociais: um legado intelectual de Friedrich Ratzel (1844-1904). *Biblio3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, n. 34, 1997b.

CARVALHO, M. Friedrich Ratzel (1844-1904): “O insípido está sempre incorreto”. *GEOgraphia*, v. 12, n. 23, p. 140-156, 2010.

CARVALHO, M. Ratzel: releituras contemporâneas. Uma reabilitação? *Biblio3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, n. 25, 1997a.

CHAGAS, E; CARVALHO, M; OLIVEIRA, R. A filosofia Neohegeliana: sobre a necessidade de um debate na atualidade. *Revista Dialectus*, v. 5, n. 12, p. 1-7, 2018.

CHATELELET, F. Hegel et la géographie, *Herodote*, n. 2, p.77-93, 1976.

CLAVAL, P. *Essai sur l'évolution de la géographie humaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

CLAVAL, P. *Evolución de la Geografía Humana*. Barcelona: Oikos-Tau ediciones, 1974.

CLAVAL, P. *Géographie humaine et économique contemporaine*. Paris: PUF. 1984.

COMTE, A. *Appel aux conservateurs*. Paris: Éditions du Sandre, 2009 [1855].

COMTE, A. *Système de politique positive*. V. 4. Paris: Chez carilian goeury, 1854 [1825].

CORAZZA, G. *Teoria econômica e estado (de Quesnay a Keynes)*. 1986. 114 fls. Dissertação (mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Economia, do Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (IEPE). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1986.

CORRÊA, R. *Região e organização espacial*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CORRÊA, R. *Região e organização espacial*. São Paulo: Ática, 1986.

COSTA, W. *Geografia Política e Geopolítica*. São Paulo: Edusp, 1992.

CRESTANI, R. A influência de Friedrich Ratzel no pensamento geopolítico militar brasileiro. In: *Congresso Brasileiro da Guerra do Contestado; Colóquio de Geografias Territoriais Paranaenses e Semana de Geografia da UEL*, p. 38-64, 2020.

CUNHA, E. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902.

DAMIANI, A. A geografia que desejamos. *Boletim Paulista de Geografia*, v. 1, n. 83. p. 57-90, 2005.

DANTAS, A; MEDEIROS, T. (2008). Geografia Ratzeliana e seu contexto. Brasília: *Programa Universidade a Distância UNIDIS Grad/Ministério da Educação/SEED*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Universidade Estadual da Paraíba UEPB, p. 1-21, 2008.

DARDEL, E. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2019 [1952].

- DARWIN, C. *A origem das Espécies*. Tradução: Daniel M. Miranda. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2018 [1859]).
- DEFARGES, P. *Introdução à Geopolítica*. Lisboa: Gradiva. 2003.
- DE SOUZA, M. A Naturphilosophie como concepção de mundo do romantismo alemão. *Aisthe*, v. 4, n. 5, p. 31-47, 2010.
- DEMANGEON, A. Géographie politique. In *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 41, n. 229, p. 22-31, 1932.
- DEMANGEON, A; JEANMAIRE, H; DURKHEIM, E. Influences of Geographic Environment, on the Basis of Ratzel's System of Anthropogeography by Ellen Churchill SEMPLE. *L'Année Sociologique*, v. 12. p. 809-814, 1909-1912.
- DENEUX, J-F. *Historie de la pensée géographique*. Paris: Belin, 2006.
- DORPALEN, A. *The world of General Haushofer: Geopolitics in action*. Nova Iorque: Farrar & Rinehart, 1942.
- DOSTAL, J. Die "Zeitschrift für Geopolitik" von 1933 bis 1944: Vom eurasischen Kontinentalblock zum Zweiten Weltkrieg. *Journal of the Korean-German Association for Social Sciences / Zeitschrift der Koreanisch-Deutschen Gesellschaft für Sozialwissenschaften*, v. 29, n. 3, p. 3-46, 2019.
- DURKHEIM, E. "La Sociogeographie". *L'Année Sociologique*, v. 1. p. 533-539, 1897.
- DURKHEIM, E. *As Regras do Método Sociológico*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1895].
- DURKHEIM, E. Les Migrations Humaines. *L'Année Sociologique*, v. 3, p. 550-558, 1898-1899.
- DURKHEIM, E. Morphologie Sociale. *L'Année Sociologique*, v. 2, p. 520-532, 1898.
- DURKHEIM. Prefácio. *L'Année Sociologique*, v. 11. p. 10-13, 1906-1909.
- EBERHARD, P. Poglądy antropogeograficzne i geopolityczne Friedricha Ratzla (Friedrich Ratzel's views on human geography and geopolitics). *Przegląd Geograficzny*, v. 87, n. 2, p. 199- 224, 2015.
- ESCOLAR, M. *A Crítica do Discurso Geográfico*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- FAULSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Ciência e Cultura*, v. 58, n. 2, p. 1-12, 2006.
- FEBVRE, L. *A Terra e a Evolução Humana: introdução geográfica à história*. Tradução: Jorge Borges de Macedo. 2. ed. Lisboa: Cosmos, 1991 [1922].
- FERREIRA, C; SIMÕES, N. *A evolução do pensamento geográfico*. Lisboa: Gradiva, 1987.
- FICHTE, J. *The Popular works of Johann Gottlieb Fichte*. Tradução: William Smith. Charleston: BiblioBazaar, 2009 [1807-1808].

FLIEDNER, F. Anthropogeographie, Paradigmenwechsel, Kulturelle Evolution. *Geographische Zeitschrift*, 1992, v. 1, n. 80, p. 1-19. 1992.

FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

FULINO, R; DE SOUZA, J. A DESTRUIÇÃO TEÓRICA DA GEOGRAFIA DO ESTADO NO PENSAMENTO DE CLAUDE RAFFESTIN. In: *Encontro nacional de pós-graduação e pesquisa em geografia*, 2021, online. Anais eletrônicos, XIV [...] Online: Editora realize, 2021. p.1- 19.

GALLOIS, L. États-unis. In: *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 1. p. 183-184, 1893-1894.

GAUDIN, F. *Socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993.

GERALDINO, C. *O conceito de meio na geografia*. 2010. 134 fls. Dissertação (mestrado) — Curso de Pós-Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GIANASTACIO, V. *A presença do sufixo –ismo nas gramáticas da língua portuguesa e sua abrangência dos valores semânticos, a partir do Dicionário de Língua Portuguesa*. 2009. 173 fls. Dissertação (mestrado) — Curso de Pós-Graduação em Filologia e Língua portuguesa. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução: Márcia Bandeira de Mello L. Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1975 [1963].

GOMES, P. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GUERRA, E; COSTA, N. Geografia brasileira: novas e velhas leituras sobre Ratzel. *Revista de Geopolítica*, v. 3, n. 2, p. 220-229, 2016.

HALAS, M. Searching for the perfect footnote: Friedrich Ratzel and the others at the roots of Lebensraum. *Geopolitics*, v. 19, n. 1, p. 1-18, 2014.

HALBWACHS; SIMIAND. Bases Géographiques de La Vie Sociale. *L'Année Sociologique*, v. 11. p. 720-723, 1906-1909.

HARTSHORNE, R. *Perspective on The Nature of Geography*. Filadélfia: Association of American Geographers, 1959.

HAUSER, H. La localisation des industries: particulièrement aux Etats-Unis. In: *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 12, n. 63, p. 193-206, 1903.

HEGEL, G. *La raison dans l'Hisoire* (notes de cours et manuscrits datant de 1822-1830). Tradução: Kostas Papaioannou. Paris: Union Générale D'Éditions, 1995.

HEGEL, G. *Lições Sobre a Estética - Introdução*. V. 1. Cadernos de tradução da FFLCH. São Paulo: USP, 1997 [1835].

HEGEL, G. *Princípios da filosofia do direito*. Tradução: Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1820].

HELMOLT, H. *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel*. Seleccionados e editados por Hans Helmolt. V. 1. Munique: Oldenbourg. 1906.

HOBSBAWM, E. *A era dos impérios: 1875-1914*. Tradução: Siene M. Campos e Yolanda S. Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HOLDAR, S. The ideal state and the power of geography the life-work of Rudolf Kjellén. *Political geography*, v. 11, n. 3, p. 307-323, 1992.

HÜCKEL, G. La géographie de la circulation: selon Friedrich Ratzel. In: *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 15, n. 84, p. 401-418, 1906.

HÜCKEL, G. Une ancienne langue indo-européenne retrouvée. *Revue des Études anciennes*, v. 11, n. 3, p. 260-273, 1909.

HUNTER, J. *Perspective on Ratzel's Political Geography*. Lanham: University Press of America, 1983.

HUSSY, C.Y aurait-il deux Friedrich Ratzel? *Cahiers de Géographie du Québec*, v. 37, n. 101, p. 435-440, 1993.

KAPP, E. *Philosophische oder vergleichende allgemeine Erdkunde als wissenschaftliche Darstellung der Erdverhältnisse und des Menschenlebens nach ihrem innern Zusammenhang*. 2. Ed. Braunschweig: Verlag von George Westermann, 1845.

KAPP, E. *Vergleichende allgemeine Erdkunde in wissenschaftlicher Darstellung*. 2. Ed. Braunschweig: Verlag von George Westermann, 1868.

KJELLÉN, R. *Staten som lifsform*. Estocolmo: Gebers, 1916.

KORINMAN, M. Friedrich Ratzel et la politique Geographie (1897). *Hérodote: Revue de géographie et de géopolitique*, n. 28, p. 128-140, 1983.

KORINMAN, M. *Quand l'Allemagne pensait le monde: Grandeur et décadence d'une géopolitique*. Paris: Fayard, 1990.

LA BLACHE, P. Des caractères distinctifs de la géographie. In: *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 22, n. 124, p. 289-299, 1913.

LA BLACHE, P. La géographie politique à propos des écrits de M. Frédéric Ratzel. In: *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 7, n. 32, p. 97-111, 1898.

LA BLACHE, P. Les conditions géographiques des faits sociaux. In: *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 11, n. 55, p. 13-23, 1902.

LA BLACHE, P. RATZEL (FR.). Studien über politische Ràume". In: *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 5, p. 128-142, 1895-1896.

LA BLACHE, V. *Princípios de Geografia Humana*. Tradução: Fernandes Martins. V. 1. Lisboa: Cosmos, 1946 [1921].

LACOSTE, Y. Editorial. *Hérodote: Revue de géographie et de géopolitique*, n. 28, p. 3-6, 1983.

LEFEBVRE, H. Da teoria das crises à teoria das catástrofes. Tradução: Anselmo Alfredo; Carolina Massuia de Paula; Thomas Ficarelli. *GEOUSP Espaço e Tempo (Online)*, v. 13, n. 1, p. 138-152, 2009 [1978].

LEFEBVRE, H. *Lógica formal Lógica dialética*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LEFEBVRE, Henri. O (A) lógico (a)–(O) A lógico-matemática (o). Tradução: Marcio Rufino Silva. *Espaço e Economia. Revista brasileira de geografia econômica*, n. 10, 2017 [1986].

LÊNIN, V. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. Tradução: Leila Prado. 4. ed. São Paulo: Centauro editora, 2008 [1916].

LERMAN, K. Bismarckian Germany and the structure of the German Empire. In: *German History Since 1800*. Editado por Mary Fulbrook. Londres: Bloomsbury Publishing PLC, 1997.

LEWTHWAITE, G. Environmentalism and determinism: a search for clarification. *Annals of the association of american geographers*, v. 56, n. 1, p. 1-23, 1966.

LIRA, L. O Brasil, a geo-história e Pierre Monbeig. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 26, p. 649-656, 2019.

LIVINGSTONE, D. Geographical Traditions. The Royal Geographical Society (with the Institute of British Geographers), v. 20, n. 4, pág. 420-422, 1995.

LOBO, I. A contribuição neokantiana para a fundação das ciências sociais. *Em Tese*, v. 15, n. 2, p. 57-68, 2018.

LOPRENO, D.; PASTEUR, Y. La pense ratzelienne et la question coloniale. *Cahiers de Géographie du Québec*. Quebec, v. 38, n. 104, p. 151-164, 1994.

LÖWIE, R. *Histoire de l'ethnologie classique*. Paris: Payot, 1991 [1937].

LÖWY, M. Marxismo e Romantismo. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v. 6, n. 1, p. 76-84, 2012.

LÜDECKE, C. “Ein genußreiches Zusammenleben und-arbeiten”: Friedrich Ratzels Zeit in München (1875-1886). *Berichte zur Wissenschaftsgeschichte*, v. 25, n. 1, p. 25-39, 2002.

LUXEMBURGO, R. *A acumulação do capital: estudo sobre a interpretação econômica do imperialismo*. Tradução: Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Zahar, 1970 [1913].

MACHADO, L. As idéias no lugar. O desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no início do século XX. Terra Brasilis (Nova Série). *Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, n. 2, 2000.

MACHADO, L. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a ideia de ordem (1870-1930), p. 309-352. In: *Geografia: conceitos e temas*. CASTRO, I; GOMES, P; CORRÊA, R. (org). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

MACHADO, M. A implantação da geografia universitária no Rio de Janeiro. *GEOgraphia*, v. 2, n. 3, p. 123-140, 2000.

- MACKINDER, H. The geographical pivot of history. *The Geographical Journal*, v. 4, n. 23, p. 421-444, 1904.
- MALINOWSKI, B. *A scientific theory of culture and other essays*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1944.
- MARTIN, A. The necessity for determinism: a metaphysical problem confronting geographers. *Transactions and Papers (Institute of British Geographers)*, n. 17, p. 1-11, 1951.
- MARTINS, E. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. *Geosp- Espaço e Tempo*, v. 11, n. 1, p. 1-20, 2007.
- MARTINS, E. O Pensamento Geográfico é Geografia em Pensamento? *Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFF)*, v. 18, n. 31, p. 1-19, 2016.
- MARTINS, L. *Friedrich Ratzel através de um prisma*. 1993. 128 fls. Dissertação (mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1983.
- MARTINS, L. Friedrich Ratzel hoje: a alteridade de uma geografia. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 54, n. 3, p. 105-113, 1992.
- MARTINS, L. Friedrich Ratzel. *GEOgraphia*, v. 3, n. 5, p. 89-91, 2001 [1903].
- MARX, K. *Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MAUSS e BEUCHART. Essai Sur Les Variations Saisonnières Des Sociétés Eskimos/ Étude de Morphologie Sociale”. *L'Année Sociologique*, v. 9. p. 38-124, 1904.
- MELLO, L. *Quem tem medo da geopolítica?* São Paulo: Edusp, 1999.
- MENDOZA, J; JIMÉNEZ, J; CANTERO, N. *El Pensamiento Geográfico*. Madrid: Alianza Editorial, 1982.
- MERCIER, G. La région et l'État selon Friedrich Ratzel et Paul Vidal de la Blache. In: *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 104, n. 583. p. 211-235, 1995.
- MERCIER, G. La théorie géographique de la propriété et l'héritage ratzélien. *Cahiers de géographie du Québec*, v. 36, n. 98, p. 235-250, 1992.
- MERCIER, G. Le concept de propriété dans la géographie politique de Friedrich Ratzel (1844-1904). In: *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 99, n. 555, p. 595-615, 1990.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução: Carlos A. R. de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1945].
- MIRANDA, G; SILVA, V. Determinismo e relativismo nas obras de Euclides da Cunha e Gilberto Freyre: duas concepções, duas realidades interpretativas acerca da temática racial do Brasil. *Revista Habitus*, v. 11, n. 2, 2013.

MIYAMOTO, S. Os estudos geopolíticos no Brasil: uma contribuição para sua avaliação. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, v. 4, 1981.

MIYAMOTO, S. *Pensamento geopolítico brasileiro: 1920-1980*. 1980. 257 fls. Dissertação (mestrado) – Curso de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1980.

MONBEIG, P. Os problemas geográficos do cacau no sul do Estado da Bahia. *Boletim Geográfico*, v. 2, n. 24, p. 1878-1883, 1945.

MORAES FILHO, E. *Comte*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

MORAES, A. *Contribuição para uma história crítica do pensamento geográfico: Alexandre von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel*. 640fls. Dissertação (mestrado) – Curso de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1983.

MORAES, A. Geografia, História e História da Geografia. *Terra Brasilis*, v. 2, p. 1-6, 2000.

MORAES, A. *Geografia. Pequena História Crítica*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

MORAES, A. *Geografia. Pequena História Crítica*. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MORAES, A. *Geografia. Pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1981.

MORAES, A. *Ratzel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1990

MOREIRA, R. *O que é geografia?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

MOREIRA, R. *O que é geografia?* São Paulo: Brasiliense, 1989.

MORIN, E. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MÜLLER, G. *Friedrich Ratzel (1844-1904): Naturwissenschaftler, Geograph, Gelehrter: Neue Studien zu Leben und Werk und sein Konzept der Allgemeinen Biogeographie*. Stuttgart: Verlag für Geschichte der Naturwissenschaften und der Technik, 1995.

MÜLLER, G. Friedrich Ratzels Rolle in der Frage der deutschen Südpolarforschung und der Vorbereitung der deutschen Südpolar-Expedition (1902-1903). *Polarforschung*, v. 62, n. 1, p. 51-55, 1992-1993.

MÜLLER, G. Jouissance de la nature. Le besoin artistique et le devoir scientifique de la description de la nature: conclusions de Friedrich Ratzel. *Philosophia Scientiae*, n. S2, p. 129-146, 1998-1999.

NETTO, J. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão popular, 2011.

NICOLAS, G. Paul Vidal de la Blache et la politique. *Bulletin de l'association de géographes français*, v. 65, n. 4, p. 333-337, 1988.

NUNES, A. *Uma Introdução à Economia Política*. São Paulo: Quartier Latin, 2007.



OLIVEIRA, R; SEEMANN, J. A geografia mora nos detalhes e no todo. *GEOgraphia*. In: Nossos Clássicos, v. 23, n. 51, p. 1-12, 2021.

OLIVEIRA, R; VITTE, A. A institucionalização da geografia no contexto da unificação e do imperialismo alemão: primeiras considerações. In: *Encontro Nacional de Geógrafos*, XVI, 2010, Porto Alegre.

OLIVEIRA, R; VITTE, A. A mudança na postura teórico–metodológica em Ratzel no Fin de siècle. In: *Encuentro de Geógrafos de América Latina*, XIV, 2013, Lima.

PEET, R. The social origins of environmental determinism. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 75, n. 3, p. 309-333, 1985.

PEREIRA, S. Sobre a Situação Geográfica de Ratzel: breve nota. *Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, n. 15, 2021.

PÉREZ, A; MEJÍA, L; SAMUDIO, N. Análisis del determinismo geográfico y su difusión a través de algunos textos escolares y obras geográficas en Colombia durante el siglo XX. *Revista Folhmyp*. Bogotá, n. 11, Mai, p. 67-81, 2019.

PETERSDORFF, H. *Otto von Bismarck [ Speeches, [1847-1869 ]: Bismarck: Die gesammelten Werke [ Bismarck: Collected Works ]*. Berlim: Wilhelm Schönböcker, 1924.

PICCOLI NETO, D. Dos modelos à explicação: a Nova Geografia em David Harvey, p. 91-110. In: GODOY, P (org). *História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia*. São Paulo: Unesp, 2010.

PLEKHANOV, G. *Os princípios fundamentais do marxismo*. Tradução: Sônia Rangel. São Paulo: Hucitec, 1978 [1908].

PLEWE, E. *Allgemeine Geographie des Menschen: Wirtschaftsgeographie*. Stuttgart: Kohlhammer, 1957.

QUAINI, M. *A Construção da Geografia Humana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993 [1980].

RAFFESTIN, C; LOPRENO, D; PASTEUR, Y. *Géopolitique et histoire*. Lausanne et Paris: Payot, 1995.

RAGGI, R.; MELLO, R.; RICK, V. (2008). A Influência da Teoria Ratzeliana na Adoção do Lebensraum pelo III Reich. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 18, n. 1, p. 153-168, 2008.

RATZEL, F. Amigos, o sublime não mora no espaço. Tradução: Luciana de Lima Martins com apoio de Ferdinand Reis. *GEOgraphia*, n. 5, 119-122, 2001 [1903].

RATZEL, F. *Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte*. V. 1. Stuttgart. Verlag von j. Bngelhorn, 1909 [1898-1899].

RATZEL, F. *Das Meer als Quelle der Völkergröße*. Munique: Oldenbourg, 1891.

RATZEL, F. *Der Lebensraum: eine biogeographische Studie*. Tubinga: H. Laupp, 1901.

RATZEL, F. *Desde México. Apuntes de Viaje de los Años 1874-1875*. Tradução: Lucía luna, Guillermo Zermeño-Padilla e Franz Termer. Ciudad de México: Herder México, 2009 [1878].

RATZEL, F. *Deutschland, Einführung in die Heimatkunde*. Leipzig: Bibliographisches Institute, 1898.

RATZEL, F. *Die chinesische Auswanderung. Ein Beitrag zur Cultur- und Handelsgeographie*. Breslau: Kern, 1875.

RATZEL, F. *Die Erde und das Leben*. Leipzig: Bibliographisches Institute, 1901-1902.

RATZEL, F. *Die Schneedecke besonders in deutschen Gebirgen.u.* Stuttgart: Engelhorn, 1889.

RATZEL, F. *Die Vereinigten Staaten von Nord-America. Erster Band: Physikalische Geographie und Naturcharakter*. Munique: Oldenbourg, 1878.

RATZEL, F. *Die Vereinigten Staaten von Nord-America. Zweiter Band: Culturgeographie unter besonderer Berücksichtigung der wirtschaftlichen Verhältnisse*. Munique: Oldenbourg, 1880a.

RATZEL, F. *Die Vereinigten Staaten von Nord-America. Zweiter Band: Politische und Wirtschafts-Geographie. V. 2*. Munique: Oldenbourg, 1893.

RATZEL, F. Geografia política (prefácio da primeira e da segunda edição). Tradução: Marquessuel Dantas de Souza e Gabriel Reichenheim. *GEOgraphia*, n. 37, 233-236. 2016 (1903) [1897].

RATZEL, F. *Géographie politique*. Tradução: Pierre Rusch. Direção científica: Charles Hussy. Genebra: Paris: Diffusion Economica, 1988a [1897].

RATZEL, F. *Glücksinseln um Träume: Gesammelte Aufsätze aus den Grenzboten*. Leipzig: F. Grunow, 1905.

RATZEL, F. La Corse: étude anthropogéographique. In: *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 8, n. 40, p. 304-329, 1900.

RATZEL, F. *La géographie politique: les concepts fondamentaux*. Tradução: François Ewald. Paris: Fayard, 1987 [1897].

RATZEL, F. Land und Landschaft in der nordamerikanischen Volksseele. *Deutsche Monatsschrift für das gesamte Leben der Gegenwart*, v. 10, p. 523-538, 1902.

RATZEL, F. *Las Razas Humanas. V. 1*. Barcelona: Montaner y Simon, 1888 [1885].

RATZEL, F. Le sol, la société et l'Etat. Tradução: Émile Durkheim. *L'Année Sociologique*, v. 3. p. 1-14, 1898-1899.

RATZEL, F. O espaço da vida: um estudo biogeográfico. Parte II. Tradução: Leonardo Arantes. *GEOgraphia*, n. 46, 120-130, 2019c [1901].

RATZEL, F. O espaço da vida: um estudo biogeográfico. Parte III. Tradução: Leonardo Arantes. *GEOgraphia*, n. 47, 115-129, 2019d [1901].

- RATZEL, F. O espaço da vida: um estudo biogeográfico. Tradução: Leonardo Arantes. *GEOgraphia*, n. 45, 107-116, 2019b [1901].
- RATZEL, F. O solo, a sociedade e o Estado. Tradução: Mário Antônio Eufrásio. *Revista do Departamento de Geografia*, v. 2, p. 93-101, 1983 [1898].
- RATZEL, F. País e paisagem na alma do povo norte americano. Tradução: Jörn Seemann e Breno Viotto Pedrosa. *Espaço e Cultura*, n. 46, p. 147-166, 2019a [1902].
- RATZEL, F. *Politische Geographie*. Munique: Oldenbourg, 1897.
- RATZEL, F. *Sein und Werden der organischen Welt*. Leipzig: Gebhardt e Reiland, 1877 [1869].
- RATZEL, F. *Sketches of urban and cultural life in North America*. Tradução: Stewart Stehlin. Nova Brunswick e Londres: Rutgers University Press, 1988b [1876].
- RATZEL, F. Sobre a interpretação da natureza. Tradução: Marcos Bernardino de Carvalho. *GEOgraphia*, v. 12, n. 23, p. 157-176, 2010 (1906) [1904].
- RATZEL, F. Sobre a narração da natureza. Tradução: Ricardo Devides Oliveira e Jörn Seemann, *GEOgraphia* v. 23 n. 51, p. 1-13, 2021 (1906) [1904].
- RATZEL, F. *Städte- und Kulturbilder aus Nordamerika*. Leipzig: Brockhaus, 1876.
- RATZEL, F. Über geographische Bedingungen und ethnographische Folgen der Völkerwanderungen. In: HELMOLT, H (org.). *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel*. V. 2. Munique: Oldenbourg, p. 35-65, 1906b [1880].
- RATZEL, F; FROMMANN, F. *Taschenbuch für angehende Fußreisende*. 2. ed. Jena: Jena Frommann, 1880b.
- RATZEL, Friedrich. *Wandertage eines Naturforschers*. Leipzig: Brockhaus, 1873.
- RATZEL, *Über Naturschilderung*. 2ª ed. Munique e Berlim: Oldenbourg, 1906a.
- RATZEL, *Völkerkunde*. 1ª ed. Leipzig: Bibliographisches institut, 1885.
- RAVENEAU, L. L'élément humain dans la géographie: l'anthropogéographie de M. Ratzel. In: *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 1, n. 3, p. 331-347, 1891-1892.
- REPA, L. Notas sobre a tese da contemporaneidade dos jovens hegelianos. *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, n. 1, p. 43-53, 1996.
- RIBEIRO, G. Agentes da tradução e circulação dos clássicos na periferia da ciência. O caso da revista brasileira *GEOgraphia* (1999-2019). *Terra Brasilis (Nova Série)*, n. 15, 2021.
- RIBEIRO, G. Descanonização e descolonialização de clássicos e canônicos na geografia brasileira e internacional. *Terra Brasilis (Nova Série)*. *Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, n. 15, 2021.

ROBIC, M. La réception de Friedrich Ratzel en France et ses usages au temps de l'installation de la géographie à l'Université (années 1880-1914). *Revue germanique internationale*, n. 20, p. 13-39, 2014.

ROCHA, G. Delgado de Carvalho e a orientação moderna no ensino da geografia escolar brasileira. *Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, n. 1, 2000.

RODRIGUES, L. *Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1947.

RYBACK, W. *A biblioteca esquecida de Hitler*. Tradução: Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

SANGUIN, A. *Diccionario de Geografia Politica*. Valparaiso: Ediciones Universitarias de Valparaiso, 1981.

SANGUIN, A. En relisant Ratzel. In: *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 99, n. 555, Set, p. 579-594, 1990.

SANGUIN, A. La Géographie politique et son héritage français. *Revue Belge de Géographie*, v. 109, n. 2, p. 33-57, 1985.

SANGUIN, A. Vidal de la Blache et la Géographie politique. *Bulletin de l'Association des géographes français*, n. 4, p. 321-337, 1988.

SANTOS, M. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Edusp, 1978.

SAUER, C. Foreword to historical geography. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 31, n. 1, p. 1-24, 1941.

SAUER, C. Geografia Cultural. In: Corrêa, R. L. e Rosendhal, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: um século*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000 [1931].

SAUER, C. The formative years of Ratzel in United States. *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 61, n. 2, p. 245-254, 1971.

SCHELLING, F. *OEuvres métaphysiques: (1805-1821)*. Tradução: Emmanuel Martineau; Jean-François Courtine. Paris: Gallimard, 1980.

SCHIEMANN, G. *Wahrheitsgewissheitsverlust. Hermann von Helmholtz' Mechanismus im Anbruch der Moderne. Eine Studie zum Übergang von klassischer zu moderner Naturphilosophie*. Darmstadt: Wiss. Buchges, 1997.

SCHMIED-KOWARZIK, W. A alma humana enquanto ponto central enigmático entre natureza e espírito. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 55, p. 715-737, 2014.

SCHWARTZMANN, S. *Formação da comunidade científica no Brasil*. Rio de Janeiro: FINEP, 1979.

SEEMANN, J. Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções. Uma Breve Abordagem Contextual. *Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, n. 1, 2012.

SEEMANN, J; PEDROSA, B. Friedrich Ratzel e a alma do povo da América do Norte. *Espaco e Cultura*, n. 46, p. 137-146, 2019.

SEMPLE, E. *Influences of Geographic Environment on the Basis of Ratzel's System of Anthro-Geography*. Nova Iorque: Henry Holt and Company, 1911.

SILVA, A. As categorias como fundamento do conhecimento geográfico. In: SANTOS, M e SOUZA, M. *O espaço interdisciplinar*. São Paulo: Nobel, 1986.

SILVA, G. *Geopolítica do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967.

SILVA, G. *Planejamento Estratégico*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1955.

SILVA, O. Teorias geopolíticas. *Revista da Escola Superior de Guerra*, n. 21, p. 143-185, 1992 [1961].

SION, J. La seconde édition de la politique géographique. In: *Annales de Géographie*. Armand Colin, v. 13, n. 68, p. 171-173, 1904.

SMITH, W. Friedrich Ratzel and the origins of Lebensraum. *German Studies Review*, v. 3, n. 1, p. 51-68, 1980.

SODRÉ, N. *Introdução à Geografia*. Petrópolis: Vozes, 1976.

SPATE, O. Toynbee and Huntington: A study in determinism. *The Geographical Journal*, v. 118, n. 4, p. 406-424, 1952.

SPENCER, H. *Progress: its law and cause*. In *Essays: scientific, political, and speculative*. V. 1. Londres: Williams and Norgate, 1891.

SPETH, W. The anthropogeographic theory of Franz Boas. *Anthropos*, n. 1/2, p. 1-31, 1978.

SPOSITO, E. *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

SPROUT, H. *Man-milieu relationship hypotheses in the context of international politics*. Princeton: center of international studies, Princeton University, 1950.

STOGIANNOS, A. *The Genesis of geopolitics and Friedrich Ratzel. Dismissing the myth of the Ratzelian geodeterminism*. Cham: Springer Nature, 2019.

TATHAM, G. Environmentalism and Possibilism. In: TAYLOR, G. *Geography in the twentieth century: a study of growth, fields, techniques, aims and trends*. Londres: Methuen, 1951.

TEZUKA, A. Ratzel's Anthropogeographie and the Japanese geography of pre-war period. *Tsukuba Studies in Human Geography*, n. 19, p. 135-149, 1995.

TRAVASSOS, M. *Projeção continental do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1938.

TROLL, C. Geographic Science in Germany during the Period 1933-1945: A Critique and Justification. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 39, n. 2, p. 99-137, 1949.

VALLAUX, C. Human Geography. In: *Encyclopaedia of Social Sciences*. Tomo. 6, p. 624-626.

VALLAUX, C; BRUNHES, J. *La Géographie de l'Histoire: Géographie de la Paix Et de la Guerre Sur Terre Et Sur Mer*. Paris: Félix Alcan, 1921.

VALLEGA, A. Esistenza e ambiente. Nuovi scacchieri per il pensiero geografico Existence et milieu. Nouveaux échiquiers pour la pensée géographique. *Bollettino della Società geografica italiana*, v. 6, n. 10-12, p. 523-544, 1989.

WAGNER, M. *The Darwinian Theory and the Law of the Migration of*. Tradução: J. L. Laird. Londres: Edward Stanford, 1873 [1868].

WAIBEL, L. Determinismo geográfico e geopolítica. *Boletim Geográfico*, v. 19, n. 164, p.612-617, 1961.

WANKLYN, H. *Friedrich Ratzel. A biographical memoir and bibliography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1961.

WEBER, M. *A objetividade do conhecimento na ciência social e na ciência política*. In: *Ensaio sobre a teoria das Ciências Sociais*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2008 [1904].

WHITTLESEY, D. *German strategy of world conquest*. Nova Iorque: Farrar & Rinehart, 1942.

WOOLDRIDGE, S; EAST, W. *Espírito e propósitos da Geografia*. Tradução: Thomaz Newlands Neto. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

ZAHREDDINE, D; STARLING, B. Por um Lugar ao Sol: A política Externa Alemã de Otto von Bismarck a Guilherme II. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 7, n. 1, 2020.